



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

CENTRO DE LETRAS E ARTES – CLA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS – PPGAC

CAROLINE DA SILVA BARBOSA

**#OCUPATUDO!:** TEATRO E RESISTÊNCIA NAS OCUPAÇÕES  
**ESTUDANTIS**

Rio de Janeiro – RJ

2020

CAROLINE DA SILVA BARBOSA

**#OCUPATUDO!: TEATRO E RESISTÊNCIA NAS OCUPAÇÕES  
ESTUDANTIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas do Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGAC/UNIRIO), como requisito para obtenção do título de mestre em Artes Cênicas, linha de pesquisa Processos Formativos Educacionais.

Orientadora: Profa. Dra. Marina Henriques Coutinho

Rio de Janeiro – RJ

2020

Catálogo informatizada pelo(a) autor(a)

B238 Barbosa, Caroline da Silva  
#OCUPATUDO!: teatro e resistência nas ocupações  
estudantis / Caroline da Silva Barbosa. -- Rio de  
Janeiro, 2020.  
238

Orientadora: Marina Henriques Coutinho.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do  
Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação  
em Artes Cênicas, 2020.

1. Pedagogia do Teatro. 2. Ocupação. 3. Movimento  
Estudantil. I. Coutinho, Marina Henriques, orient.  
II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO  
Centro de Letras e Artes – CLA  
Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPGAC

**ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO PARA CONCESSÃO DO GRAU DE MESTRE**

LOCAL: Realizada online (aplicativo zoom) período de pandemia

REALIZADA EM: 03 de julho de 2020.

CANDIDATA: **CAROLINE DA SILVA BARBOSA**

BANCA EXAMINADORA:

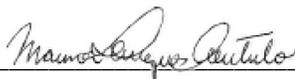
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. MARINA HENRIQUES COUTINHO (Orientadora)  
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. TEREZA MARA FRANZONI (UDESC)  
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. ELZA MARIA FERRAZ DE ANDRADE (UNIRIO)  
Prof. Dr. PAULO RICARDO MERISIO (UNIRIO)

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: “# OCUPATUDO!: TEATRO E RESISTÊNCIA NAS OCUPAÇÕES ESTUDANTIS”.

A sessão pública foi iniciada às \_15h horas. Após a exposição de cerca de trinta minutos o(a) candidato(a) foi argüido(a) oralmente pelos membros da banca durante duas horas. A Banca, após a avaliação, considerou o(a) candidato(a) \_\_aprovada\_\_, tecendo os seguintes comentários:

A banca destaca a relevância e o ineditismo do tema da pesquisa. Ressalta a qualidade da escrita e as escolhas metodológicas observando o uso das “notas” e a criação de dramaturgia a partir de entrevistas. A banca indica a publicação do trabalho e a continuidade do estudo em nível de doutorado.

A sessão foi encerrada às \_\_17:30\_\_. Na forma regulamentar foi lavrada a presente ata que é assinada pelos membros da Banca e pelo(a) candidato(a).



\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Aos estudantes e professores de luta que acreditam na educação pública, especialmente à Profa. Dra. Marcia Pompeo Nogueira (*in memoriam*), que deixou para nós um precioso trabalho dedicado ao estudo da Pedagogia do Teatro em busca da transformação do mundo.

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Marina Henriques, por acreditar nesse trabalho e em tantos outros que viemos construindo há 10 anos, fazendo com que a minha prática docente seja cheia de esperança e buscando sempre espantar as “nuvens cinzas” que pairam em nossas cabeças em tempos sombrios.

Aos meus pais, que me acompanham e me permitem sonhar, me dando base para realizar boa parte desses sonhos.

A todos os estudantes secundaristas que ocuparam suas escolas em 2016, sobretudo Beatriz Diniz, Ingrid Dávila, Jhuly Anne, Luna Bezerra, Marlon Gomes, Matheus Moraes e Yana Santana, que toparam compartilhar suas histórias e foram fundamentais na construção dessa pesquisa.

Aos professores de luta que vivenciaram as ocupações de 2016, sobretudo Daniela Abreu e Nicolle Lomgobardi, que também compartilharam memórias, experiências e ideias a respeito de um teatro dentro de um contexto tão extraordinário quanto as ocupações secundaristas.

Às minhas companheiras de cena e de vida Carolina Caju, Juliana Soure e Tatiane Santoro, que permitem que eu leve para o palco tantas questões que surgem na vida e fazem com que eu entenda a realidade de maneira menos amarga.

Aos meus amigos professores de Angra e do Rio e aos companheiros de Ciências Sociais/UERJ, que me acompanham desde 2009 e me dão forças para continuar sendo uma professora apaixonada por essa profissão, sobretudo a Marcela Mariana, que nas ocupações de 2016 me mostrou e ensinou que ser professora é ser inteira e que se dedicar a essa profissão é mais do que compartilhar conteúdos, é escolher um outro modo de viver e compartilhar experiências.

À querida professora Elza de Andrade, a quem eu tenho enorme admiração e carinho, por ser essa mulher tão grandiosa e por aceitar acompanhar processos tão importantes da minha vida, como a banca do meu Trabalho de Conclusão de Curso na graduação em 2015 e o processo dessa dissertação.

À professora Marcia Pompeo Nogueira, por ter um olhar tão importante e carinhoso para essa dissertação durante a qualificação e por ter contribuído tanto para minha formação enquanto professora e pesquisadora.

Ao professor Paulo Merisio, que foi o meu primeiro professor da Licenciatura em Teatro na UNIRIO em 2009 e me acompanha há tantos anos, por sempre me ensinar e orientar em processos tão difíceis quanto esse.

À professora Tereza Franzoni, pela contribuição com suas pesquisas acadêmicas e por aceitar compor a banca desse trabalho.

Ao meu amigo Tiago Lopes, que esteve presente no início dessa pesquisa e me ajudou a construir e organizar as perguntas principais desse estudo dentro das ocupações estudantis.

Aos meus colegas de trabalho da Escola Municipal Dalva de Oliveira, especialmente Gilvan Irineu, Maurício Vianna e Paulo Victor Mattos, que me ensinam cotidianamente que escola e arte podem caminhar juntas.

Ao meu companheiro Jonas Pacheco pela parceria e por acreditar em meus estudos.

À minha psicóloga Rita de Cássia, já que sem ela não seria possível continuar no espaço escolar nem aprofundar meus estudos acadêmicos.

## RESUMO

A presente pesquisa apresenta reflexões a respeito da experimentação do teatro nas ocupações estudantis que ocorreram nos Colégios Estaduais do Rio de Janeiro em 2016. Ao ser convidada pelos ocupantes para desenvolver oficinas teatrais nas cidades de Angra dos Reis e do Rio de Janeiro, perguntei-me quais seriam as possibilidades de trabalho dentro daquele espaço ocupado e de que maneira, através da pedagogia do teatro, poderia dialogar e contribuir para a mobilização estudantil. Autores como Augusto Boal, John Holloway e Paulo Freire foram bases para essas reflexões e, a partir de entrevistas semiestruturadas realizadas com estudantes e professores que vivenciaram a experiência da ocupação, aponto possíveis caminhos a serem pensados e experimentados em espaços de mobilização social. A pesquisa também reflete sobre a necessidade do teatro na formação de sujeitos inseridos na educação básica, visto que, dependendo da forma como é abordado, possibilita a expressão, reflexão e percepção dos indivíduos sobre eles mesmos e o mundo, podendo romper com uma estética anestésica e ser uma arma contra as opressões sociais, como sugere Augusto Boal.

**Palavras-chave:** Pedagogia do teatro. Ocupação. Movimento estudantil.

## **ABSTRACT**

This research presents reflections about theater experience during the high school occupations that occurred inside Rio de Janeiro's public schools in 2016. When invited by the occupants to develop theatrical workshops in Angra dos Reis and Rio de Janeiro cities, I wondered what would be the possibilities of working within that occupied space and how, through theatre pedagogy, I could dialogue and contribute to the student mobilization. Authors such as Augusto Boal, John Holloway and Paulo Freire were bases for these reflections and, from semi-structured interviews conducted with student and teachers who experienced the occupation, I point out possible paths to be thought and experienced in spaces of social mobilization. The research also reflects on the need of theatre in the formation of subjects inserted in basic education, since, depending on the way it is approached, it enables the expression, reflection and perception of individuals about themselves and the world, and may break with anesthetic aesthetic and be a weapon against the social oppression, as suggest by Augusto Boal.

**Keywords:** Pedagogy of the Theatre. Occupations. Students protest movements.

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Entrada do CIEP 302 Charles Dickens, em Angra dos Reis. Segundo dia de ocupação. Na porta, as pautas estudantis.....	22
Figura 2 - Foto publicada pelo jornal da cidade. 1ª manifestação no centro de Angra dos Reis em frente ao Colégio Estadual Dr. Arthur Vargas (CEAV).....	25
Figura 3 - Panfleto de chamada para a 1ª manifestação dos estudantes de Angra dos Reis, distribuído por toda a cidade.....	26
Figura 4 - Manifestação no bairro Frade com estudantes do centro e dos interiores de Angra. ....	27
Figura 5 - Manifestação no bairro Jacuecanga, em frente ao CIEP 302, que mais tarde seria ocupado.....	28
Figura 6 - Manifestação no centro de Angra com estudantes das escolas do entorno.....	28
Figura 7 - Roda de conversa inicial no C.E. Salim Miguel.....	33
Figura 8 - Jogo “quem iniciou o movimento?” com estudantes do C.E. Stuart Angel.....	35
Figura 9 - Jogo de Imagem no C.E. Salim Miguel. Momento em que os estudantes reproduziram imagens corporais que retratavam o calor nas salas de aula superlotadas.....	36
Figura 10 - Construção de imagens corporais em grupo no C.E. Stuart Angel. Dentre os participantes, estudantes, professores e simpatizantes.....	38
Figura 11 - Improvisação em grupo no C.E. Stuart Angel. Aproveitando o cartaz produzido por outros estudantes, fizeram uma cena sobre a relação entre os ocupantes e aqueles que eram contra a ocupação.....	39
Figura 12 - Jogo de aquecimento “Quem iniciou o movimento?” no CIEP 302, Angra dos Reis.....	40

Figura 13 - Jogo do Monstro na quadra do CIEP 302, onde aconteceu a oficina. Na arquibancada, alguns professores e estudantes que queriam apenas observar.....	41
Figura 14 - Momento de montagem de imagens a partir de fotografias no C.E. Stuart Angel.	44
Figura 15 - Resumo pessoal das conversas produzidas com as professoras entrevistadas.....	49
Figura 16 - Cartaz divulgado durante o movimento de ocupações do Rio de Janeiro.....	65
Figura 17 - Assembleia de ocupação no CIEP 302 Charles Dickens. Turno da tarde.....	69
Figura 18 - Programação OcupaCembra, em Paraty.....	75
Figura 19 - Programação OcupaHebert, no Rio de Janeiro.....	76
Figura 20 - Programação Ocupa Dom Pedro, em Mesquita.....	77
Figura 21 - Atividade teatral no CE Irineu Marino, em Duque de Caxias.....	78
Figura 22 - Oficina Teatro do Oprimido, Programação OcupaHL, no Rio de Janeiro.....	79
Figura 23 - Oficina Teatro do Oprimido, programação Chico Anysio de Luta, no Rio de Janeiro.....	80
Figura 24 - Apresentação teatral no C.E. Mendes de Moraes, no Rio de Janeiro.....	81
Figura 25 - Rede de pessoas entrevistadas.....	94

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela I – Conectando olhares pedagógicos das professoras Daniela Abreu e Nicolle Longobardi .....	51
--	----

## SUMÁRIO

<b>NOTA INICIAL</b> .....	14
<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	17
<b>2 CAPÍTULO 1 – DENTRO DA OCUPAÇÃO: TEATRO COMO ARMA</b> .....	22
2.1 #OCUPA .....	22
2.2 TEATRO NA OCUPAÇÃO: “BORA? BORA!” .....	29
2.3 ESCOLA VIVA: REFLEXÕES SOBRE OS ENCONTROS NAS OCUPAÇÕES.....	44
2.4 DIÁLOGOS ENTRE AS EXPERIÊNCIAS: “AULA JÁ É UM ATO POLÍTICO”....	48
<b>NOTA INTERMEDIÁRIA 1</b> .....	57
<b>3 CAPÍTULO 2 – PRIMAVERA SECUNDARISTA: ARTE E OCUPAÇÃO ESTUDANTIL NO RIO DE JANEIRO</b> .....	58
3.1 “ACABOU A PAZ, MEXEU COM ESTUDANTE, MEXEU COM SATANÁS” – A EXPERIÊNCIA DE SÃO PAULO .....	58
3.2 “NÃO TEM ARREGO, VOCÊ TIRA A MINHA ESCOLA E EU TIRO SEU SOSSEGO” – AS ESCOLAS DO RIO DE JANEIRO .....	65
3.3 “OCUPAR É RESISTIR, LUTAR PRA GARANTIR” – TEATRO, ESCOLA E OCUPAÇÃO .....	69
3.4 “É TANTA COISA ERRADA QUE NÃO CABE EM UM CARTAZ”: O TEATRO ENGAJADO .....	82
<b>NOTA INTERMEDIÁRIA 2</b> .....	91
<b>4 CAPÍTULO 3 – EM BUSCA DAS NARRATIVAS ESTUDANTIS</b> .....	93
4.1 SOBRE AS ENTREVISTAS .....	93
4.2 DRAMATURGIA – QUANDO A ESCOLA FOI NOSSA .....	97
4.3 O QUE VEM DEPOIS? .....	124
<b>5 REFLEXÕES FINAIS</b> .....	127
<b>NOTA FINAL</b> .....	132
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	133
<b>ANEXO I</b> – Entrevistas com os estudantes .....	137
<b>ANEXO II</b> – Entrevista com a professora Daniela Abreu – dezembro 2019 .....	199
<b>ANEXO III</b> – Entrevista com a licencianda Nicolle Longobardi – novembro 2019 .....	224

## NOTA INICIAL

*Eu havia sugerido pintar toda a escola, porque uma vez uma estudante me disse que lá fora as pessoas diziam que a nossa escola parecia uma prisão. Pensei logo que essa visão era muito comum... quanta gente já fez a associação entre a escola e a prisão? Porém, naquele dia senti vontade de pensar também em uma solução rápida para aproximar mais pessoas ao universo escolar. Considerei que seria interessante, para um primeiro momento, apenas mudar as cores daquele lugar. Só que me disseram que algum órgão havia estabelecido que as paredes precisam ser de cores padrão, senão prejudicam o aprendizado do estudante e muitos membros da escola que frequento perderam o costume de questionar as regras. Acredito que, com o tempo, acabaram enraizando também a ideia de estarem em um lugar que aprisiona suas ideias e seus corpos.*

*Não tive espaço para modificar o posicionamento dos meus superiores naquele momento. Então, fui para casa pensando em como fazer com que as pessoas olhassem para a escola não como uma prisão, mas como um espaço de liberdades. No outro dia, fiz a seguinte pergunta: se fosse minha primeira vez aqui, como eu agiria?*

*Foi então que exercitei meu olhar no espaço. Vi as outras professoras subindo escadas com um peso nas mãos e nas costas, como se estivessem carregando um mundo. Estudantes formados do lado de fora do portão tentando, em voz baixa, contar as novidades do dia anterior, enquanto o inspetor se posicionava em frente a eles com os braços cruzados para trás chamando-os por números. Vi as grades nas televisões e nos projetores, impedindo a clara visualização das notícias do dia. Um quadro de chaves que abrem e fecham os portões e impedem uma locomoção rápida entre as salas de aula. Cozinheiras reclamando da falta de recipiente para o café e da pouca quantidade de carne. Por fim, ouvi um “bom dia” sem entusiasmo da minha antiga professora, que naquele momento era minha nova companheira de trabalho.*

*Não precisou muito tempo para eu entender que a escola pode ser vista como um lugar que aprisiona tanto quem está fora quanto quem está dentro dela e entendi por um momento o lado desses que se permitem estar aprisionados. Porém, pensei: “a gente precisa, com urgência, olhar pelas brechas”. Reparei que os estudantes queriam falar e que, quando o inspetor liberava as turmas da “forma”, eles não seguiam enfileirados, eles corriam pelos*

*corredores, entravam nos banheiros, na área do bebedouro e até em espaços difíceis de visualizar. Quando entravam nas salas, arrastavam as cadeiras e organizavam o espaço de outra maneira. Eu vi que na parede da 1602 tinha um furo e quem estava fora conseguia ver uma parte do que estava acontecendo lá dentro. Enquanto eu olhava pelo furo, um pequeno sorriu para mim. A sala de aula pode ser transformadora, se olharmos pelo ângulo que acreditamos. Ali, educadores e educandos têm a possibilidade de descobrir e redescobrir o que é construir um aprendizado coletivo através do afeto. O que tem acontecido é que a gente anda tão corrido que não olha entre as brechas... e aí tudo parece ser muito duro, muito formal, muito comum. As regras acabam sendo seguidas sem serem questionadas, porque questionar é trabalhoso demais, exaustivo demais... eu entendo...*

*Mas existem as brechas e é por isso que estou aqui! Logo tocou o sinal novamente e os estudantes desceram correndo, enquanto eu estava no corredor. Seus corpos famintos correndo na hora do almoço. Meu corpo perdido perambulando e meu pensamento tentando ainda encontrar uma solução para a má fama da escola. Uma das três bolsas que andam comigo caiu no pé de um estudante. Ele disse para um outro, me ajudando a arrumar o que havia caído e rindo de mim: “essa professora é doida”. Eu ri. Eu sou. Desde que entrei em uma sala de aula tenho descoberto a loucura de ser professora. Tenho lidado com sentimentos extremos: uma paixão enorme pelos abraços e pelas histórias trocadas e uma tristeza profunda por saber que é difícil dar um passo além, por todas as limitações que um cotidiano escolar de um país como o nosso oferece. Eu tenho enlouquecido buscando a beleza dentro do espaço que muitos comparam ao de uma prisão. E eu quero conseguir abraçar professores, que são meus companheiros de trabalho, os estudantes, as cozinheiras, os inspetores, a direção, a coordenação e sentir um alívio enorme por saber que quem está dentro e fora daqui sabe que aqui é o lugar da possibilidade... é o lugar que foge aos estereótipos, porque todo dia é um dia diferente e é aqui que podemos pensar juntos em um mundo melhor. Eu ainda acredito nisso. Não consegui mudar as cores, nem tirar os pesos, nem abrir as grades, nem quebrar mais os muros, porque eu sei que sozinha eu não consigo.*

*E por que eu começo assim? Porque eu pensei em desistir. Não desistir desse alívio que é estudar esse tema em um momento como o nosso. Eu pensei em desistir de ser professora. E quando estava a um passo da desistência, em um momento de desabafo, o olhar sensível da Marina sugeriu começar esse estudo e recomeçar a minha prática na escola com a seguinte*

*frase que eu havia acabado de dizer: “eu ainda estou aqui, porque sei que a escola pode ser um lugar diferente”. E eu só sei disso por conta dos estudantes que encontro todos os dias na escola e por conta dos secundaristas que ocuparam as escolas estaduais do Rio de Janeiro em 2016.*

*Talvez me questionem sobre a ligação afetiva que tenho com a minha pesquisa e eu responderei: se não fosse o afeto eu não teria me perguntado por que os estudantes buscaram as artes em um movimento de ocupação. Se não fosse o afeto, eu não teria visto a escola como lugar de liberdades. Se não fosse o afeto, eu não teria despertado o olhar para essa pesquisa. Sim. Essa pesquisa é, sobretudo, sobre afeto.*

*Rio, 01 de maio de 2019*

## 1 INTRODUÇÃO – EM BUSCA DE UMA OUTRA ESCOLA

Em 2016, aproximadamente 78 colégios estaduais foram ocupados no Rio de Janeiro por estudantes secundaristas. Entre abril e junho daquele ano, o Estado assistiu a protestos nas ruas e vivenciou uma nova experiência dentro de alguns espaços escolares onde os estudantes se organizaram de maneira horizontal, autônoma e coletiva em busca de maior qualidade na educação pública. Como resultado, conseguiram inserir mais tempos de filosofia e sociologia na grade curricular do Ensino Médio, realizar eleições para os diretores das escolas, acabar com o SAERJ<sup>1</sup>, uma prova obrigatória aplicada em toda Rede Estadual e que ignorava as especificidades de cada contexto e, além disso, estabeleceram uma outra relação com a escola, apropriando-se ainda mais desse espaço. Naquele momento, eu havia acabado de me mudar para Angra dos Reis, cidade a aproximadamente 160 quilômetros de distância do Rio de Janeiro. Estava como professora de Artes 16 horas na Rede Estadual, com duas matrículas distribuídas em três escolas, duas no interior da cidade e uma no centro. Em pouco tempo dentro do universo escolar, me perguntava de que maneiras a arte poderia dialogar com aquele espaço durante o seu funcionamento habitual, visto que, mesmo com pouca experiência, já havia percebido que o teatro quebrava algumas regras dentro da escola, como o silêncio, a uniformidade do espaço e dos corpos, a possibilidade de expressão para além do estabelecido. Ou seja, havia entendido que o teatro dentro da escola tinha um caráter que chamo nessa pesquisa de *outraescola*<sup>2</sup>, por ter a possibilidade de ser potencialmente subversivo dentro daquele contexto. Quando os estudantes ocuparam suas escolas, chamou minha atenção o fato de que uma das comissões que criaram para a organização interna estava voltada para atividades culturais: oficinas de teatro, de dança, de

---

1 SAERJ (Sistema de Avaliação da Educação do Estado do Rio de Janeiro) é uma avaliação externa e obrigatória da rede de ensino – estadual e municipal –, que objetiva produzir informações relativas à proficiência e traduzir o desempenho dos alunos nos testes. Segundo os estudantes, essa avaliação não considera as especificidades de cada unidade escolar e é baseada na meritocracia. O fim dessa avaliação foi uma das conquistas dos estudantes com as ocupações.

2 *Outraescola* no sentido de produzir uma narrativa diferente das preestabelecidas nos espaços escolares. Entendo que dentro da própria escola há brechas para essa ação. No entanto, as ações individuais e coletivas que o teatro potencializa dentro da escola geralmente não são esperadas dentro do espaço formal de ensino e, por isso, considerei adjetivar o lugar do teatro na escola como uma construção que a transforma e recria a própria ideia tradicional de escola.

produção audiovisual, de fotografia; cine debates; saraus; rodas de rap etc. As artes naquele espaço ressignificado não pareciam mais estar contra as regras daquele local, pelo contrário, pareciam estar de acordo com aquela nova estrutura, visto que, em diversas ocupações, apesar das suas singularidades, as várias artes estavam presentes.

Ao ser convidada pelos estudantes secundaristas para desenvolver uma experiência com o teatro dentro das ocupações de Angra dos Reis e do Rio de Janeiro, questionei que tipo de teatro eu deveria propor naquele momento de luta. Perguntei-me como o teatro e a minha formação docente, que tem por base a experimentação de uma pedagogia em busca da libertação dos indivíduos através do que Paulo Freire (2013) chama de práxis: “reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 2013, p. 52), poderia ser efetiva, dialogando e contribuindo para a ocupação.

Dentro do contexto ressignificado da escola, ao pensar de que forma poderia planejar um encontro dos estudantes comigo através do teatro – naquele momento, não como professora de Artes, que segue um currículo específico dentro da Rede Estadual, mas como uma pessoa que está ali para experimentar com os estudantes essa linguagem a partir das demandas deles – retomei a experiência que tive por quatro anos dentro do Programa de Extensão Teatro em Comunidades<sup>3</sup> durante a graduação em Licenciatura em Teatro na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), no qual os encontros eram pensados a partir da troca com os jovens da Maré e as principais bases dos nossos planejamentos eram os estudos de Paulo Freire e Augusto Boal, que são, segundo a Profa. Dra. Márcia Pompeo Nogueira (2015), professora da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e pesquisadora do campo *Teatro e Comunidade*, os principais suportes metodológicos dos trabalhos desenvolvidos nessa área, tanto no Brasil quanto no mundo. Já tendo vivido essas experiências nas ocupações em 2017 e como mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGAC/UNIRIO), comecei a estruturar os meus estudos tendo como ponto de partida minha experiência dentro das ocupações, trazendo descrições, reflexões e levantamento

3 O Teatro em Comunidades foi criado em 2011 na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, pela profa. Dra. Marina Henriques Coutinho. O programa visa a promover a produção de conhecimento em teatro, a prática artística e pedagógica, estimulada pelo encontro entre os estudantes da Escola de Teatro da UNIRIO e jovens moradores do Complexo da Maré, maior complexo de favelas da cidade do Rio de Janeiro.

de informações sobre o processo vivido. Em seguida, parti para uma pesquisa de campo que permitisse desenvolver relações entre o meu olhar sobre as ocupações e outros olhares de quem também as vivenciou, no mesmo ou em outros contextos. Para isso, realizei entrevistas semiestruturadas<sup>4</sup> feitas com os estudantes secundaristas de Angra dos Reis e com outras professoras de teatro e alguns de seus alunos, que também participaram das ocupações em outras escolas<sup>5</sup>. Associo esse material a um estudo teórico e à pesquisa bibliográfica baseada em estudos recentes sobre os campos *teatro político, ocupação estudantil e pedagogia do teatro*. Apesar de, inicialmente, ter buscado uma resposta metodológica específica para um contexto de mobilização social, como o das ocupações estudantis, no decorrer da pesquisa percebi que a busca mais interessante seria encontrar pontos de diálogo entre o teatro, a escola e a luta dos estudantes e, assim, conversar com autores que teriam por base o desenvolvimento de um teatro engajado na transformação da sociedade, partindo do contexto escolar.

Durante a pesquisa bibliográfica, tive contato com outros movimentos de ocupação, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)<sup>6</sup> e, mesmo entendendo que o Movimento atua em uma frente diferente, pude encontrar pontos de diálogos entre essas mobilizações, sobretudo quando o tema era um teatro engajado na luta política. Juliana Bonassa (2016), que atua no campo de pesquisa da *Educação no Campo*, reflete sobre a arte produzida no MST e entende que o teatro dentro das ocupações não é um só. Existem vários modos de fazer teatro que surgem a partir de vivências específicas. Partindo dessa constatação, comecei a entender que o mais interessante seria investigar caminhos de atuação da pedagogia do teatro

---

4 “As entrevistas semiestruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal” (QUARESMA; BONI, 2004, p. 75).

5 A pesquisa de campo foi estruturada em três partes. A fase inicial foi desenvolvida a partir de entrevistas com os primeiros estudantes secundaristas com quem tive contato mais próximo na cidade de Angra dos Reis, onde fui professora de Artes pela Rede Estadual de Ensino tanto antes das ocupações quanto durante. Na segunda fase, entrevistei duas professoras de teatro que deram oficinas em diferentes ocupações de escolas do Estado. Escolhi essas duas professoras, por também terem se formado em Licenciatura em Teatro pela UNIRIO e por terem vivenciado as ocupações em lugares diferentes dentro do Rio de Janeiro – Magé e São Gonçalo. A última fase se trata de entrevistas feitas com estudantes que tiveram oficina de teatro com as professoras entrevistadas. A proposta, nesse sentido, foi partir da minha própria experiência e relacioná-la com outras em diferentes espaços.

6 O MST é um movimento social histórico no Brasil. Surge por volta das décadas de 1970 e 1980 e em como foco as questões dos trabalhadores do campo, como a luta pela reforma agrária. Site: <https://mst.org.br/quem-somos/>

dentro das ocupações estudantis que não se limitassem a uma metodologia única ou específica, mas que dialogassem com o entendimento do que é um teatro que pretende ser politizado e com a sua importância dentro do contexto de uma mobilização social. Procurei, portanto, dentro dessa pesquisa aprofundar o meu conhecimento em torno do campo de estudo da pedagogia do teatro e do teatro engajado, que muitas vezes passa por estigmas dentro do próprio universo teatral e, assim, contribuir para uma formação docente consciente de experimentações teatrais baseadas na luta por um mundo mais justo.

Divido esse trabalho em três capítulos. No capítulo inicial, parto da minha experiência durante as ocupações estudantis, apresento as perguntas iniciais, demonstro como desenvolvi o planejamento desses encontros e estabeleço um diálogo com as professoras entrevistadas dentro da pesquisa, buscando entender em que pontos desenvolvemos encontros similares ou completamente diferentes junto aos estudantes.

No segundo capítulo, apresento de maneira mais ampla o que foi o movimento de ocupação estudantil que aconteceu na Rede Estadual de Ensino do Rio de Janeiro. Apresento também suas inspirações e consequências, refletindo sobre as artes, especificamente o teatro, dentro desse contexto. A fim de entender de que maneira o teatro pode cada vez mais dialogar com espaços de militância, busco referências acadêmicas que possam engajá-lo dentro da luta para uma transformação social.

No último capítulo, desenvolvo uma dramaturgia inspirada em entrevistas realizadas com estudantes de Angra dos Reis, Magé e São Gonçalo. Essa proposta surge como uma forma de suprir a necessidade de inserir tantas memórias, imagens, resquícios daquele momento histórico relatado pelos estudantes. Apesar de perceber que essa proposta não dá conta de apresentar todo o material recolhido e que não é possível inserir as seis narrativas completas nesse texto, entendo a dramaturgia como um possível refúgio, onde tanto eles quanto eu e os próximos estudantes e professores que tiverem contato com esse estudo poderemos lembrar e remontar aquelas histórias que em muitos pontos se cruzam. Essa dramaturgia, portanto, é uma reunião das vozes desses estudantes que tiveram contato com a arte dentro da escola ocupada e desocupada e ainda têm na memória muitos momentos vividos.

Nesse sentido, essa pesquisa tem como objetivo principal resgatar o que foram as ocupações estudantis sob o olhar do teatro dentro desse espaço e possibilitar uma reflexão a partir dessas práticas sobre o papel do teatro na escola ou sobre as possíveis fissuras que o teatro proporciona no sistema educacional. Tendo a oportunidade de vivenciar esse fato histórico, pude entender que tanto o teatro quanto a educação são fundamentais na formação dos indivíduos, sobretudo aqueles que acreditam em uma real transformação da sociedade.

## 2 CAPÍTULO 1 – DENTRO DA OCUPAÇÃO: TEATRO COMO ARMA

Figura 1 - Entrada do CIEP 302 Charles Dickens, em Angra dos Reis. Segundo dia de ocupação. Na porta, as pautas estudantis.



Fonte: Arquivo pessoal. 04/2016

### 2.1 #OCUPA

Não tive dúvidas: a educação era um caminho que gostaria de seguir. Havia escutado de alguém próximo que eu não levaria jeito para trabalhar com jovens, visto que sempre fui emotiva e atuar na sala de aula exigiria certa rigidez e frieza para que eu pudesse ter domínio sobre os estudantes. No entanto, a minha visão sobre a escola era outra e nela havia a possibilidade de construir uma aula baseada no diálogo e no afeto, misturando e transformando o caos de corpos e histórias individuais e coletivas em teatro e, portanto, imaginei que quem sou caberia naquele espaço. Por isso, no início de 2015 me formei em Licenciatura em Teatro e por volta de julho do mesmo ano ingressei na Secretaria Estadual de Educação (SEEDUC/RJ) como professora da matéria Artes, assumindo duas matrículas de 16 horas na cidade de Angra dos Reis, para onde

havia acabado de me mudar. Foi curto o período necessário para perceber alguns desafios que enfrentaria se quisesse trabalhar da maneira que imaginara quando construí minhas certezas sobre a educação. Durante a graduação esses desafios eram anunciados por colegas e professores experientes, já que dentro do curso de formação da UNIRIO pudemos desenvolver experimentações e estudos sobre práticas teatrais dentro do universo escolar. No entanto, apenas percebi que aquele discurso antigo de que “só se aprende na prática” fazia sentido durante os seis primeiros meses em que entrei na escola e me vi sozinha dentro de uma sala de aula com quarenta estudantes de segundo ano do ensino médio<sup>7</sup>. As demandas são muitas para desenvolver trabalhos ligados a um teatro de qualidade dentro da escola: é necessário mais tempo com os estudantes; um espaço adequado, sem mesas, cadeiras e poeira; salas menos lotadas; abertura para promover diálogos sem medo de fiscalização e proibições; confiança para construir a expressão do corpo e da mente diferentemente das disciplinas construídas há décadas dentro do ambiente escolar.

Nesse ponto é importante lembrar a pesquisa de Michel Foucault (2012) a respeito da construção da disciplina em espaços de poder, que se relaciona também com o ambiente escolar no entendimento sobre um corpo que há séculos é dominado, mas que por volta do século XVIII teria como técnicas novas o controle e a disciplina. O autor diz que disciplina são, na verdade, “métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhe impõem uma relação de docilidade-utilidade” e acrescenta que as disciplinas se tornaram ainda “no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação” (FOUCAULT, 2012, p. 133). Nesse sentido, elas seriam as formadoras do que ele chama de *corpos-dóceis*.

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma ‘anatomia política’, que é também igualmente uma ‘mecânica do poder’, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros não simplesmente para que façam o que se quer mas para operarem como se quer, com as técnicas segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de

---

7 Dentro da Rede Estadual de Educação do Rio de Janeiro, a matéria Artes está inserida na grade curricular do Ensino Médio apenas no segundo ano com dois tempos semanais.

utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência) (FOUCAULT, 2012, p. 133-134).

A partir dessas reflexões, perguntei-me se o espaço escolar era um local onde o teatro deveria estar, visto que a minha experiência com essa arte até aquele momento objetivava ser oposta à construção de corpos dóceis. Terminei o ano de 2015, portanto, fazendo algumas perguntas: *será que fiz uma escolha coerente com minhas ideias sobre educação, transformação social e teatro engajado? Será que era na escola que eu deveria estar? Como eu conseguiria trabalhar naquele contexto com tantos desafios?*

No início de 2016, os professores da Rede Estadual votaram pela greve. Como era nova na Rede, passei a conhecer o movimento grevista e os professores da região sul do Estado do Rio por conta dessa mobilização. Naquele momento entendi o que significava pertencer a uma categoria<sup>8</sup> e o quanto era importante me juntar ao coletivo, justamente porque os professores têm um histórico de lutas por direitos trabalhistas que marcam processos importantes dentro da nossa história. Além disso, assim que foi votada aquela greve, ouvi dizer que ela era diferenciada, porque os estudantes estavam mais próximos dos professores. Em Angra dos Reis, ainda em março, professores e estudantes organizaram encontros nas praças e em outros espaços públicos, onde dialogavam sobre as pautas coletivas e específicas de cada grupo. Também houve cine debate com o filme *Acabou a Paz: isso aqui vai virar o Chile* (PROZANATO, 2016)<sup>9</sup>, que contava sobre o processo de ocupação das escolas em São Paulo no ano anterior. Tendo contato também com amigos professores do Rio de Janeiro e indo frequentemente às Assembleias Gerais de professores nessa cidade, pude perceber que não só onde morava, mas em todo o Estado, a presença dos estudantes era frequente e dava muito mais força ao movimento dos professores.

---

8 Segundo a Teoria Marxista, a categoria trabalho está ligada à relação fundante do ser social. Ou seja, em sua pesquisa sobre *O Capital*, o autor faz uma análise densa sobre o que significa a categoria trabalho e como esta define os grupos sociais dentro da nossa sociedade. Quando estive na primeira Assembleia dos professores, percebi que pertencia a um tipo de categoria de trabalho e que era importante me colocar como ser pertencente a ela. Dessa maneira, vi que deveria me organizar politicamente a partir das votações e debates realizados coletivamente de forma democrática em assembleias.

9 Filme de Carlos Prozanato, de 2016, que mostra depoimentos com imagens e vídeos produzidos durante as ocupações estudantis de São Paulo em 2015 e posteriormente a elas, e que serviu de inspiração para muitos estudantes do Rio de Janeiro. PROZANATO, Carlos. ACABOU A PAZ: isso aqui vai virar o Chile. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LK9Ri2prfNw>> Acesso em 20 de fev. 2020.

Figura 2 - Foto publicada pelo jornal da cidade. 1ª manifestação no centro de Angra dos Reis em frente ao Colégio Estadual Dr. Arthur Vargas (CEAV).



Fonte: AngraNews 03/03/2016

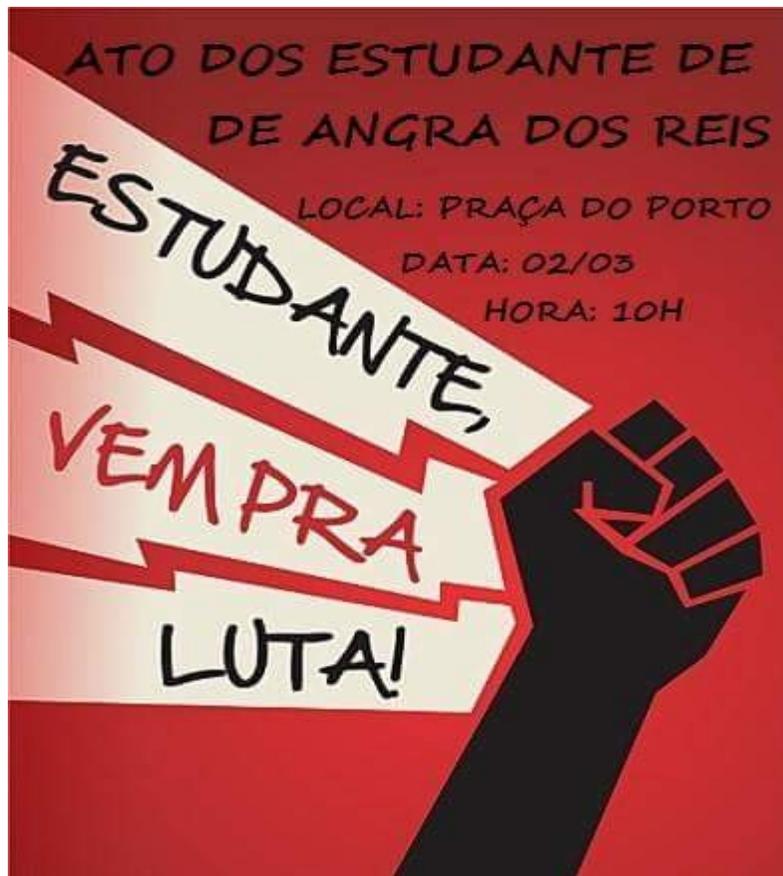
Em Angra dos Reis os próprios estudantes começaram a se mobilizar para fazerem passeatas todos os dias<sup>10</sup>. Segundo o jornal local, as pautas eram “melhorias na rede de ensino, que de acordo com eles vem enfrentando problemas, como a falta de estrutura, falta de pagamento de funcionários, carência de segurança, merenda escolar insuficiente, dentre outros”<sup>11</sup>. Inicialmente, convocaram um ato no centro da cidade e após esse primeiro encontro decidiram ocupar diversos bairros, abraçando tanto as escolas do centro, quanto as dos interiores.

---

10 Alunos do Sul do RJ protestam em apoio aos professores do estado. Disponível em: <[http://g1.globo.com/rj/sul-do-rio-costa-verde/noticia/2016/03/alunos-do-sul-do-rj-protestam-em-apoio-aos-professores-do-estado.html?fbclid=IwAR1glu6icSwgFBMAP5wVoQj6xA0LS2ly2V-r9afv\\_7ZyuU1xpW0dkQVdTqw/](http://g1.globo.com/rj/sul-do-rio-costa-verde/noticia/2016/03/alunos-do-sul-do-rj-protestam-em-apoio-aos-professores-do-estado.html?fbclid=IwAR1glu6icSwgFBMAP5wVoQj6xA0LS2ly2V-r9afv_7ZyuU1xpW0dkQVdTqw/)>. Acesso em 07 de abr. 2020

11 Reportagem sobre a mobilização em Angra dos Reis no jornal online Angra News. Disponível em: <<http://angranews.com.br/alunos-da-rede-estadual-fazem-manifestacao/>> Acesso em 26 de mar. 2020.

Figura 3 - Panfleto de chamada para a 1ª manifestação dos estudantes de Angra dos Reis, distribuído por toda a cidade



Fonte: Arquivo Pessoal. 02/03/2016

Durante as passeatas em Angra dos Reis, encontrei com alguns estudantes que me estimularam a desenvolver essa pesquisa. Um desses encontros ocorreu em frente ao Colégio Estadual Leopoldo Américo Miguez de Melo (CELAMM). Marlon Gomes, que foi meu aluno naquela escola em 2015, estava com o megafone na mão organizando o ato que pararia a rua na frente do CELAMM. Junto dele estava a Yana Santana, estudante do Colégio Estadual Dr. Artur Vargas (CEAV), que é um dos maiores e mais tradicionais de Angra e fica no centro da cidade. Yana, assim como outros, apesar de não ser aluna do CELAMM, estava ali porque entendia que a mobilização era de todos os estudantes da rede pública estadual. Os manifestantes, então,

ocuparam as ruas, gritaram palavras de ordem e mostraram as suas demandas. Os professores iniciaram a greve por conta da proposta do governador de aumento na contribuição do imposto de renda (de 11% para 14%) e, além disso, buscavam o fim do parcelamento e do atraso de salários e benefícios.<sup>12</sup> Os estudantes se manifestavam por conta das pautas dos professores, mas também por entenderem que a educação estava cada vez mais sucateada, que as salas de aula estavam superlotadas, que as avaliações diagnósticas não respeitavam as especificidades de cada região e unidade escolar, que as escolas tinham falta de professores, dentre outros. Era uma aula na rua e estudantes e professores estavam interessados em dialogar de maneira horizontal.

Figura 4 - Manifestação no bairro Frade com estudantes do centro e dos interiores de Angra.



Fonte: Arquivo pessoal. 09/03/2016.

---

12 Professores do RJ entram em greve por tempo indeterminado. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2016/03/02/professores-do-rj-entram-em-greve-por-tempo-indeterminado.htm/>> Acesso em 07 de abril de 2020.

Figura 5 - Manifestação no bairro Jacuecanga, em frente ao CIEP 302, que mais tarde seria ocupado.



Fonte: Arquivo pessoal. 03/03/2016.

Figura 6 - Manifestação no centro de Angra com estudantes das escolas do entorno.



Fonte: Arquivo pessoal. 04/03/2016.

No final de março daquele ano, uma conhecida professora de sociologia da Rede informou o que já esperávamos: sua escola acabara de ser ocupada pelos estudantes. Imaginávamos que o movimento logo se espalharia por todo Estado e que vivenciariamos um tipo diferenciado de mobilização dentro e fora das escolas. Com esse movimento os ocupantes me mostravam que tinham vontade de aprender, mas de maneiras diferentes da tradicional: queriam outra escola.

## 2.2 TEATRO NA OCUPAÇÃO: “BORA? BORA!”<sup>13</sup>

Nasci na Zona Oeste do Rio de Janeiro, por isso conheço alguns professores/amigos que lecionam nessa região. Foi assim que a professora Marcela Mariana me convidou, a pedido dos estudantes, para fazer uma oficina de teatro na ocupação do Colégio Estadual Stuart Edgar Angel Jones, em Senador Camará, que foi o primeiro colégio ocupado daquela região. Ao ser convidada, surgiram várias perguntas que me direcionaram até essa pesquisa: *qual teatro seria interessante abordar em uma ocupação? Como pensar uma oficina, se não conhecia o espaço, os estudantes e não sabia a faixa etária de todos? O que os estudantes esperavam de uma oficina de teatro? De que forma essa oficina poderia somar algo à luta deles? Como elaboraria um encontro em que o teatro fosse entendido como uma arte de/para/por todos?*

Ao recorrer às bases teóricas com as quais tive mais afinidade desde a graduação, reencontrei o pesquisador Augusto Boal que, sobretudo durante o período em que estive no Programa Teatro em Comunidades, foi um grande inspirador para os planejamentos dos encontros entre os licenciandos e os jovens da Maré que faziam oficinas de teatro. Também nas primeiras aulas de Artes no segundo ano do Ensino Médio dentro da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro, SEEDUC/RJ, eu havia começado a abordar a matéria com citações e jogos desse autor.

---

13 Essa frase surgiu quando a professora entrevistada Nicolle Longobardi relatou como foi entrar na ocupação junto com os estudantes, em São Gonçalo.

Naquele período tinha constatado que uma parte considerável dos estudantes não via nenhum objetivo específico em estudar a matéria Artes no Ensino Médio e decidi, então, iniciar minhas aulas com a seguinte frase de Augusto Boal: “o teatro é uma arma e é o povo quem deve manejá-la” (BOAL, 2010, p. 11). Percebi que os estudantes estranhavam essa citação e a partir desse estranhamento era possível debater com eles sobre os vários papéis da arte dentro da escola e da sociedade como um todo. Portanto, considerei que no contexto de ocupação não seria tão diferente, ainda que fossem estudantes de anos e realidades diversas.

No mesmo período das ocupações da SEEDUC/RJ, os estudantes da Escola Técnica Estadual Martins Pena ocuparam a escola e, como forma de manifestação, fizeram uma apresentação<sup>14</sup> em frente à Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ). O ato contava com uma encenação na qual os atores cantavam uma paródia que ficou muito conhecida durante aquele período. Eles gravaram um vídeo da apresentação que viralizou nas redes sociais e nos jornais. Assim, os ocupantes puderam assistir e passaram a usar essa paródia como palavra de ordem em várias manifestações. Decidi, portanto, que além de começar os encontros dentro das ocupações com a frase de Augusto Boal (2010), mostraria o vídeo com os estudantes da Martins Pena e teria um breve diálogo com os ocupantes a respeito do papel da arte naquele momento, a fim de saber o que o grupo esperava da oficina de teatro dentro daquele contexto específico. Pensei que, dessa maneira, poderia entender rapidamente as ideias deles e, se fosse necessário, adaptaria o planejamento pensado para aquele encontro. Marcia Pompeo Nogueira (2015), pesquisadora do campo de estudo *Teatro e Comunidade* no Brasil, apresenta a importância de desenvolver um teatro em espaços comunitários partindo de uma ação dialógica, ou seja, que não seja pensada de “cima para baixo” e que o mediador não chegue com uma proposta impositiva a respeito do que deve ser desenvolvido dentro desse espaço. Ao refletir sobre uma prática baseada no *Teatro e Comunidade*, a pesquisadora alerta que é importante pensar “em modelos de interação mais participativos”, visto que “as próprias pessoas da comunidade participam do

---

14 O GLOBO: Sem aula, estudantes de teatro fazem 'Baile de Favela' na escadaria da Alerj, 09 mar. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/manifestacoes/2013/videos/t/rio-de-janeiro/v/sem-aula-estudantes-de-teatro-fazem-baile-de-favela-na-escadaria-da-alerj/4871102/>> Acesso em 21 de fev. 2020.

processo teatral, inclusive através da representação e de seu processo criativo” (NOGUEIRA, 2015, p. 22). E acrescenta:

O teatro, nessa perspectiva, passa a ser a arena privilegiada para refletir sobre as questões de identidade de comunidades específicas, contribuindo para o aprofundamento das relações entre seus diferentes seguimentos, que podem explicitar suas semelhanças e diferenças. O teatro seria, nesse sentido, porta-voz de assuntos locais, o que poderia contribuir para expressão de vozes silenciosas ou silenciadas da comunidade. (NOGUEIRA, 2015, p. 22).

Nesse sentido, entendendo a ocupação como uma comunidade específica, formada pelo interesse dos estudantes, que têm demandas internas coletivas, considere fundamental construir com eles a relação que seria estabelecida por meio do teatro.

Augusto Boal (2009a), quando reflete sobre a Estética do Oprimido, argumenta que existem dois tipos de Pensamento: o sensível (que para ele seria a imagem e o som) e o simbólico (a palavra). Ele considera fundamental que o cidadão tenha conhecimento a respeito dos dois, visto que “é pela Palavra, Imagem e Som que os opressores oprimem, antes que o façam com as armas” (BOAL, 2009a, p. 40). Aponta ainda:

O pensamento sensível, que produz arte e cultura, é essencial para a libertação dos oprimidos, amplia e aprofunda sua capacidade de conhecer. Só com cidadãos que, por todos os meios simbólicos (palavras) e sensíveis (som e imagem), se tornam conscientes da realidade em que vivem e das formas possíveis de transformá-la, só assim surgirá, um dia, uma real democracia (BOAL, 2009a, p.16).

Assim, para o autor a arte e a estética<sup>15</sup> são instrumentos de libertação. “Palavra, imagem e som, que hoje são canais de opressão, devem ser usados pelos oprimidos como formas de rebeldia e ação, não passiva contemplação absorta” (BOAL, 2009a, p. 19). Acrescenta que os oprimidos não devem apenas consumir, mas também produzir cultura.

Como cidadão, antes de tudo, como artistas por vocação ou profissão, temos que entender que só através da *contracomunicação*, da *contracultura-de-massas*, do *contradogmatismo*; só a favor do diálogo, da criatividade e da liberdade de produção e transmissão da arte, do pleno e livre exercício das duas formas humanas de pensar, só assim será possível a libertação consciente e solidária dos

---

15 “Arte é o objeto, material ou imaterial. Estética é a forma de produzi-lo e percebê-lo. Arte está na coisa. Estética, no sujeito e em seu olhar” (BOAL, 2009a, p.22).

oprimidos e a criação de uma sociedade democrática – no seu sentido etimológico, pois, historicamente, a democracia jamais existiu. Dela, pedaços sim (BOAL, 2009a, p.18-19).

Boal (2009a) entende que tanto o pensamento sensível quanto o simbólico são importantes para a construção do indivíduo e nenhum deles deve ser negligenciado no processo de formação do cidadão. Em *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*, Boal (2010) defende o objetivo de sua metodologia: “O *Teatro do Oprimido*, em todas as suas formas, busca sempre a transformação da sociedade no sentido da libertação dos oprimidos. É ação em si mesmo, e é preparação” (BOAL, 2010, p. 19).

Considerarei, então, que para pensar o teatro dentro das ocupações seria necessário dialogar com as bases do campo de pesquisa *Teatro e Comunidade*, que tem ligação com as ideias de Augusto Boal e também de Paulo Freire, visto que ambos buscam um teatro e uma pedagogia baseados na reflexão sobre a realidade em prol de uma transformação social. Foram encontros em que pude explorar os jogos do *Teatro do Oprimido* e suas várias categorias e dialogar com os estudantes sobre as formas como o teatro, naquele momento, poderia contribuir para a luta<sup>16</sup>. Entendi, dessa forma, que o *Teatro do Oprimido*, somado à concepção de educação dialógica da qual fala Paulo Freire ao longo da sua trajetória, seria um caminho possível para trabalhar dentro daquele espaço, mas não único.

Segue abaixo a estrutura dos planejamentos que pensei para um encontro nas ocupações de duas escolas da Zona Oeste<sup>17</sup>:

16 As oficinas que desenvolvi em três ocupações foram divididas em: conversa inicial, onde pretendia entender em um breve momento o que os estudantes pretendiam com aquele encontro e de que forma eu poderia me inserir naquele contexto. Sugerir, nas três ocasiões, um momento de descontração e ao mesmo tempo reflexão sobre nossas práticas cotidianas e eles aceitaram a proposta. Levei exercícios do Teatro do Oprimido, aprofundando, sobretudo, o Teatro Imagem. Por fim, construímos improvisações teatrais que geraram uma conversa no fim de cada oficina. No CIEP 302 e no C.E. Stuart Edgar Angel não somente estudantes, mas também professores fizeram parte da oficina, o que gerou debates em torno da postura de discentes e docentes no espaço escolar. Os encontros tiveram em média três a quatro horas.

17 É importante ressaltar que essa proposta foi a que pensei antes de chegar no encontro. No entanto, depois do acordo inicial com os estudantes, que disseram que gostariam de fazer teatro para descontrair e também falar sobre diversas opressões que se relacionavam com temas como: ser mulher, a questão LGBTQI+, negritude, relação entre alunos, professores e diretores; percebi que poderia manter a mesma estrutura. Não houve, portanto, modificação no planejamento, apenas no tempo em que duraram os jogos e os debates surgidos a partir deles, visto que cada lugar ressaltou uma luta que era mais urgente de acordo com as aberturas que os jogos davam. No C.E. Salim Miguel, por exemplo, a questão do uniforme e do julgamento sobre as roupas que as meninas usam foi muito forte. Já no C.E. Stuart Angel, os estudantes e professores que participaram colocaram em cena questões mais diretas

### **1º momento) Roda de conversa**

- 1) *Início com a frase do Augusto Boal (2010): “teatro é uma arma”.* Debate sobre a importância de se conectar e ler o mundo não só a partir do meio simbólico (palavras), mas também do sensível (imagens e sons). Busquei exemplos ligados à realidade deles e refletimos sobre a importância da escuta e do olhar sobre o cotidiano para poder questioná-lo, quando for do interesse deles.
- 2) *Apreciação da apresentação publicada em vídeo no Youtube elaborada pelos estudantes da Escola Técnica Estadual Martins Pena.*
- 3) *Acordo: Investigação do que queríamos naquele encontro dentro da escola ocupada.*

Figura 7 - Roda de conversa inicial no C.E. Salim Miguel.



Fonte: Facebook: [ocupasalim](https://www.facebook.com/ocupasalim)<sup>18</sup>. 04/05/2016.

### **2º momento) Jogos de integração**

- 1) *Batizado Mineiro – Augusto Boal*

Atores em círculo; cada um, em sequência, dá dois passos à frente, diz seu nome, diz uma palavra que comece com a primeira letra do seu nome e que corresponda a uma característica que possui ou crê possuir, fazendo um movimento rítmico que corresponda a essa palavra. Os demais atores repetem duas vezes nome, palavra e movimento. Quando já tiverem passado todos, o primeiro volta, mas agora numa posição neutra, e são os demais que devem

---

à escola e às opressões que surgiam quando as pessoas não acreditavam na luta deles.

18 Página do Facebook Ocupa Salim:

<https://www.facebook.com/263228127348665/photos/pcb.273560629648748/273559879648823/?type=3&theater>

lembrar da palavra, nome e gesto. Naturalmente, este exercício faz-se com grupos que se encontram pela primeira vez e não com velhos amigos. (BOAL, 2015, p. 141).

Considere interessante iniciar com esse jogo, porque era um momento de nos conhecermos e o diferencial era que essa apresentação se daria pelas características que nós mesmos poderíamos definir. Acreditei que, assim, seria possível começar de maneira descontraída e possivelmente estimularia os que estivessem tímidos a entrar na roda e jogar com a gente. Foi o que aconteceu: uma professora que observava entrou no meio do jogo no C.E. Stuart Angel. Eu já havia experimentado esse exercício dentro da sala de aula com o Ensino Médio antes das ocupações e percebi que, depois do jogo, em outras ocasiões, muita gente reproduzia o nome com movimento e até mesmo a característica da pessoa, como se fosse uma marca inicial de cada um. Isso se repetiu nas ocupações.

## 2) *Quem iniciou o movimento? – Viola Spolin.*

DESCRIÇÃO: Os jogadores permanecem em círculo. Um jogador sai da sala enquanto os outros escolhem alguém para ser o líder, que inicia os movimentos. O jogador que saiu é chamado de volta, vai para o centro do círculo e tenta descobrir o iniciador dos momentos (mexendo as mãos, batendo os pés, balançando a cabeça etc.). O líder pode mudar de movimentos a qualquer momento, mesmo quando o jogador do centro estiver olhando para ele. Quando o jogador do centro descobrir o iniciado, dois outros jogadores são escolhidos para assumir seus lugares. (SPOLIN, 2008. A13).

Figura 8 - Jogo “quem iniciou o movimento?” com estudantes do C.E. Stuart Angel.



Fonte: Wagner Maia. 07/04/2016.

Apesar de a aula estar baseada sobretudo nas propostas pedagógicas e políticas de Augusto Boal, concluí que não haveria problema em buscar outras fontes que possibilitassem maior integração do grupo no processo da oficina e esse jogo costuma funcionar dentro da sala de aula com as turmas de Ensino Médio e também de Ensino Fundamental II.

### **3º momento) Jogos teatrais ligados ao universo das ocupações e questões sociais**

#### *1) Máquina de ritmos – Augusto Boal*

Um ator vai ao centro e imagina que é uma peça de uma engrenagem de uma máquina complexa. Faz um movimento com seu corpo, rítmico, e, ao mesmo tempo, o som que essa peça da máquina deve reproduzir. Os outros atores prestam atenção, em círculo, ao redor da máquina. Um segundo ator se levanta e, com o seu corpo, acrescenta uma segunda peça à engrenagem, com outro som e outro movimento, que sejam complementares e não idênticos. Um terceiro ator faz o mesmo, e um quarto, até que todo o grupo esteja integrado em uma só máquina, múltipla, complexa, harmônica (BOAL, 2015, p. 131).

Depois que os participantes entenderam o funcionamento do jogo, incluí temas como: Amor/Ódio/Esperança/Copa/Estado/Greve/O motivo de estar aqui.

Obs. 1: pedi para buscarem olhar o outro e construírem novos gestos, sons, tempos e intensidades;

Obs. 2: pedi para um estudante sair e olhar a imagem. Lancei as seguintes perguntas: “de fora, o que você vê?” e “o que gostaria de ver quando pensa nesses temas?”.

Figura 9 - Jogo de Imagem no C.E. Salim Miguel. Momento em que os estudantes reproduziram imagens corporais que retratavam o calor nas salas de aula superlotadas.



Fonte: Arquivo pessoal. 16/04/2016.

## 2) *Jogo de imagem – Inspirado em jogos do Teatro-Imagem de Augusto Boal*

Ao explicar a base da técnica do *Teatro-Imagem*, Boal (2015) argumenta que palavras e imagens podem ser complementares, porém uma não pode substituir a outra e as duas são interessantes de exercitar. Ao trabalhar com imagens, ele argumenta que o interessante é não tentar entender o significado de cada uma, “mas sim sentir as imagens e utilizar nossa memória e poder de imaginação” (BOAL, 2015, p. 215).

O método do Teatro do Oprimido, principalmente o exercício do Teatro-Imagem, é baseado no reflexo múltiplo do olhar do outro. Várias pessoas olham uma imagem e expressam os sentimentos e representações que foram desencadeados por conta dela. Essa reflexão intensa pode revelar os significados escondidos da imagem à pessoa que a criou. Fica a cargo do protagonista, ou seja, aquele que criou a imagem, decidir o que quer levar para si desse processo. (BOAL, 2015, p. 216).

Nesse sentido, o objetivo foi trabalhar com imagens corporais e imagens materiais que depois passariam para o corpo.

2.1) Completar a imagem: Esse jogo é interessante, porque introduz a temática do corpo como imagem e da interpretação coletiva do que esse corpo representa a partir do olhar de cada indivíduo.

Dois atores cumprimentam-se, apertando-se as mãos. Congela-se a imagem. Pede-se ao grupo que diga quais os possíveis significados que a imagem pode ter: é um encontro de negócios, amantes partindo para sempre, um negociante de drogas etc.? [...] Um dos atores da dupla sai, e o diretor pergunta à plateia os significados possíveis da imagem que resta, agora solitária. O diretor convida o ator que desejar a entrar na imagem em outra posição – o primeiro continua imóvel – dando-lhe outro significado. Depois daí o primeiro ator e um quarto entra na imagem; sempre sai um, fica outro, entra o seguinte. Depois dessa demonstração, todos se juntam em pares e começam com uma imagem de aperto de mãos (BOAL, 2015, p. 176).

O exercício desenvolveu-se em duplas e com todos ao mesmo tempo. Foi possível, durante o jogo, perguntar se eles estavam atentos às imagens que os próprios corpos estavam produzindo e provocá-los à reflexão a partir da ação.

2.2) Relacionar-se com imagens históricas: Após a dinâmica anterior, espalhei diversas imagens pelo espaço e pedi para os participantes observarem. Depois pedi que parassem diante da que mais chamou atenção e reproduzissem individualmente com o corpo o que viam. Repeti essa dinâmica de três a cinco vezes.

2.3) Juntar em grupos: Cada grupo escolheu uma imagem e a reproduziu com seus corpos. O observador tinha que descrever o que via e, dessa forma, todos debatiam sobre as situações possíveis que essas imagens corporais produziam.

2.4) Fazer o antes e o depois: Solicitei que produzissem mais duas imagens coletivas que demonstrassem como seria a imagem antes da situação apresentada e depois. Ao fim, pedi que os grupos se apresentassem na ordem das imagens 1, 2, e 3, ou seja, antes, durante e depois.

Figura 10 - Construção de imagens corporais em grupo no C.E. Stuart Angel. Dentre os participantes, estudantes, professores e simpatizantes.

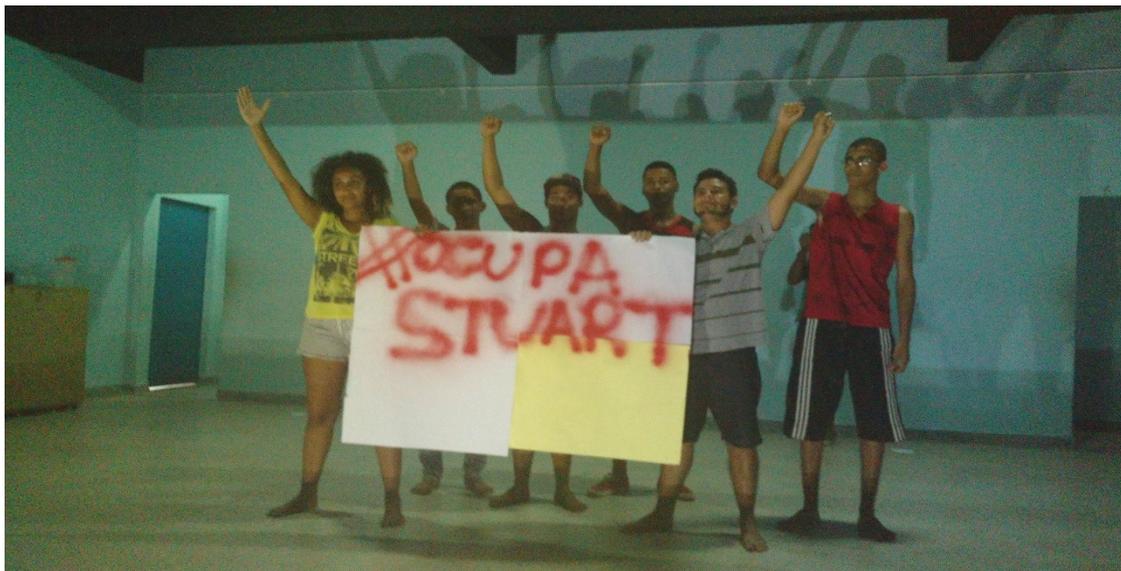


Fonte: Foto do Wagner Maia. 07/04/2016.

#### **4º momento) Improvisação**

- 1) *Improvisação com imagens*: A partir das imagens apresentadas e da interpretação do público, os grupos criaram uma improvisação. Expliquei que seria importante definir o início, meio e fim daquela história que eles contariam e disse que era possível usar palavra, gesto, som... o que fosse necessário para a apresentação.

Figura 11 - Improvisação em grupo no C.E. Stuart Angel. Aproveitando o cartaz produzido por outros estudantes, fizeram uma cena sobre a relação entre os ocupantes e aqueles que eram contra a ocupação.



Fonte: Foto do Wagner Maia. 07/04/2016.

### **5º momento) Conversa final**

Debate sobre o encontro e o material que produzimos. Fiz a intermediação dos debates que surgiam e buscamos fazer conexões entre o que foi experimentado e os temas que surgiram como mais urgentes para que fosse possível pensar sobre eles com mais aprofundamento dentro da própria ocupação.

Já no CIEP 302, que é localizado em Angra dos Reis, foi possível pensar em uma dinâmica diferente, mesmo tendo também Augusto Boal como principal inspiração. O fato de conhecer a maioria dos ocupantes, seja por conta das manifestações, por debates na cidade, ou por serem meus alunos do segundo ano do Ensino Médio, ou seja, por ter mais proximidade comparado aos estudantes da Zona Oeste do Rio de Janeiro e entender de perto as demandas

urgentes dos ocupantes angrenses, pensei que naquele espaço seria interessante propor jogos teatrais que trabalhassem ainda mais o exercício do olhar e da escuta dentro da escola.

### **1º momento) Roda de conversa**

A mesma dinâmica inicial proposta nos encontros na Zona Oeste.

### **2º momento) Jogos de aquecimento e integração**

Figura 12 - Jogo de aquecimento “Quem iniciou o movimento?” no CIEP 302, Angra dos Reis.



Fonte: Foto do Tiago Lopes. 04/2016.

1) *Quem Iniciou o movimento?*

2) *Jogo do Monstro*

Esse jogo foi passado por um amigo, que é ator e também professor formado em Licenciatura em Teatro na UNIRIO, Phellipe Azevedo. Apesar de não ter certeza se Augusto Boal

é a fonte, o jogo trabalha o som e a imagem, explorando, portanto, elementos que o autor considera importantes.

O jogo funcionou da seguinte maneira: um estudante voluntário se sentou em uma cadeira no centro da roda. Pedi para todos o amarrarem com vários panos. Depois, pedi a outro voluntário para ser o monstro. O monstro vendou os olhos e o objetivo dele era proteger a sua presa (estudante amarrado). O objetivo dos demais era desamarrar quem estava preso. Se o monstro encostasse em alguém, essa pessoa saía do jogo. Era estabelecido um tempo limite para isso acontecer, caso o monstro não conseguisse tocar em todos. Como muitos queriam ser os monstros, resolvi acrescentar três monstros para uma presa.

Figura 13 - Jogo do Monstro na quadra do CIEP 302, onde aconteceu a oficina. Na arquibancada, alguns professores e estudantes que queriam apenas observar.



Fonte: Foto do Tiago Lopes. 04/2016.

### **3º momento) Jogo com jornais**

#### *1) Lendo Jornais: Jogo de Augusto Boal*

Cada ator lê uma página de jornal em voz alta. O diretor diz: “já!”; todos põem os jornais no chão e pisam nele. O diretor diz quem deve mudar de jornal: “os

que estiverem com uma caminha branca, ou tenham cabelos pretos, ou estiverem usando óculos etc.”. e todos seguem rapidamente a instrução, trocando de jornais – o diretor retira um dos jornais a cada vez e um dos atores ficará de fora (BOAL, 2015, p. 121-122).

Esse jogo foi importante para descobrirmos o que eles tinham em comum. Percebi que eles passaram a se observar mais e, aos que iam saindo do jogo, eu pedia para proporem algum comando.

- 2) *Debate sobre as notícias*: Quando restou apenas uma pessoa jogando, nós começamos a refletir sobre as notícias lidas, as relações das notícias de jornal com o contexto da escola e das ocupações. Aproveitamos o momento para também conversar sobre os jogos experimentados até ali.

#### **4º momento) Explorando sensações na escola**

- 1) *Explorando o espaço da escola* – Inspirado no jogo “Viagem Imaginária” de Augusto Boal

O jogo de Boal (2015) propõe que um jogador seja guiado de olhos vendados por outro. O segundo jogador guia o primeiro a uma viagem. Ele diz que o “cego” precisa “ser conduzido pelo seu ‘guia’ através de uma série de obstáculos reais ou imaginários, como se os dois estivessem em uma floresta, em um supermercado, na Lua, no deserto do Saara ou em outro cenário real ou imaginário que o guia tenha em mente” (BOAL, 2015, p. 152). No entanto, resolvi apenas me inspirar nessa proposta e desenvolver um jogo com estudantes em que eles pudessem através de vários sentidos sentir a escola sem olhar para ela. Para isso, dividi o grupo em duplas e elas decidiam quem era o número um e o dois. O número um ficava de olhos vendados e o número dois guiava o primeiro pela escola. O jogo, portanto, tinha o objetivo de explorar os sentidos (tato, olfato, audição) reconstruindo as relações que eram experimentadas por eles dentro desse espaço. Nesse movimento, eles podiam explorar memórias já vividas. Depois de um tempo, eu propus a troca entre quem guiava e quem era guiado. No fim do jogo, fizemos uma conversa rápida sobre as sensações e o que as duplas tiveram de experiências

comuns e diferenciadas. Ouvir dos estudantes que eles se sentiram em outro lugar, um lugar mais aberto do que a escola, chamou minha atenção.

### **5º momento) Improvisação por imagens**

*Conversa individual/coletiva:* debate sobre momentos marcantes na escola<sup>19</sup>. Primeiro dividi o grupo em duplas, que conversaram sobre uma situação já vivenciada na escola que marcou cada um. Em seguida, solicitei que selecionassem uma das duas situações que considerassem mais urgente a ser abordada em cena, mas sinalizava que eles não podiam dizer quem era o dono dessa história para ninguém, ou seja, a partir daquele momento, a história era dos dois. Depois, pedi que se juntassem com outra dupla e fizessem o mesmo movimento: contariam sua história e ouviriam a da outra dupla. Os quatro decidiriam qual era a mais urgente. Esse movimento foi feito até chegar a um grupo de no máximo oito pessoas.

- 1) Imagem em grupos: solicitei que cada grupo desenvolvesse uma imagem corporal da situação selecionada e os que assistissem debatessem sobre as possíveis situações que estavam abordando.
- 2) Improvisação: a partir da imagem eles propuseram uma improvisação onde em algum momento eles tinham que passar pela imagem construída anteriormente. Primeiro faziam sem fala e depois, se fosse necessário, incluíam falas.

### **6º momento) Conversa final**

Roda de conversa sobre a experiência vivida pelos ocupantes, tanto na oficina, quanto dentro da própria escola.

---

19 Essa dinâmica foi experimentada por mim quando participei da formação de coringas do Teatro do Oprimido na UNIRIO em 2010.

### 2.3 ESCOLA VIVA: REFLEXÕES SOBRE OS ENCONTROS NAS OCUPAÇÕES

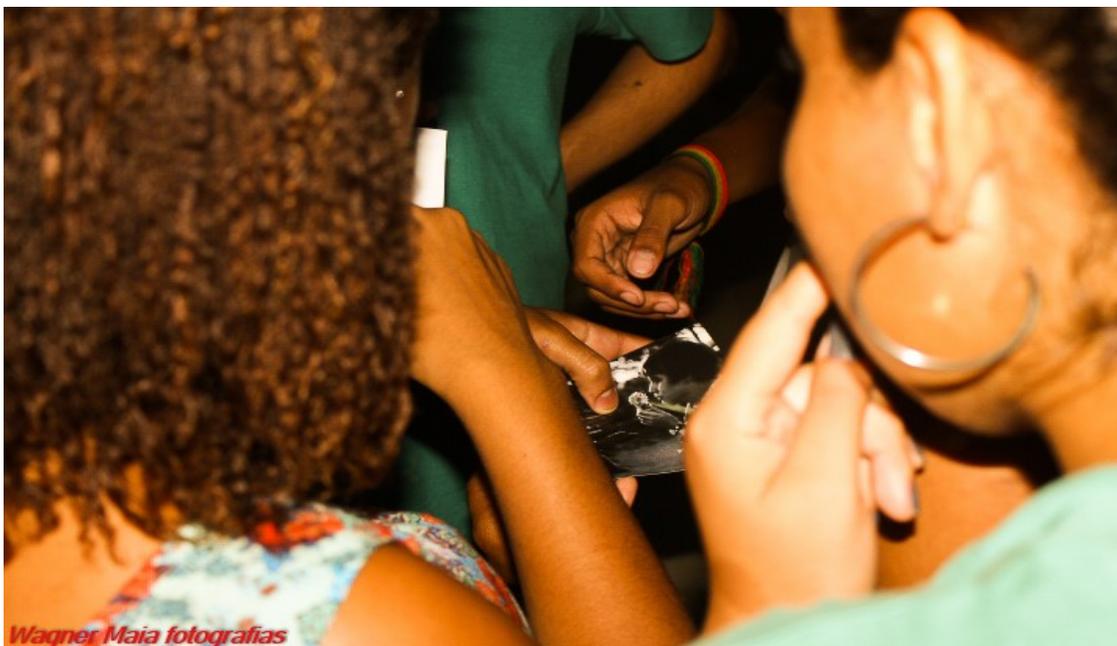
Quando entrei no C.E. Stuart Angel, era o primeiro dia de ocupação. Os estudantes tentavam entender como se organizar da melhor maneira e se dividiam em comissões. Alguns professores de dentro e de fora estavam na escola para ajudá-los nas demandas urgentes. A todo momento apareciam novas pessoas curiosas para saber do que se tratava a ocupação, ou mesmo para somar àquela luta. Fui recebida por professores do colégio e alguns estudantes, que me mostraram toda a infraestrutura. Lá havia um auditório e alguns estudantes relataram que eles tinham oficinas gratuitas de teatro com um professor que se voluntariava durante o período em que as aulas funcionavam regularmente. Foi importante saber inicialmente que alguns já tinham contato com o teatro e estavam familiarizados com aquele espaço.

Nesse encontro convidei estudantes e professores que estavam na ocupação naquele momento e se interessavam em fazer teatro. Foi importante ver os dois grupos (secundaristas e professores) atuando juntos nos jogos e improvisações e, além disso, também ver jovens de anos de escolaridade diferentes se integrando nas atividades propostas. Em alguns momentos a oficina era interrompida por visitantes, que muitas vezes ficavam na plateia interessados em assistir, mas não em fazer. Apesar disso, os participantes da aula estavam concentrados favorecendo o prosseguimento do encontro e encorajando alguns que estavam na plateia a participarem.

No momento inicial, quando fizemos o acordo de como seria aquele dia de teatro, muitos disseram que queriam descontraír, expressar suas angústias por meio da arte e se interessaram em pensar o teatro como “arma”. Lembro que no encerramento do encontro no C.E. Stuart Angel um estudante disse que aquele dia mostrou para ele que outras relações poderiam ser construídas na escola e relatou que na fila do almoço nunca se deu bem com os mais velhos, porque eles queriam sempre estar na frente dos mais novos quando a escola estava funcionando habitualmente, mas naquele momento ele estava compartilhando o mesmo espaço com o pessoal dos anos à frente sem problema nenhum. Disse, ainda, que só estava acostumado a ver de longe algumas daquelas pessoas, mas não as conhecia propriamente e o teatro havia sido importante para provocar essa aproximação.

Percebi que as improvisações a partir das imagens, após construir uma pequena partitura coletiva do “antes, durante e depois” funcionava com eles, mesmo muitos tendo contato com o teatro pela primeira vez. Eles se colocavam em cena de forma espontânea e tinham domínio dos temas abordados. É importante ressaltar que as imagens que apresentei para eles se espelharam eram muito diferentes entre si, porém eles acabaram fazendo conexões entre elas e a escola. Muitas demonstravam algum tipo de opressão, seja em relação à classe social, relação professor e aluno, racismo e lgbtfobia. Outras mostravam mobilizações sociais, como a dos ocupantes de São Paulo durante as ocupações e a tradicional imagem de uma jovem de 17 anos que enfrentou os soldados americanos da Guarda Nacional, em 1967 durante um protesto anti-Vietnã.

Figura 14 - Momento de montagem de imagens a partir de fotografias no C.E. Stuart Angel.



Fonte: Foto do Wagner Maia. 07/04/2016

No C.E. Stuart Angel, quando os vi em cena, sobretudo no momento em que os estudantes tinham acabado de tomar o domínio da escola, relembrei o sentido de estar naquele espaço trabalhando com a arte teatral. O teatro possibilitou maior aproximação entre eles e os

temas que queriam refletir, seus corpos, a escola e as ideologias. Em cena, tinham propriedade do que queriam falar e a energia que jogavam no palco fazia com que quem estivesse assistindo tivesse vontade de dialogar sobre o que foi abordado. Foi importante, portanto, experimentar o teatro logo no primeiro dia da ocupação do Stuart. Foi justamente nesse momento que comecei a me perguntar se não seria interessante pensar de maneira mais aprofundada na importância de ter sempre cartas na manga para, por meio do teatro, desenvolver com eles encontros onde o olhar sensível pudesse estar à frente dentro da escola sem nenhum impedimento.

Já no C.E. Salim Miguel eu tive um pouco mais de dificuldade de realizar a oficina. A ocupação já durava cerca de três semanas e os estudantes pareciam um pouco desgastados. Não havia muitos alunos na escola quando comecei a dinâmica e muitos deles tinham acabado de arrumar todo o espaço e não tinham interesse em fazer uma atividade prática. Além disso, não queriam ficar nas salas de aula e não havia um espaço destinado às atividades teatrais, como um auditório, ou uma sala vazia. Então, para que fosse possível adaptar a ideia de fazer teatro na ocupação, nos organizamos primeiramente na quadra e depois na frente do refeitório, logo na entrada da escola. Conversamos e disse que não precisava que todos participassem, apenas os que estavam interessados. Participaram da oficina oito estudantes e o encontro com eles rendeu bons debates, como o uso de uniforme nas escolas e o assédio contra as mulheres. Quando o encontro terminou, os que participaram pediram para que eu voltasse em uma ocasião em que mais estudantes estivessem presentes, porque eles queriam debater sobre mais assuntos e realizar novas dinâmicas naquele espaço. Porém, com as outras demandas da greve e das ocupações de Angra dos Reis, não foi possível voltar para retomar as atividades em Bangu.

Considero essa ocasião fundamental para refletir sobre a importância de ter consciência da dinâmica de cada ocupação. O espaço é de luta e os estudantes estão interessados em novas experiências, porém também é um lugar instável que demanda muitas outras energias além da necessária para estudar conteúdos novos e fazer atividades práticas. Por isso, é importante conhecer melhor cada espaço onde será experimentado o teatro, ter contato com alguns estudantes anteriormente e entender quais são os dias, ou os momentos em que eles estão mais

disponíveis para terem aulas. Tenho certeza de que, se tivesse pensado nisso antes de chegar nessa ocupação, esse único encontro teria rendido ainda mais.

Considero, então, que as experiências com estudantes e escolas que não conhecia somadas à experiência com estudantes mais próximos, como aconteceu em Angra dos Reis, foram fundamentais para entender a primeira conclusão que tive dentro dessa pesquisa: é importante desenvolver um teatro dentro das ocupações onde existam relações para além de um dia de experimentações, seja por ter contato com os secundaristas em outras ocasiões, ou mesmo por poder explorar a prática teatral mais vezes naquele lugar. Apesar de, assim como em Bangu e em Senador Camará, ter desenvolvido em Angra a oficina em apenas um dia e mantido a minha proposta inicial de planejamento, senti que ali, por conhecer os jovens e as demandas mais urgentes deles (como a necessidade de explorar outros tipos de sensações e ter um momento de descontração na ocupação), pude ter mais retorno em relação ao que foi pensado e desenvolvido ao longo da aula. Ou seja, percebi que os debates sobre os jogos e as cenas construídas tiveram mais aprofundamento e a relação de confiança entre todos os participantes permitiu que muitos secundaristas relatassem vivências positivas e negativas dentro do ambiente escolar e pensassem sobre elas a fim de buscarem soluções para algumas demandas específicas. Lembro que o estudante Marlon Gomes quis colocar em cena um momento que viveu com a professora de matemática no Ensino Fundamental. Ele disse que quando era mais novo tinha muita dificuldade de entender adição e subtração e descobriu que com palitinhos de dente ele conseguia resolver com facilidade os problemas. Um dia levou para a escola os palitinhos e a professora, vendo que ele estava contando daquela maneira, expôs para a turma aquela ação e ele se sentiu diminuído diante dos colegas. Relatou que nos últimos tempos havia visto a professora e sentiu vontade de dizer o quanto ela o marcou negativamente em relação às experiências com a matemática dentro da instituição escolar.

Além dessa situação lembrada por esse estudante, houve debate sobre a hora de entrada e saída e a dificuldade dos estudantes de chegarem cedo na escola por dependerem de uma única empresa de ônibus existente na cidade, que tem um horário irregular. Uma professora que estava na plateia disse o quanto era difícil começar uma aula com os estudantes chegando aos poucos e,

em contrapartida, os secundaristas relataram também a dificuldade constante de deslocamento. Acredito que desenvolvemos um encontro produtivo tanto para mim quanto para outros professores que observavam as oficinas e os próprios estudantes de todas as escolas. No entanto, penso que se continuasse desenvolvendo essa prática teatral dentro de uma ocupação específica, mais debates como os citados anteriormente teriam se aprofundado e a experiência com o teatro teria mais densidade.

#### 2.4 DIÁLOGOS ENTRE AS EXPERIÊNCIAS: “AULA JÁ É UM ATO POLÍTICO”<sup>20</sup>

Durante a pesquisa pude conversar com duas professoras que participaram das ocupações em 2016: Daniela Abreu, que já era professora de Artes da Rede Estadual em Magé desde 2006 e era referência de militância dentro da cidade, por já ter participado da diretoria do Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação (SEPE), por travar embates históricos relacionados à educação naquela região e por ser militante do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL); e Nicolle Longobardi, que na época das ocupações estava cursando Licenciatura em Teatro pela UNIRIO e, quando conversamos em 2019, estava no processo de desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso que tinha como tema a ocupação do Colégio Estadual Pandiá Calógeras, em São Gonçalo, local onde estava mais próxima durante aquele período. Diferente da Daniela, a Nicolle relata uma experiência de quem vem de fora do espaço escolar. Em 2015 ela havia desenvolvido uma oficina fora da escola com alguns estudantes do Pandiá e, a partir das experiências em cena, eles começaram a pensar na construção de um grêmio que foi eleito naquele mesmo ano e teve forte atuação durante a ocupação no ano seguinte. O grupo de estudantes mais próximo dela a convidou para participar das ocupações.

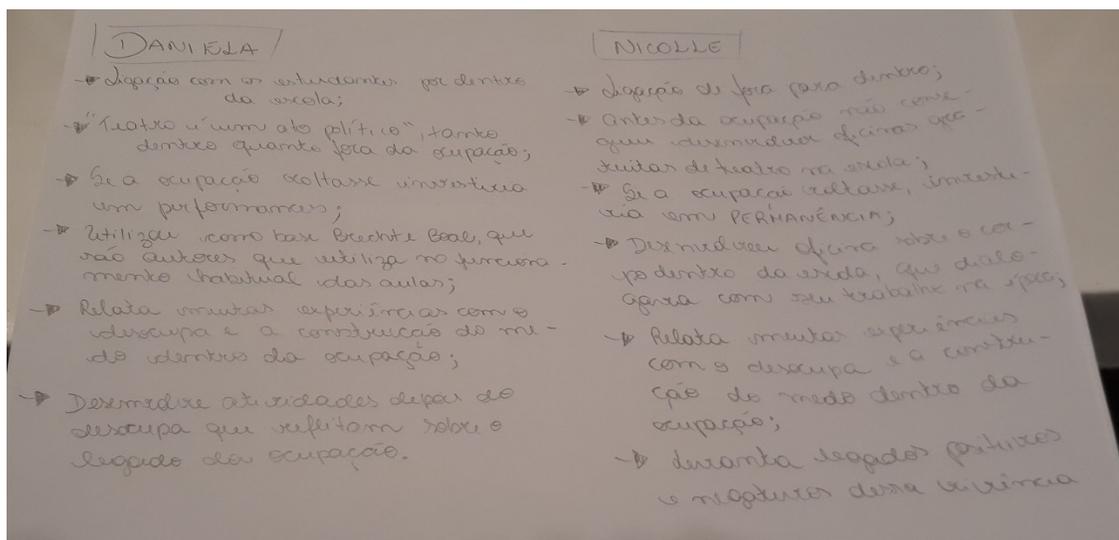
Nicolle – Como dizer? Eu estive muito próxima deles por conta do grêmio, que surgiu a partir das aulas de teatro. Eu sempre acompanhei cada passo do grêmio. Eles sempre perguntavam o que eu achava, sabe? E a gente já estava tentando fazer com que eu conseguisse dar aula de teatro dentro da escola em 2016, mas a

---

20 Frase da Daniela Abreu, professora entrevistada.

mesma direção ainda se mantinha resistente, só que era uma pauta do grêmio ter um teatro. Tentaram fazer uma rádio dentro da escola também, mas não vingou por conta da direção e depois tentaram colocar o teatro. Eles estavam tentando, inclusive, levar uma apresentação e nem isso eles estavam conseguindo. Então, a partir do momento que ocupa é: “bora!”. Então eu fiz a oficina “corpo e território”. Meu grupo apresentou a nossa peça também.<sup>21</sup>

Figura 15 - Resumo pessoal das conversas produzidas com as professoras entrevistadas.



A partir das conversas com as professoras, pude refletir sobre pontos que dialogaram com a minha experiência dentro das ocupações. Palavras como: medo, permanência, Boal, corpo, legado da ocupação, autonomia, horizontalidade, teatro por interesse e teatro por obrigação me chamaram atenção, porque apareciam constantemente em nossos relatos.

Apesar de começar a planejar encontros teatrais que fossem maleáveis, tinha consciência de que trabalhar com jogos de Imagem, Som e Palavra, ou os três juntos, como sugere a metodologia do *Teatro do Oprimido*, seria um caminho com possibilidades mais positivas que negativas em relação à recepção dos ocupantes, visto que já havia experimentado os jogos de Augusto Boal em outros contextos e percebia que as propostas interessavam aos estudantes, ainda que de maneiras diferenciadas. No entanto, me perguntei muitas vezes se não estaria indo para

um lugar comum e buscando o óbvio, ou seja, se estaria apenas fazendo mais do que eu já sempre fiz. Questionei por que não trabalhar com uma proposta de oficina mais ligada a um teatro físico, ou mais voltada para um teatro de rua, ou então que trabalhasse mais com a ideia de performances, já que elas me pareciam também dialogar bastante com aquele contexto dentro e fora da escola durante as manifestações.

Essas dúvidas surgiram antes, durante e depois das ocupações. Quando cheguei no Encontro Nacional de Professores de Artes Cênicas na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) em 2017<sup>22</sup>, conversei com outros colegas de várias regiões do país sobre as nossas pesquisas e percebi o que já era previsível: muitos utilizavam Augusto Boal para diversas experiências teatrais ligadas, ou não, à militância e à escola. Comecei a refletir sobre o quanto até aquele momento eu podia estar engessando a proposta do autor, visto que estava considerando que trabalhar com sua metodologia dentro da escola ocupada era uma escolha “óbvia”, como se essa metodologia fosse simples e limitada. Percebi também que, mesmo se estivesse realmente engessada, quando planejava jogos do *Teatro do Oprimido*, a aula tinha efeitos que considero positivos. Imagem, Palavra e Som são usados em vários espaços e são bases para diversas propostas cênicas. Ou seja, a base do *Teatro do Oprimido*, que fortalece o *teatro-imagem*, o *teatro-fórum* e tantos outros, pode ser usada em outros tipos de teatro. Concluí naquele momento que no contexto da ocupação eu utilizava as ideias gerais de Augusto Boal e não especificamente os jogos do *Teatro do Oprimido*, ainda que tivesse muita referência. O essencial, portanto, era não esquecer o caráter ideológico da proposta do autor e a sua própria estética que teria como base a ideia de que todos são atores, que o teatro é uma vocação humana.

---

22 Encontro organizado pelo Grupo de Trabalho da Pedagogia das Artes Cênicas da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas (Abrace), em parceria com o Centro de Artes (CEART) da UDESC, com o tema: “O Ensino das Artes Cênicas nos tempos do cólera: desafios e resistência”. Considero esse encontro fundamental para a formação dos vários docentes brasileiros que, nessa ocasião, puderam compartilhar experiências e reflexões sobre suas ações cotidianas. Dessa maneira, não me senti sozinha e percebi que era fundamental seguir com a pesquisa sobre as ocupações e aprofundar minha relação entre a sala de aula e os estudos teóricos a que tive acesso durante a pesquisa.

Tabela I – Conectando olhares pedagógicos das professoras Daniela Abreu e Nicolle Longobardi

<b>DANIELA</b>	<b>NICOLLE</b>
<i>Ligação com os estudantes</i>	
Por dentro da escola;	Por fora da escola;
<i>Antes da ocupação</i>	
Já considerava o teatro um ato político em suas aulas e continuou a considerar e a trabalhar a partir dessa ideia durante as ocupações;	Não conseguiu desenvolver oficinas gratuitas dentro escola antes da ocupação. Por fora, ajudou alguns estudantes, através das aulas de teatro, a construírem o grêmio estudantil;
<i>Se a ocupação voltasse</i>	
Investiria em performances;	Investiria em permanência;
<i>A oficina na ocupação</i>	
Utilizou como base Bertolt Brecht e Augusto Boal, que são autores que também utiliza no funcionamento regular das aulas na escola;	Partiu da temática “corpo e território”, que dialogava com o seu trabalho artístico na época;
<i>Experiências negativas</i>	
Relata muitas experiências com o desocupa e a construção do medo dentro da ocupação;	Relata muitas experiências com o desocupa e a construção do medo dentro da ocupação;
<i>Pós-ocupa</i>	
Desenvolveu algumas atividades depois da desocupação em sala de aula, que refletiam sobre o legado daquele movimento político.	Como legado, em conjunto com estudantes e demais artistas mais próximos e envolvidos com as ocupações, construiu o espetáculo teatral: “Sala Cinza”.

Conectando a minha experiência às experiências das professoras Daniela e Nicolle, pude observar alguns pontos em comum e outros divergentes. Daniela, por exemplo, assim como eu, utilizou Augusto Boal e também Bertolt Brecht em seu planejamento. Disse que já utilizava essas referências no funcionamento regular da escola e considerou que ali também seria interessante trabalhar a partir dessas perspectivas.

Daniela – A aula já é um ato político, mas a ocupação é um ato político assumidamente político. A aula é um ato político que muitos tentam dizer que não, que tem que ser neutro e tal. Então quando você tem uma escolha de trabalhar Boal, Brecht, que fazem um corte de um teatro político, um teatro social, um teatro do oprimido... você está escolhendo falar das questões sociais e às vezes você tem barreiras para trabalhar com isso. Não é uma coisa simples [...]. Quando você já está em uma ocupação quem se propõe a permanecer nessa ocupação, a estar nessa aula de teatro nessa ocupação, já espera que esse teatro seja político. Então já traz qualquer tema que debate as questões da sociedade, de opressão, os debates serão muito ricos, porque normalmente quando eu entro nos processos de debate sobre opressão é um encantamento, porque é revelador.<sup>23</sup>

Além disso, a professora ressalta a importância de refletir a respeito da escola pública e sobre quem estamos formando dentro dela: a classe trabalhadora. A relação com a arte, dessa maneira, é tratada de forma diferenciada.

Daniela – existe uma estética de teatro que é para a classe trabalhadora e ela vai ser diferente de um teatro para a classe dominante, por isso que eu vou trabalhar com aqueles que já debatem isso, né? Boal, Brecht... não estou inventando a pólvora, pelo contrário, estou bebendo em coisas que já existem. Mas eu tento trabalhar uma mistura disso tudo trazendo muito Paulo Freire também e a compreensão que cada espaço tem suas especificidades, tem suas demandas, suas características [...]. O teatro para a classe trabalhadora para mim é uma arma desde já. Eu não quero armar a burguesia.... quero que a burguesia tome consciência dos seus erros, eu quero desarmá-la.<sup>24</sup>

Portanto, para pensar o teatro dentro de uma escola que forma a classe trabalhadora é fundamental não se abster desse debate a respeito do quanto o teatro precisa ter por base uma

---

23 Entrevista em 27/12/2019.

24 Entrevista em 27/12/2019.

consciência e construção estética politizada. Quero dizer que todo tipo de teatro pode caber dentro de uma ocupação, visto que teatro é uma arte que desenvolve a expressão do indivíduo e isso era uma das buscas dos secundaristas durante o movimento. No entanto, ao desenvolver um teatro que busque um diálogo com as demandas e o próprio contexto político dos estudantes inseridos naquele espaço, é interessante fazer escolhas que tenham como foco a classe trabalhadora. Isso não quer dizer, porém, que o teatro dentro do espaço ocupado tenha que falar apenas das lutas imediatas dos estudantes, mas trabalhar de forma sensível a construção desse indivíduo e dos seus ideais. Muitos debates sobre a questão LGBTQI+, a negritude e a liberdade da mulher foram recorrentes dentro desses espaços e eles partem de um lugar sensível, que é a percepção de si e do outro no mundo. Dessa maneira, o teatro pode ser um elemento importante no processo de construção de novas formas de se perceber e perceber o outro, para além das pautas específicas da educação.

Nicolle – É porque a gente se adequou ao esquema de organização que eles estavam fazendo, que era uma coisa pontual e esporádica. A questão é que a gente se adequou. A gente estava tentando naquele momento – sendo boazinha comigo e com você – porque a gente não queria dizer a eles o que fazer e sim aderir ao que eles estavam propondo. E esse é o ponto que faz a gente ter ido uma vez só.<sup>25</sup>

É importante ressaltar que, como cita a Nicolle, encontramos algumas dificuldades pessoais para desenvolver essas oficinas: primeiramente, porque era um espaço ocupado pelos estudantes e nós tentávamos entender de que maneiras poderíamos contribuir sem afetar a ideia de protagonismo dos estudantes. Por isso, houve muita dúvida de como estar no espaço e contribuir. Daniela também relata a mesma questão:

Daniela – [...] o tempo todo tinha uma delicadeza para não parecer que a gente queria impor alguma coisa. A gente eu digo os professores de uma forma geral. E aí eu tentei propor o mínimo possível, mas hoje eu acho que isso foi um erro... um erro para a ocupação como um todo. Acho que os professores tinham que ter proposto mais. Era um apelo deles no momento de ocupar que se tornasse uma escola viva, que se tomasse uma liberdade maior de atuação e tem que ser a atuação da comunidade escolar e não só dos estudantes. Só que muitos professores, com medo de serem acusados até pelos próprios alunos, preferiram ficar mais para servir às necessidades deles, mas hoje eu acho, por exemplo, que a performance seria uma atividade legal.<sup>26</sup>

25 Entrevista em 27/11/2019.

26 Entrevista em 27/12/2019.

Além disso, eram encontradas dificuldades para manter as oficinas, visto que a atuação do movimento de desocupação foi muito forte e afetou diretamente todas as atividades desenvolvidas dentro do espaço ocupado. Daniela relata que todo dia havia um problema para manter uma oficina, até mesmo com uma pessoa que viesse de longe para desenvolver o trabalho. Segundo Nicolle, ocupantes com quem ela tinha mais proximidade não participaram de muitas oficinas, porque estavam no “front de batalha” e tinham demandas urgentes de organização do espaço.

Carol – Se ocupassem uma escola de novo e você fosse chamada para dar uma oficina de teatro nas ocupações... o que você faria? Qual seria a proposta para entrar em uma ocupação?

Nicolle – Talvez usasse essa [a que já havia usado chamada “corpo e território” inspirada no espetáculo que havia produzido com o grupo dela que questionava o corpo na cidade e o corpo na escola] como ponto de partida para entrar e em outra coisa depois. Mas eu já teria a experiência de ter passado por uma ocupação, então eu pensaria em permanência, sabe?

Carol – Mais tempo, né? Uma oficina lá dentro.

Nicolle – Sim! Que se mantenha ali dentro, mas também que pense a permanência daquela experiência que eles estão vivendo ali dentro. Como isso permanece quando isso acabar? Eu acho que faltou pensar isso radicalmente com eles: “isso aqui vai acabar... a outra escola vai voltar ou aqui vai ser um espaço outro a partir dessa vivência?” Enfim, pensaria nisso basicamente.<sup>27</sup>

Tanto Daniela quanto Nicolle relatam as dificuldades enfrentadas depois do período de ocupação. Daniela tentou com alguns professores que acompanharam as ocupações trabalhar o legado daquele momento, mas não tiveram muito sucesso, porque houve perseguição aos estudantes.

Daniela – Eles não tiveram pernas de organizar o grêmio, foi uma coisa meio difícil, porque eles eram muito bombardeados e já no ano seguinte eu e alguns professores começamos tentando fortalecer-los pensando qual é o legado que a ocupação traz. A ocupação veio trazer vários debates dessa escola viva, dessa escola que tem que ser mais democrática, dessa escola que tem que caber o gay, a lésbica... uma das propostas deles era o banheiro LGBT, que não conquistaram, mas era uma luta legal. E um respeito, porque era uma escola homofóbica que vinha aumentando seu caráter cristão e um cristão quase fundamentalista. Isso levava às vezes quem era gay ou lésbica a não se assumir,

mas dessa vez eles chegaram no protagonismo, inclusive na minha aula. Quase todas as turmas... mesmo quem não estava na ocupação em si. Mesmo até quem estava no desocupa acabou entrando nesse debate na questão da homofobia, que foi um dos pontos mais fortes. A homofobia e o machismo.<sup>28</sup>

Nicolle relatou que uma das estudantes entrou em um processo difícil psicologicamente, porque ela ainda teria que terminar o terceiro ano no ano seguinte e alguns colegas e professores ainda a intimidavam por conta da ocupação.

Nicolle –Ela teve realmente uma questão psicológica pós-traumática, quase um pós-guerra, sabe? E ela até hoje está se curando da depressão, ansiedade, ela tem picos. Hoje ela faz história na UFRJ [...]por mais que a ocupação tenha sido uma experiência foda, o contexto político do país foi horrível depois. E foi ladeira abaixo... muito ladeira abaixo tendo em vista o que estamos vivendo hoje em dia.<sup>29</sup>

Apesar de todos os impasses vividos durante e depois das ocupações, ambas relatam momentos positivos dentro daqueles espaços. Perguntei para a Nicolle se ela conseguiria trabalhar da mesma maneira dentro da escola regular e ela me respondeu inicialmente que não, mas depois afirmou que sim.

Nicolle – Não, porque uma coisa é o corpo na escola ocupada, outra coisa completamente diferente é o corpo na escola desocupada. Claro... as minhas vivências nas ocupações podem me alimentar para fazer da escola um outro lugar, mas existe algo muito acima de mim que é a instituição, que é a mão do Estado, que é a escola que não é feita ainda pelo estudante. Então, eu acredito que por mais que eu tente, ainda vai ser a escola desocupada. Mas o que fica na escola que desocupou da escola ocupada, né? Quais são os resquícios? É essa possibilidade de fazer da escola momentos de outro lugar. Eu acho que no teatro mais que nas outras disciplinas isso é possível pelo fato de a gente pode criar um outro universo ali dentro. Sair dali estando ali dentro. E nesse sentido eu digo para você que sim... pensando por aí vai ser parecida.<sup>30</sup>

Essa experiência de viver a ocupação como professora e depois refletir sobre a prática das demais profissionais que tiveram a mesma formação que eu durante a graduação me inspirou a pensar no que estou fazendo atualmente (entre os anos de 2019/2020) em sala de aula dentro da

---

28 Entrevista em 27/12/2019.

29 Entrevista em 27/11/2019.

30 Entrevista em 27/11/2019.

Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Muitas vezes pensei em desistir desse espaço, justamente por duvidar da potência do teatro dentro de uma instituição que a todo tempo tenta docilizar os corpos, que dificulta a formação pelo olhar sensível e desarticula ações pedagogicamente engajadas em um mundo melhor. No entanto, quando resgato na memória essas experiências vividas, penso que o principal a ser feito dentro da escola pode ser aproveitar esse encontro entre os estudantes e o teatro, “sair dali estando ali, fazer da escola momentos de um outro lugar”, como disse Nicolle.

## NOTA INTERMEDIÁRIA 1

*Então, por que insistir em continuar? Por que me forçar a falar de um tema que, agora, aqui na escola, parece que foi um devaneio coletivo muito distante das possibilidades que tenho hoje dentro do cotidiano? Tem hora que não dá mais para acreditar que uma outra escola é possível e isso fica mais forte quando você encontra estudantes e professores que estavam engajados em romper com uma lógica dominante adoecidos, sobretudo psiquicamente. “Às vezes cansa ter que fazer o impossível”, disse uma colega que decidiu abandonar a escola e construir uma escola livre de teatro, que circula em ruas e praças da Maré. Encaixar-se em brechas também dói. Às vezes as estruturas esmagam e a gente quase não consegue respirar. Além disso, quem abria as brechas com você também tem que seguir por outros espaços, construir novas realidades de luta em outros lugares. Mas, então, por que permanecer? Por que escolhi essa profissão e o espaço escolar para atuar como artista?*

*Conversei com a Daniela... ela tem sangue nos olhos, tem vontade, tem garra e acredita que tudo ainda pode mudar, mesmo vivendo no contexto em que vivemos. Não são poucas as mulheres que admiro por continuarem resistindo e acreditando em uma educação libertária dentro da instituição escolar.*

*Rio de Janeiro, 21 de novembro de 2019*

### 3 CAPÍTULO 2 – PRIMAVERA SECUNDARISTA: ARTE E OCUPAÇÃO ESTUDANTIL NO RIO DE JANEIRO

*Eu morreria feliz se eu visse o Brasil cheio, em seu tempo histórico, de marchas. Marcha dos que não têm escola, marcha dos reprovados, marcha dos que querem amar e não podem, marcha dos que recusam a uma obediência servil, marcha dos que se rebelam, marcha dos que querem ser e estão proibidos de ser. Eu acho que, afinal de contas, as marchas são andarilhagens históricas pelo mundo. (Paulo Freire)<sup>31</sup>*

Em 2016, durante a greve dos professores da Rede Estadual do Rio de Janeiro, os estudantes secundaristas decidiram ocupar suas escolas para exigir mudanças, como: mais tempos de Sociologia e Filosofia na grade curricular, eleição democrática para diretores, fim do SAERJ, melhor infraestrutura nas escolas, dentre outras propostas específicas em cada espaço escolar.

Essas mobilizações não eram um acaso, segundo os pesquisadores Angelina Rojas, Marcelo Mocarzel e Mary Rangel (2017). Para eles, as ocupações do Rio de Janeiro fizeram parte de um movimento maior e teriam se inspirado nas ocupações das escolas estaduais de São Paulo, que surgiram como resposta a uma “reorganização” escolar proposta pelo então governador Geraldo Alckmin em 2015. Essas mobilizações, por sua vez, tiveram como uma de suas inspirações a revolta dos estudantes do Chile em 2006<sup>32</sup>.

#### 3.1 “ACABOU A PAZ, MEXEU COM ESTUDANTE, MEXEU COM SATANÁS”<sup>33</sup> – A EXPERIÊNCIA DE SÃO PAULO

Em setembro de 2015, os estudantes secundaristas do Estado de São Paulo receberam a notícia, por meio de um anúncio em jornal, que suas escolas sofreriam um processo de

---

31 Essa referência é parte de uma entrevista que o educador brasileiro Paulo Freire concedeu em 17/04/1997, poucos dias antes de sua morte. Faz referência às mobilizações do Movimento dos Trabalhadores sem Terra.

32 Os estudantes secundaristas de São Paulo tiveram acesso a essa mobilização a partir do filme documentário *A Rebelião dos Pinguins*, de Carlos Prozanato (2007). PROZANATO, Carlos. *A Rebelião dos Pinguins*. 2007. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=kYzkDql56yw>>. Acesso em 21 de fev. 2020.

33 Palavra de ordem utilizada pelos estudantes durante o período de manifestações no Rio de Janeiro.

“reorganização”. A proposta surgiu durante o governo de Geraldo Alckmin e a intenção era dividir as escolas por ciclos (Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio). O argumento do Secretário de Educação Herman Voolward era de que dessa maneira as escolas estaduais poderiam ter como foco o investimento no Ensino Médio. No entanto, essa proposta gerava diversas consequências negativas para os estudantes, visto que muitos poderiam ser encaminhados para escolas distantes de suas casas, havia risco de fechamento de algumas unidades e, além disso, eles poderiam perder a ligação afetiva com os lugares onde estudavam.

Segundo os autores do livro *Escolas de Luta*, Antônia Campos, Jonas Medeiros e Márcio Ribeiro (2016), no dia seguinte ao anúncio, tiveram início, pelas redes sociais, as mobilizações contra a “reorganização”. Os autores mostram que uma das primeiras iniciativas dos estudantes de que se tem registro foi um evento no Facebook chamado *Luta pela Educação*. Os pesquisadores apontam que, inicialmente, o governador acreditou que a reação negativa dos estudantes teria acontecido apenas em um primeiro momento e que a população, quando compreendesse completamente a proposta, concordaria com a medida. No entanto, a comunidade escolar começou a avaliar mais profundamente as consequências dessa ação e percebeu que haveria possibilidade de superlotação nas salas de aula, fechamento de escolas, possibilidade de acabar com o ensino noturno em alguns lugares, dentre outros aspectos negativos.

Então, em resposta a essas propostas, começaram nas ruas as mobilizações estudantis. O documentário *Acabou a paz: isso aqui vai virar o Chile* (PROZANATO, 2016)<sup>34</sup> mostra como os secundaristas de São Paulo se organizaram durante esse processo. Inicialmente, eles decidiram ocupar as ruas, fazendo manifestações com o objetivo de chamar atenção do governador. Percebendo que não surtia o efeito esperado, começaram a buscar outras alternativas. Analisando esse primeiro momento, os autores de *Escolas de Luta* (2016) argumentam:

Se de um lado as manifestações de rua evidenciaram, acima de qualquer suspeita, que a mobilização dos estudantes contra a ‘reorganização’ não começou na primeira ocupação, por outro lado mostra a ineficácia da tática adotada, no sentido de que o governo estadual não moveu um milímetro sequer na sua intenção de reestruturar a rede estadual de ensino (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016, p. 53).

---

34 ACABOU A PAZ, isso aqui vai virar o Chile. Escolas ocupadas de SP. Direção de Carlos Proznato. São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LK9Ri2prfNw>> Acesso em 16 de mai. 2019.

Tendo acesso ao filme *Rebelião dos Pinguins* (PROZANATO, 2007), que retrata o processo de ocupação escolar dos estudantes secundaristas chilenos em 2006, e o manual do Coletivo O Mal Educado<sup>35</sup> intitulado *Como ocupar um colégio?*, que apresenta propostas de organização de uma ocupação estudantil, os secundaristas paulistas começaram a se mobilizar e ocupar suas escolas. Segundo notícia divulgada na *Revista Educação* por Lara Deus (2015), mais de 200 escolas foram ocupadas por todo o Estado.

**23 de setembro:** O plano de reorganização escolar foi anunciado em reportagem do jornal Folha de S. Paulo.

**7 de outubro:** O Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo divulga lista de 116 escolas que supostamente seriam fechadas. A Secretaria Estadual de Educação afirmava que dirigentes ainda estavam definindo mudanças.

**28 de outubro:** A Secretaria anuncia lista das 754 escolas que se tornariam de ciclo único em 2016. Também foram divulgados os nomes das 94 escolas fechadas, cujos prédios seriam repassados a outros órgãos.

**9 de novembro:** A Escola Estadual Diadema, na Grande São Paulo, foi a primeira ocupada pelos alunos.

**10 de novembro:** A Escola Estadual Fernão Dias Paes também é ocupada. Por ser localizada no bairro nobre de Pinheiros, na capital, o movimento ganha destaque na mídia e nas redes sociais.

**19 de novembro:** Em audiência de negociação, governo oferece suspender reorganização por 10 dias em troca da desocupação das escolas. Alunos não aceitam.

**23 de novembro:** Movimento se expande, somando 100 escolas ocupadas. [...]

**30 de novembro a 3 de dezembro:** Mais de 20 manifestações tomaram conta da capital paulista. Polícia Militar recebe críticas pela ação truculenta nos protestos. Segundo a própria organização, apenas neste período, 33 pessoas foram detidas.

**1 de dezembro:** Mais de 200 escolas estaduais estavam ocupadas. [...]

---

35 No livro *Escolas de Luta* (2016), os pesquisadores esclarecem que o Coletivo O Mal Educado teria surgido através da rede de contatos que o Movimento Passe Livre – SP gerou entre os estudantes que já tinham se mobilizado tanto em 2009 contra uma diretora de escola no bairro Rio Bonito, quanto em 2011 a partir da experiência da Poligremia, que foi a articulação entre grêmios desenvolvida durante os anos de 2010 e 2011. Esse manual se destina especificamente aos estudantes de São Paulo e foi produzido em 2015, justamente no período em que as ocupações estavam acontecendo naquele Estado. No entanto, também foi um dos suportes para alguns estudantes do Rio de Janeiro.

**4 de dezembro:** Instituto Datafolha constata queda na popularidade do governador Geraldo Alckmin. De fevereiro até a data, a porcentagem de pessoas que avaliavam o governo como ótimo ou bom foi de 38 a 28%. Os que consideravam ruim ou péssimo foi de 24 a 30%. Logo após, às 13 horas, o governador anunciou que adiará a reorganização e que o ano de 2016 seria de debate sobre a proposta. O secretário de educação Herman Voorwald renuncia ao cargo.

**5 de dezembro:** Governo publica no Diário Oficial a revogação do decreto que autorizava a transferência de funcionários e professores. Este decreto era o que permitia que houvesse a reorganização. Algumas escolas começam a ser desocupadas. [...]

**9 de dezembro:** Colégio Estadual José Carlos de Almeida, em Goiânia (GO), é ocupado contra o projeto do governo de entregar escolas a organizações sociais. Em uma semana, já são 21 escolas ocupadas no estado. [...] **17 de dezembro:** Decisão da Justiça de São Paulo reforça a suspensão da reorganização escolar para 2016. Comando das Escolas em Luta recomenda a desocupação das 57 escolas que ainda estavam com alunos (REVISTA EDUCAÇÃO, 2015).<sup>36</sup>

Nesse sentido, o processo de ocupação de São Paulo teve importância fundamental e foi fonte de referência para outras mobilizações que ocorreram logo após a primeira escola ocupada, tanto no Rio de Janeiro quanto em outros Estados do Brasil. Essa tática de luta teve diversos pontos de pauta em diferentes lugares. No entanto, é possível considerar algumas características comuns na maioria das escolas: a necessidade de melhorias no ensino público; o engajamento dos estudantes na militância; a relação horizontal entre os ocupantes; a presença de comissões específicas em cada espaço, como cozinha, segurança e atividades culturais; a autonomia dos estudantes nas decisões em relação aos caminhos a serem tomados em cada ocupação. Os pesquisadores Antônia Campos, Jonas Medeiros e Márcio Ribeiro (2016) entendem as ocupações como uma forma singular de luta:

Pessoas se dispõem a viver juntas em um determinado espaço por tempo indeterminado, tendo que se organizar diariamente e lidar com suas necessidades de infraestrutura, alimentação, higiene, atividades etc. para que a ocupação se mantenha viva e, portanto, para que o coletivo possa alcançar seu objetivo (neste caso, a derrubada da “reorganização escolar”). O comprometimento e a dedicação necessários, em comparação com a organização de um protesto de rua

---

36 DEUS, Lara. Entenda a evolução das ocupações de escola em São Paulo. Revista Educação, 2015. Disponível em <<https://www.revistaeducacao.com.br/entenda-a-evolucao-das-ocupacoes-de-escolas-em-sao-paulo/>> Acesso em 16 de mai. 2019.

por exemplo, são muito maiores. Se essa ocupação for autogerida de maneira horizontal – como foi no caso dos secundaristas –, isto tende a fazer com que toda atividade ou decisão, por mínima que seja, se torne uma experiência no exercício da democracia e da horizontalidade. Mesmo as questões mais prosaicas são submetidas a um processo decisório reflexivo coletivo – a assembleia (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016, p. 128).

É importante lembrar que a socialização escolar cumpre um papel importante, como foi observado por Bourdieu (2007) ao apontar como a escola, afirmando valores e pensamentos típicos do *habitus*<sup>37</sup> das classes dominantes, constrói um conjunto de práticas e ideologias tido como legítimo, que serve de ferramenta para um processo de marginalização e silenciamento dos oprimidos. Além disso, a estrutura formal da escola está, em muitos casos, baseada no que Paulo Freire (2013) chama de educação bancária<sup>38</sup>, em que, em vez de comunicar-se, o educador decide depositar as ideias nos educandos, para que eles memorizem, repitam, guardem e arquivem. Funciona, ainda, como um modelo disciplinar, que pretende docilizar os corpos, tornando-os mais obedientes. O autor também argumenta que a nossa realidade como um todo é domesticadora, mas afirma que é possível libertar-se dessa força através da práxis, entendida como “ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 2013, p.52).

Entende-se, então, que o gesto de ocupar uma escola pode ser considerado uma maneira de romper com essa lógica domesticadora da qual fala Paulo Freire (2013). Os secundaristas rompem e logo experimentam a escola como um lugar de criação de outra realidade: a realidade idealizada por eles. John Holloway (2013), no livro *Fissurar o capitalismo*, argumenta sobre a

---

37 Podemos conceituar *habitus* como o “sistema de disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes” (BOURDIEU, 2007, p. 191).

38 Em *Pedagogia da Autonomia*, Paulo Freire (2009) fala a respeito da reação dos indivíduos em relação à educação bancária: “o necessário é que, subordinado, embora, à prática “bancária”, o educando mantenha vivo em si o gosto da rebeldia que, aguçando sua curiosidade e estimulando sua capacidade de arriscar-se, aventurar-se, de certa forma o “imuniza” contra o poder apassivador do “bancarismo” (FREIRE, 2009, p. 25). Entende-se, portanto, que, apesar de estar inserido em um contexto de educação bancária, o indivíduo não necessariamente precisa estar passivo diante dessa realidade, podendo transformar essa ação em uma outra que o leve a transformação. No livro *Pedagogia do Oprimido* o autor esclarece a diferença entre a educação bancária e a educação problematizadora, que ele defende: “A ‘bancária’, por óbvios motivos, insiste em manter ocultas certas razões que explicam a maneira como *estão sendo* os homens no mundo e, para isso, mistifica a realidade. A problematizadora, comprometida com a libertação, se empenha na desmitificação. Por isto, a primeira nega o diálogo, enquanto a segunda tem nele o selo do ato cognoscente, desvelador da realidade” (FREIRE, 2013, p. 101).

importância do movimento de *recusa-e-criação* no enfrentamento à lógica do capital. E propõe a noção de *fissuras*, considerando que a força do *não mais servir* aumenta quando se procuram outras formas de viver, quando se propõe “uma atividade que não é condicionada pela regra do dinheiro, que não é condicionada pelas regras do poder” (HOLLOWAY, 2013, p. 7). Sobre o *Não*, acrescenta:

O *Não* original é uma abertura a uma atividade diferente, o limiar de um contra-mundo com uma lógica diferente e uma linguagem diferente. O não abre um espaço-tempo no qual tentamos viver como sujeitos, ao invés de objetos. Estes espaços ou tempos nos quais afirmamos a nossa capacidade de decidir por nós mesmos o que deveríamos fazer [...] nos quais tomamos controle de nossas próprias vidas, assumimos a responsabilidade de nossa própria humanidade (HOLLOWAY, 2013, p. 21).

A partir dessa perspectiva, estudando o movimento de ocupação, no qual os estudantes puderam organizar as atividades de acordo com os seus interesses, conviver diariamente com o outro e com o outro tomar decisões sobre o espaço, engajar-se na luta por melhorias na educação, descobrir um novo sentido para aquele lugar e cuidar dele como os verdadeiros donos, é possível entender que essas ações caminham em direção à busca de uma forma de *fissura*, visto que esse processo nega a antiga estrutura formal de educação e propõe uma outra forma de pensar e agir sobre a escola, ou seja, ressignifica esse espaço de acordo com o interesse dos secundaristas, modificando, conseqüentemente, a realidade social como um todo.

No primeiro capítulo de *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire (2013) aponta que a humanização é a vocação dos homens, mas que muitas vezes ela é negada “na injustiça, na exploração, na opressão, na violência dos opressores. Mas afirmada no anseio de liberdade, de justiça, de luta dos oprimidos, pela recuperação de sua humanidade roubada” (FREIRE; 2013, p. 40). Entende, por outro lado, a desumanização como uma realidade histórica e, por consequência, algo que pode ser modificado. O autor exemplifica em nota de rodapé como os movimentos de transformação das universidades podem ser uma ação para a humanização, argumentando que “os movimentos de rebelião, sobretudo de jovens, no mundo atual, [...] manifestam, em profundidade, esta preocupação em torno do homem e dos homens, como seres no mundo e com o mundo. Em torno do *que* e de *como* estão sendo” (FREIRE; 2013, p. 39).

É possível, então, entender o movimento de ocupação secundarista também como uma busca no processo de humanização do qual fala Paulo Freire (2013). Esse processo mostra que os indivíduos, conscientes das opressões que vivenciam, buscam modificá-las através da ação e reflexão sobre a realidade na qual estão inseridos. Assim, agem como sujeitos da própria história, rompendo com uma lógica que objetiva colocá-los em um lugar quase inerte. Ao ocuparem, são donos do próprio espaço e assumem não só a escola como deles, mas também escrevem a sua própria história. Esse gesto de libertação pode ser entendido como um gesto de amor.

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade de libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela (FREIRE, 2013, p.42-43).

Em uma entrevista publicada no artigo *As ocupações das escolas estaduais da região de Sorocaba/SP: falam os estudantes secundaristas*, o estudante com o codinome Marighella<sup>39</sup>, de São Paulo, a respeito do amor que tem pela escola e sobre as ocupações de 2015, afirma:

[...] foi justamente o amor que eu tenho pela minha escola e o fato de eu me colocar no lugar das outras pessoas que estavam lutando para que isso acontecesse, para que o amor pela escola permanecesse... e o desejo de continuar lá e de criar e contar uma história dentro da escola (MARTINS; TARDELLI; PEREIRA; SANTOS, 2016, p. 233).

Após analisar cinco escolas da Rede Estadual do Rio de Janeiro, os pesquisadores Andrea Doyle e Arthur Bezerra (2016) acrescentam reflexões acerca do espaço ocupado e refletem de que maneira essa ação é uma forma de mostrar, além do amor, o sentimento de pertencimento pela escola.

As ocupações fazem isso: pela ação política de ocupar, os estudantes se tornam sujeitos, entendem que aquele espaço é deles, se tornam responsáveis por aquele processo e exigem ser ouvidos e poder opinar nas decisões que os afetam diretamente. Ocupam porque reivindicam mais qualidade no ensino, maior compreensão do mundo, mais acesso à informação. E o mais interessante é que fazem tudo isso ao mesmo tempo, de forma horizontal, se divertindo e se

---

39 Os pesquisadores desse artigo consideraram importante manter em sigilo as identidades dos estudantes, que sugeriram seus codinomes.

desentendendo, trabalhando e aprendendo, resistindo e dialogando (DOYLE; BEZERRA, 2016, p. 202).

Nesse sentido, o gesto de ocupar uma escola pode ser entendido como um ato político que transforma a escola em outra e nesse novo lugar tem espaço para trabalhar o olhar sensível sobre si e sobre o outro, visto que, de maneira horizontalizada, os estudantes buscaram formas de mudar as estruturas que costumam transformar os sujeitos em meros objetos de uma educação bancária. No Rio de Janeiro, o processo seguiu a mesma dinâmica das ocupações de São Paulo, visto que tiveram inspirações semelhantes.

### 3.2 “NÃO TEM ARREGO, VOCÊ TIRA A MINHA ESCOLA E EU TIRO SEU SOSSEGO”<sup>40</sup> – AS ESCOLAS DO RIO DE JANEIRO

Figura 16 - Cartaz divulgado durante o movimento de ocupações do Rio de Janeiro.



Fonte: MOCARZEL; ACCETTA; RANGEL<sup>41</sup>

---

40 Palavra de ordem utilizada pelos estudantes durante o período de manifestações no Rio de Janeiro.

41 Fonte: MOCARZEL, Marcelo; ACCETTA ROJAS, Angelina; RANGEL, Mary. #OCUPAIEPIC: representações culturais da juventude na ocupação de uma escola estadual em Niterói-RJ. EDUCAÇÃO ON-LINE (PUCRJ), v. 25, p. 19-39, 2017.

No Rio de Janeiro, as mobilizações dos estudantes secundaristas tiveram início no primeiro semestre de 2016, quando os professores da Rede Estadual de Educação entraram em greve. Assim como ocorreu em São Paulo, os estudantes começaram a se organizar de forma autônoma a partir de manifestações nas ruas. No Rio de Janeiro, os professores entraram em greve por conta da possibilidade de aumento da contribuição previdenciária de 11% para 14%, do não reajuste e atraso nos salários, além da falta de infraestrutura nas escolas. Os secundaristas, que começaram a se engajar na luta em apoio aos professores, também começaram a se manifestar em defesa de pautas específicas. Aos poucos, eles foram tomando a frente da luta pela educação por todo Estado.

Em Angra dos Reis, cidade para onde havia acabado de me mudar e era professora de Artes pela Rede Estadual, pude acompanhar de perto esse processo. As comunidades escolares tradicionais da cidade, que em outros momentos eram famosas por não dialogarem entre elas, passaram a tomar as ruas juntas em defesa da escola pública<sup>42</sup>. Inicialmente, os estudantes marcaram um ato no centro da cidade e, percebendo que a repercussão foi positiva, decidiram fazer mais manifestações em outros locais, objetivando dialogar com estudantes de escolas mais distantes do centro. O primeiro Colégio Estadual ocupado no Rio de Janeiro foi o C.E. Prefeito Mendes de Moraes, na Ilha do Governador, no dia 21 de março<sup>43</sup>. Logo depois diversas escolas começaram o seu processo de ocupação. Na página do facebook da organização estudantil Assembleia Nacional dos Estudantes Livres (ANEL/ RJ), segundo a última atualização no dia 03 de maio de 2016, 78 escolas foram ocupadas em todo o Estado do Rio de Janeiro<sup>44</sup>. As ocupações seguiram o modelo já aplicado nas escolas de São Paulo, inspirado no manual *Como ocupar um colégio?* Assim que ocupavam, os estudantes se dividiam em comissões.

---

42 O G1 do dia 02/03/2016 mostra as mobilizações que aconteceram por todo o sul do Estado. Disponível em <<http://glo.bo/1TRYhZZ>>. Acesso em 16 de mai. 2019.

43 Reportagem sobre a primeira ocupação: ALFANO, Bruno. Em apoio à greve de professores alunos ocupam colégio estadual no Rio. Extra, 2016. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/rio/em-apoio-greve-de-professores-alunos-ocupam-colegio-estadual-no-rio-18926679.html>> Acesso 16 de mai. 2019

44 Disponível em: <<https://www.facebook.com/anel.errejota/posts/1096218330420396:0>> . Acesso 16 de mai. 2019.

Os pesquisadores Andrea Doyle e Arthur Bezerra, que visitaram cinco escolas ocupadas no Rio de Janeiro com o objetivo de entender as ocupações, sobretudo pelo viés da informação e da cultura, observaram:

Ocupar significa que os alunos tomam posse da escola e se autoatribuem a responsabilidade por ela: por sua estrutura, funcionamento, segurança, alimentação e pelas atividades que são realizadas durante a ocupação. Eles contaram com uma rede grande de simpatizantes, seja através das redes sociais na internet ou de suas comunidades (mães, pais, professores, ex-alunos e vizinhos das escolas) que se mobilizaram para apoiá-los com incentivos, doações e, principalmente, com a proposta voluntária da realização de atividades durante a ocupação. Assim, sem qualquer intervenção institucional, as escolas se mantiveram abertas e funcionando (BEZERRA; DOYLE, 2016, p. 195).

Pode-se perceber que o espaço escolar passou por um processo de ressignificação. O que antes era estabelecido de cima para baixo, ou seja, as regras que, na maioria das vezes, eram impostas aos estudantes, foram transformadas. A escola passou a ser comandada pelos secundaristas, que estabeleciam a nova forma de funcionamento através de assembleias e mobilização coletiva. Dessa maneira, foi possível entender a escola como um lugar de possibilidades diversas.

É possível sublinharmos alguns pontos: a) O desenvolvimento da consciência de que a escola é do aluno, que ele é corresponsável pela sua própria educação e que precisa e quer lutar por ela; b) A adoção espontânea da configuração de aula preconizada por Paulo Freire: a quebra de hierarquia professor-aluno em aulas-debate em círculo para que todos se vejam, conversem e aprendam juntos; c) O sentimento de que existem muitas formas de se aprender e que o currículo mínimo proposto pela escola não é suficiente; d) A demanda por mais aulas de Sociologia e Filosofia, o que indica que os estudantes querem pensar e entender o mundo em que vivem; e) A importância dada às atividades culturais, por elas apresentarem novos horizontes, novas riquezas e novas possibilidades de futuro; f) Os usos da cultura também como recurso, como meio de atrair simpatizantes e doações ou atrair a atenção das mídias e dos governantes, pela visibilidade e legitimação conquistada a partir do apoio das celebridades; g) A transformação da escola em um espaço de convivência e amizade, de empatia e também de tensões, com um equilíbrio entre momentos de organização, de trabalho, de aprendizagem e de diversão; h) A descoberta do bloqueio (pelas direções escolares) do acesso (dos alunos) a diversas fontes de conhecimento como bibliotecas, salas de informática, laboratórios de física, química e biologia, uniformes e equipamentos esportivos, sem falar nos livros didáticos e no material escolar básico; i) A constatação de quanto o coletivo mobilizado é

capaz de realizar, de forma bastante independente das instituições (BEZERRA; DOYLE, 2016, p. 201).

Os estudantes, divididos em comissões, começaram a organizar o cotidiano da escola ressignificada. No artigo “#OCUPAIEPIC”: *representações culturais da juventude na ocupação de uma escola estadual em Niterói-RJ* (2017), os pesquisadores do Núcleo de Arte e Cultura do Centro Universitário La Salle do Rio de Janeiro (NAC/Unilasalle-RJ), após analisar uma ocupação no Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho, em Niterói, apontam que “de acordo com os estudantes, ocupar é mais do que tomar posse: é devolver à sociedade aquilo que é dela por direito. É a consolidação da caminhada rumo a uma possível escola cidadã” (MOCARZEL; RANGEL; ROJAS; 2017, p. 30).

Quando iniciaram esse processo em Angra dos Reis, eu era professora de três escolas estaduais e lecionava a disciplina Artes desde julho de 2015 na região. Durante o período de mobilizações nas ruas de Angra e assembleias na cidade do Rio de Janeiro, entre fevereiro até o final da greve (julho de 2016), professores e estudantes engajados na luta em prol da educação pública puderam se aproximar e criar espaços de diálogo. No dia 18/04, os estudantes ocuparam o CIEP 302 Charles Dickens, localizado no bairro Jacuecanga.

Figura 17 - Assembleia de ocupação no CIEP 302 Charles Dickens. Turno da tarde.



Fonte: Foto do estudante Felipe Ferreira. 19/04/2016.

### 3.3 “OCUPAR É RESISTIR, LUTAR PRA GARANTIR”<sup>45</sup> – TEATRO, ESCOLA E OCUPAÇÃO

*Entre os humanos, a luta pelo espaço é luta por todos os espaços: físico, intelectual, amoroso, histórico, geográfico, social, esportivo, político... Há que se inventar seu antídoto: a Ética e a Solidariedade, cuja construção terá que ser obra da incessante luta dos próprios oprimidos, e não dádiva celeste: do céu, cai chuva neve e gelo, eventualmente bombas e foguetes, mas não mágicas soluções. Estamos entregues a nós mesmos e temos que aceitar a nossa condição com a cabeça nas alturas, os pés no chão e mãos à obra. (Augusto Boal)<sup>46</sup>*

O ensino das artes no contexto escolar vem se modificando e se inserindo cada vez mais no Brasil. Em 1971, mesmo com a reforma do 1º e 2º grau pela Lei nº 5.692, essa disciplina ainda era entendida como “mera proposição de atividades artísticas, muitas vezes desconectada de um projeto coletivo de educação escolar” (BRASIL, 2000, p. 47). No entanto, de acordo com os PCN do Ensino Médio (2000), para enfrentar os problemas e distorções do ensino e da aprendizagem

45 Palavra de ordem utilizada pelos estudantes durante o período de manifestações no Rio de Janeiro.

46 (BOAL, 2009, p. 17)

em Artes na escola, passou-se, ao longo dos anos posteriores, a discutir e a lutar em diversas esferas pela permanência e pelo aprofundamento dessa disciplina. Já em 1996, a lei nº 9.394 instituiu como obrigatória a Arte em todos os seguimentos da educação básica, tendo como objetivo promover o desenvolvimento cultural do estudante<sup>47</sup>. Assim que entrei na Rede Estadual de Educação, deparei-me com um documento chamado *Currículo Mínimo*, onde encontrei as diretrizes para trabalhar com as quatro linguagens artísticas (Artes Visuais, Dança, Música ou Teatro). Percebi que a proposta curricular de Teatro, com suas competências e habilidades para o segundo ano do Ensino Médio da Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro (2013), apesar de obrigatória, abria espaço para o desenvolvimento do teatro através de uma prática mediadora<sup>48</sup>. Eram eixos temáticos desse currículo: *teatro e suas relações histórico-culturais*, no primeiro bimestre; *teatro como campo profissional*, no segundo; *teatro e implicações socioeconômicas*, no terceiro bimestre; e *teatro, tecnologia e ideologia* no último<sup>49</sup>. Em todos os bimestres as competências eram focadas em contextualizar, apreciar e experimentar/fazer. Ao entrar em sala de aula, questionei-me de que forma poderia dialogar com os estudantes sobre essa matéria e, assim, aproximá-los, visto que muitas vezes a disciplina “Artes” parecia estar colocada em um lugar de pouca importância tanto pelos estudantes secundaristas, quanto por alguns profissionais atuantes na escola. Tentei buscar formas de criar contato entre o teatro e a realidade dos angrenses, acreditando que assim eles conseguiriam avaliar *se e de que* maneira efetivamente aqueles dois tempos de aula poderiam contribuir para a formação deles.

Como já destaquei, Augusto Boal (2010), pesquisador, diretor e escritor de teatro, em *Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas*, diz que o “teatro é uma arma e é o povo quem deve manejá-la” (BOAL, 2010, p. 11). No início do seu livro, o qual tem como objetivo

---

47 O segundo parágrafo do Art. 26 diz que “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. Em 2010 há uma mudança nessa redação, acrescentando que “O ensino da arte, *especialmente em suas expressões regionais*, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”.

48 A noção de mediação está ligada a “um profissional ou instância empenhados em promover a aproximação entre as obras e os interesses do público, levando em conta o contexto e as circunstâncias” (PUPO, 2011, p. 114); entende-se, no entanto, que esse termo-chave também pode ser inserido no contexto escolar.

49 Este currículo foi elaborado no ano de 2013.

conceituar a sua metodologia teatral, explica que todo teatro é necessariamente político e “por isso, as classes dominantes permanentemente tentam apropriar-se do teatro e utilizá-lo como instrumento de dominação [...], mas o teatro pode ser igualmente uma arma para a libertação” (BOAL, 2010, p. 11).

Essa perspectiva, portanto, foi a base dos meus planejamentos nas aulas durante o funcionamento da escola antes das ocupações. Aos poucos fomos pensando de que forma poderíamos entender e utilizar essa arma a nosso favor tanto dentro quanto fora da escola e, dessa forma, o teatro começou a fazer sentido para mim que, até então, me perguntava sobre a viabilidade da prática teatral no espaço escolar.

Passei a perceber as aulas de teatro como uma *outra escola*, visto que essa arte, quando desenvolvida em diálogo com os estudantes, explora o corpo, a voz, e pode ser utilizada em diversos espaços dentro do próprio universo escolar, desenvolvendo as individualidades e coletividades de maneira sensível, rompendo com as regras habituais da escola. Percebi, portanto, que, apesar de ter que cumprir o currículo, registrar avaliações, cobrar presenças, dar aula em espaços não direcionados para uma prática teatral, o teatro me possibilitava construir táticas de atuação dentro da própria escola.

É importante ressaltar que passei a entender a prática teatral dentro do contexto escolar como *outra escola* não por ser contra a existência da escola, ou por agir contra esse universo dentro dele mesmo, mas porque entendo que esse espaço pode ser utilizado de outra forma, como aconteceu nas ocupações. O termo *outra* surge, portanto, no sentido de transformar um espaço já moldado para o cumprimento de regras e práticas que não dialogam com as regras e práticas de um teatro engajado. Dessa forma, entendo que a linguagem teatral pode se transformar em um lugar em que se pratica uma outra ideia de escola dentro dela mesma.

O historiador Michel de Certeau (2014), em *A Invenção do Cotidiano*, desenvolve uma reflexão sobre a *antidisciplina* de indivíduos que não estariam presos em redes de vigilância. A esse respeito, argumenta:

Se é verdade que por toda a parte se estende e se precisa da rede da “vigilância”, mais urgente ainda é descobrir como é que uma sociedade inteira não se reduz a ela: que procedimentos populares (também “minúsculos” e cotidianos) jogam

com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los; enfim, que “maneiras de fazer” formam a contrapartida, do lado dos consumidores (ou ‘dominadores’?) dos processos mudos que organizam a ordenação sociopolíticas (CERTEAU, 2014, p. 40).

Nesse sentido, é possível pensar que, como Holloway (2013), que desenvolve a ideia do movimento de *negação-e-criação*, Certeau busca entender de que maneira os indivíduos desenvolvem formas de romper com as estruturas de poder, não no sentido de derrubá-lo diretamente, mas de buscar alternativas para a sua subversão.

O pesquisador também desenvolve a ideia de *tática*, que seria uma ação do cotidiano experimentada a partir de uma ocasião específica. Para ele, tanto a *tática* quanto a *estratégia*<sup>50</sup> visam a criar lugares abstratos. No entanto, ao contrário da estratégia, que seria capaz de “produzir, mapear e impor” esses espaços, a tática “só pode utilizá-los, manipular e alterar” (CERTEAU, 2014, p. 87).

Ela [a tática] não tem, portanto, a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as ‘ocasiões’ e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no voo as possibilidades oferecidas por um instante (CERTEAU, 2014, p. 95).

Segundo Tim Prentki (2008), diante da nossa realidade é importante buscar *narrativas alternativas* às narrativas dominantes que seriam as *super narrativas*. As artes têm um papel fundamental nesse contexto.

[...] uma narrativa alternativa é aquela na qual as relações são formadas na base da dignidade, e não do dinheiro. É a narrativa que tem como objetivo a criatividade e a imaginação; é, portanto, uma narrativa em que a arte tem um papel importante. Não me refiro, no entanto, à narrativa da satisfação pessoal através do afastamento das injustiças do mundo, mas de um processo de

---

50 Junto com a tática, o autor também desenvolve o conceito de estratégia, que seria: “o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um “ambiente”. Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito como um *próprio* e, portanto, capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta. A nacionalidade política, econômica ou científica foi construída segundo esse modelo estratégico” (CERTEAU, 2014, p. 45).

satisfação social através da autodeterminação de agrupamentos formados por relações horizontais, e não verticais (PRENTKI, 2008, p.19/20).

É possível considerar que o teatro dentro do contexto escolar se apresentava, desde antes do processo de ocupação estudantil, como uma *tática* e um lugar de produção de *narrativas alternativas* e, portanto, *outras narrativas*, visto que, mesmo dentro das grades impostas no universo escolar, fissurava as regras e criava um outro universo. O teatro, portanto, ainda que obrigatório, atua como uma *outra escola* dentro da própria escola<sup>51</sup>.

Durante o funcionamento regular de uma escola, ao entrarem no espaço, geralmente os estudantes ocupam suas cadeiras separados uns dos outros, são proibidos de circular pela sala de aula e pela escola e, algumas vezes, são impossibilitados de construir coletivamente propostas para melhoria do cotidiano e dos seus próprios aprendizados. No livro *Escolas de Luta*, os pesquisadores Antonia Campos, Jonas Medeiros e Márcio Ribeiro (2016) apontam que algumas atividades culturais dentro das ocupações romperam com o individualismo escolar pré-ocupação e mostraram que a experiência escolar pode ser “uma coisa prazerosa e que valorize e reconheça os estudantes enquanto sujeitos e seres humanos” (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016, p. 151). A partir dessa concepção, considero que a luta dos estudantes teve caráter horizontal, autônomo, coletivo, baseado na escuta e no afeto pelo outro e pela escola como um lugar de transformação e construção de uma “escola dos sonhos”, na busca por um mundo melhor, conforme argumenta a estudante de Angra dos Reis, Yana dos Santos<sup>52</sup>. E vale ainda destacar que nessa “escola dos sonhos” a apreciação, experimentação e produção de arte foram algumas das principais demandas apresentadas pelos estudantes secundaristas.

Marlon Gomes, ao ser entrevistado para essa pesquisa, lembra das atividades de teatro propostas pelo professor e artista de Angra dos Reis, Felipe Santana, que esteve com eles durante ocupação no CIEP 302.

---

51 É necessário ressaltar que não só o teatro especificamente, mas também diversas outras disciplinas se reinventam cotidianamente. Isso faz com que a experiência de uma *outra escola* dentro do próprio universo escolar desocupado seja possibilidade não apenas da disciplina teatro, mas de tantas outras que desenvolvem dentro da sala de aula novas táticas de produção DE outras narrativas.

52 Em entrevista pessoal em 04/05/2018.

O que mais teve foi teatro, porque como a galera estava toda pilhada, cabeça a mil... eu lembro que a Ingrid D'ávila falava: a gente precisa fazer alguma coisa, se não o pessoal vai endoidar. Tinha muita dinâmica. Quando começou, os outros falavam “não vou fazer teatro, não quero ser ator”. Até o Felipe chegar e falar “gente, vai ser legal”. Começou com pouca gente, mas terminava e todos esperavam a hora de fazer de novo. Tem uma atividade dele que eu lembro e não esqueço. Estava todo mundo muito nervoso, muito nervoso, ele botou todo mundo de frente um para o outro, um olhando para a cara do outro. Estava todo mundo sério, porque tinha brigado entre si. Ele falava “não para de olhar”. Depois ele falou “tá, pode parar”, então todo mundo começou a rir. Riu, riu. “Pronto, acabou, é isso. Vocês precisavam se olhar”. Estava todo mundo preocupado e ninguém olhava mais para o outro. Aquele dia foi muito bom. A gente riu demais.<sup>53</sup>

A estudante de Sorocaba, que na pesquisa dos autores Marcos Martins, Fábio Filho, Keyla Pereira e Érico dos Santos (2016) tem como codinome Luna, também fala da importância desses momentos para as ocupações.

Teve uma roda de conversa de história, uma moça foi contar história pra gente, história de criança mesmo, sabe? Recitar versos mesmo [...]: “Batatinha quando nasce se esparrama pelo chão” e coisa assim, só que envolveu a gente. A gente ficou girando igual palhaço no pátio, só que aquilo estava envolvendo, entendeu? A gente queria aquilo, e isso era o mais importante, era trazer um ambiente de cultura e de interesse dos alunos e não só porque “tem que tá no currículo do professor” ou “tem que tá no currículo do aluno”, mas não porque aquilo não interessa de fato pros alunos, entendeu? Então era mais ou menos isso (MARTINS; TARDELLI; PEREIRA; SANTOS, 2016, p. 247).

Analisando, portanto, alguns relatos e as primeiras entrevistas feitas com estudantes de Angra dos Reis para essa pesquisa, pude perceber inúmeros lugares de importância na utilização não só do teatro, mas de todas as artes no contexto de ocupação: um espaço para alívio de tensões; um momento para aprofundar temas fundamentais na luta dos secundaristas; um lugar de sensibilização do corpo e da mente, individual e coletivamente; uma troca com objetivo de entender o mundo a partir de outras formas estéticas; ou então tudo isso em um mesmo encontro, dependendo de cada espaço ocupado e de cada indivíduo engajado na luta.

---

53 Em entrevista pessoal em 05/05/2018.

Pesquisando pelas páginas de facebook criadas pelos secundaristas das escolas ocupadas, foi possível observar diversas atividades artísticas dentro de algumas programações, como no Colégio Estadual Engenheiro Mario Moura Brasil do Amaral (CEMBRA), em Paraty:

Figura 18 - Programação OcupaCembra, em Paraty.



PROGRAMAÇÃO – OFICINAS						
TURNO	SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA	SÁBADO
MANHÃ		09:00 – Aula de desenho (Chica)	10:00-11:30 – Oficina de audiovisual (Maíra)	10:30 – Debate sobre orçamento participativo (Milson e Verena)	08:00 – Antropologia e música (Priscila)	Atividades culturais
TARDE	15:30 – Consciência corporal (Joana) 17:00 – Teatro (Silvina)	14:30-16:30 – História de Paraty (João/Pedro) 15:00 – Teatro (Bernadete)	15:00 – Xadrez competitivo (Amaro) 16:00 – Oficina de cerâmica (Lulu)	14:00 – Escola cidadã (Amaro)-15:00 – Oficina de música universal	13:00 – Xadrez pedagógico (Amaro) 14:00 – Oficina de ocarina/cerâmica (Luciana/Dalcir)	Atividades culturais
NOITE	19:00 – Cinedebate: “Casa-grande”	18:00 – Contação de história (Sandrinha) 18:30 – Charge (Leandro)	18:00 – Debate sobre golpe midiático “Muito além do cidadão Kane” (Lulu)	18:00-22:00 – Aula de percussão	19:00 – Cinedebate: “A filha da Índia”	Atividades culturais

Fonte: print screen da página de facebook OcupaCembra

Nessa escola foi possível perceber que os estudantes organizaram uma programação na última semana do mês de maio composta por várias atividades artísticas, como aulas de teatro, consciência corporal, desenho, música, percussão; além de atividades culturais, cine-debates e oficinas de audiovisual. A programação do Colégio Estadual Hebert de Souza, no Rio de Janeiro, não foi diferente. Já em abril havia em sua programação oficinas de teatro, apresentação de banda e aula de introdução ao audiovisual. Além disso, é interessante observar que nessa escola um dos eventos da programação era uma brincadeira chamada “polícia e manifestante”.

Figura 19 - Programação OcupaHerbert, no Rio de Janeiro.



**Ocupa Herbert**  
19 de abril de 2016 · 🌐

CALENDÁRIO DE QUARTA-FEIRA À SEXTA-FEIRA (20/04 - 22/04)

**QUARTA-FEIRA (20/04)**

- 7:00 às 8:00 - Café da manhã
- 8:00 às 9:00 - Multidão de Limpeza
- 9:00 às 10:00 - Aula Pública com professor Guilherme
- 10:00 às 11:00 - Panfletagem pelas escolas da Tijuca
- 12:00 às 13:00 - Almoço
- 13:30 às 15:00 - Oficina de Teatro
- 17:00 às 18:00 - Apresentação da Banda Bagunço
- 18:00 às 20:00 - Lanche
- 21:00 às 22:00 - Janta

**QUINTA-FEIRA (21/04)**

- 7:00 às 8:00 - Café da manhã
- 8:00 às 10:00 - Multidão de Limpeza
- 10:00 às 11:00 - Oficina de Cartazes
- 12:00 às 13:00 - Almoço
- 13:00 às 15:00 - Assembleia da Ocupação
- 16:00 às 18:00 - Aula de Introdução Audiovisual
- 18:00 às 20:00 - Lanche
- 21:00 às 22:00 - Janta

**SEXTA-FEIRA (22/04)**

- 7:00 às 8:00 - Café da manhã
- 8:30 às 11:00 - Brincadeira: Polícia e Manifestante
- 11:30 às 13:00 - Almoço
- 14:00 às 17:00 - Debate sobre Democracia (em aberto)
- 18:00 às 19:00 - Lanche
- 19:00 - Atividade Cultural

#OcupaHerbert #OcupaBetinho

👍 Curtir    💬 Comentar    ➦ Compartilhar

Fonte: print screen da página de facebook OcupaHerbert

Na programação do dia 20/04/2016 no Colégio Estadual Dom Pedro I, em Mesquita, nota-se que os estudantes tiveram aula de “arte contemporânea”, o que sinaliza que dentro de diversas ocupações a relação com as várias formas de arte se desenvolveu de maneiras diferentes.

Figura 20 - Programação Ocupa Dom Pedro, em Mesquita.

**OCUPA DOM PEDRO**  
20 de abril de 2016 · 🌐

VEM PRA OCUPAR!  
Programação atualizada!  
#OcupaDomPedro

**PROGRAMAÇÃO:**  
**20/04**

- >07:00 ÀS 08:00 - CAFÉ DA MANHÃ
- >08:30 ÀS 10:00 - RODA DE CONVERSA  
SOBRE O RACISMO
- >11:30 ÀS 13:30 - ALMOÇO
- >14:00 ÀS 16:00 - AULÃO:  
ARTE CONTEMPORÂNEA
- >16:00 ÀS 18:00 - OFICINA DE DANÇA
- >18:00 ÀS 19:00 - LANCHE
- >19:00 ÀS 20:00 - RODA DE CONVERSA  
SOBRE O FEMINISMO
- >20:00 ÀS 21:00 - AULÃO DE HISTÓRIA  
REVOLUÇÃO FRANCESA
- >21:00 ÀS 22:00 - JANTAR

👍 Curtir    💬 Comentar    ➦ Compartilhar

Fonte: print screen da página de facebook Ocupadompedro

Já no Colégio Estadual Irineu Marinho, em Duque de Caxias, foi possível observar uma oficina de teatro desenvolvida com a Anistia Internacional.

Figura 21 - Atividade teatral no CE Irineu Marino, em Duque de Caxias.



Fonte: print screen da página de facebook Ocupairineu

Também nas páginas de Facebook foi possível encontrar oficinas de *Teatro do Oprimido* no Colégio Estadual Heitor Lira e no Colégio Estadual Chico Anysio, no Rio de Janeiro, como mostra o registro publicado nas páginas dessas escolas ocupadas:

Figura 22 - Oficina Teatro do Oprimido, Programação OcupaHL, no Rio de Janeiro.



Fonte: print screen da página de facebook OcupaHL

Figura 23 - Oficina Teatro do Oprimido, programação Chico Anysio de Luta, no Rio de Janeiro.



Fonte: print screen da página de facebook Chico Anysio de Luta

Além de oficinas de teatro e outras artes, também houve apresentação de peças de teatro e produção audiovisual no Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes (primeiro colégio ocupado do Rio de Janeiro):

Figura 24 - Apresentação teatral no C.E. Mendes de Moraes, no Rio de Janeiro.



Fonte: print screen da página de facebook Mendes em Luta

Esses são alguns exemplos de atividades desenvolvidas durante as ocupações, que se relacionavam às artes, sobretudo ao teatro, em algumas escolas. Além delas, foi possível observar a organização de saraus e rodas de rima, por exemplo. Todas essas atividades me fizeram concluir que as artes em um contexto ressignificado da escola eram apropriadas e utilizadas de maneira autônoma pelos estudantes. Nesse sentido, a dúvida que havia surgido no início da pesquisa em relação a qual metodologia específica seria importante usar, também era respondida com essas outras práticas, visto que cada espaço produziu da sua maneira essa relação entre ocupação e teatro, ainda que algumas escolas tenham buscado o mesmo caminho que eu havia escolhido: o *Teatro do Oprimido*. É interessante observar, porém, a partir dessas programações, que na maioria

delas os encontros artísticos tinham um caráter de luta e abordavam temas interessantes para a formação dos estudantes como cidadãos que buscam uma consciência social e política.

### 3.4 “É TANTA COISA ERRADA QUE NÃO CABE EM UM CARTAZ”<sup>54</sup>: O TEATRO ENGAJADO

A partir dessas experiências que vivi dentro das ocupações, dos relatos das professoras Daniela e Nicolle, somados a essas programações de escolas ocupadas, considero importante pensar de maneira aprofundada sobre o que seria um teatro engajado, visto que a pesquisa me fez perceber que, mais do que descobrir um método específico de teatro para as ocupações, o interessante seria ter como base a ideia de que a escola pública é o lugar da classe trabalhadora, como disse a professora Daniela Abreu e, portanto, é necessário que nesse espaço sejam produzidas experiências sensíveis que contribuam para a luta cotidiana dos estudantes.

É importante entender que, assim como Paulo Freire (2009) argumenta que não existe educação neutra, também não existe neutralidade na produção artística. Em busca de respostas a respeito de um teatro politicamente engajado, encontrei pesquisas com bases marxistas e considerei necessário dialogar com algumas delas com o objetivo de aprofundar o conhecimento a respeito desse campo de estudo. Percebi que, no cotidiano do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o teatro vem sendo utilizado no processo de formação dos indivíduos e essas experiências poderiam contribuir para as minhas reflexões a respeito do desenvolvimento de um teatro engajado em lutas sociais.

Na introdução de seu livro, o qual analisa alguns escritos sobre a arte de marxistas renomados ao longo da história, Konder tem como ideia central o seguinte pensamento:

Admitindo o valor cognoscitivo da arte, seremos forçados a concluir que ela *proporciona um conhecimento particular que não pode ser suprimido por conhecimentos proporcionados por outros modos diversos de apreensão do real*. Se renunciamos ao conhecimento que a arte – e somente a arte – pode nos proporcionar, mutilamos a nossa compreensão da realidade. E, como a realidade

---

54 Frase escrita por um estudante em um cartaz durante uma manifestação no Rio de Janeiro.

de cuja essência a arte nos dá a imagem é basicamente a realidade humana, isto é, a nossa realidade mais imediata, a renúncia ao desenvolvimento do estudo das questões estéticas acarretam a *perda de uma dimensão essencial na nossa autoconsciência* (KONDER, 2013, p. 25).

Para Teixeira Coelho (1988), a arte é uma manifestação da cultura. Em seu livro *O que é Ação Cultural?*, o autor propõe investigar de que maneiras a arte tem um papel importante dentro dessa ação e esclarece que, em sua investigação, ação cultural pode ser entendida também como *arte-ação* (COELHO, 1988, p. 34). Coelho entende ação cultural como algo oposto à fabricação:

*A fabricação é um processo com um início determinado, um fim previsto e etapas estipuladas que devem levar ao fim preestabelecido. A ação, de um lado, é um processo com início claro e armado mas sem fim especificado e, portanto, sem etapas ou estações intermediárias pelas quais se deva necessariamente passar – já que não há um ponto terminal ao qual se pretenda ou espere chegar. [...] Na ação, o agente gera um processo, não um objeto* (COELHO, 1988, p. 12).

Coelho (1988) apresenta a ação cultural dividida em três momentos. Em um primeiro momento, até aproximadamente o séc. XIX (o qual ele entende como o tempo de soberania dos museus em que se armazenavam obras, por exemplo), ela era voltada ao produto cultural e às instituições que possuíam esse objeto, como a igreja ou o Estado. No segundo momento, por volta do século XX, a partir da Segunda Guerra Mundial, ela passa a ter como foco maior de atenção o consumidor de obras de arte do que o objeto artístico em si. “A visão patrimonialista da cultura enfraquece um pouco e abre espaço para o que se convencionou chamar de *abordagem social* da questão cultural” (COELHO, 1988, p. 38). Por fim, no terceiro momento, que ele apresenta como pós-1968, a arte dentro do que se entende por ação cultural é vista não pelo viés da obra de arte, nem da coletividade, mas da formação do indivíduo.

Os espaços culturais [...] procuravam abrir zonas de desenvolvimento para o indivíduo e sua subjetividade. Esses espaços querem apresentar-se como local de cultivo e desenvolvimento de um indivíduo que se reconhece e se afirma enquanto tal, capaz de dispensar as muletas da massa informal mas também do partido político aglutinante. (COELHO, 1988, p.38-39).

O autor aponta que a ação cultural parte do indivíduo para chegar ao coletivo. E estabelece o objetivo dessa ação:

O objetivo da ação cultural não é construir um tipo determinado de sociedade, mas provocar as consciências para que se apossam de si mesmas e criem as condições para a totalização, no sentido dialético do termo, de um novo tipo de vida derivado do enfrentamento aberto das tensões e conflitos surgidos na prática social concreta (COELHO, 1988, p.42).

Dessa forma, as ações culturais não intencionam construir um tipo pré-determinado de sociedade, mas estimular consciências dos indivíduos para que eles mesmos criem condições de um novo tipo de vida. A partir dessa perspectiva, considere importante desenvolver uma experiência teatral dentro do movimento de ocupação estudantil, que pudesse fazer parte do universo da ação cultural, em que os indivíduos busquem conscientizar-se e transformar a sua realidade, ou seja, tomar posse dos meios de produção artística e, em alguns casos, produzirem eles mesmos a sua arte<sup>55</sup>, ainda que de maneira repentina e com pouca duração.

Teixeira Coelho (1988) alerta, no entanto, que é importante haver uma diferenciação entre a ação cultural e a preocupação social. Alega que o despertar da consciência política diz mais respeito ao campo de atuação de um partido político e acrescenta que “transportar esse objetivo para a ação cultural pode prejudicar tanto o projeto político quanto o cultural” (COELHO, 1988, p. 45). Conclui, portanto:

Trata-se de criar o maior número possível de oportunidades para que o maior número possível de interessados conheça a parte essencial da aventura cultural que é a criação, distanciada milhões de anos-luz da experiência passiva da contemplação, da recepção. E fazê-lo não insistindo tanto no produto em si, na necessidade de se chegar a um produto final acabado e delimitado, como aquele que fazem os “profissionais”, *mas no processo de produção em si*, livre de compromissos outros que não aqueles que os sujeitos da criação possam assumir entre si [...]. A ação cultural que não se mover alimentada por esta utopia nunca alcançará nem um reles voo rasteiro. (COELHO, 1988, p. 85).

No final de seu livro, Coelho (1988) fala sobre a importância do teatro dentro do que chama de ação cultural. Aponta que o teatro tem se apresentado como uma modalidade cultural

---

55 Digo que isso aconteceu em alguns casos, porque além de produzirem e experimentarem diversos tipos de arte dentro das ocupações, os ocupantes também receberam algumas produções e se tornaram espectadores de diversas peças teatrais. No entanto, considero que o ponto específico dessa pesquisa não trata da formação de público relacionada a algumas apresentações dentro das ocupações, mas de que maneiras os estudantes, em contato com as artes dentro desses espaços, produziram e experimentaram o seu próprio fazer artístico.

mais próxima da ação que apresenta em seus estudos, por ser uma arte coletiva, em que cada indivíduo com seu papel específico tem como objetivo chegar a um objeto comum, “executando um projeto inicial feito por todos” (COELHO, 1988, p. 89). Entretanto, pondera:

O teatro em si, propriamente, não terá os objetivos da ação cultural, mas a ação cultural encontra no teatro campo fértil para alcançar seus objetivos próprios, porque é exatamente isto que o teatro promove: a consciência do eu (a consciência do equipamento pessoal, dos sentidos humanos, do próprio corpo no espaço, da própria subjetividade, da figura de si como os outros a veem, da própria representação como a mente se oferece); a consciência do coletivo (a noção da existência do outro, a partilha de ideias e bens, a interação relaxada, a convocação das energias comuns para a solução de propostas); a consciência do entorno (consciência das coisas, de uma cadeira, a água, do espaço, da natureza, do artifício, das relações estabelecidas pelas coisas entre si e entre elas e o próprio corpo e outros corpos). Tudo isso gerando um conjunto capaz de executar tanto o projeto de **uma ação cultural individualizante, interessada na conscientização e desenvolvimento da criatividade do indivíduo, quanto o da ação cultural socializante, voltada para seu programa de integração social, suas ideias de reestruturação social, sua utopia de mudanças sociais** (COELHO, 1988, p. 90, grifos nossos).

Paulo Freire (1981), em *Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos*, apresenta como o processo de alfabetização do educando é importante para desvelar e nomear o mundo. Reflete, a partir disso, como o trabalho do educador em diálogo com o educando pode ser entendido também como parte de uma ação que atende pelo nome de *ação cultural*:

O processo de alfabetização, como ação cultural para a libertação, é um ato de conhecimento em que os educandos assumem o papel de sujeitos cognoscentes em diálogo com o educador, sujeito cognoscente também. Por isto, é uma tentativa corajosa de desmitologização da realidade, um esforço através do qual, num permanente tomar distância da realidade em que se encontram mais ou menos imersos, os alfabetizandos dela emergem para nela inserirem-se criticamente. (FREIRE, 1981, p. 39).

Apesar de o autor estar refletindo sobre o papel da alfabetização, é possível pensar em diálogos entre a formação dos educandos que passam a nomear o mundo e os educandos que passam a ter contato com os meios de produção teatrais, a partir dos quais Teixeira Coelho (1988) mostra os pontos de ligação que contribuem para o desenvolvimento dessa ação. A ideia de ação cultural, tanto proposta por Freire (1981), quanto por Coelho (1988), tem como objetivo a

transformação social a partir dos sujeitos que pronunciam, nomeiam e interpretam o mundo com um olhar simbólico e sensível.

É importante pensar, então, que o teatro, assim como as outras artes, não deve ser meio, ou ferramenta, ou objeto utilizado com a fim de se submeter às regras e exigências de uma militância política. As artes dialogam com espaços que fazem parte de um contexto mais amplo de ação cultural.

Além disso, mais do que a presença do teatro nas ocupações estudantis, faz-se necessário pensar o papel engajado do teatro em diversos contextos políticos. Em *Pequeno Organon para o Teatro*, Bertolt Brecht (1967), autor e pesquisador do teatro épico, que investiga essa arte em diálogo com a realidade na busca da transformação social, apresenta pontos de reflexão sobre o teatro que são considerados importantes contribuições para o campo de pesquisa de uma arte engajada. O dramaturgo argumenta, logo no início de seu texto, que o teatro é um espaço de entretenimento.

No princípio, o objetivo do teatro, como das demais artes, era entreter pessoas. E é esse empenho precisamente que lhe confere uma dignidade particular. Como característica, basta-lhe o prazer; o teatro não necessita de outro passaporte. Não devemos, de maneira nenhuma, conferir-lhe um *status* maior: estaríamos assim, tornando-o um mercado abastecedor de moral; ao contrário, o teatro tem de se precaver nesse caso, para não degradar-se, o que certamente ocorreria se não transformasse o elemento moral apazível, suscetível de causar prazer aos sentidos – princípio, admitamos, do qual a moral sairá ganhando. Nem sequer deve-se exigir que o teatro sirva como instrução, ou utilidade maior do que uma emoção de prazer, físico ou espiritual. O teatro tem de permanecer algo de absolutamente supérfluo, o que significa que nós vivemos para o supérfluo. Nada necessita menos justificações que a diversão (BRECHT, 1967, p. 184).

Aponta, entretanto, que, mesmo em um momento de recreação, o teatro tem caráter pedagógico, visto que “ainda é livre para se recrear com ensino e investigação. Constrói suas representações sociais de forma válida e é capaz de influenciar a sociedade, com uma grande diversão” (BRECHT, 1967, p. 192). Esclarece, por fim, qual é a sua visão sobre o teatro que se faz necessário para a sua época:

Necessitamos de um teatro que não nos proporcione somente as sensações, as ideias e os impulsos que são permitidos dentro do respectivo contexto histórico das relações humanas (em que as ações se realizam), mas também que empregue

e suscite pensamentos e sentimentos que ajudem a transformação desse mesmo contexto (BRECHT, 1967, p. 197).

Nesse sentido, esses autores apresentam uma visão de teatro que dialoga com a realidade social, em busca de uma mudança, mas que não abre mão da sua forma e conteúdo específicos. A partir dessas perspectivas, torna-se possível construir caminhos em busca de uma arte engajada dentro de contextos de mobilização social, como as ocupações estudantis.

A pesquisadora em *Educação no Campo*, Juliana Bonassa Faria (2016) no livro *Arte no Campo: Perspectivas políticas e desafios*, organizado por Marcia Pompeo Nogueira e Tereza Mara Franzoni, levanta uma questão no início de sua apresentação em uma conferência proferida no Seminário Arte no Campo na Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC) em 2014. Essa questão passa pelo lugar da arte dentro de diversos movimentos de militância. Faria (2016) diz que existe um preconceito em relação à arte nos movimentos sociais, “pois dizem que eles não produzem arte e cultura, ou que, quando o fazem, é de forma espontânea” (FARIA, 2016, p. 125). Ela argumenta que, por um lado, é verdade que as artes produzidas nesses espaços têm um caráter espontaneísta. No entanto, não se trata somente disso e é preciso aprofundar essa questão para analisar a arte que se produz no Movimento dos Trabalhadores sem Terra, por exemplo. Mostra que relação com as artes dentro do MST desenvolve a mesma ligação que os trabalhadores têm com a ocupação da terra, que é uma relação mediada pelo conflito. Essa relação tem efeito na própria forma como o Movimento vai dialogar com as modalidades artísticas.

Uma ideia interessante – não única, mas forte – no fazer cultural do Movimento é que a cultura é reprodução e produção da existência humana. E a nossa produção e reprodução da existência humana estão mediadas pela luta. Portanto, arte no MST, que não é um problema, é sim mediada pela luta, e essa luta é sim uma luta conflituosa, forte, de muita contradição. Desse modo, a nossa arte também terá essas características. Mas se fecha só nisso? Não! Ela vai estar permanentemente mediada pela luta, e esse elemento é que a faz ser diferente. (FARIA, 2014, p. 126-127).

Faria argumenta que essa arte é construída no fazer e que, como o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra é nacional, vai ter a sua especificidade em cada lugar do país. Diz que não existe, portanto, um pacote fechado do que seria uma arte engajada e acrescenta: “não

podemos desistir de tudo o que foi acumulado no campo das artes e que nos foi negado e negligenciado como classe”. E a respeito dos outros tipos de arte produzidos fora do contexto do MST, diz que “não podemos negar, só queremos fazer parte dessa produção artística, sim. Queremos conhecê-la, queremos ter acesso a ela!” (FARIA, 2014, p. 128). Por fim, diz que mais importante do que um produto artístico é o processo de produção de uma obra dentro do MST. Retomando as referências da atual pesquisa, é possível fazer conexões com essa fala. Quando, por exemplo, Marlon Gomes relata a experiência com o teatro dentro de uma escola ocupada como sendo um simples exercício de olhar o outro, isso acaba dizendo mais sobre processo do que sobre um produto artístico específico.

É possível reconhecer, também, uma mudança de olhar, de sensibilidade, reconhecendo que as artes transcendem os métodos convencionais de produção e compartilhamento do conhecimento, o que já comprovamos com o teatro e com a própria música, pois eles são também formas de fazer a socialização do que conhecemos, diferentemente das formas de massificação. Na socialização, compartilhamos de forma igual sem massificar. Na massificação, joga-se o conteúdo; no socializar se discute, constrói e reconstrói permanentemente o conteúdo. Portanto, lutamos pela socialização de nossa produção, o que vai, evidentemente, gerar uma produção (FARIA, 2016, p. 133).

O MST é um movimento de referência em todo o Brasil. Há anos ele vem desenvolvendo uma relação com as artes dentro da sua militância. Seria precipitado, então, querer comparar a arte que se produz e o material artístico acumulado dentro do contexto do MST com o movimento de ocupação dos estudantes. No entanto, na busca por referências em espaços de militância e organização política que desenvolve uma arte engajada, suspeito que a relação que esse Movimento tem com as artes pode servir de inspiração e embasamento para pensar a importância de um teatro engajado, aqui, especificamente, no contexto das ocupações. É preciso, portanto, aprofundar o estudo nesse campo, para que se torne cada vez mais dialógica e efetiva a arte que se encontra em espaços de luta.

Em diversos estudos e debates sobre a arte produzida pelos que são oprimidos e os que oprimem, nota-se uma visão dualista, ou seja, ou se faz uma arte puramente dos oprimidos, ou se produz algo que é puramente da classe dominante. No entanto, a partir das investigações desenvolvidas durante esse processo de pesquisa, foi possível perceber que o que pode ser

considerado como arte dominante ou dominada – classificação superficial, visto que muitas vezes não é possível distinguir o que é de qual classe – em diversos casos usa os instrumentos uma da outra, conscientemente ou não. Nesse sentido, não é possível encontrar nos dias atuais um tipo de teatro puramente dos oprimidos ou puramente dos opressores, até porque o papel de quem é o oprimido e o opressor em determinadas relações pode variar, o que gera um debate mais complexo sobre isso. Porém, é possível entender que o contexto no qual essas obras são desenvolvidas pode contribuir para a interpretação do caráter dessas produções, podendo objetivar o engajamento na luta pela transformação social, ou, pelo contrário, a manutenção de uma mesma estrutura. Por isso, pensar em uma arte engajada é um desafio que, cada vez mais, levanta hipóteses, mas não apresenta respostas concretas.

Há uma escolha e essa escolha não está na forma específica ou no conteúdo apenas, mas em todo o processo de produção artística. A Palavra, a Imagem e o Som, como argumenta Augusto Boal (2010), não estão apenas na produção de uma estética considerada dos oprimidos, mas também em uma estética que se pretende anestésica, que busca docilizar os corpos e fazer com que permaneçam nos lugares que ocupam na engrenagem do mundo. É preciso estar atento a esse ponto, para que a arte que se investiga, produz e aprecia, tenha, de fato, o objetivo de transformar a realidade social.

Nesse sentido, concluo que as artes têm um papel importante dentro dos movimentos sociais e, como Coelho (1988) argumenta, o teatro tem características que dialogam com esse contexto, por ser uma arte coletiva e, ao mesmo tempo, por falar do indivíduo, além de trabalhar a sensibilidade.

Quando entrei em uma ocupação em 2016 para desenvolver experimentações teatrais com os estudantes secundaristas, tinha consciência de que o teatro poderia dialogar com aquele espaço e com a luta dos ocupantes. No entanto, é preciso perceber que, para além de dialogar com aquele espaço, essa arte pode contribuir de diversas maneiras para a busca de uma transformação social. Por isso, Augusto Boal e seu *Teatro do Oprimido* me pareceram, intuitivamente e agora racionalmente, adequados para aquele espaço. Também por esse motivo

tenho descoberto cada vez mais a presença dessa metodologia em espaços diversos de militância, como no próprio MST, apesar de reconhecer que não apenas ela se encaixa em contextos de luta.

## NOTA INTERMEDIÁRIA 2

*Abril de 2016. Estrada Rio-Santos. Marlon e Bia comigo. Olhei pelos retrovisores e, junto com a imagem do lindo mar daquela cidade complexa, eu via os olhos brilhantes, também complexos, dos estudantes querendo percorrer mais caminhos, novos caminhos. Eu estava descobrindo outra forma de lidar com a educação e eles estavam com sede de descobrir mais sobre o outro, sobre si, sobre a potência que eles são.*

*Aquela estrada cheia de curvas parecia um oráculo, uma previsão de que se quisesse continuar insistindo na educação teria que saber desviar de tantos riscos, tantos impasses, tantos muros com sabedoria e calma para não derrapar na pista. Eu não sabia que aquele dia, na verdade, aqueles dias me marcariam tanto como professora e artista. Eu não sabia que no momento em que decidi pegar a estrada com os estudantes para encontrar muitos outros em uma assembleia no Rio de Janeiro, estava fazendo uma escolha que me transformaria enquanto pessoa que pensa a educação como espaço de liberdades e que tem consciência de que o teatro é fundamental na formação dos indivíduos e, por isso, tão necessário na escola.*

*Eu gostaria que a escola fosse uma ocupação constante revolucionária de corpos, vozes, experiências coletivas, vontades exploradas, organizada por dentro, por quem vive aquilo todos os dias, várias horas. Mas às vezes a gente precisa parar na estrada para reabastecer, descansar, reorganizar o caminho.*

*Olhando para trás parece que a estrada percorrida foi um sonho distante. Meus pés estão fincados na escola, mas, antes do sinal tocar, durante o silêncio que precede o caos das tantas vozes, eu lembro que já vi estudantes pulando a divisa entre o refeitório e a cozinha, dançando nos corredores, limpando os banheiros, ouvindo música, colando poesias pelas paredes, deitando no sofá da direção, transformando as salas em dormitórios. Eu já vi estudantes abraçados em roda no fundo de uma escola no início do inverno, acendendo um bolo de folhas secas como fogueira para ajudar a esquentar seus corpos enquanto cantavam várias músicas: rap, funk, gospel. Eu já vi.*

*A escola pode ser diferente, mas enquanto a gente não consegue retomar, continuamos na busca por momentos de liberdade, ocupando aos poucos essa “desocupada”. Por que insisto nessa estrada? Os olhos brilhantes, sábios, curiosos dos estudantes costumam me guiar no escuro e o medo diminui.*

*Rio de Janeiro, 11 de abril de 2019.*

#### 4 CAPÍTULO 3 – EM BUSCA DAS NARRATIVAS ESTUDANTIS

Como juntar as vozes que formaram a base principal dessa pesquisa? De que maneira seria possível unir olhares diversos de espaços diferentes que viveram uma mesma causa: ocupar a escola em prol de uma educação pública de qualidade? Para dar prosseguimento a esse estudo, considerei fundamental conversar com estudantes com que tive contato durante as ocupações, bem como com estudantes que tiveram contato com outras professoras com as quais pude dialogar durante a pesquisa. Considerei, portanto, que essas diferentes narrativas poderiam me indicar mais caminhos a respeito da presença da arte, especificamente o teatro, dentro de mobilizações sociais e dentro da própria grade curricular da escola.

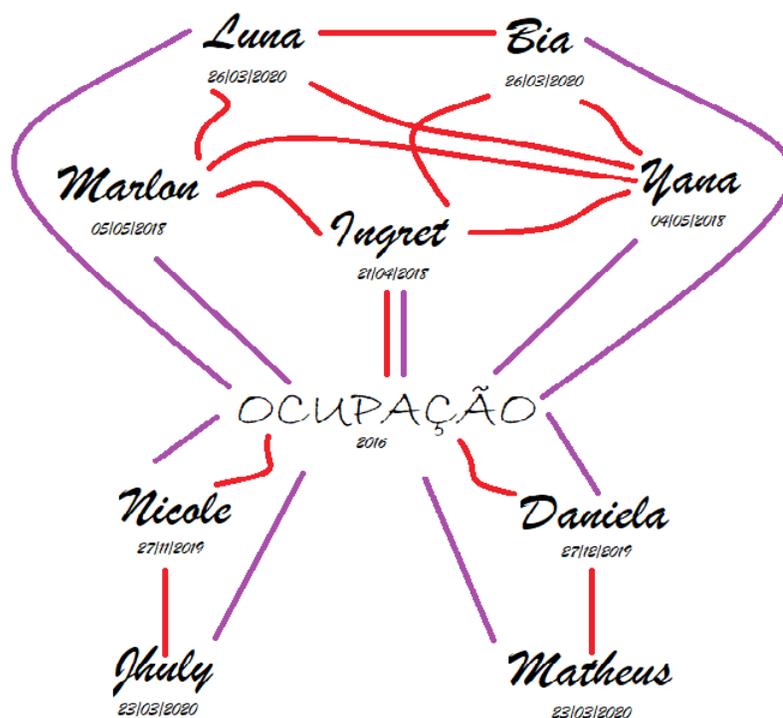
Em busca de metodologias que possibilitassem maior abertura para os estudantes relembrem e relatarem suas vivências, encontrei como opção a entrevista semiestruturada. Como citado na introdução dessa pesquisa, Boni e Quaresma (2004) explicam que esse tipo de método parte de questões que são definidas previamente, mas que podem ser modificadas ao longo da entrevista, de acordo com o que for abordado no diálogo, como uma conversa informal.

##### 4.1 SOBRE AS ENTREVISTAS

Ao todo, foram seis estudantes entrevistados. Quatro deles são de Angra dos Reis e os outros dois são de São Gonçalo e Magé, eles foram indicados pelas professoras Nicolle Longobardi e Daniela Abreu, respectivamente. A escolha desses estudantes se deu a partir de uma rede: iniciei as entrevistas com os secundaristas mais próximos a mim que tinham interesse em compartilhar a experiência dentro das ocupações e esses estudantes foram citando outros. Além disso, solicitei às professoras entrevistadas que me indicassem o contato de estudantes mais próximos a elas. Em determinado momento, percebi que os relatos acabavam repetindo pontos já levantados nas entrevistas anteriores, visto que os estudantes respondiam às questões de formas semelhantes, apesar das vivências serem diferentes. Por fim, considerei incluir um depoimento de uma sétima estudante, Maria Beatriz, que também foi citada em outras entrevistas, mas que

cheguei à conclusão de que não seria necessário entrevistar, porque percebi que o material produzido havia chegado no ponto em que era possível direcionar possíveis conclusões a respeito das perguntas principais dessa pesquisa.

Figura 25 - Rede de pessoas entrevistadas<sup>56</sup>



No ano de 2018 comecei o processo de entrevistas, inicialmente com os estudantes de Angra dos Reis. Já naquela época eles me estimularam a repensar a pergunta principal dessa

56 As linhas vermelhas da figura mostram as ligações entre os entrevistados. Essas ligações foram aparecendo durante as conversas que promovi com estudantes e professoras individualmente. Por exemplo, a professora Daniela, em conversa, falou sobre o estudante Matheus e me passou seu contato para que eu pudesse entrevistá-lo. As linhas roxas apontam como todos os entrevistados estão ligados diretamente à ocupação. Esse mapa foi utilizado por mim para clarear o processo de entrevistas que desenvolvi durante a pesquisa, lembrando as datas, as ligações entre todos e o que centralizava todos os integrantes: as ocupações.

pesquisa. Naquele momento, havia percebido que, mais interessante que elaborar ou esquematizar um método específico de teatro que pudesse ser utilizado dentro de ocupações secundaristas, como contribuição para os meus estudos e mesmo para a minha prática docente, seria investigar práticas teatrais engajadas em uma transformação social e, sobretudo, entender de que maneiras os estudantes percebiam a relação entre a prática teatral e as ocupações secundaristas. Passei a entender que dessa maneira poderia avaliar se a minha escolha por Augusto Boal e outros autores que buscam uma prática teatral coletiva, dialógica e engajada em lutas políticas era uma escolha coerente para aquele período, bem como para a minha prática como professora de teatro no ensino formal. Percebi também que, a partir dessa investigação, poderia levantar pontos positivos e negativos das atividades desenvolvidas dentro das ocupações para que, quando tivesse a oportunidade de vivenciar outras experiências parecidas, pudesse ter mais embasamento e orientações sobre *o que e como* propor.

As entrevistas produziram inúmeros materiais que me fizeram refletir não apenas sobre a conclusão desta dissertação e o resultado desses anos de pesquisa, mas também sobre como poderia seguir esse estudo já tendo me formado na Universidade e atuando em outra rede com turmas de Ensino Fundamental II (sexto ao nono ano). Na reta final da pesquisa, novas perguntas surgiram: *em que as ocupações teriam influenciado minha prática docente? O que daquela experiência eu teria trazido para a sala de aula hoje? Como utilizar o material pesquisado durante o mestrado dentro da minha prática atual?*

Ao reunir todas as falas dos estudantes e professoras e reviver as memórias deles e as minhas, percebi que o que tinha em mãos era um material sensível, que não só falava a respeito de métodos teatrais, de arte como expressão, de ocupação com arte, mas também de esperança, de busca por um mundo melhor, de diálogo, de escuta, de afeto e relações horizontais que, nos dias atuais, considero preciosas. Seria impossível trazer para esse texto tudo o que foi vivido, relatado e todas as experiências e reflexões que pude elaborar nesses anos de diálogo com aquele momento histórico. Ao todo, foram mais de 200 páginas de falas transcritas e histórias diferentes que se cruzaram, mesmo que algumas dessas pessoas não tenham se visto pessoalmente.

Nesse sentido, para amenizar a (boa) angústia de ter um material tão interessante e o medo de manuseá-lo sem diminuir radicalmente a grandiosidade das memórias cedidas para a construção dessa pesquisa, resolvi buscar o lugar no qual me sinto melhor: o teatro. As memórias me fizeram imaginar diversas possibilidades, que busquei traduzir em uma pequena dramaturgia. Nesse sentido, a partir do texto escrito, pude realizar o desejo da Yana Santana, que durante as entrevistas relatou que seu maior sonho era ter ocupado sua escola, mas não conseguiu. Ela, no entanto, foi fundamental na ocupação das outras escolas de Angra dos Reis e na mobilização dos estudantes dessa cidade. Com a dramaturgia também pude entrelaçar depoimentos reais com diálogos imaginários, assim juntei Jhuly e Matheus, que são de outras regiões do Rio, com estudantes de Angra dos Reis em uma mesma escola ocupada.

Ler e reler esses diálogos me fez perceber que nem através do próprio teatro eu conseguiria transportar para a cena a carga afetiva de tudo o que foi dito pelos estudantes. No entanto, esse trabalho me possibilita pensar que eu posso retomar essas vivências e memórias, trazendo para a sala de aula que atualmente trabalho esses relatos e construindo novas narrativas. É interessante para mim enquanto professora e pesquisadora pensar em retomar essas histórias a partir do olhar de quem não viveu a mesma experiência e, assim, continuar em contato com esse material.

Portanto, o último capítulo dessa pesquisa surge no intuito de trançar histórias e expor memórias a partir de um texto teatral. É importante ressaltar que nem tudo o que está escrito no texto foi dito pelos estudantes, porém, as entrevistas são base para a construção deste trecho do trabalho.

No Anexo I juntei as falas dos estudantes entrevistados. Como as entrevistas foram extensas, organizei-as a partir de nove pontos principais para facilitar a leitura e reduzir o tamanho dos materiais coletados: *1. O processo anterior às ocupações; 2. As pautas estudantis; 3. A organização da ocupação: o olhar de dentro; 4. As aulas, oficinas e atividades artísticas dentro das ocupações; 5. O contato com a arte dentro da escola desocupada; 6. O movimento desocupa e suas consequências; 7. Depois da experiência; 8. Se fosse possível mudar o que foi feito e 9. Afeto.* Nesse sentido, sugiro que, antes ou após a leitura da dramaturgia a seguir, seja

consultado o material produzido, caso haja interesse em saber o que de fato é relato dos estudantes ou construção dramática minha, visto que busquei jogar com o que foi vivido em relação com uma ficção construída.

Ressalto também que os estudantes foram consultados sobre a possibilidade de inserir codinomes para representá-los, caso colocar seus nomes fosse incômodo, porém todos disseram que gostariam que os seus nomes fossem apresentados.

## 4.2 DRAMATURGIA – QUANDO A ESCOLA FOI NOSSA

### Personagens:

*Estudantes: Bia, Ingret, Jhuly, Luna, Matheus, Marlon, Yana*

*Secretária*

*Mãe da Yana*

*Estudantes do Fundamental*

*Diretoria*

*Pessoa Desinteressada*

*Professora Laís*

*Pescador*

*Professor Felipe*

*Professor Edward*

*Estudante desocupado 1*

*Estudante desocupado 2*

*Professora desocupada*

*Professora de psicologia*

*Tio da Yana*

## PRÓLOGO

*Espaço vazio. Estudantes surgem por diferentes lugares.*

Jhuly – Acho que foi dia 23 de março... hoje é que dia?

Yana – 23 de março.

Coro de Estudantes (*cantando ao fundo e organizando o espaço para um evento*) – *Pisa ligeiro, pisa ligeiro*

*Quem não pode com a formiga*

*Não atíça o formigueiro*

*Pisa ligeiro, pisa ligeiro*

*Quem não pode com a formiga*

*Não atíça o formigueiro<sup>57</sup>...*

Marlon – Gente, vocês já sabem o que eu estou fazendo aqui. Não tem por que explicar.

Secretária – Tá bom, tá bom. Que horas vai acontecer?

Marlon – Não, moça. Já está acontecendo. Agora é a hora em que você passa a chave para a gente e só liga para a diretoria avisando. (*Secretária sai assustada*).

Bia (*ao telefone*) – Ingret, já fizemos.

Ingret (*respondendo*) – Fizeram o quê?

Bia (*ao telefone*) – Traz as minhas coisas!

Ingret – Não acredito!

Luna – Eu não vou. Hoje é dia do meu aniversário.

Matheus – Por isso mesmo... vem!

Coro de Estudantes (*aumentam a cantoria que estava de fundo, como se fosse uma música de parabéns. Surgem bolas, bolo... uma festa!*) – *E quem não pode com a formiga?*

*Não atíça o formigueiro!*

---

57 Palavra de ordem usada durante as manifestações.

*E quem não pode com a formiga?*

*Não atíça o formigueiro!*

## 1º ATO

### A IDEALIZAÇÃO DA NOSSA ESCOLA DOS SONHOS

#### CENA I – O QUE QUEREMOS!

*Estudantes com bolas na mão, ocupando o espaço, jogando da sua maneira. Entra Yana narrando sua história.*

Yana (*para o público*) – Eu peço licença para começar. E quero começar dizendo que eu estou realizando um sonho, então é muito bom estar aqui. Eu esperei muito por esse momento, porque eu descobri que eu tenho talento, muito talento. É um desperdício eu não poder usar o meu talento nesse espaço onde eu fico mais tempo que a minha própria casa. É o meu último ano aqui. No primeiro ano eu me recusei a aceitar...

Mãe da Yana – Você vai! Toma essa roupa...

Yana – Roupa ridícula.

Mãe da Yana – Vai!

Yana – Cheguei. E se estou aqui é para causar. Eu faço parte do grupo das determinadas.

*Música. Apresentação das estudantes determinadas, que podem ser todos os estudantes. Nessa apresentação, eles vestem roupas de escola misturadas com roupas pessoais e começam a organizar o espaço.*

Diretoria (*interrompendo e falando com Yana*) – Quando essa palhaçada acabar, você não vai estudar mais aqui! Eu vou levar o seu nome para a Secretaria de Educação, porque esse comportamento não é o comportamento de uma normalista de verdade, uma futura professora!

Yana (*para o público*) – Sim, esses são os argumentos utilizados contra mim.

Diretoria – Você está manipulando os estudantes!

Yana – O sexto ano? *(Para o público)* Gente, eu amo o sexto ano, porque eles são estudantes iguais aos secundaristas e eu levo isso muito a sério.

Estudantes do Fundamental – Tia, a gente pode jogar bola na quadra?

Yana – Sim, claro! Olha... a gente pode fazer uma atividade e colocar o futebol bem no meio da quadra.

Estudantes do Fundamental – Tia, a gente pode usar a piscina? A gente nunca usou a piscina!

Yana – Claro! A piscina não está aqui? Não é nossa? Então pronto!

Estudantes do Fundamental – Caraca, tia, eu amo esse lugar!

Yana *(para o público)* – Mas o que acontece... os estudantes declararam guerra à direção.

Estudantes do Fundamental *(para a Diretoria)* – Você não manda em mim, não. Você acha que pode tirar a gente da quadra? A quadra é nossa!

Yana *(orgulhosa dos estudantes)* – Muito bem! *(Para o público)* Como vocês podem ver, eu sou ótima em convencimento. Mas não é fácil ocupar o meu lugar. Teve muita luta para chegar aqui.

Marlon – Começamos na porta. Botamos as cadeiras para fora, descemos a Coronel, pegamos a principal, paramos na Praça do Porto, fizemos uma roda artística...

Jhuly – Acho que é coisa do ano, da lua, sei lá... a energia está por aqui, uma energia potente e o que preenche isso é a arte, entendeu?

Matheus – Claro, porque se você chegar para uma pessoa inexperiente, desinteressada e disser que quer fazer o que a gente está fazendo, ela vai dizer...

Pessoa Desinteressada – Eu não... fazer o que lá? Maior calorção. Tenho que trabalhar. Tenho que ver série.

Matheus – Agora... tocando violão, conversando, trocando uma ideia, é outra coisa!

*Estudantes se organizam em roda, cantam todos os tipos de música: funk, rap, gospel. Organizam o espaço com livros, poesias, enfeites diversos.*

Professora Laís – Gente, o que é isso que vocês estão fazendo aqui?

Luna – Ué... escureceu, fizemos todas as tarefas, a gente merece o nosso momento. Quem quer quadra, vai para a quadra. Quem quer dormir, vai dormir. Quem quer cantar, fica aqui.

Ingret – Tem um chazinho... quer um chazinho?

Professora Laís – Isso que vocês estão fazendo é um sarau.

Bia – Seja lá o que for, senta aqui com a gente.

Yana (*para o público*) – A professora Laís é maravilhosa, mas só pra esclarecer: ela dorme com a gente pra ajudar, fortalecer, mas não manda em nada aqui não.

Ingret (*para o público*) – É porque professor aqui é gente como a gente.

Professora Laís (*lendo um poema, enquanto o Coro de Estudantes canta e toca violão atrás*) –  
*aluno*

*aluna*

*dizem ser;*

*sem luz.*

*mas o que dizer da luz*

*que brota das fendas*

*dessas portas quebradas,*

*das grades planejadas*

*das paredes descascadas*

*do mato sem aparado*

*do esgoto entre a comida*

*ou da falta de alimento*

*dos instrumentos escondidos*

*dos uniformes privatizados*

*dos sonhos enjaulados*

*“uma flor nasceu na rua!”*

*eles tentaram,*

*tentaram cegar nossa juventude*

*construindo muros entre a educação e a vida*

*tentaram comprimir os seus desejos*

*negando-os a voz, a iniciativa*

*tentaram disciplinar os seus corpos  
enfileirados e eretos, quietos  
tentaram, meticulosamente  
padronizar suas mentes  
tentaram enfim, apagar a luz  
que nos corações resiste, flameja  
mas digo que falharam  
a resposta:  
ocup(ação)  
organiz(ação)  
transform(ação)  
não tem nada de invasão!  
invasão é tornar privado o que é público  
é usar de cargo público pra ceder moradia particular.  
quem ocupa, desocupa quem não faz nada  
quem não ouve o outro  
quem reproduz o que vem de cima  
sem questionamento nem lamento  
quem de tanto tempo no passado  
já não sabe reconhecer o novo.  
se existe alguém sem luz  
esse está bem longe daqui.<sup>58</sup>*

## CENA II – ESCOLA (DES)OCUPADA

---

58 Poema de autoria da professora Laís Ribeiro, professora de Sociologia da Rede Estadual de Educação em Angra dos Reis.

*Coro de estudantes se junta e faz gestos que remetam ao momento de ocupação da escola, pulando grades, abrindo cadeados, colando cartazes. Sugestão: projetar imagens de momentos de ocupação em escolas.*

*Coro de Estudantes – Estado veio quente, nós já tá fervendo*

*Estado veio quente, nós já tá fervendo*

*Quer desafiar, não tô entendendo*

*Mexeu com estudante*

*Vocês vão sair perdendo (x2)*

*O CELAMM é escola de luta*

*Balthazar é escola de luta*

*O CIEP é escola de luta*

*Fica preparado, que se fechar, nós ocupa!*

*Stuart Angel é escola de luta*

*Pandiá é escola de luta*

*O CEAV é escola de luta*

*Fica preparado, que se fechar, nós ocupa!*

*Estado veio quente, nós já tá fervendo*

*Estado veio quente, nós já tá fervendo*

*Quer desafiar, não tô entendendo*

*Mexeu com estudante, vocês vão sair perdendo.<sup>59</sup>*

*Estudantes se movimentam pelo espaço fazendo as ações que Yana apresenta. Podem se revezar e dialogar durante as ações, mostrando a rotina da ocupação. Exemplos: limpar o chão e deslizar*

---

<sup>59</sup> Paródia usada pelos secundaristas de São Paulo em 2015 e utilizada também pelos estudantes do Rio de Janeiro em 2016.

*no sabão, fazer comida, convidar alguém para entrar no espaço cênico apresentando o que estão fazendo, ver filme, organizar quadro de atividades do dia, improvisar uma cena.*

Yana – Limpeza

Marlon – Eu!

Yana – Cultura

Ingret – Eu!

Matheus – Eu!

Yana – Segurança

Bia – Eu!

Yana – Cozinha

Jhuly – Eu!

Yana – Comunicação

Luna – Eu!

Ingret (*enquanto os estudantes continuam a ação*) – O professor João está propondo fazer um cineclube com o filme V de vingança...

Bia – O que um filme pode contribuir para esse momento?

Ingret – Um filme também pode ensinar alguma coisa.

Bia – Será?

Yana – É algo diferente. A comissão da cozinha faz a pipoca! Todos topam?

Todos – Sim!

Matheus – MC Marcele quer nos visitar. O que eu digo?

Todos – Que sim!

Luna – Já sabem que o povo lá fora vai dizer que estão fazendo desse espaço uma baderna, que a gente só quer saber de baile funk e festa, né!? (*Todos reagem dançando funk*).

Yana – Ofereceram para terça oficina de lambe-lambe. Posso confirmar?

Marlon – O que é?

Yana – São cartazes que podemos colar na parede. Podemos colocar neles nossas ideias. Posso confirmar?

Todos – Sim!

Luna (*segurando o telefone*) – O professor Victor propôs dar uma oficina... Vocês querem?

Todos – Não!

Luna (*respondendo pelo telefone*) – Professor, a agenda está super lotada aqui na escola. Quem sabe na próxima semana?

Marlon – Gente, aula para o ENEM, gente. Aula para o ENEM...vamos? Mas, ó... não podem avacalhar! Topam?

Todos – Sim!

Ingret (*para o público*) – Você conhece Angra dos Reis? Ali na praia do Frade tem uma ilhotazinha e uma ilha grande e tem uma espécie de rua entre essa ilha e a outra. A primeira é uma de frente. Nesse vão entre uma e a outra a gente aprendeu que um navio negreiro foi afundado ali. E tem um pescador... a gente teve até contato com ele, não de vir à ocupação, mas de ouvir por telefone.

Pescador (*ao telefone*) – Eu joga a rede e a rede prende, eu joga a rede e a rede prende. Eu fico puto! Tenho que costurar tudo de novo!

Ingret (*para o público*) – Eu fui até falar com a minha avó. Minha avó também é caiçara, da Ilha do Bananal. Ela disse que para ir ao centro de Angra tinha que ir em um dia, dormir lá e voltar no outro. E você vê... hoje eu chego na Ilha em menos de uma hora. Isso não é aprendizado?

Professor Felipe – Oi, gente. Posso ficar aqui com vocês?

Todos – Sim!

Professor Felipe – Então vou ensinar vocês a fotografar e filmar com o próprio celular. É uma forma de vocês se defenderem. Por exemplo, chega um policial, avança o portão de segurança, cheio de ignorância, o que vocês fazem?

Todos – Molotov!

Professor Felipe – Vamos supor que não tenha... o que vocês fazem?

Marlon – Depende, Felipe. Depende muito da circunstância.

Bia – Dependendo a gente se faz de sonso.

Professor Felipe – Ok, mas para se garantirem é bom registrar. Registrem tudo!

*Estudantes começam a fotografar as próprias ações. Sugestão: projetar imagens de diversas ocupações mostrando o cotidiano delas.*

Professor Edward – Cheguei! Vim com a pedagogia do saquinho.

Yana *(para o público)* – Pedagogia do saquinho *(falando em tom exagerado, explicando)*: O professor traz frases pessoais para mexer bem com a emoção da galera. *(Quebra)* Ele já levava para a sala de aula quando ela era desocupada, mas agora, aqui, nesse lugar... a emoção está à flor da pele, né!? Se o professor fala: “a”. Todo mundo... *(todos começam a chorar e se abraçar)*.

Professor Edward *(lendo papéis de dentro de uma sacola)* – Vocês acham que vão tirar algo positivo daqui? *(Todos se olham)* Sobre essa experiência que estão vivendo, quais são os pontos positivos ou negativos? *(Todos se olham)* Abrace aquele que você nunca abraçou na escola desocupada! *(Estudantes se abraçam. Esse abraçar começa a ficar conflituoso, parecendo um embate)*.

Professor Felipe *(interrompendo)* – Chega! Vamos fazer teatro.

Bia – Eu não quero ser atriz.

Luna – Nem eu!

Yana – Tenho talento, mas não quero.

Professor Felipe – Não é para ser atriz ou ator. Escolham uma pessoa para formar duplas. Quero um de frente para o outro. Sem falar. Quietos. Nem um pio. Se olhem apenas. Observem o outro e se observem enquanto observam o outro. Quero os mínimos detalhes. Até a respiração. Os detalhes do olho do outro, da sobrancelha, o nariz, o cabelo... tudo. *(Tempo. Estudantes demonstram certo incômodo)*. Acabou!

Marlon – O quê?

Professor Felipe – Acabou. É isso. Vocês precisavam se olhar. A rotina está tão pesada que vocês não estavam nem se olhando mais!

*Todos começam a ter ataque de risos. Marlon e Luna começam a se arrumar para sair, colocam as mochilas nas costas.*

Bia – Aonde vocês pensam que vão?

Marlon – Nossa escola está desocupada e precisamos voltar para lá. Temos prova, professora não liberou e é o último ano... não podemos reprovar.

*O espaço muda completamente. Todos enfileirados, com uniformes ajustados. Entram Luna e Marlon com cara de cansados.*

Marlon *(para Luna)* – Não é possível. Nós fazemos de tudo: recebemos responsável, mostramos que estamos fazendo isso direito, que a escola ocupada pode ser muito melhor que a outra, que a gente aprende mais, que a gente é responsável e sabe o que quer, que a gente está lutando por uma escola melhor para todo mundo, mas ao mesmo tempo tem que vir fazer prova!

Estudante desocupado 1 – E aí... não dormiram não, é?!

Estudante desocupado 2 – Diz aí como é isso... vocês ocupam a escola dos outros e depois vêm aqui?

Marlon *(para o público)* – Isso me dói o coração.

Luna *(para Marlon)* – Calma... primeiro a gente se fortalece lá e depois vem pra cá!

Marlon *(saindo da sala)* – Tomara que seja logo.

Professora desocupada *(entrando e interrompendo)* – Para onde o senhor está indo?

Marlon – Banheiro... posso ir? Posso? Por favor, eu tenho esse direito? *(Sai. Os outros estudantes olham para Luna. As provas são distribuídas pela Professora desocupada. Luna, com sono, acaba dormindo em cima da prova).*

Estudante desocupado 1 – Esses vândalos só querem saber de ficar fazendo sacanagem na escola.

Estudante desocupado 2 – Estudar que é bom ninguém quer. Vão ser o que na vida? Nada...

Estudante desocupado 1 – Engraçado que são os piores alunos. Para mim tinha que invadir aquilo lá e tirar todo mundo à força!

Estudante desocupado 2 – Eu também acho.

Professora desocupada *(acordando Luna)* – Luna, por favor, se comporte como uma estudante digna de uma boa nota. Aqui existem regras e regras precisam ser cumpridas. *(Marlon entra)*

Marlon, a hora do banheiro é a hora do intervalo. Não quero mais você indo fora do horário.

Organize seu organismo para isso. Essa foi a última vez. Anos de magistério e vivi para ver isso: alunos achando que mandam na escola. Anos de magistério e vivi para ver isso: alunos

organizando a própria grade de horário da escola. Anos de magistério e vivi para ver isso: alunos cozinhando, limpando, arrumando, se reunindo, se organizando, embasando discursos para defender seus ideais. Anos de magistério e vivi para ver isso: estudantes defendendo a escola como se fosse a casa deles. Acabou a prova. Podem me entregar.

*Estudantes saem, Marlon e Luna vão conversar com a professora.*

Luna – Professora, estávamos pensando em fazer uma atividade legal na escola, envolvendo todos os alunos. O que a senhora acha?!

Professora desocupada – Ah, eu acho maravilhoso! Tem que ser algo que os alunos se interessem, coisa que é difícil, mas eu posso ajudar vocês no que quiserem. O que pretendem?

Marlon – Queremos fazer uma atividade cultural. A cultura chama as pessoas, pode ser um momento legal na escola para melhorar o clima.

Professora desocupada – Claro, claro! Por que não? A escola sempre esteve aberta para as ideias de vocês. Uma atividade cultural é incrível. Estão vendo como não precisam ocupar para organizar coisas assim? Qual dia vocês pretendem fazer?

Luna – Estávamos pensando na sexta-feira, que é um dia que o pessoal já está mais animado, porque vem o final de semana e tal...

Professora desocupada – Ah, sexta? Poxa... sexta não dá, é conselho de classe.

Luna – Na segunda da outra semana, então, que já começa a semana de uma maneira diferente.

Professora desocupada – Isso é uma ideia interessante. Pode ser. Onde vamos fazer?

Marlon – Acho que seria muito legal se fizéssemos no pátio, porque é no centro da escola, todas as salas se voltam para o pátio.

Professora desocupada – Aí eu já acho complicado. Não vamos ter controle sobre todas as salas. Podem ter estudantes se aproveitando para entrar em uma dessas e fazer vocês sabem o que...

Luna – Então na quadra. Vai todo mundo para a quadra, que é aberta, ampla...

Professora desocupada – Ah, mas não pode.

Marlon – Em uma sala vazia?

Professora desocupada – Não pode.

Luna – No telhado...

Professora desocupada – Não pode.

Marlon – Na...

Professora desocupada – Não pode.

Luna – Na fren...

Professora desocupada – Não pode. Não pode. Não pode. *(Tempo)*. Vamos fazer assim: vamos amadurecendo essa ideia e mais para frente vemos como fica, está bem? *(Professora sai)*.

Luna *(para Marlon)* – Tem alguma coisa errada... tem alguma coisa errada!

Yana *(entra com a máscara do V de Vingança ou apenas com um pano tapando o rosto junto com os outros estudantes)* – Não se preocupem, amigos, vamos resolver isso juntos!

*Começam a jogar bola de água, como se fosse uma guerra, só que dentro da bola há um líquido de várias cores diferentes. O espaço fica colorido. Pode haver danças, performances, qualquer movimento artístico buscando a expressão dos estudantes. Os estudantes tiram as máscaras e começam a cantar palavras de ordem.*

*Sugestão: Quem são vocês?*

*Sou estudante!*

*Não escutei*

*Sou estudante!*

*Mais uma vez*

*Sou estudante!*

*Sou... sou estudante eu sou*

*Eu quero ocupar*

*E ninguém vai me segurar.<sup>60</sup>*

### CENA III – ARTES NA ESCOLA

Jhuly *(interrompendo as ações)* – Atenção! Jogral!

Todos *(repetindo)* – Jogral!

---

60 Palavra de ordem cantada durante as manifestações.

Jhuly – A escola ocupada não é a escola desocupada.

Todos – A escola ocupada não é a escola desocupada.

Jhuly – A arte na ocupação é uma arte libertária.

Todos – A arte na ocupação é uma arte libertária.

Jhuly – Vamos nos libertar!

Todos – Vamos nos libertar!

*Estudantes continuam suas performances, partituras corporais, expressões diversas. Bia estranha a movimentação. Sugestão: projeção de fotografias que retratem momentos de atividades artísticas nas ocupações.*

Bia – Mas, peraí... eu estou com uma dúvida aqui nesse cronograma. É aula de artes? Artes é alguma coisa libertária?

Jhuly – É um momento artístico, vamos dizer assim...

Luna – Mas arte é chato!

Jhuly – Claro que não.

Yana – Eu tive um professor de artes uó.

Jhuly – Arte é mais que uma coisa só.

Marlon – É... desenhar, pintar, ligar ponto... e não pode errar! Tem que ter lápis de cor, caderno sem linha. Aquelas coisas...

Luna – Tem a parte da história... essa até que é legal!

Bia – Eu só lembro da Tarsila do Amaral.

Ingret – Eu já fiz uma árvore genealógica na aula de artes.

Yana – Cara, a aula de artes na escola não me serviu de nada. Principalmente a do Ensino Fundamental. Eu não sei desenhar nem um globo terrestre. Se o professor me pedir eu vou zerar a prova.

Matheus – Aí... vocês estão viajando. Artes não é só isso e aula de artes nem é só desenhar. Eu faço teatro na aula de artes.

Bia – Mas aí não é aula de artes, é aula de teatro.

Matheus – E teatro é o quê?

Marlon – Verdade... eu tive aula de teatro também, só que a professora chegou nas últimas semanas de aula do segundo ano do Ensino Médio. Aí já viu, né!? Ninguém ia respeitar. A gente combinou de avacalhar a aula, mas nem avacalhou tanto, porque ela tocava um pandeiro, pedia para contar uns sinais antes de uma improvisação (*imitando*): primeiro sinal, segundo sinal, terceiro sinal. A gente não esperava aquilo.

Matheus – Na minha escola eu tive aula de teatro no segundo ano também.

Bia – Como era a aula?!

Matheus (*mostrando*) – Imaginem vocês saindo da sala de aula e indo direto para o auditório, tirando o tênis.

Ingret – Ah, não... chulé.

Matheus – Só imagina. A imaginação não tem cheiro. Deitando no chão da sala...

Bia – Sujar a roupa toda para depois lavar rápido pro dia seguinte... Um saco!

Matheus – É verdade. O auditório é sujo mesmo, mas a gente pode trocar de roupa.

Bia – Aí já melhora.

Matheus – Aí você respira, sente o ar entrar, pensa no seu corpo inserido naquele espaço e o pensamento viaja...

Ingret – Gostei.

Matheus – Aí você levanta, joga com seus amigos.

Bia – Futebol?

Matheus – Não... joga um jogo teatral, que trabalha o corpo, a relação com o outro.

Bia – Já está viajando demais.

Matheus – Mas a aula de teatro é assim.

Bia – Ahn...

Jhuly – O que a gente está fazendo aqui é arte, gente.

Ingret – Minha mãe vivia dizendo isso quando eu fazia alguma besteira.

Jhuly – Marlon, o que você gosta de ouvir?

Marlon – Rap, me amarro em uma roda.

Jhuly – A gente não convidou semana passada a galera para fazer a roda? Isso é arte. O Felipe mesmo ensinou a gente a fotografar... isso é arte. Está no nosso dia a dia e pode estar na escola também.

Bia – Mas não está. É muito difícil associar a palavra arte na escola desocupada com esses exemplos que você deu.

Yana – E se não tem atividades desse tipo na escola e a gente nem dá bola para a matéria artes, por que aqui a gente faz tanta coisa?

Marlon – Acho que é uma coisa de sentir falta. Acho que move. Cultura move a gente.

Ingret – Tem nada para fazer sexta à noite? Vamos pra praça, pegar o violão e tocar uma música.

Bia – Quando estou em casa, sem nada para fazer, eu vou escrever.

Matheus – Então é isso. Tudo isso é arte.

Marlon – Eu acho que o que a escola geralmente faz é podar. Aquela arte... história da arte é muito importante, mas vai ficar só naquilo, sabe? Só naquilo?

Luna – A gente quis até propor uma atividade cultural na escola desocupada, mas é tanto empecilho que a gente desistiu. Melhor fazer fora, ou fazer na ocupação.

Marlon – Sobre a questão do espaço e da abertura com as artes eu acho que a gente pode lutar para mudar quando voltarmos para a escola desocupada, mas ainda é diferente, porque pensa: você fazer uma atividade na rua, na praça, você não tem barreira. Você pode falar do assunto que você quiser. Por exemplo: “ah, eu quero fazer um ato político com o rap!”. Você está puto, você vai falar palavrão, você vai xingar. Nem dentro e nem na porta da escola eu faço isso, porque não posso me comportar de certa forma. Então, assim... por mais que um dia deixem você fazer, não vai ser plenamente, de fato. Você pode exercitar isso para além dos muros. Mas é isso... por que existem os muros da escola? Por que tem essa barreira? É um espaço de educação e tal, beleza, mas precisa de tantas barreiras?

Ingret – Até aqui na ocupação a gente enfrentou dificuldades com a comunidade em volta. No dia da MC Marcele, por exemplo. Lembram?

Marlon – Pois é... no dia do circo o pessoal lá fora achou muito legal, muito bonito, elogiou nas redes sociais. Quando foi funk o que o pessoal disse?

Todos – Olha lá aqueles vândalos transando e fumando maconha na escola!

Estudantes (*em coro e limpando o espaço*) – *Caminhando e cantando*

*Num ativismo sem igual.*

*Aqui ninguém te segrega*

*Por cor ou*

*classe social.*

*Filhos da luta,*

*Netos da resistência.*

*Vamos ocupar tudo,*

*Até suprirem*

*nossa carência.*

*São sonhos transformadores*

*Que visam reformar a educação.*

*Queremos*

*aprender a pensar*

*E não a obedecer à direção.*

*Muitos gritam: --- Saíam daí!*

*E nós*

*sempre iremos dizer: --- Ocupar e resistir!!!*

*Sucateiam nossas escolas,*

*Abandonam*

*nosso ensino.*

*Mas, sinto lhe informar,*

*Continuaremos resistindo!*

*Existir é resistir!<sup>61</sup>*

Yana (*interrompendo*) – CONSEGUIMOS!

---

61 Texto de Gabriel Azevedo, que em 2016 era estudante secundarista do C.E. Roberto Montenegro em Angra dos Reis.

Todos – O quê?

Yana – Eleição para a direção!

*Todos reagem.*

Yana – Mais tempos de Filosofia e Sociologia.

*Todos reagem.*

Yana – Fim do SAERJ!

*Todos reagem.*

Yana – Trinta mil reais para reparos emergenciais na escola.

*Todos reagem.*

Yana – As pautas específicas ainda estão difíceis...

Marlon – Vamos continuar!

*Estudantes em festa. Arrumam o espaço.*

## 2º ATO

### NADA PODE DAR ERRADO

#### CENA I – POSIÇÃO FETAL

*Espaço limpo. Marlon está no foco. Alguns tentam dormir e estão em posição fetal, enquanto outros dois tentam se manter acordados, fiscalizando o espaço. O telefone toca.*

Marlon (*atendendo*) – Alô?

Voz ao telefone – Vai rodar! Vai rodar!

*Marlon desliga o celular e volta para a posição inicial. Telefone toca novamente. É uma mensagem.*

Marlon (*lendo*) – “Vai rodar! Vai rodar!”.

*Desliga o telefone e volta para a posição. Silêncio. Ouvem o barulho de uma bomba muito próxima.*

Ingret – O que é isso? Fiquem aí, vamos ver quem é. (*Chama Yana*).

*Os estudantes se mostram tensos. Variam entre a tentativa de dormir em posição fetal e ficar alertas.*

Bia – Marlon, tenta dormir.

Mar – Não estou conseguindo.

Bia – Para de graça, cara, você tem que descansar.

Marlon – Não tem como. Não estou conseguindo. (*Acende um cigarro e fala baixo, para ele mesmo*) Nada pode dar errado, nada pode dar errado...

*Telefone toca. Agora é o de Jhuly, que atende.*

Voz ao telefone – Garota de Black, vai morrer! Vamos pegar a garota de black!

*Jhuly desliga o celular. Telefone de Luna toca.*

Voz ao telefone – Luna, volta para casa agora.

Luna – Não dá, mãe. Não dá. Não tem nem ônibus! Amanhã eu volto cedo, eu juro.

*Desliga o celular. Telefone de Matheus toca.*

Matheus – Alô?

Voz ao telefone – Vai morrer.

*Matheus desliga. Soltam outras bombas. Ingret e Yana voltam correndo.*

Yana – É o desocupa.

Bia – E o que a gente faz?

Ingret – Acho que eles já foram embora. Foi só para assustar a gente.

Voz de fora (*falando como se fosse em um megafone*) – Atenção, seus vândalos. Vocês têm três dias. Três dias! (*Ouve-se um barulho de tiro*) O recado está dado. (*Silêncio*).

Marlon (*olhando o celular*) – A capa do jornal de hoje tem nossos rostos... eles colocaram uma tarja preta nos olhos.

Bia – Está ficando difícil. O que a gente vai fazer?

Ingret – Eu não entendo. Era para eles estarem com a gente. A gente está querendo o bem de todos!

Bia – Eles não entendem... não adianta!

Ingret – Será que essa ameaça é de verdade?

Yana – Por mim eu me mantenho aqui. O nosso objetivo é muito maior. Enquanto não exonerarem a diretora antes das eleições, não prestarem contas do dinheiro que foi gasto com as merendas que não comemos, enquanto não repensarem a relação entre professor e aluno eu não tiro o pé daqui. A gente não está aqui de brincadeira. A gente não está aqui à toa. A gente já conseguiu muita coisa... vamos conseguir mais.

*Estudantes se juntam formando um paredão com seus corpos e, se possível, cadeiras de escola.*

*Sugestão: projetar vídeos de momentos de agressão do desocupa. De fora, ouvem-se vozes e muitos sons, como sirenes, carros, panelas, alto-falantes. Enquanto falam, estudantes produzem imagens corporais que remetam à reação aos ataques seja da polícia, ou do desocupa.*

Vozes de fora:

Voz 1 – A gente quer estudar!

Voz 2 – Essa puta fica dando o dia inteiro aí dentro, vem dar aqui fora, porra!

Voz 3 – Meus filhos querem ser alguém na vida.

Voz 4 – Quem está pagando vocês para ficarem aí?!

Voz 2 – Escola não é motel.

Voz 1 – A gente vai entrar e tirar todo mundo à força.

Voz 3 – Seus maconheiros, viciados... parem de traficar dentro da escola!

Voz 4 – Se passar na rua, vai morrer.

Todas as vozes – Vai morrer! Vai morrer! Vai morrer! Vai morrer!

*Quebra. Depoimento dos estudantes olhando diretamente para o público.*

Jhuly – Eu pensei em escrever um livro de memórias, porque eu acho que é importante fechar o ciclo, sabe? Já fiz um pouco quando eu fiz uma peça sobre a ocupação, a Sala Cinza, mas eu acho que preciso de um registro escrito para falar sobre, porque tem muita coisa que quase ninguém

sabe, sobre o que a gente viveu ali dentro, sobre uma pressão que eu não imaginava na minha vida.

Bia – Fomos muito criticadas porque éramos futuras professoras e tínhamos que dar exemplo, mas convivendo dia a dia dentro da ocupação fui percebendo que meu lugar era ali dentro. Nas redes sociais muitos professores que eram contra o movimento diziam que os estudantes que participavam eram desinteressados e nem ligavam para estudar. Mas eu não via nada disso, até porque quem ficava ali era por vontade própria e não por obrigação... era um prazer.

Matheus – Foi muito agressivo o modo como eles quiseram desocupar as escolas, sabe? Os pais queriam bater em alunos, me ameaçavam, minha família ficou louca, porque estavam me ameaçando de morte. Não sei por quê. Uma coisa bem louca mesmo.

Marlon – Eu comecei a piorar, ficar muito nervoso. Eu já fumava. Naquela época foi o pico. Comer não tinha como porque tinha que manter uma regra ali para todo mundo comer, então fumava desesperadamente. Cigarro o dia inteiro. Eu tinha guardado dinheiro, tinha recebido, porque eu tinha sido mandado embora, né? Estava com 400 reais, praticamente gastei só com o cigarro. Não dormia, não conseguia comer, estava nervoso, estava quase em crise, mas mesmo assim estava indo lá. Mas no final, quando chegou quase desocupando o CELAMM eu cheguei pra Luna e falei: “Luna, não aguento mais!”.

Luna – Eu cheguei a ir ao Mendes de Moraes que foi uma escola onde mais estive presente o desocupa, né? E era um cenário de caos aquilo ali, foi muito marcante... agressão, sabe? As pessoas tacavam pedra, pessoal machucado, barricada pela escola inteira, foi punk essa questão do desocupa, era uma sensação de medo. E mesmo não acontecendo tanta coisa aqui em Angra a gente também estava com aquela sensação de medo, de dentro da escola. E o pior é saber que a maioria desses ataques não vinham nem dos estudantes, mas sim de pessoas aleatórias de fora, dos pais.

Ingret – Me dava um alívio, porque já estava cansativo, e saber que no momento que a gente desocupou a gente estava já quase conseguindo aquilo que a gente pediu, tinha esse alívio, mas também um aperto no coração de saudade, de saber que aquilo não ia voltar, porque a gente tinha uma estrutura, foi uma família por três meses ali.

Yana - Quem participou da ocupação e falar que anda tranquilo pela rua está mentindo.

*Estudantes saem de cena, menos Yana.*

Professora Laís – Yana, a gente está tentando, mas talvez você tenha que ser transferida. Aqui não está mais seguro para você... Tem gente armada. *(Sai)*.

Yana *(para o público)* – Esse foi o único dia que eu chorei. Mas não chorei perto de ninguém para não dar esse gostinho. Chorei no ônibus voltando para casa.

## CENA II – E DEPOIS?

*Sala de aula desocupada. Espaço preenchido por cadeiras. Entram Marlon e Luna observando o espaço.*

Marlon – Ô Luna, aquela porta ali... a gente não tinha enfeitado com tecido colorido?

Luna – Está azul...

Marlon – E o mural está preto.

Luna – Demorei dias enfeitando aquele mural com frases nossas...

*Jhuly entra com alguns adesivos... animada.*

Jhuly – Gente, o grêmio está de pé... conseguimos! Já votamos em assembleia construir uma rádio na escola e semana que vem a gente tem a apresentação de uma peça de teatro no pátio... podem avisar para geral.

*Matheus entra e se despede dos outros.*

Matheus – Galera, vim aqui só para avisar para vocês que eu não tenho mais interesse em voltar para a escola. Tenho outros planos... Preciso me reorganizar internamente. Depois eu volto, construo o grêmio... o que for. *(Despedem-se. Matheus sai)*.

*Yana, Ingrid e Bia entram em cena, observam o espaço e falam com os outros estudantes.*

Yana – Olha só, gente... não vamos aceitar afronta de desocupa aqui dentro não, certo? A gente vai fazer assim: vai intimidar os professores que nos apoiaram e pedir para nos defenderem agora

aqui dentro. Nós também os defendemos e temos esse direito! E nada de desânimo, tristeza... nada disso! Conseguimos muitas coisas aqui!

Bia – É isso mesmo. Não se esqueçam que fazemos parte do grupo das determinadas.

Professora Laís (*entra*) – Boa tarde, minhas e meus estudantes maravilhosxs.

Yana – Olha aqui, professora. Já vamos mandar o papo reto para esclarecer algumas coisas. Vocês vão voltar, mas vão defender a gente, porque a gente segurou as pontas aqui. É agora que a gente precisa...

Professora Laís – Eu prometo fazer jus à luta de vocês!

Ingret – Muito bem!

*Toca o sinal, entra a Professora de psicologia.*

Professora de psicologia – Boa tarde, turma. Eu, antes de mais nada, quero dizer que fui contra tudo o que vocês fizeram. Achei muita coisa errada, mas devo dizer que em certo ponto vocês estavam certos. Está tudo errado. Vocês ajudaram a chamar atenção para problemas que professores relatam há tantos anos. (*Professora começa a se exaltar*) São muitos problemas que a gente vive na educação pública. Não dá pra aguentar essa falta de estrutura na escola, essa escola que poderia ser tão melhor. Sem contar o congelamento de salários, o congelamento de verbas para a educação... está tudo muito difícil. Vocês têm razão... vocês têm razão em ocupar, em tentar, em lutar.

Yana (*para o público*) – Eu acho isso a coisa mais linda do universo. Sinto muito orgulho de ver professora pelega, quieta, calma, agora estressada, se expressando, se revoltando. É isso.

*Toca o sinal. Entra Professora desocupada.*

Professora desocupada – Eu queria dizer, meus queridos alunos, que esse espaço aqui é um espaço neutro, onde eu ocupo o lugar de passar os conteúdos que a minha formação me legitimou a passar. Já vocês, que ainda não são formados em nada, estão para aqui compreender, apreender os conteúdos. Dito isso, exijo que nos respeitemos. As mágoas anteriores ficam para trás. Vamos construir um novo caminho com muita dignidade, sem vandalismo, cumprindo as regras, respeitando a opinião do próximo, se colocando no lugar do outro. Eu não quero ouvir ninguém falando de professor que apoia atos de vandalismos. Enquanto eu trabalhei todo esse tempo,

muitos outros decidiram fazer greve, ficar em casa, ir à praia, beber cerveja, fazer festa em manifestação e ocupação. Eu não... eu me dedico à minha profissão, aos meus anos de magistério, mas nem por isso quero que falem mal de...

Bia – Professora, a senhora está sendo contraditória e antiética. É a senhora quem está falando mal dos outros professores.

Ingret – É assim que você quer formar futuras professoras... falando mal de outros professores?

Yana – Que exemplo...

Professora desocupada – Não foi isso que eu quis dizer... (*Tempo*) quer saber? Prova surpresa e oral para a turma! Como vocês gostam muito de estudar, imagino que tenham estudado bem o texto que passei na última aula, então nada melhor do que prova oral.

*Estudantes reagem negativamente, mas aceitam.*

Yana (*para o público*) – Quando você estuda um texto você vai falar o que você entendeu daquele texto, certo?

Professora desocupada – Segundo o autor fulano de tal, quais eram as principais fontes de inspiração para um autor do século XX?

Ingret – As principais fontes eram o estudo...

Professora desocupada (*interrompendo*) – Nada disso! Não é isso que está escrito aí. Eu quero que diga o que o autor disse.

Yana – Mas não tem nexos, professora! A gente está falando, porque o autor estava falando aquilo, porém a gente está adaptando à nossa fala.

Professora desocupada – Eu quero as mínimas palavras!

Yana – Então tá bom. (*Para o grupo de estudantes*) Não tem problema, gente. Ela tem um ponto fraco: ela está querendo que a gente fale o texto na ordem... nós somos os últimos, então a gente vai falar justamente esses pontos que estão no livro. É simples.

Professora desocupada – Grupo da Yana! Conforme o texto, ele quis dizer o que sobre os três tipos de negócio?

Yana – Professora ele disse isso, isso e isso!

Professora desocupada – Muito bem! Nossa, pelo menos um grupo tirou nota boa.

Yana – Não, isso pra mim não é suficiente! *(Para os estudantes)* Gente, isso não é correto. Vamos falamos com a professora?

Estudantes – Vamos!

Yana – Professora, sua didática foi tão de merda que você fez isso para sacanear a gente, você fez isso para a gente tirar nota ruim para depois ficar igual louca desesperada atrás de você. É desse jeito que você acha que é uma boa profissional?

Bia – Você acha certo isso? Sabe o que você faz? Pode dar zero! Pode dar zero pro grupo todo, porque não é ético o que a gente fez, a gente colou. A gente colou para você ver que a sua didática não é boa, que nós estamos nos dando zero e não você.

Professora desocupada – Vocês colaram? Vocês sabem muito bem que não pode, vou dar zero.

Yana – Então faça isso!

*Toca o sinal. Estudantes reorganizam o espaço para uma apresentação. É festa de final de ano e os estudantes vão se apresentar no Teatro Municipal.*

Y *(para Matheus, que entra em cena)* – Matheus, você que já fez teatro na escola... não sei se você ficou sabendo, mas agora no curso normal todo terceiro ano tem uma grande apresentação no teatro municipal.

Matheus – Sim... começou agorinha, né?!

Yana – Sim, a gente que inaugurou.

Matheus – Que legal... de onde surgiu a ideia?

Yana – Os professores do curso normal... Olha, é um grande espetáculo envolvendo toda a escola e os pais dos estudantes.

Matheus – E vocês apresentam algum trabalho que vocês desenvolveram na escola?

Yana – Sim... isso aí. A gente decidiu: a gente tem que contar a nossa vida no curso normal. Montamos um musical. Só que sempre tem aquela competição de terceiro ano. Aí as inimigas *(entram em cena as Inimigas, que não podem ser os atores que fazem os estudantes)* – é como eu as chamo, um problema meu com elas - as inimigas da 3001 fizeram um musical onde apresentam as danças que elas dançaram no curso normal todo.

*O grupo se apresenta sem energia.*

Yana – Sem graça! Não nasci para isso.

Bia – Não dá... temos que fazer uma coisa diferente!

Yana – A gente quer algo marcante, né?

Matheus – Já não bastam só vocês.

Yana – Vamos fazer uma encenação!

Matheus – Quero assistir!

*O espaço todo se organiza para a apresentação.*

Estudantes – Primeiro sinal. *(todos batem uma palma)*. Segundo sinal *(todos batem duas palmas)*.

Terceiro sinal *(todos batem três palmas)*. Silêncio total... ação!

*Alguns estudantes em cena sentados em suas carteiras. Entra Yana imitando a Professora desocupada.*

Yana – Gente, eu quero que vocês leiam o texto que a prova vai ser oral.

Estudantes em cena – Ah, não professora!

Yana *(imitando)* – Não quero saber. Prova oral!!!

*Estudantes que eram parte da plateia parabenizam as atrizes.*

Yana – Eu sabia que a gente ia arrasar!!! Uma coisa que eu descobri é que eu tenho talento. *(Todos saem)*.

## EPÍLOGO

*Yana sozinha em cena, coloca a beca. Música de formatura. Não entra ninguém. Ela observa o espaço, espera alguém, mantém-se firme, mas ninguém aparece. Depois de um tempo seu tio entra.*

Tio da Yana – Yana, sua mãe não pode vir à sua formatura. Conversamos e decidimos que é melhor você ir para Minas ficar um tempo com sua avó, longe dessa loucura toda, vai fazer bem pra você. Vamos.

*Yana não fala nada. Apenas abaixa a cabeça e sai com o tio. Entra Jhuly, que fica sozinha sentada em uma cadeira. Ela fica nesse espaço por um tempo considerável. Levanta-se, bebe água e volta. Tenta prestar atenção em algo que está fora, mas não consegue. Repete esse movimento algumas vezes. Nota-se uma inquietude. Entra Marlon, que abraça Jhuly.*

Jhuly – E aí?

Marlon – Não vou olhar.

Jhuly – Olha logo, cara.

Marlon – Eu vou para as forças armadas.

Jhuly – Sai dessa, cara. Tenta!

Marlon – Não tem como. Não vai dar em nada. E além do mais esse lugar não é pra mim, eu não me vejo aqui. Ainda me disseram que eu não vou conseguir arranjar emprego nessa cidade. Vou ter que me arranjar de outra forma.

Jhuly – Olha logo! *(Marlon olha. Estudantes de fora falam junto com ele).*

Todos – Passei!!!

*Festa com música alta. Todos entram em cena, dançam, bebem, se abraçam, se divertem e se emocionam juntos, como se estivessem muito tempo sem se encontrar e tivessem muita afinidade.*

Yana *(para o público)* – Eu cheguei aqui! E eu conheço bastante gente. Está todo mundo aqui! Até uma galerinha que não gosta de mim da época do movimento está aqui...

Luna *(para Yana)* – Que bom que você voltou! Você precisava estar aqui, você tem que estar aqui, a UFF necessita de você aqui. Nós temos que trazer todo mundo. Nós somos um diamante aqui dentro. A gente precisa estar aqui para fazer jus a tudo aquilo que a gente passou. Em tudo o que eu puder te ajudar, eu vou te ajudar.

Yana *(para o público)* – A Luna é muito maravilhosa!

Marlon – Cara, você está aqui! Vocês estão aqui!

Yana – É mesmo... no início eu não ia com a sua cara, mas... estamos juntos!

Marlon – A gente precisa de você.

Bia – Eu estou em outro Estado, fazendo pedagogia e amando a educação!

Matheus – Eu voltei para a escola e estou sendo muito bem recepcionado pelos professores. E tem mais: é outra escola. A direção é uma direção grevista... outra história!

Ingret – Eu estou estudando em Volta Redonda e quando olho pra vocês só sinto vontade de abraçar! (*Todos se abraçam. Som de tiro. A cena congela. Jhuly se direciona para o público*).

Jhuly – Não sei, cara, porque assim... eu assisti recentemente a esse documentário da Marielle, né? Mexeu muito comigo por nossas histórias estarem super interligadas, sabe? Por nós sermos mulheres negras no front. Eu passei por coisas muito pesadas, muito pesadas, que mexeram e mexem até hoje com a minha saúde mental. Então, talvez eu não estaria no front, porque eu poderia ter morrido realmente. A perseguição é uma coisa horrorosa. Eu jamais quero isso de volta na minha vida. Eu acho que a experiência da ocupação foi grandiosa na minha vida. Se eu estou onde estou foi graças a essa experiência, mas eu não voltaria. Eu acho que jamais.

*Fim.*

#### 4.3 O QUE VEM DEPOIS?

Durante o ano de 2019 me perguntei se, de fato, essa pesquisa era interessante, visto que o tempo havia passado e já não era mais professora de Artes da Secretaria Estadual de Educação/RJ. No fim de 2018 fui convocada para a Prefeitura do Rio de Janeiro como professora de Artes Cênicas e, por isso, saí da cidade de Angra dos Reis, voltando a morar na Zona Oeste do Rio e passei a dar aula em Realengo para turmas de Ensino Fundamental II. Aos poucos fui percebendo que a experiência vivida durante as ocupações me fortalecia na escola, me fazia acreditar que era possível realizar (ainda que nem sempre) momentos diferenciados, que trabalhassem expressão, troca, horizontalidade nas relações e o diálogo, como foi vivido dentro das ocupações. Distanciar-me do Ensino Médio e dos estudantes secundaristas que em 2019 já tinham entrado na universidade pública ou seguido outros caminhos me alertou para a

necessidade de não abandonar a luta que foi construída em 2016, que teve como foco a educação pública de qualidade.

Passei, então, a pensar que aqueles estudantes mais jovens futuramente seriam novos secundaristas e talvez o meu papel poderia ser o de contribuir para a construção de reflexões e ações a respeito de uma escola pública que busca a autonomia dos estudantes, a construção de relações horizontais e descobertas individuais e coletivas por meio, sobretudo, do teatro e do diálogo que essa arte permite construir. Percebi que as ocupações de 2016, mais do que influenciarem a minha forma de ver o teatro dentro de espaços de militância, me estimularam a pensar a necessidade e importância do teatro dentro do currículo escolar, na formação básica, visto que é uma arte que possibilita olhar a si, ao outro e ao espaço de maneiras diferenciadas, ou seja, é um lugar que permite abrir o olhar para outras e novas interpretações sobre o próprio espaço escolar.

Dessa forma, entendo que as primeiras entrevistas com os estudantes secundaristas de Angra dos Reis me induziram a não desistir de buscar formas alternativas de trabalhar com arte dentro da escola. Ao entrevistar os outros estudantes no ano de 2020 isso só se fortaleceu. A partir dos seus relatos entendi que mais necessário e importante do que o momento vivenciado era o que viria depois daquilo. O que aconteceu depois que tudo voltou? Onde eles estariam? Onde os professores estariam? Será que os estudantes ainda acreditam em ocupação como estratégia de luta? Será que os professores ainda acreditam na educação pública?

Quando perguntei a todos os entrevistados sobre o que veio depois das ocupações e o que fariam diferente, muitos, inclusive as professoras entrevistadas, levantaram a importância da permanência da experiência vivida mesmo após a ocupação. A estudante Yana Santana alegou que foi onde pecaram: quando as escolas foram desocupadas a mobilização estudantil se esvaziou. Alguns tiveram problemas dentro da escola, com estudantes e professores que eram contra a ocupação, outros passaram a ter dificuldade de se manter dentro da sala de aula, como relatou Jhuly Anne quando falou sobre a sua experiência atual dentro do curso de história na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

No entanto, apesar dessa desmobilização e dos problemas internos que muitos estudantes tiveram que enfrentar pós-ocupação, todos ressaltaram que aquela experiência contribuiu para quem são e onde estão hoje. Atualmente, Maria Beatriz é estudante de pedagogia, Ingrid D'ávila faz odontologia, Jhuly Anne cursa história na UFRJ, Luna faz Políticas Públicas na Universidade Federal Fluminense (UFF Angra), Marlon Gomes cursa pedagogia no mesmo lugar, Matheus, que havia abandonado a escola após as ocupações, voltou a estudar no mesmo colégio e Yana Santana cursa Licenciatura em Geografia na UFF. Para além do local onde estudam atualmente, os estudantes relatam que a relação de afeto entre eles é permanente. Além disso, ressaltam a importância da escuta, que foi algo que aprenderam a desenvolver dentro daquele espaço de ocupação. Nota-se, portanto, que apesar do medo e da angústia daqueles momentos, os estudantes ressaltam a importância de terem vivido aquilo para formarem quem são hoje.

Jhuly – Então, tudo o que a gente vê de Bolsonaro agora, as publicações completamente ridículas, a gente já vivia aquilo com o desocupa. A gente não sabe ao certo quem estava por trás até hoje. Podiam ter estudantes por trás? Podiam, mas até hoje a gente não sabe quem mais. Até pela questão das bombas também. Tipo, é periferia, ninguém tem dinheiro para sustentar bomba todo dia, então tinha algo maior por trás das bombas, das ameaças, então a gente não sabia que estava vivendo o futuro naquela época, a gente não imaginava que ia virar um inferno o Brasil de hoje, a gente não imaginava, a gente não tinha noção.<sup>62</sup>

## 5 REFLEXÕES FINAIS

Encerrar o atual processo de pesquisa é um desafio. Aliás, durante o período de desenvolvimento desse estudo, muitos desafios surgiram. O principal deles foi o desafio pessoal de observar todo o material da pesquisa e acreditar que seria possível dar prosseguimento a ela a partir do meu olhar de professora que apenas acompanhou as ocupações estudantis. É importante, portanto, iniciar essa reflexão pontuando que, apesar do trabalho elaborado a partir dos relatos dos entrevistados, das referências teóricas e das experiências que vivi dentro das escolas ocupadas, não foi possível dimensionar a importância das ocupações e, especificamente, da utilização do teatro dentro desses espaços. Dessa maneira, acredito que essa reflexão final seja um lugar para compartilhar apontamentos sobre o tema pesquisado, sendo alguns mais claros no momento atual e outros ainda obscuros, o que amplia o horizonte a respeito da continuidade desse estudo.

As perguntas iniciais que me levaram até o mestrado acadêmico se transformaram em outras perguntas. Ou seja, se antes me questionava quais jogos e exercícios específicos eu poderia desenvolver em um momento de ocupação, logo problematizei o papel do teatro na escola ocupada e desocupada e perguntei quais autores e ideologias estariam próximos da minha visão a respeito de um teatro politicamente engajado, que pudesse ser utilizado em espaços de luta, como as ocupações estudantis e mesmo a própria escola regular, ainda que de maneiras diferenciadas.

Augusto Boal com a sua *Estética do Oprimido*, Bertolt Brecht e os estudos do Teatro Épico, John Holloway com a ideia de fissurar o capitalismo, Marcia Pompeo Nogueira e Marina Henriques Coutinho com as pesquisas ligadas ao campo de pesquisa Teatro e Comunidade, Paulo Freire e a proposta de uma pedagogia que busca, sobretudo, a autonomia dos sujeitos, Tim Prentki com o estudo sobre a necessidade de explorar narrativas alternativas dentro de um mundo globalizado e tantos outros pesquisadores do campo do teatro e da educação que buscam uma transformação social em diversos contextos, como o da escola, o da educação no campo e de ocupações urbanas e rurais, contribuíram no sentido de me apontar possíveis caminhos de diálogo

com estudantes que encontram no teatro um lugar de expressão e de encontro consigo, com o outro e com o mundo que vive e que idealiza.

Nesse sentido, essa pesquisa me permitiu pensar que é possível ainda acreditar em um teatro dentro da educação formal e não formal que subverte a estética anestésica, da qual fala Boal. Apesar de entender que essa nossa arma (o teatro) algumas vezes não mata as tantas opressões cotidianas que enfrentamos, sobretudo por vivermos em um sistema capitalista, ela consegue fissurar muros, abrir brechas e ser o nosso lugar de respiro (sem máscaras!).

Na nota inicial da pesquisa indico que esse estudo é sobre afeto e agora, quase três anos após iniciar o processo de voltar para a Universidade e dialogar com a minha prática docente na educação básica, a certeza maior que tenho sobre o estudo acadêmico é que, se não fosse o afeto pela escola, pelos estudantes e por esses autores que dão base não só a essa pesquisa mas à minha vivência enquanto artista, professora e cidadã que busca um mundo mais justo, não seria possível chegar a uma reflexão final. Na verdade, se não fosse o afeto por esse estudo, não teria sentido continuar pesquisando e querendo buscar mais referenciais.

Argumento, portanto, que o Teatro do Oprimido e a busca do autor Augusto Boal por um teatro engajado na formação de sujeitos que buscam ser protagonistas de suas histórias na cena e na vida, que podem não apenas receber dos opressores as armas sensíveis e simbólicas, mas também armar-se contra as opressões vividas da mesma maneira, ou seja, através da Imagem, do Som e da Palavra, com jogos, exercícios e debates, pode ser um caminho, uma carta na manga, um suporte para docentes e artistas que sejam convidados a vivenciar a experiência teatral dentro de espaços de luta, como foram as ocupações estudantis. É importante ressaltar, no entanto, que essa Estética do Oprimido não se limita a ela mesma, podendo, então, dialogar com outros modos de fazer teatro. O que é necessário pensar, sobretudo, é: mais importante que seguir um roteiro de jogos e exercícios específicos, faz-se necessário não perder o caráter ideológico da prática que se propõe dentro desse espaço de luta. Isso também vale para o espaço escolar regular. Ainda que a dinâmica funcione de maneira diferente, já que o processo na escola tem suas limitações ligadas a um currículo específico a ser seguido e a tantas outras burocracias do cotidiano da educação formal, é possível pensar que a prática teatral dentro desse espaço pode ser desenvolvida de

maneira horizontal, em busca de autonomia e protagonismos individuais e coletivos que proporcionem fissuras dentro desse espaço, fazendo com que os sujeitos desses processos se reconheçam e reconheçam os outros como indivíduos transformadores (de si e do mundo).

Outro ponto fundamental é a ideia de permanência. Essa palavra tem importância em dois sentidos. O primeiro tem ligação com os processos que ocorrem de maneira imprevista, com grupos de sujeitos e espaços desconhecidos. É necessário pensar em uma prática teatral que seja permanente, ainda que em um curto espaço de tempo. Essa permanência tem a ver com diálogos mais aprofundados e, se possível, mais de um encontro. Dentro das ocupações estudantis, por exemplo, foi possível perceber que mais do que fazer a aula de teatro, os estudantes precisavam de presenças, de conversas, de trocas constantes e, apesar de o teatro ser uma arma potente, ele não é a única. O diálogo com aqueles estudantes era necessário para além de uma oficina em um dia específico. Ressalto esse ponto, visto que, caso haja outro processo como o das ocupações estudantis, independentemente dos jogos e exercícios que eu vá propor dentro daqueles espaços, penso que no meu planejamento imediato deve haver um espaço para o diálogo para além da oficina e construir um acordo com os estudantes para planejar quantos encontros serão possíveis idealizar naquele espaço.

Além disso, pontuo a ideia de permanência no sentido de pensar com os estudantes o que fica da escola ocupada na escola desocupada. Alguns secundaristas e as professoras entrevistadas no processo de pesquisa ressaltaram o quanto o retorno à escola regular foi doloroso e que eles pecaram em não pensar o que viria depois e como manter a experiência vivida anteriormente na escola regular. Nesse sentido, o teatro também podia favorecer essa reflexão em dois aspectos. O primeiro seria no próprio processo de ocupação, dentro das oficinas, levantando a importância de pensar a permanência daquela experiência em outras situações, inclusive na escola desocupada. O segundo: buscar maneiras de dialogar com os estudantes dentro da escola regular através do teatro, seja por oficinas ou outros meios. O essencial seria não perder o diálogo com o grupo.

Considero importante também ressaltar o quanto é fundamental a presença do teatro na escola. Conversando com os estudantes e professoras durante a pesquisa, foi possível perceber que essa arte pode ser um lugar de construção do sujeito que pensa sobre si, o outro e o mundo e,

assim, é provocado a refletir sobre a realidade em que vive. Muitas vezes há desistência de diversos professores de teatro em atuar na educação básica por acreditar que esse espaço não dialoga com a própria ideia de teatro, que busca a expressão dos sujeitos, que quer romper com a hierarquia entre os indivíduos e, na maioria das vezes, pretende estabelecer uma relação horizontal, ou seja, que não dialoga com essa escola formal, mas com *outra escola*. No entanto, é importante lembrar que na educação básica o indivíduo está construindo a sua cidadania, portanto, faz-se necessário experimentar a estética teatral nesse lugar, ainda que haja muros, grades, uniformes, sinais e tantos outros impedimentos, sobretudo quando a matéria é teatro. É necessário estar presente dentro da escola para fissurar o muro por dentro e, quem sabe, futuramente rompê-lo. Acredito, então, que seja possível construir um movimento de ruptura de dentro e de fora, ou seja, enquanto os estudantes/artistas se armam e fissuram por dentro os muros da escola, os artistas/cidadãos (que podem ser os próprios estudantes/artistas) se armam e fissuram pelo lado de fora. Será que, dessa forma, o muro pode cair mais rapidamente e abranger mais pessoas?

Alguns pontos dentro da pesquisa me fizeram pensar que é necessário mais tempo para aprofundar os estudos, como, por exemplo, a relação entre a pedagogia do teatro e os espaços de militância. Entendo que esses espaços não são apenas as ocupações estudantis, objeto de estudo do atual trabalho, nem o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, o qual foi citado durante a pesquisa, mas também outros lugares onde o teatro pode ser mais um material fundamental para reflexões e ações em busca da transformação da nossa realidade social. Um lugar que considero essencial para explorar esse estudo é a própria instituição escola. Existem diversos autores que refletem sobre esse campo de pesquisa com que, durante o estudo, pude ter um contato inicial. Isso despertou meu interesse em um maior aprofundamento. De que maneiras o teatro engajado em uma luta pela transformação do mundo pode ser aprofundado dentro da escola regular? Além disso, é possível pensar em uma pedagogia teatral que dialogue com outros espaços de militância, como movimentos sociais, ocupações urbanas, movimentos sindicais e tantos outros? Como a minha formação enquanto professora de teatro pode contribuir para a formação de sujeitos que lutam contra tantas opressões cotidianas?

Além de aprofundar esses estudos, esse trabalho também despertou o meu olhar para outro caminho (ou para o mesmo caminho, mas com outro foco), que seria a experimentação da pequena dramaturgia elaborada durante essa pesquisa. Comecei a refletir de que maneiras esse texto produzido poderia entrar na sala de aula regular. Como estabelecer diálogos entre as experiências dos estudantes que vivenciaram uma escola ocupada e a realidade de estudantes que vivenciam a arte teatral dentro da escola desocupada? De que maneiras seria possível produzir dramaturgias dentro do espaço escolar a partir de uma dramaturgia preexistente?

Enfim, essas são novas perguntas que me fazem pensar que a busca pela reflexão somada à ação pedagógica é fundamental para continuar atuando enquanto professora da educação básica que acredita na permanência e, sobretudo, na necessidade dessa arte na formação de sujeitos.

Não sei como encerrar esse texto. Considerei, então, retomar a fala de um dos estudantes entrevistados. “Não há quem diga que a história é cíclica? Então é isso... se tiver que voltar a gente volta”<sup>63</sup>.

**NOTA FINAL**

*Cada vez mais entendo o sentido do teatro na escola e, sobretudo, da minha escolha pelo teatro e pela escola: abraço. Hoje não pode, mas quando a gente puder voltar para aquele caos de vozes, corpos e histórias nos corredores da escola, desejo que o teatro cumpra o seu papel: possibilite sentir o calor do outro, o corpo do outro, o olhar do outro, o cheiro do outro, a narrativa do outro. Acredito que a vida, assim, voltará a ter mais sentido.*

*Rio de Janeiro, 29 de maio de 2020.*

## REFERÊNCIAS

- BARAÚNA, Tânia. Considerações sobre a pedagogia do oprimido de Paulo Freire e a Metodologia do Oprimido de Augusto Boal. LIGIERO, Zeca. TURLE, Licko e ANDRADE, Carla de. (Org.). In: *Augusto Boal: arte, pedagogia e política*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2013. p. 187 – 206
- BOAL, Augusto. *A Estética do Oprimido*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009a.
- \_\_\_\_\_. *Teatro como Arte Marcial*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009b.
- \_\_\_\_\_. *Teatro do Oprimido e outras Poéticas Políticas*. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Jogos para atores e não atores*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino médio. Parte II - Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*, 2010.
- BRECHT, Bertolt. *Teatro Dialético*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Silvia Jurema Leone. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, Santa Catarina, v. 2. n. 1, p. 68-80, jan/jul, 2005.
- CAMPOS, Antonia J. M.; MEDEIROS, Jonas; RIBEIRO; Márcio M. *Escolas de luta*. São Paulo: Veneta, 2016.
- CÁSSIO, Fernando (org.). *Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar*. 1. ed. – São Paulo: Boitempo, 2019
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*; Trad. Ephraim Ferreira Alvez. 22.ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- COUTINHO, Marina Henriques. *A favela como palco e personagem*. Rio de Janeiro: DP et Alii, FAPERJ, 2012.
- DOYLE, Andréa; BEZERRA, Arthur. (In)formação e cultura nas escolas ocupadas do Rio de Janeiro. *Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia*, v. 11, p. 194-203, 2016.

- FRANZONI, Teresa Mara; NOGUEIRA, Marcia Pompeo (org.). *Arte no Campo: perspectivas políticas e desafios*. 1ed. – São Paulo: Outras Expressões, 2016.
- FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 5. Ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia*. 39. Ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia do Oprimido*. 54. Ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- KONDER, Leandro. *Os marxistas e a arte: breve estudo histórico de algumas tendências da estética marxista*. 2.ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- MARTINS, M. F.; TARDELLI FILHO, F. A.; PEREIRA, K. P. R.; SANTOS, E. V. F. As ocupações das escolas estaduais da região de Sorocaba/SP: falam os estudantes secundaristas - Entrevista. *Crítica Educativa*. Sorocaba/SP, v. 2, n. 1, p. 227-260, jan./jun. 2016.
- NOGUEIRA, Márcia Pompeo. *Ventoforte: no teatro em comunidades*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2015.
- HOLLOWAY, John. *Fissurar o capitalismo*. São Paulo: Publisher, 2013.
- MOCARZEL, Marcelo; ACCETTA ROJAS, Angelina ; RANGEL, Mary . #OCUPAIEPIC: representações culturais da juventude na ocupação de uma escola estadual em Niterói-RJ. *EDUCAÇÃO ON-LINE* (PUCRJ), v. 25, p. 19-39, 2017.
- PINHEIRO, Diógenes. Escolas ocupadas no Rio de Janeiro em 2016: motivações e cotidiano. *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 18, n. 44, p. 265-283, jan/jul, 2017.
- PRENTKI, Tim. Contranarrativa. Ser ou não ser: Esta não é a questão. In: *Teatro na comunidade, interações, dilemas e possibilidades*. NOGUEIRA, Marcia Pompeo (org.). Florianópolis: Ed. UDESC, 2009. p.13-36.
- PUPO, Maria Lúcia de Souza Barros Pupo. Mediação artística, uma tessitura em processo. *Urdimento*, Santa Catarina, v.1, n.17, 2011, p.113-121.
- RIO DE JANEIRO. Secretaria de Estado de Educação. *Currículo Mínimo Estadual 2013 – Artes*, 2013.

## LINKS

CMI-RIO. Niterói-RJ: Secundaristas em Luta - RJ fazem ato contra o autoritarismo da Secretaria de Educação. 2016. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=Hdbi5OcY5KE&fbclid=IwAR286QTj7tMMa3-bTn6kRI30MmzzT7oBxQv4RoM0rS98HB-r8kZtZ3W\\_jmk](https://www.youtube.com/watch?v=Hdbi5OcY5KE&fbclid=IwAR286QTj7tMMa3-bTn6kRI30MmzzT7oBxQv4RoM0rS98HB-r8kZtZ3W_jmk)>. Acesso em 16 mai. 2019.

ESCOLAS Ocupadas - A verdadeira reorganização. Produção de Jimmy Bro. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UxpFW62i7M>>. Acesso em 16 mai. 2019.

LUTE como uma menina. Direção de Beatriz Alonso e Flavio Colombini. São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8OCUMGHm2oA>>. Acesso em 16 mai. 2019.

MARTINS SEM PENA. O Julgamento do Pezão (Paródia Baile de Favela). 2016. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=uSG6G\\_BHUTA](https://www.youtube.com/watch?v=uSG6G_BHUTA)>. Acesso em 16 mai. 2019.

MULTIDÃO WEB. Estudantes falam sobre a ocupação do Colégio Visconde de Cairu. 2016. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=fjccJtv\\_fjg](https://www.youtube.com/watch?v=fjccJtv_fjg)>. Acesso em 16 mai. 2019.

OCUPA educação. Produção do Laboratório do Filme Etnográfico UFF. jun. 2016. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=ZDuHZn53Foc&fbclid=IwAR013IXgENj2YLAqjqrI\\_uyDfK5Seio4tzNdmMheKRRBrX3ER7uWHqFIjgU](https://www.youtube.com/watch?v=ZDuHZn53Foc&fbclid=IwAR013IXgENj2YLAqjqrI_uyDfK5Seio4tzNdmMheKRRBrX3ER7uWHqFIjgU)>. Acesso em 16 mai. 2019.

O GLOBO. Sem aula, estudantes de teatro fazem 'Baile de Favela' na escadaria da Alerj, 09 mar. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/manifestacoes/2013/videos/t/rio-de-janeiro/v/sem-aula-estudantes-de-teatro-fazem-baile-de-favela-na-escadaria-da-alerj/4871102/>>. Acesso em 21 fev. 2020.

O MAL-EDUCADO. *Como ocupar um colégio?: manual escrito por estudantes secundaristas da Argentina e Chile*. 2015. Disponível em: <<https://gremiolivre.files.wordpress.com/2015/10/como-ocupar-um-colc3a9gio.pdf>>. Acesso em 29 de julho.

PETEREIT, Miguel. Manifesto poético contra o SAERJ. 13 abr. 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/SecundaristasEmLutaRJ/>>. Acesso em 16 mai. 2019.

PROZANATO, Carlos. ACABOU A PAZ: isso aqui vai virar o Chile. 2016. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=LK9Ri2prfNw>>. Acesso em 20 de fev. 2020.

TV BRASIL. No RJ, alunos ocupam escola da rede estadual, para reivindicar melhorias. Repórter Brasil, 23 mar. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=H51FR9T59bs>>. Acesso em 16 mai. 2019.

## ANEXO I – Entrevistas com os estudantes

Durante a pesquisa foi possível conversar com seis estudantes que moram em Angra dos Reis, Magé ou São Gonçalo. Cada encontro teve em média uma hora de conversa, o que gerou um grande material. A partir deste, pude selecionar relatos que me possibilitaram fazer relação direta com a pesquisa. A fim de reunir os pontos de convergência nas falas transcritas e facilitar a leitura dos que buscam ter acesso a essas conversas nessa dissertação, organizei as falas a partir de oito tópicos levantados durante os diálogos. As datas das entrevistas foram as seguintes: Ingret, 21 de abril de 2018; Yana, 04 de maio de 2018; Marlon, 05 de maio de 2018. Todos esses em Angra dos Reis. Em 23 de março de 2020 foi feita virtualmente a entrevista com o estudante Matheus, de Magé, aluno da professora Daniela. Na mesma data, foi possível conversar virtualmente com a estudante Jhuly, que ocupou uma escola da cidade de São Gonçalo e teve aulas de teatro com a professora Nicolle. Por fim, no dia 26 de março considerei importante conversar virtualmente com a Luna e a Beatriz, estudantes de Angra dos Reis, visto que elas foram citadas em muitas entrevistas. Com a Luna foi possível realizar um diálogo, já a Beatriz me enviou um depoimento sobre a experiência, que coloquei no fim desse anexo. Dessa forma, organizei os relatos dentro dos tópicos selecionados na ordem das entrevistas.

### 1. O processo anterior às ocupações

#### **Ingret**

→ Antes a gente já tinha combinado: “vamos fazer tal dia”, só que o pessoal ficou tão ansioso que fizeram antes. A Bia:

- Ingret, já fizemos!

- E agora?

- Traz as minhas roupas.

Eu fiz uma mochila, saí daqui muito tarde, porque eu tinha saído do curso e ainda estagiava na época. Sai do curso, fui para o estágio, voltei e ela:

- Ingret, fizemos antes

- Fizeram o que antes, Bia?

Eu com o olho desse tamanho.

- Traz as minhas coisas!

### Yana

→ Eu me organizei mais nas escolas do centro, principalmente no CEAV, porque eu estudava lá. Eu estava no terceiro ano já, já estava terminando. Eu lembro que foi uma coisa repentina, porque a gente não tinha marcado com a galera das escolas daqui, nem com CIEP e nem com CELAMM. Estava uma coisa da galera do centro principalmente CEAV e Nazira. No CEAV eu juntei com a minha turma, uma turma de terceiro ano para poder falar com a galera. Tudo começou um dia antes da greve, no dia 02 de março. Um professor nosso passou o vídeo “Acabou a Paz”, aquele das ocupações de São Paulo e aquilo motivou a minha turma inteira. Acho que foi um dia antes... motivou a minha turma inteira e a gente ficou à flor-da-pela. A gente já gostava, né? A gente já tinha... já gostava muito. E eu lembro que nesse mesmo dia, no dia primeiro, eu simplesmente junto com a minha turma fui no refeitório do CEAV, fechamos a porta do refeitório com todos os estudantes e alguns professores mesmo. Subi na mesa do refeitório e disse o porquê dos estudantes terem que apoiar a greve dos professores. Foi um alvoroço no CEAV, porque tinha professor pelego, desculpe o termo, p. da vida e os outros professores queriam entrar na greve e pronto.

→ A gente nunca pensou na possibilidade de ocupação. Ali naquele primeiro momento não, porque a gente sempre via isso como uma coisa muito grande e a gente nem tinha capacidade, entendeu? A gente quis ver... tacou fogo e viu onde iria queimar, mas tudo começou ali nas manifestações. E depois disso, no dia 02, todo mundo votou, não teve aula no CEAV, a gente fechou, parou o colégio, colocou todas as cadeiras do lado de fora, eu tenho até um vídeo. Botamos a cadeira para fora e começamos a falar no megafone. Não lembro de quem era o megafone, mas apareceu um megafone e estava eu junto com alguns professores mais a minha

turma ali articulando as coisas. Tiveram alguns jornalecos da cidade que foram lá e esse foi o primeiro dia. A gente acabou lá na Prefeitura. Depois do dia 02 tiveram mais quatro dias de manifestações.

→ O sexto ano? Gente, eu amo o sexto ano, porque eles são estudantes iguais aos secundaristas e eu levava isso muito a sério. Porque a ocupação do CIEP aconteceu no período da tarde com eles. Isso acontece até hoje: falam que se não fosse com o Ensino Fundamental não teriam ocupado. Mentira... que não ia o quê! Como se o Ensino Fundamental não tivesse voz, não tivesse direito. É ruim! Teve uma vez que eu coloquei o CEAV em pé de guerra, eu vi que foi uma das poucas vezes que eu senti que eu extrapolei. Foi quando eu resolvi falar das ocupações com a galera do Ensino Fundamental. Mas o que acontece... eu falei de uma forma assim meio agressiva e eles declararam guerra à direção. Nesse dia a direção da escola ficou uma loucura, porque eu falei com eles na quadra e eles foram para a frente da direção falando:

- Você não manda em mim, não. Vamos ocupar isso daqui... você vai ver. Você acha que pode tirar a gente da quadra? A quadra é nossa, a escola é nossa!

O problema é que eles depois chegaram em casa e falaram com as mães deles:

- A gente precisa ocupar!

No outro dia, no primeiro horário eu já estava na direção. De novo. Era uma coisa cotidiana. Lá tinha um menino que era o líder do desocupa. Ele ficava na direção porque ele queria, eu ia obrigada, eu falei:

- Eu acho que elas gostam mais de mim do que de você. Aí a direção:

- Olha o que você fez, garota!

- Eu não fiz nada, gente.

- Você falou e tem um monte de ligação dos pais aqui querendo te pegar lá fora.

- Que isso!

- Por que você falou essas coisas para os filhos deles? Você não pode fazer isso.

- Posso não?

E foi tipo assim... gente, foi muito louco aquele dia. E, tipo assim, sexto ano tem uma energia que eles saíram gritando... queriam fazer aquilo. Porque eu simplesmente adaptei as minhas palavras.

Falei:

- Oh, gente. Ocupação é uma coisa boa, entendeu? Um espaço que vamos poder fazer aquilo que nós queremos, porque é para isso que serve. A gente tem que tirar esse negócio de escolinha na sala, isso não é legal... tem que ser uma coisa didática, que a gente gosta de fazer.

- Tia, a gente vai poder jogar bola na quadra?

- Vai, ué... a gente vai poder fazer uma atividade e colocar o futebol no meio da quadra.

- Tia, a gente pode usar a piscina? A gente nunca usou a piscina!

- Claro! A piscina não está aqui? Não é nossa? Não é da escola? Então é nossa!

- Caraca, tia, então a gente tem que ocupar!

E foi isso... Esse dia eu fiquei na direção só rindo, só rindo e eles lá tudo revoltados porque as mães estavam falando de mim.

→ Quando cheguei, a diretora já estava trancada na direção falando que não iria sair dali de jeito nenhum, mas a galera já tinha comandado tudo ali. Foi uma coisa muito rápida, muito rápida... até já tinham feito assembleia. Estava tudo certo. Ela alegava que ia ligar para a SEEDUC e pelo que falaram a SEEDUC falou assim:

- Não entrega chave nenhuma. Você não vai dar a chave para ninguém. A gente falou:

- Você tem duas escolhas: ou você entrega a chave ou a gente abre tudo!

Aí acabou que umas seis horas da noite ela foi sair da escola. Ela ficou muito tempo lá. [...] Ela saiu revoltada da vida, chorando, com alguns papéis, porque... é, gente... eu entendi o porquê que não gostavam da gente. [...] O problema da direção é que eles esquecem que são servidores públicos. A nossa causa defendia eles também. Eles viam aquele papel da direção como coisa suprema e tinham medo de perder aquela posição, medo de ficar sem emprego. Por isso eles viam a ocupação como ameaça. Quem tinha consciência que fazia as coisas limpas, certas, não teve medo algum da ocupação, pelo contrário. Uma das atitudes que eu achei mais bacanas foi na escola do Antônio Dias Lima, no Frade. Na época das manifestações a diretora liberou os

estudantes para poder ir para a manifestação. Ela liberou a escola toda, ela falou: “o Frade precisa disso!”. E foi uma das manifestações mais bacanas que teve. Teve vários instrumentos que ela liberou da escola e eu: “gente!”.

### **Marlon**

→ Então foi assim: quando a gente começou, eu lembro que teve uma roda na Praça do Porto. Nem era uma manifestação. A gente ia fazer uma roda de cultura com o Jonas, Mathias, as meninas que dançavam e tocavam violão. Pegamos e fizemos a primeira vez. Depois a gente se juntou e falou: “não, vamos fazer uma manifestação mesmo!”. [...] Lembro que na primeira manifestação o pessoal do CELAMM queria fazer e o CEAV também ia fazer. Então, o que a gente fez foi se juntar. Teve a primeira que foi no centro. A primeira foi na frente do CEAV. Fizemos o ato na frente do CEAV, descemos a Coronel, e fomos na principal ali embaixo. Estava muito cheio. Estava todo mundo saindo da hora da aula, então rolou [...]. Depois a gente: “deu certo. Vamos continuar? Vamos passar de colégio em colégio falando com as pessoas!”. Fomos depois no Honório, no CIEP... Todo colégio que a gente conseguia chegar a gente ia lá conversar. Os estudantes: - Vamos fazer?

- Vamos fazer! – A gente dizia. Tal colégio queria, a gente pegava e ia.

→ Eu – Por que vocês resolveram começar com um sarau?

Marlon – A gente precisava conversar e é fato: para você chegar para uma pessoa que é totalmente desinteressada em organização popular e falar: “a gente vai fazer uma ocupação, vamos?”. Ela vai falar: “não. Fazer o que lá? Sol quente, meio-dia, eu tenho que trabalhar, fazer curso, ver série.”. Quando a gente colocou o pessoal na praça a gente começou conversando, tocando violão e tal e aí começou a introduzir o assunto, falamos da manifestação. Tanto é que depois disso, a segunda manifestação que teve no centro a gente fez um ato cultural na praça e ficou muito cheio. Fizemos piquenique e tal... ficou muito maneiro! [...]

→ Teve um dia que eu cheguei e chamei a Luna, na época do aniversário dela. Tanto é que a ocupação do CIEP foi no dia do aniversário dela. A gente estava muito a fim de fazer, mas não sabia como. [...] Mande mensagem pra Carol, Germano, Mathias: “galera, vamos nos juntar!”. Nos juntamos informalmente, era só uma reunião no ponto de ônibus na frente da escola.

Perguntei:

- Vamos ocupar?

- Está maluco, doido. Do nada? Agora? Tenho que trabalhar! - E eu respondi:

- Gente, é o momento que a gente tem! O portão está aberto, a diretora não está, só a coordenadora. É esse momento. Bora? A gente ficou umas duas horas decidindo se ia ou se não ia. E fomos.

→ Por mais que as pessoas achassem legal, interessante, precisava de um comprometimento muito forte. Foram três meses da minha vida que eu fiquei só naquilo ali. Eu achei que não ia rolar por causa disso, mas quando estava olho no olho, no sim ou não, eu pensei: “Caraca... agora vai ser. Gente, já estamos aqui, então vamos! Foi engraçado com o pessoal da direção. Eu falei:

- A gente está aqui. Você sabe que já têm manifestações em vários colégios e pautas para resolver e a gente vai ocupar o colégio

- Tá, tá bom... que horas vai acontecer?

- Não, moça, não... a gente vai ocupar o colégio. Vocês têm que passar a chave para a gente, ligar para a diretora explicar o que está acontecendo e pronto. A assembleia com os estudantes vai acontecer. A escola vai estar na mão dos estudantes.

Ela saiu meio que sem entender:

- Vou ligar para a diretora.

- Enquanto isso me dá a chave.

- Não posso dar a chave ainda.

- Beleza... então fala aí.

→ No CELAMM eu cheguei para os estudantes e falei:

- Vai tudo para lá... cozinha, tudo para lá e não deixem trancar. As salas não trancavam porque nunca teve fechadura. Isso era importante: não deixar trancar. Então, enquanto eles foram, eu fui falando:

- Gente, vocês já sabem o que eu estou fazendo aqui, não tem por que eu explicar.

- Ah, mas você não vai, não pode, disseram. Eu disse:

- A gente não só vai, como já está fazendo. Eu já tinha um embate muito forte, fui bem ríspido no diálogo. [...] Dois dias depois chega a diretora com dois capangas de dois metros dizendo:

- Ah, vou entrar, vou entrar. Os caras pressionando a galera. Entraram. Entraram na direção e saíram com vários documentos. Só que eu lembro que alguém foi filmar e, sei lá, surgiu um tapa no telefone, o telefone caiu e desligou, por isso a gente não tem filmagem, sabe? Só tem o início muito rápido. Eu fiquei tipo assim... como você sai com um documento aqui de dentro na correria? Jogando pela mala do carro, correndo?

### **Matheus**

→ Lembro que estava rolando manifestação dos professores na época, aí juntou tudo. A escola estava passando por um momento difícil, a mesma diretora há um tempão, o colégio caindo aos pedaços, a situação da escola estava horrível mesmo, até a questão das aulas, os professores trabalhando era uma situação horrível. Já estava rolando algumas manifestações dos professores em Magé - Piabetá no caso - e foi muito doido, porque nunca tinha acontecido. Quer dizer, tinha acontecido com a Dani há muito tempo atrás quando a galera tinha grêmio e essa galera eu não peguei, então fazia muito tempo que não acontecia nada, o pessoal estava cagando pra tudo, mas chegou a greve dos professores, né? Aí os alunos se mobilizaram. Eu fiz parte da galera. A gente foi para as ruas, até que surgiu a ideia de fazer a ocupação, mas demorou um tempinho para a gente ocupar.

→ Então numa conversa lá, a gente já tinha feito tudo o que dava para fazer nas manifestações e tal, e a gente pensou: “que escola a gente quer?”. Através desse pensamento a gente resolveu

ocupar. Nos organizamos... claro, teve que rolar uma organização porque a diretoria já estava em cima da gente, marcando a galera e rolou, mas teve planejamento.

→ Então, eu sempre fui muito inconformado com as coisas. E até hoje eu tenho essa facilidade para me comunicar e até para liderar, sabe? Também gosto de mudanças e eu via tudo aqui, sabe? A escola... eu via que tinha alguma coisa errada, porque a gente ia para a escola e não tinha vontade de estudar, não tinha vontade de estar ali. Um lugar que é para a gente aprender e fazer boas amizades não rolava... não tinha aquele sentimento. E como eu disse antes eu sempre, sempre fui muito inconformado com tudo. Eu não sou o tipo de pessoa que aceita tudo e não fala nada, sabe? Sempre que eu falo... até hoje eu luto para buscar a minha própria voz, para poder falar o que eu sinto e o que eu vejo. [...] A minha meta mesmo era querer ajudar, querer fazer alguma coisa útil.

### **Jhuly**

→ Quando eu conheci a Nicolle eu estava no segundo ano. Na verdade, estava no primeiro ano e foi no ano seguinte que a gente ocupou a escola. Todo mundo que fazia o curso de teatro lá estudava na mesma escola e a gente não sabia, se conheceu no curso de teatro, curso comunitário aqui em São Gonçalo. A gente criava muita cena sobre a escola e sobre o que a gente passava, sobre os abusos etc. A partir dessas criações é que se formou o grêmio estudantil e era um grêmio muito combativo, participativo. [...] E a gente vivia no contexto de uma escola muito... tinha uma direção muito autoritária, então a gente passava muito perrengue enquanto grêmio. [...] Então, depois de um tempo a gente vai estudando essas possibilidades. Uma escola foi ocupada, o Mendes de Moraes... isso já era um ano depois, né? Porque eu conheci o pessoal no final do semestre de 2015 e em 2016 a gente ocupou, então em 2015 rolou as aulas de teatro. [...] A gente ficou nessa linha de frente, eu e o Cristian, a gente não gostava de ter essa ligação: “ah, são os líderes!”, porque era perigoso e a gente estava vivendo um método muito mais autônomo no sentido de que a gente não queria se vincular às entidades estudantis, [...] mas a gente teve um

papel fundamental em pesquisar sobre ocupação. Então Cristian e eu vivíamos em outras ocupações antes do Pandiá, principalmente no IEPIC lá em Niterói

→ Já no início de 2016 a gente estava pensando ocupação, vivendo ocupação e queríamos ocupar. E foi esse o processo em 2016... a gente estava pensando muito. A gente já tinha pesquisado, já tinha a cartilha do Mal Educado, que geral ocupou a escola com aquela cartilha, porque descrevia muito bem como poderia ocupar a escola.

→ Na época surgiu o contexto das ocupações de São Paulo. Eu cheguei a ir às ocupações de São Paulo para ver como era. Fiquei encantada, pensei: “cara, é isso... acho que o caminho é esse!”. [...] meu pai mora lá, então eu juntei o útil ao agradável. Falei: “pai, eu tenho que ir a uma ocupação. Eu tenho que ir!”. Conheci pessoas incríveis que estão na minha vida até hoje e que me ajudaram bastante. Então isso foi no final de 2015.

→ Cara, aquele ano de 2015 para 2016 foi um tempo muito atípico, cara. Não sei... força da natureza, não sei explicar o que foi aquilo. E a arte estava muito presente na minha vida. Então, eu comecei a pesquisar muito sobre arte, sobre Teatro do Oprimido com a Nicolle sobre Zé Celso e Zé Celso me inspirava muito. Esse cara falou tudo, eu tenho que conhecer esse cara, esse cara me inspira. Então a arte foi decisiva. Mas eu digo que aquele ano foi atípico, porque eu tirei força que eu não imaginava que tinha, uma coragem que eu não imagina que tinha e existia um sentimento que até hoje se eu parar para ver os vídeos das ocupações eu vou sentir, entendeu? Uma coisa muito doida... é de energia. Uma energia muito potente que tinha e eu acho que eu aproveitei.

→ Então viramos para 2016 já no final de março... acho que foi dia 23 de março... Hoje é que dia?

Eu – Hoje é dia 23.

Jhuly – Acho que foi dia 21 de março que a escola foi ocupada. Sério... doideira.

Eu – Que doideira... há quatro anos.

Jhuly – Dois meses de ocupação.

### **Luna**

→ Eu acho que tudo começou a partir da greve dos professores. A partir da greve dos professores a gente começou a fazer algumas manifestações para abraçar a causa dos professores. Nossas pautas até então eram basicamente as mesmas que o sindicato dos professores estava propondo e a partir daí nós, junto com o SEPE, organizamos algumas manifestações em vários pontos de Angra. A maior manifestação eu não lembro o dia, mas foi no centro de Angra e foi no mesmo dia que estava rolando uma manifestação no centro do Rio também e lotou muito mais do que a gente esperava. A gente chegou a fazer algumas panfletagens, postamos, corremos escola, eu, Marlon, mais alguns outros estudantes, só que a gente não contava que ia lotar tanto, né? E acabou que essa manifestação ficou super cheia e eu nem estava aqui, porque eu fui para a manifestação do Rio. Ficou muito cheio, muito lotado, e a partir daí deu um gás na gente. Essa foi a primeira manifestação que a gente organizou e a gente começou a organizar várias outras manifestações por Angra. Paralelamente a isso começaram a ter ocupações de escolas no Rio, começando pelo Mendes de Moraes depois mais ali pelo centro do Rio, Baixada e tal. E durante essas manifestações e a greve dos professores a gente começou a ter contato com alguns estudantes do movimento estudantil do Rio e eles nos jogavam em grupos de WhatsApp. Nas próprias manifestações a gente ficava conversando e tal e rodaram cartilhas sobre como ocupar uma escola, então surgiu essa ideia, várias pessoas começaram a apoiar as manifestações que a gente estava fazendo, começaram a apoiar a nossa causa e a gente pensou: “por que não fazemos isso aqui também, já que temos a nossa pauta, temos um grande número de pessoas apoiando e já que isso está acontecendo no rio? É uma maneira de ajudar os professores na luta pela educação e de colocar também a nossa pauta, de dar voz ao movimento estudantil de Angra, que durante muitos anos ficou apagado.”. Os estudantes iam para a escola e não participavam de nada além. E foi a partir daí que a gente ocupou o CIEP. Na verdade, eu não ocupei o CIEP, porque foi no dia do meu aniversário, dia 18 de abril que ocuparam. Eu fui só no outro dia e a gente começou a fazer

coisas lá, oficinas, foi muito legal. Acabou que a gente viu que tinham muitos estudantes do CELAMM lá também e falamos: “já que temos o apoio do CELAMM a gente pode ocupar lá também para a gente dar uma força maior.”.

→ A gente sabia que o nosso colégio poderia SER MAIS pelo espaço, pelo material, por tudo e a direção meio que embarreirava todas essas coisas. Tanto que hoje em dia mudou a direção e o CELAMM é outro, tem vários projetos maneiros.

## 2. As pautas estudantis

### **Yana**

→ Por que uma normalista querer ocupar? Por quê? Por incrível que pareça no curso normal a gente tem uma visão diferente do que a da formação geral. Eu acho que isso facilitou mais uma compreensão do curso normal do que da formação geral. Tinha mais gente do curso normal apoiando do que da formação geral. Eu levei aquilo ali para minha vida, que os próximos que teriam que entrar em greve seríamos nós, porque a situação não ia melhorar. Então era melhor a gente começar a lutar desde aquele momento para não chegar lá na frente e passar pela mesma situação. E foi isso que motivou bastante o curso normal. “Vocês serão os próximos!”. Só que na formação geral a gente não tinha como jogar aquilo. Para eles, a gente tinha que lutar por uma escola melhor, uma estrutura melhor, uma condição de ensino melhor, era outro argumento, serviram alguns e não serviram outros.

### **Marlon**

→ É porque nas ocupações das escolas de São Paulo eles não queriam deixar fechar a escola e no Rio já foi: “não é esse modelo de colégio que a gente quer!”. A gente tentou mudar a estrutura, isso que foi mais difícil da comunidade assimilar. Se tivesse um risco iminente de fechar a escola

seria diferente, mas não... estávamos questionando a estrutura de poder. Mas como? Questionar estrutura de poder? Um monte de adolescente?

### **Jhuly**

→ Então, em São Paulo a pauta era o remanejamento das escolas, né? E aqui já era uma coisa diferente, porque existia a pauta interna, que era a pauta da escola e a pauta geral. A pauta geral contemplava todas as escolas do Estado e a interna somente da escola. A pauta interna era uma coisa muito básica, como manutenção. A gente tinha uma caixa d'água cheia de barata e queria que limpasse a caixa d'água, tinha a questão da quadra que estava muito precária. Hoje eles estão desfrutando. Os alunos de hoje desfrutam de uma quadra muito melhor do que a que a gente tinha. Hoje tem uma quadra tampada, ar-condicionado nas salas. As salas de curso normal, que eram muito precárias, hoje estão passando por reformas, então a gente vê os resultados agora, porque as reivindicações, a defensoria pública e a OAB ficaram do nosso lado para mediar a situação, para ver o caminho, porque o governo até então: “não vamos fazer, não tem dinheiro e não vamos fazer.”. Só que a gente começou a ir para a linha de frente. Começamos a pesquisar, ler, saber sobre orçamento e tal e no Pandiá, escola que eu estudei, tinha uma pauta que era muito importante e que foi decisiva para isso tudo, que foi a retirada de uma direção criminosa que atentou a nossa vida durante a ocupação, vou até te enviar o vídeo, apareceu milícia... então, assim, a gente viveu tempos muito terríveis de perseguição promovidos pela direção. Isso tudo filmado. E a gente levou essas pautas para o ministério público, para a defensoria. A gente falou: “a gente não para de ocupar enquanto essa mulher não sair. Enquanto essa mulher permanecer a gente vai continuar aqui dentro.”. E aí a gente conseguiu tirar a direção, foi decisivo. A ocupação entra e coloca eleição para diretor que era algo inédito no Estado, inédito criar essa democracia na escola. Era algo raro. Teve um papel muito decisivo nesse sentido. Teve várias reivindicações, várias... infraestrutura, tinha o SAERJ na época que era uma prova que o governo usava para lavar dinheiro, então a gente queria que acabasse. Era uma meritocracia, ele só dava dinheiro para a escola que tinha alto rendimento e as de baixo rendimento não recebiam, então logo a escola com baixo rendimento ficaria com mais baixo rendimento porque não tinha estrutura.

### **Luna**

→ Tinha um monte de coisa, mas o que a gente conseguiu de imediato e foi muito significativo para a gente foi a abolição do SAERJ e SAERJINHO, que era uma pauta que estava no SEPE há muito tempo, que os professores infelizmente não conseguiam e com a ocupação a gente conseguiu. Duas refeições por turno, no caso café da manhã e almoço que a gente conseguiu. Trinta mil reais de verba para obras emergenciais no colégio. A eleição para direção e, no caso do CELAMM, a gente também colocou como pauta aqui do Médio Paraíba que a diretora, a vice diretora e a coordenadora pedagógica fossem afastadas da direção. Acabou que a gente ficou com um grupo de professores e outros funcionários e estudantes e era assim que a gente ia levando até a eleição que teve na escola. Tinham outras coisas, na verdade em cada região ia variando a pauta. Tinha aquela pauta em comum, mas dependendo da região as pautas iam mudando, cada localidade tinha as suas especificidades.

→ Até o ano passado meu irmão estudava lá no colégio e a partir da ocupação eles organizaram o grêmio na escola, a sala de informática reabriu, esses trinta mil reais foram usados para melhorar a escola, não tem mais SAERJ, hoje eles podem votar para a direção da escola, hoje em dia eles têm duas refeições por turno, então com certeza eles disfrutaram de coisas que a gente conquistou na época da ocupação.

### 3. A organização da ocupação: o olhar de dentro

#### **Ingret**

→ Eu estava na comunicação e teve um dia que teve show de uma funkeira e nesse dia eu fui para a segurança, porque os meninos da segurança queriam ver. Falaram:

- Hoje você vai ficar lá! [...]

Nesse dia só ficaram três pessoas, uma que estava na cozinha e duas na segurança, porque ficou todo mundo focado nela.

→ Nossa! Era uma briga para fazer esses garotos lavar banheiro.

Eu – Eu vi que só tinha garoto lavando.

Ingret – É que os meninos, na hora de começar a limpeza, todo mundo metia o pé, né?

- Ah, não vou fazer, eles diziam.

- É o que? A Bia era escandalosa:

- Você vai voltar aqui.

Eu amava a Bia, ela fazia escândalo e todo mundo obedecia. [...] Que saudade! Eles deixavam tudo limpinho. Mas eles também aprontavam. Teve uma vez que eles tiraram tudo das salas para limpar as salas e depois colocaram de volta para lavar o corredor. Na hora de lavar o corredor eles tacavam o pano no chão e colocavam a bunda, carregavam o outro no chão pela bunda. Eles limpavam, mas estavam se divertindo. Eles tiravam tudo... as pilhas de lixo... tinha muito lixo da própria escola que eles não estavam limpando. Uma sala que tinha vários papéis amassados jogados. Era uma sala para a bagunça, para a sujeira. A gente teve que limpar aquela sala todinha.

→ Não tem líder. Aqui a gente fez uma reunião e decide falar todo mundo junto, a gente dizia. Já o pessoal de fora dizia:

- Impossível não ter líder, tem que ter alguém mandando vocês fazerem essa zona aqui.

A ocupação, quem via de fora, parecia meio bagunçada, porque era só adolescente fazendo, mas exatamente por ser adolescente foi extremamente organizado, cada um tinha a sua função.

→ Era assim: a gente acordava, a galera da cozinha acordava mais cedo pra dar café pra geral. Todo mundo ia limpar, a obrigação de todo mundo era limpar. Só ficava uma pessoa na portaria, porque de manhã ninguém chegava na portaria, então ficava para mostrar: “ó tem alguém aqui”. Acordava, limpava lá embaixo tudo, lavava tudo e todo dia de limpeza a gente lavava, porque não tinha só como varrer, não dava conta só varrer, era uma escola, então tinha que lavar. A gente lavava e depois de lavar a gente arrumava as coisas que tinha pra arrumar, cada um ia pra sua atividade. A galera que ia pra cultura ficava na cultura. Tinha uma sala, cada sala era para uma

coisa. Só tinha uma sala, que assim que você subia o corredor para o terceiro andar, a primeira, virando a esquerda era a sala de reunião geral. Cada grupo se reunia ali e votava o que todo mundo aceitava.

→ Eu tinha que ir pro curso de manhã, aí no dia que eu não tinha que ir pro curso eu já lavava minha roupa ali mesmo, porque a gente não tinha máquina, tinha que ficar lavando as nossas roupas na mão. Deixava lá estendidinha e no outro dia, no dia que tinha estágio, era o dia que eu ficava mais longe, né? Porque eu estagiava na USAM, que é a Usina.

Eu – E teu curso era na Jacuecanga e você sempre morou no Bracuí?

Ingret – É. Pegava dois buzão. Acordava cinco horas, pegava o ônibus seis horas e ia para lá, mas depois que eu fui para a ocupação eu não precisava mais pegar o das seis, pegava só o das duas para vir pro estágio. O estágio era até as seis e eu voltava para lá.

Eu – Com esse ônibus lotado, que só tinha uma opção?

Ingret – Sim.

Eu – Chegava lá e ainda tinha organizar as coisas?

Ingret – Sim. Dia de estágio eu chegava exatamente na hora da reunião da noite. Participava da reunião, via o que o pessoal queria, anotava e depois da reunião fazia a atividade do dia seguinte, porque eu já sabia o que o pessoal queria para o dia seguinte.

→ Todo mundo queria ir para o Rio, né? Então a gente espalhava os alunos, tipo assim: essa semana fulano vai para a escola tal e ciclano vai para a escola tal. Mas todo mundo queria ir e eu falava: “gente, uma semana de cada vez.”. Aí todo mundo foi um pouquinho [...]. Tipo, se a ocupação conseguia alguém de lá para dormir, a gente tinha que conseguir alguém daqui para dormir lá. Tinha que fazer isso, não podia a pessoa de lá vir e daqui não ir para lá. Não tinha isso. Se dormia aqui tinha que dormir lá.

→ A minha mãe foi para a ocupação, ajudou a lavar lá. Teve a mãe.... esqueci o nome dela, eu não lembro o nome de muita gente. Ela morou praticamente lá, ela ajudava muito lá. Teve outra

mãe também, ela não morava com a gente, mas toda hora de almoço ia lá ajudar a gente a fazer almoço, porque ela era cozinheira em outro colégio e aproveitava que tinha noção de como cozinhar para grande número de pessoas e ajudava a gente: “olha, arroz não precisa dourar o alho, faz assim, faz assado.”. Ajudava muito a gente. Tinha uma mãe, acho até que foi essa mesma mãe que trouxe mais... como é o nome daqueles fios para estender roupa? Trouxe mais aquilo para a gente, trouxe pregador, porque não tinha mais onde estender roupa. Muita roupa, muita roupa!

→ Acho que o mais difícil pra mim... não sei necessariamente se seria muito difícil, mas você estar convivendo com várias pessoas de jeitos diferentes, modo de ver diferentes... acontecia muito isso na ocupação: divergência entre os alunos, não porque a gente não se gostava, mas conviver muito tempo com a mesma pessoa que tem um a cultura diferente da sua é normal ter desavenças, então tinha muito isso lá. No início não... no início era uma festa, a gente estava querendo conhecer gente nova, mas depois...

### **Yana**

→ Bem, a minha experiência de ocupação em si não foi uma ocupação no meu colégio, foi a ocupação que eu participei. Mas o problema era que o sonho era ter ocupado o meu colégio, o CEAV, o colégio tradicional de Angra. Porém, isso foi um impasse muito grande, eu tive problemas muito sérios com a diretora que quis me expulsar, ela utilizou de juízo eleitoral, porque estava em época de eleição, colocou a polícia militar dentro da escola para intimidar os alunos com fuzis. Foi uma coisa muito pesada. Eu fiquei sem estudar dias antes de terminar a greve, porque eu fui barrada na escola.

→ A gente tinha um desgaste psicológico muito grande. Eu lembro que tinha dia que a gente sempre fazia reunião entre a gente, porque a gente sempre tinha que continuar se afirmando. A gente sempre tinha que ter uma afirmação, porque no nada a gente ia acabar enlouquecendo. A gente tinha atividades na escola. Tinha que ter atividades, não podia ficar parada, porque qualquer

coisinha já chamavam a gente de vagabundo e tudo, então a gente tinha que mostrar que estava ali na ativa, que a escola não estava parada. Tinha a galera que queria desocupar, tinha pressão da polícia militar, então era um processo muito grande e eu lembro que a gente tinha criado comitês... cada comitê ficava responsável por uma coisa.

### **Marlon**

→ Foi uma contradição muito grande para mim. Foi muito latente... eu ficava pensando: “gente, não é possível!”. Eu ficava lá na ocupação tentando convencer pai o porquê de estar ocupando e depois dizia: “gente, tenho que ir dormir que amanhã cedo eu tenho que ir para aula, porque tem prova de matemática.”. Engraçado que quando eu entrava na sala de aula, o pessoal falava:

- Ê, Marlon, dormiu?

Eu com a cara toda amassada. Eu tinha ficado desacordado com medo das pessoas tacarem pedra no colégio, então não respondia secamente, mas é isso, as pessoas perguntavam. Quando a gente decidiu ocupar o CIEP primeiro foi porque a gente precisava de um lugar que teria força. Se a gente fosse direto no CELAMM dificilmente a gente conseguiria se estruturar como movimento.

Eu – Por questão de espaço?

Marlon – Não, de logística mesmo. Como o CIEP causa mais impacto, por ser centralizado, era mais visível. A gente precisava de força. No centro a gente tinha mais gente que estava topando fazer. Então chegava o pessoal e a gente falava:

- A gente fica aqui pra se fortalecer, se estruturar e depois vai pra lá. E depois ia para a aula com o coração doído. O pessoal me perguntava:

E aí, Marlon, como é isso? Você ocupa escola dos outros e vem para a aula?

Cara, aquilo me doía de um jeito, mas de um jeito... sem falar dos olhares, das piadas, os cadeados... tudo trancado. Para eu ir ao banheiro, perguntavam:

- Você vai aonde? e eu respondia:

- Banheiro... posso ir? Posso? Por favor, eu tenho esse direito?

Tinha que ser assim. Eu era vigiado o tempo todo. Tanto é que no dia que a gente foi lá ocupar o CELAMM eu estava vindo pela beirada da rodoviária Ponta Leste. Quando viram eu, Nael,

Mathias e o PL, olharam com uma cara de desespero e começaram a trancar as coisas. Tipo assim... nem sabiam o que ia acontecer. Acho que sentiram, estava demorando.

→ A gente tinha consciência de que não dava para deixar a galera solta, sem rotina. Tinha que ter uma rotina mínima para poder funcionar. Então as comissões era o que precisava e não tinha como pensar de outra forma. Montamos as comissões [...]. Tinha a de segurança, que era a galera que mais sofria, porque não dormia... só dormia de dia. [...] A comissão de comunicação... quando chegava alguma mãe, alguma coisa... toda hora chegava jornalista lá na porta, né? Esse jornal sensacionalista era o que mais tinha. A gente conversava entre si e falava para tomar cuidado. [...] A gente se revezava entre quem ia falar. Sempre conversava antes. Se juntava e decidia quem ia falar.

- Como é esse jornal?

- É assim e assim que eles agem.

- Então vamos agir como?

Essa comissão também cuidava das paradas do facebook [...]. Tinha a galera da limpeza, da cozinha que era quem acordava primeiro que todo mundo pra fazer o café. Tinha gente que ficava para deixar tudo acontecer. A comissão de mobilização, por exemplo: está um na biblioteca, um na quadra e outro lá em cima olhando e a gente precisava reunir. Para não ficar todo mundo nesse corre, ia uma pessoa, chamava todo mundo e fazia. [...] A gente sempre se reunia antes de dormir. [...] A gente se sentava na cozinha e conversava.

### **Matheus**

→ Rolou essa divisão na nossa ocupação, sim. Até porque a gente precisava de alguém para cozinhar, para limpar e claro que foi uma coisa muito espontânea. Tinha a segurança, porque já estava tendo muita gente na escola, estava rolando segurança só para ver quem estava entrando, não era para barrar ninguém, mas teve comissão de segurança, da cultura, da limpeza, da comida, entende? Eu me dividi entre cultura e a comissão da liderança, porque tinha uma galera que ficava muito nas reuniões e também eu ficava muito fora da escola, eu ficava... eu participei

dentro da escola só no começo, depois eu estava representando a escola, participando da greve mesmo, indo nas reuniões do sindicato, participando de modo geral, estava mais fora da escola. Mas quando eu saí as comissões funcionavam normalmente, da limpeza, da comida.

→ No começo posso dizer que muita gente participou, nas primeiras três semanas muita gente participou, a coisa foi bem bonita. Mas depois deu uma diminuída, mas as pessoas continuavam participando, entendeu? Estavam participando, só que era aquilo, quem queria. Mas a gente anunciava: “está rolando oficina de comida vegana lá no refeitório, quer participar? Está rolando oficina de fanzini, está rolando dança na sala tal!”, entendeu? “Está tendo filme no pátio, atividade física na quadra...”, e aí ficava a critério dos alunos [...]. Eu era menor de idade na época e fiquei lá, eles confiaram em mim de ficar lá. Eles foram e viram como era, teve uma época até que levaram umas massas lá para a gente fazer um bolo. Tiveram outros pais também que participaram diretamente, muitos pais ajudaram com compras e tal, uma coisa bem maneira.

### **Jhuly**

→ Eu ia para lá oito horas da manhã e saía oito e meia de noite, porque eu não podia dormir. Eu tinha 15 anos, né? Eu voltava 11:30 da noite e não dormia, porque tinham ataques à bomba na escola e eu ficava no WhatsApp contactando quem eu conhecia para poder ir lá acudir. Os professores, os sindicatos e tal... então eu ficava muito nessa função. E eles entraram na pilha na época. Tinha gente que não ia para casa há dois meses. Quando eles foram embora, eles levaram mala... parecia que estavam voltando de viagem.

### **Luna**

→ Nessa cartilha que a gente recebeu que até foi usada nas ocupações de São Paulo, que ocorreram antes, a primeira coisa que tinha lá para a gente fazer depois que ocupava era se dividir em grupos: o grupo da limpeza, de quem ia ficar na cozinha, o grupo da segurança que é muito importante, o grupo que ficaria na divulgação das redes sociais e a partir do que cada um queria ficar a gente se dividia e começou dessa maneira. O pessoal que estava na internet criou uma

página também, tanto do CIEP quanto do CELAMM no Facebook para ir divulgando, pedir doação, esse tipo de coisa. E pelo menos no CELAMM a gente rodou o bairro pedindo doação de alimentos, porque inicialmente a gente não queria mexer na dispensa da escola, mas acabou que depois por n motivos a gente teve que utilizar os alimentos que estavam ali. Era mais ou menos assim: cada um ficava responsável por uma coisa, mas se precisasse de ajuda a gente ia ajudando. Tinha o pessoal também que organizava oficinas, atividades para a gente fazer dentro da escola para não ficar parado ali na escola também, porque a ocupação não era simplesmente a escola parar, a gente fazia várias oficinas, cine debates, tinham coisas legais...

#### 4. As aulas, oficinas e atividades artísticas dentro das ocupações

##### **Ingret**

→ A gente tinha aula, isso foi muito interessante... acho que era professor Fernando, não lembro o nome dele. Toda vez que era aula dele ele ia dar aula lá na ocupação.

Eu – A aula dele da UFF era lá na ocupação?

Ingret – Isso... e a gente participava da aula. Eu lembro até hoje. Participava tranquila, como se a gente fosse aluno do curso.

Eu – E todo mundo participava?

Ingret – Todo mundo. Às vezes não tinha cadeira para todo mundo, ficava rodinha no chão, mas todo mundo participava.

→ A gente teve uma semana inteira, todos os dias, no mesmo horário, contando a história de Angra. A gente aprendeu porque muitas partes do Frade tem o nome de Cacique. Tipo, tem a rua Cacique, tem a Escola Cacique Cunhambebe... por que tem tanto Cunhambebe naquela região? A gente descobriu várias coisas para aqueles lados onde é o CIEP, tem uma fazenda onde ficavam os negros. A gente aprendeu muita coisa, aprendeu que na praia do Frade tem uma ilhotazinha e uma ilha grande e tem uma espécie de rua entre essa ilha e a outra. A primeira é uma de frente. Nesse vão entre uma e a outra a gente estava aprendendo que o último navio negreiro foi

afundado ali. E tem um pescador... a gente teve até contato com ele, mas não de ir à ocupação, mas de ouvir por telefone, que ele falou que toda vez que ele ia pescar, ele jogava a rede dele ali e a rede grudava. Ele ficava muito puto porque tinha que costurar a rede depois de novo. Olha que cultura e Angra não divulga, né?!

Eu – A escola devia falar sobre isso, né?

Ingret – Mas não fala. E foi uma semana inteira a gente aprendendo. Essa aula que a gente teve foi muito interessante, porque a gente teve uma semana inteira antes de começar essas aulas, principalmente para quem era caiçara, para pesquisar sobre os avós, sobre as pessoas que realmente viveram como caiçaras aqui na região e tinham histórias para contar. Muito legal, porque eu perguntava para a minha avó e minha avó é caiçara da Ilha de Bananal aqui... não tenho certeza o nome da ilha. E ela falava que para ela ir para a cidade, ela tinha que ir de barco, ela ia de barquinho, um teco teco e dormia em Angra, porque não tinha como ir e voltar no mesmo dia. Ia para angra, pegava as coisas que tinha que pegar, voltava no dia seguinte. Eu falei: “gente, vou e volto no mesmo dia!”. Várias histórias.

→ A gente teve atividade de lambe-lambe, que foi artístico. A gente teve o sarau, teve um vídeo que foi feito, que a gente até ganhou premiação: “ocupaê” ...

→ Teve esse primeiro filme... foi “V de Vngança”. No primeiro foi mais difícil de juntar todo mundo, porque ninguém ainda tinha entendido bem: “vou assistir filme pra quê?”. Não entendiam que tinha uma mensagem do filme, então para juntar a galera foi mais difícil. Mas depois que subiu, que foi para o segundo andar, que era uma sala de vídeo que a gente abriu lá todo mundo já ia com a intenção de abrir a mente.

→ Eu – O sarau foi você que organizou, né?

Ingret – Sim, eu e a professora Laís.

Eu – Eu lembro que você estava fazendo os enfeites para o sarau.

Ingret – A gente juntou esse daqui tipo de festa junina. Tem os livrinhos que a gente juntou, foi a Laís que trouxe, mas teve uns que a gente mesmo fez. No dia anterior, a gente fez frases, a gente fez rimas para poder deixar pendurado.

→ Eu – Mas a cultura fazia o quê? Tinha uma comissão chamada comissão de cultura?

Ingret – Sim. Tinha uma subdivisão chamada educação e entretenimento. Essa parte mais divertida fazia parte da cultura. Eram os professores que iam dar aula, porque a gente tinha aula normal lá. A gente teve aula de português, de matemática, de desenho, a gente teve essas aulas. A gente organizava quais professores podiam, quais os horários para não baterem com outras atividades, quais atividades a gente ia fazer. Também organizava panfleto para o pessoal distribuir na rua para conversar. A gente chegou a fazer panfletos. A gente fez um e ficou tirando xerox daquele e ia distribuir na rua, as pessoas falavam: “você não estão fazendo nada.”. Aí a gente mostrava o papel. As pessoas realmente iam... a cultura que ajudou a fazer.

→ Os professores foram demais! Nossa, que benção na nossa vida na ocupação, de verdade, porque a gente não precisava ir atrás deles. Eles vinham:

- Olha, tal dia está liberado?

- Não, tal dia tem fulano.

- Qual dia está aberto?

- Tal dia e tal dia.

- Qualquer desses coloca e avisa.

A gente colocava e avisava. E toda noite o pessoal da cultura organizava, porque era mais um canal do que alguém que mandava ou fazia alguma coisa. O que acontecia era que os professores, ou alguém que quisesse participar ali, avisava pra gente, a gente fazia uma agenda, colocava, aí no fim da tarde que tinha reunião a gente colocava e falava: “olha, estão querendo fazer isso, isso e isso tal dia... concordam?”

Eu – Ah, eles votavam?

Ingret – Votavam que queriam aquilo. Porque, imagina, a pessoa vai lá, coloca aula de desenho e ninguém quer fazer aquilo? E aí? Vai fazer desenho à toa? Por isso a gente perguntava: “você vão querer fazer tal coisa?”. Tanto que chegou a ter, eu não lembro qual era a atividade, mas lembro que eles não queriam, não gostavam da pessoa que ia dar, aí a gente dispensou... “ah não deixa pra próxima”, para não ficar chato. “Deixa pra próxima, depois a gente volta a conversar”, nunca voltamos, né?!

→ A gente sempre fazia um mini sarau, meio que um luauzinho atrás do colégio, porque atrás do colégio tinha um matinho seco e estava ficando muito frio, porque não era mais no verão que a gente fez a ocupação, então o que a gente fazia, a gente pegava as cadeiras sentava, pegava essas folhas que estavam sequinhas, acendia. Tinha gente que sabia tocar violão, a gente ficava ali de bobeira, aí uma dessas vezes que a gente fez a Laís estava com a gente. Ela disse:

- Gente, por que vocês não fazem um sarau baseado nisso que vocês já estão fazendo?

- E, né? A gente nem tinha pensado nisso.

A gente basicamente fazia um sarau ali e a gente nem tinha noção daquilo. Muita gente nem sabia o que era sarau ainda. [...] Aí não tinha mais nada para a gente fazer, era aquele tempo livre para cada um pensar no que quer fazer por si só, a galera se juntava tocava um violão. Tinha uma galera que não tocava e não queria cantar e pegava uma bolinha e ia pra quadra. Ou ficava na quadra ou ficava sentado ali cantando.

→ Quando a gente foi ocupar a gente fez músicas para poder falar, lembra? A gente criou algumas músicas e a música está na arte, a gente criou algumas músicas para poder debater nas manifestações que a gente fazia. A gente fez lambe-lambe e colocou. No início a gente colocou só na escola e depois a gente começou a colocar nos postes das ruas. Nossa, teve muitas maneiras. A gente fez cartazes para ir para as manifestações.

### **Yana**

→ O pessoal falou:

- Ah, a gente quer estudar direito.

Mentira! Os professores estavam todos nas ocupações. Você quer aula para a preparação o ENEM? Toma... tinha lá. Você quer teatro? Teve aula de teatro. Quer música? Quer aprender capoeira? Tinha tudo lá. Tinha uma programação toda. Era tudo uma questão de organização, tinha organização. Isso era uma coisa... as aulas de hip hop que em alguns projetos do CEAV sempre quiseram colocar, mas nunca houve, na ocupação teve. E os professores estavam lá, porque eles gostavam de fazer aquilo. Porque teoricamente eles estariam trabalhando, fazendo todo aquele planejamento e não estavam recebendo por aquilo. E um professor me falou uma vez e aquilo me marcou:

- Eu já estou trabalhando de graça mesmo no Estado, prefiro sair e dar aula em uma ocupação. Se não é para ganhar nada mesmo.

E era isso... era uma coisa muito mágica, mas foi também um processo muito cansativo, não vou negar.

→ Eu lembro que tinha várias atividades diferentes. Não tinha atividade fixa... Era professor chegar, falava:

- Olha, estou pensando em dar uma aula sobre isso ou aquilo, tem como?

Eles iam lá e davam aquelas atividades. Uma das atividades que mais me marcou... ah, porque era o meu professor... porque muitos professores do CEAV foram para lá, né? Foi uma atividade que o professor Edward levou que é a pedagogia do saquinho. O que é a atividade? Ele colocava frases um pouco pessoais que iam mexer com o sentimento da galera, só que a galera estava vivendo um período muito intenso... qualquer “a” em um tom diferente a gente chorava, porque estava à flor da pele. E tinha perguntas: “você acham que vão conseguir tirar algum benefício daqui?”, “sobre a experiência que você já passou, o que você pode falar de bom ou de ruim?”. Eram frases simples, mas que para a gente tinha um enorme significado.

Eu – Era ele quem levava ou vocês que escreviam?

Yana – Ele levava já pronto colocava tudo dentro de um saquinho.

Eu – Vocês em roda?

Yana – Isso. Às vezes tinha que dar um exemplo de um amigo, uma pessoa que você considerava bastante importante lá dentro, sem ela o que seria diferente... Eu já tinha participado dessa atividade no CEAV. Todo bimestre tinha a atividade do saquinho. A minha turma passou dois anos tendo essa atividade. E essa atividade ele sabia que dava certo lá com a gente e levou para a ocupação.

Eu – E teve diferença da sala de aula para a ocupação?

Yana – Sim, sem dúvidas. Mas não foi melhor ou pior, foram emoções diferentes. Dentro da sala de aula era mais um exercício para a gente ficar ligado entre nós mesmos, nossos familiares, desabafar. Era uma atividade que fazia a gente desabafar... eu chorava muito. E nessa atividade na ocupação a galera desabou. Os meninos, que não gostavam de chorar, se acabaram de chorar. Quando tinham que falar a situação da família, do que eles estavam vivendo... essa atividade foi a que mais me marcou. Sempre me marcou.

Eu – E todos participaram?

Yana – Todos. Eu lembro que a roda foi perto do portão justamente para a comissão de segurança participar, porque a galerinha da segurança não saía do portão por nada. E foi ali. Pegamos as cadeiras e colocamos ali. Foi uma atividade muito marcante.

→ Eu acho que a única ocupação que eu consegui chegar a dormir foi a ocupação do CEMBRA, que é mais próxima da minha casa. Eu participei bastante do CEMBRA

Carol – E lá você também participou de atividades?

Yana- Sim... tinha sessão cinema. Eles sempre gostavam do filme, escolhiam filme e iam para lá. A ocupação do CIEP e do CELAMM foi totalmente diferente. Lá não tinha nem comitê de segurança. A Polícia Militar estava apoiando a causa. Quando um professor foi lá e tentou atropelar uns estudantes, a polícia foi lá. Em momento nenhum teve repressão. A repressão era dos professores que não queriam e da direção. Essa era a repressão ali do CEMBRA. Aqui no CIEP a gente teve repressão dos estudantes, da direção, da polícia e depois dos bandidos, porque estava atrapalhando o comércio, entendeu? Foi completamente diferente.

Carol – Mas as atividades artísticas do CEMBRA, além do cine, você conseguiu ir em alguma outra coisa?

Yana – Sim, tinha lambe-lambe, grafite, eram várias atividades... rodas de sarau. [...] A ligação da ocupação do CEMBRA foi tão forte, que depois que eles desocuparam, eles formaram um grêmio e o grêmio continuou algumas atividades que tinham na ocupação. O Slam, slam de quinta.

Eu – O grêmio que organiza isso?

Yana – Sim. Mas Paraty é totalmente outra vibe. Paraty investe em cultura. Está ali. Qualquer coisa que o estudante for fazer, a sociedade vai achar aquilo lindo, tanto é que o centro é um Centro Histórico. Então, tinha aquilo: muitas atividades, reuniões que eles faziam ali na praça do Centro Histórico eram bem vistas. Aqui não. A gente não tinha nem apoio dos moradores, era só a gente, estudante.

Eu – E você acha que também essa prática cultural da cidade interfere nessa...?

Yana – Com certeza, se a galera daqui de Angra investisse mais em cultura, esporte, eles teriam uma mente mais aberta. Só que o pessoal ouve poucos assuntos. Não é que a galera de Paraty seja mais politizada, mas ela entendeu de forma pacífica o objetivo da nossa causa. Os moradores receberam de braços abertos. Uma das meninas que ocupou, a mãe dela era do Conselho Tutelar e tipo... o pessoal estava pensando assim: “cara, o conselho tutelar está lá dentro, o que a gente vai fazer?”. Não tinha o que fazer... a mãe dela tinha uns pezinhos atrás, mas estava apoiando a filha naquela causa. Aqui no CIEP não tivemos apoio. No meu caso...

→ Através das ocupações e até mesmo do curso normal eu coloquei na minha vida que padrão não é sinal de coisa boa, porque tem que ter o diferente. E eu acho que as atividades culturais que a gente chamava nas ocupações tinham grande importância porque não eram uma coisa que esteve presente na nossa formação, então a gente queria algo novo, a gente queria modificar tudo. E como fazer isso? Levando atividades que a gente nunca teve acesso. Então por isso que eu acho que teve grande importância. E vamos combinar que era uma coisa bonita. Você está fazendo aquela atividade artística, quer tirar foto, quer mostrar pra todo mundo que você quer fazer aquilo

Então, para a gente que estava ocupando era uma prova de que estava tendo atividades culturais dentro das ocupações.

### **Marlon**

→ Na verdade, quando a gente começou a ocupar as pessoas chagavam e propunham as atividades. A gente sempre perguntava: “gente, fulana veio fazer a atividade... há interesse em participar?”

Eu – Já teve o caso de a pessoa propor e vocês não quererem?

Marlon – A gente chegava e conversava com a pessoa. [...] Como tudo era um debate, se chegasse uma roda de conversa sobre um assunto que já foi debatido várias vezes... ninguém queria repeteco. [...] Não, vamos pra frente, vamos pra frente! Teve uma vez que a galera olhou assim e fez assim mesmo: “a gente agradece muito a atividade, muito mesmo o empenho de estar aqui ajudando, mas a gente tem muita coisa pra fazer, tem que encerrar daqui a pouco, tudo bem?”. Assim, dessa forma doce e carinhosa.

→ A Ingret e o Felipe fizeram várias oficinas de teatro. Foi o que eu acho que mais teve.

Eu – Teatro?

Marlon – Teatro. Porque como a galera estava toda pilhada, cabeça a mil... eu lembro que a Ingret falava: “a gente precisa fazer alguma coisa senão o pessoal vai endoidar.”. A Ingret era muito calma.

Eu – O Felipe puxava sempre teatro para vocês fazerem?

Marlon – Sim, sim. Tinha muita dinâmica. Por exemplo, quando começou, ele falou:

- Vamos fazer teatro? Respondiam:

- Não quero ser ator.

Até ele chegar com toda calma do mundo e explicar que ia ser legal. Começou com pouca gente, mas depois que terminava estava todo mundo lá esperando.

→ A atividade cultural é um ato político de fato. Para abrir o diálogo com a comunidade a gente fazia atividade cultural. Por exemplo, atividade de circo dentro CIEP. As pessoas chegaram, aplaudiram, tudo muito bonito, então consegui aproximar. Outra coisa que eu observo também e depois eu pensei mais e é verdade: no Rio de Janeiro a questão da cultura, das rodas de rima se fortaleceram muito dentro do colégio na época da ocupação. E depois teve um boom muito grande da roda de rima. Dentro das escolas acontecia rodas de rima, sarau e tudo e depois a rede de cultura das escolas do Rio de Janeiro teve as rodas.

→ Angra e Paraty são extremamente conservadores, só que em Paraty ainda tem um combo: é um centro histórico, é muito turista e turista gosta dessas coisas. Tudo que é exótico turista gosta. “Nossa, está tendo uma ocupação, eu vou lá!”. Dava prestígio. Quem vai para lá gosta dessas coisas e eles ficaram muito fortes nisso. A comunidade de Paraty sofreu problemas e tudo, mas ainda tiveram esse quesito e, por exemplo, aqui em Angra quando a gente começou com o sarau na praça foi difícil, porque os guardas chegaram perguntando o que a gente ia fazer lá e a gente disse: “cara, a gente está na praça”, sabe? Lá no CEMBRA a prefeitura tem essa coisa de controlar, mas não é tão forte.

→ Eu – Então você acha que essa coisa de fazer um movimento cultural aproxima as pessoas e fica mais fácil de introduzir as pautas?

Marlon – Sim, mas aproxima até certo ponto. Por exemplo, teve o baile com a MC Marcele no CIEP. O pessoal: “ah..., mas baile funk é um absurdo, estão fazendo a escola de puteiro, estão fazendo baile funk.”. Eu estava no Rio nesse dia e eu ficava olhando as publicações. Enquanto estava tendo circo estava muito bonito, sarau muito bonito, agora baile funk é a degradação humana.

Eu – Depende do tipo de atividade cultural que você está fazendo, é isso?

Marlon – Sim, sim. Roda de rima, por exemplo, as pessoas passam em uma roda de rima e o que elas falam? “Olha os maconheiros, olha os viciados” ... é o clássico. Mas aproxima a juventude. Qualquer atividade de cultura que você faça vai atingir a juventude. Junta várias tribos. Se você

fizer evento de rock vai ter uma galera, de rap vai ter uma galera, de funk vai ter uma galera, tipo assim... chama, sabe? Para conseguir chamar a galera é importante você diversificar. Por exemplo, eu gosto de roda de rima, mas duas ou três vezes na semana eu já fico cansado, quero outra coisa. Por exemplo, a coisa da cultura... em Angra tem muitos grupos de dança que são muito bons, eu amo, só que eu quero ver coisa diferente, eu quero ver um Stand Up, eu quero ver um drama, eu quero ver coisa diferente, sabe?

### **Matheus**

→ Era uma coisa mais interessante. As aulas iam em assuntos que os alunos tinham muito interesse mesmo. Sobre guerras, sobre movimento... era uma coisa que prendia mais os alunos e que o professor tinha mais vontade de ensinar [...] não é aquela coisa que dá sono, entendeu?

→ Teve muita coisa legal... teve dança, teve fotografia, tiveram peças também. Teve uma que eu participei, que a Dani montou, mas teve outra também, acho que foi da galera da UNIRIO, não sei quem da cultura conseguiu conversar com uma galera da UNIRIO também... gente nova da UNIRIO. [...] eu consegui conversar com uma banda do centro do Rio [...]. Eles tocam no Largo da Carioca fazendo show. Não sei como eles estão agora, mas consegui conversar com eles, eles fizeram show lá, showzaço. Teve muita coisa bacana. Teve oficina de fanzini. Teve uma moça, cara... eu queria o lembrar nome dela, eu tento lembrar o nome dela até hoje, que ela apareceu do nada na escola. Esse não foi planejado, ela falou:

- Quero fazer uma oficina e tal. Eu falei:

- Beleza, então vamos lá.

Ela queria fazer uma oficina de colagem, muito bacana. Teve uma oficina vegana. Essa oficina vegana fui eu que consegui contato. Era uma professora do Alda que conhecia duas meninas estudantes da UFRJ que são veganas e falaram:

- Vamos fazer uma oficina de comida vegana na escola?

Fizemos e foi sucesso. Nossa, foi sucesso demais, foi muito bom.

→ Eu – E essa peça que você fez, você lembra sobre o que falava?

Matheus – Foi sobre o Edson Luiz. O assassinato do Edson Luiz, no caso eu até fui o Edson Luiz que foi assassinado na peça, foi bem legal.

Eu – E foi para o pessoal que estava dentro da ocupação, ou vocês abriram para as pessoas de fora? Como foi?

Matheus – Foi aberto, foi aberto. O auditório lotado. Foi à noite a peça.

### **Jhuly**

→ Às vezes vinham grupos universitários e faziam atividade de rádio, de vídeo, teve um show também... a gente chamou um grupo de rap, grupo de rock. Eu particularmente participei pouco das atividades, porque estava no front. Eu precisava resolver as coisas enquanto a galera se mantinha lá dentro.

→ Eu – Quando eu comecei a pensar teatro e ocupação, a primeira coisa que me veio na cabeça foi Teatro do Oprimido. Na ocupação você teve essa vivência de Teatro do Oprimido também?

Jhuly – Meus amigos tiveram, porque eu estava resolvendo as coisas. Eles estavam lá fazendo oficina e eu estava no front.

Eu – Mas você acha que tem ligação, que depende... o que acha?

Jhuly – Totalmente. Porque quando a gente estava no curso de teatro a gente teve essas oficinas e tal e saía muita coisa relacionada à escola.

→ Eu acho que no Pandiá a relação com a arte foi fundamental, porque se não houvesse teatro com a gente, com os alunos de lá, não havia ocupação. E o pessoal do Mundé estava muito com a gente na ocupação escutando, estudando, passando noite, sabe? Eu acho que foi fundamental. A ocupação foi algo que a gente materializou. Tudo o que a gente discutia no curso a gente

materializou na ocupação, então eu acho que tem completamente relação. Até porque Sala Cinza é resultado dessas ideias que a gente tinha na ocupação, no caso do Pandiá.

Eu – Então é como se no Pandiá a relação com o teatro viesse antes, para pensar a escola, durante, quando vocês estiveram lá ocupando mesmo com a galera do Coletivo Mundé e depois com a produção da peça Sala Cinza?

Jhuly – Exatamente.

### **Luna**

→ A gente fazia muito cine debate, eu lembro que era o que a gente mais fazia, porque era o que a galera mais gostava. Esse negócio de aula e tal o pessoal já estava de saco cheio daquilo: cadeira, quadro, professor falando. Então cine debate era um negócio que a gente fazia muito sobre vários temas. Teve um cine debate que acho que foi o mais marcante para mim que foi sobre o filme, não lembro o nome, mas falava sobre os Panteras Negras, o pessoal gostou pra caramba, foi muito legal. Oficina de teatro também rolava, falava sobre feminismo, sobre ENEM. Minha mãe fez uma oficina sobre o ENEM, explicava como que era tudo direitinho [...]. Tinha oficina também que a gente fez com a Lu que foi para consertar as portas. A gente pegou um monte de tecido, foi colocando nas portas todas bonitinhas. Artesanato também rolava.

## 5. O contato com a arte dentro da escola desocupada

### **Ingret**

→ Quando eu fiz curso normal eu tive artes com a Wilza, aí depois eu sai do normal e não lembro de ter artes.

Eu – Você lembra o que a Wilza trabalhava com vocês em sala? [...]

Ingret – Olha, é tanta coisa... eu lembro que ela dava muito trabalho sobre temas, eu lembro que a gente teve aula de... as músicas culturais que eram dadas para as crianças. Eu lembro de alguns trabalhos que ela deu para a gente. Ela deu um sobre árvore genealógica para a gente ter noção.

Eu – Tudo com arte?

Ingret – A gente tinha que criar a árvore, eu lembro que tive que pegar um papelão e transformar em árvore, desenhar e pintar o tronco de tinta guache.

Eu – Ficou marcado na sua memória, né? Mas você sabia que na Rede Estadual um professor de Artes pode ser tanto de Artes Visuais, quanto de Música, Dança e Teatro?

Ingret – Sério? Mas eles não fazem isso, ficam a maioria em sala de aula, né? [...] Eu tinha muito... tanto é que a arte acabou sendo mal falada nas escolas, não mal falada, mas deixada de lado. Porque o professor de artes chegava na sala de artes, falava alguma coisa que ninguém entendia, ou não lembrava, não falava algo que realmente ativasse a nossa cabeça na parte da arte. Falava alguma coisa muito teórica, muito superficial, então passava mais gente conversando para o lado, fazendo mil outras coisas do que prestando atenção na aula de artes.

Eu – E por que quando vocês ocupam a escola criaram especificamente uma comissão de cultura e buscaram atividades artísticas?

Ingret – A gente viu que é importante, porque a escola sem ser a que a gente ocupou, a escola tradicional, tende a achar que conhecimento é só caderno, professor na frente falando e a gente copiando e existem várias formas de se obter e de se passar conhecimento, não necessariamente a forma tradicional que eles querem [...].

→ O que acontece, a ocupação trouxe isso para a gente, essa quebra de continuidade. A gente está tão acostumado com caderno, sentado, olhando para a frente que quando eles deram outro método de estudo para a gente, de cara a gente não entendeu que aquilo era um estudo. Depois a gente foi se moldando a esse novo conhecimento, ficou muito mais fácil de aprender. Você pode perguntar qualquer coisa que aprenderam dentro da ocupação eles vão saber falar. É muito legal.

→ Na escola a gente não dá ideia nenhuma para a arte [...]. Nenhuma, porque foi aquilo que eu falei: a professora não passa interesse pela arte. Olha, muitas vezes eu acho... eu lembro que eu estava na sala de aula e a professora vinha com uma folha de ofício para cada um e falava: “gente, vamos fazer tal coisa”. E todo mundo com aquela folha. O que eu ia fazer com aquela

folha? Eu fazia um aviãozinho, fazia um tudo. Agora na ocupação a gente aprendeu muito bem o que era arte, a arte estava presente o tempo todo dentro da ocupação.

### Yana

→ A escola ocupada é a idealização da nossa escola dos sonhos. Uma coisa que eu gostava no curso normal, não no CEAV, mas no curso normal, era o fato de que tudo o que a gente imaginava a gente conseguia colocar na prática. Professor precisa ter essa autonomia. Exemplo de sociologia da educação, a gente falava: “quero fazer um teatro falando de Sócrates!”, a gente ia lá e fazia um teatro falando de Sócrates. A gente tinha essa liberdade no curso normal.

→ O curso normal só tem aula de Artes no primeiro ano.

Eu – Artes, artes que é o nome da matéria?

Yana – Só tem artes no primeiro e no terceiro ano. Só que é artes ali do currículo mínimo do ensino médio.

Eu – Você lembra o que trabalhou em artes?

Yana – Olha, eu gostava muito, porque eu gostava da professora. Mas não era uma matéria que me enchia os olhos, porque eu nunca tive... contando no terceiro ano, porque no primeiro ano eu nem tive professor direito, sabe? A gente começou a conhecer artes de verdade no terceiro ano. Fez uma falta tão grande, porque eu não tive nada de artes. Carol, nada, nada.

Eu – No fundamental não teve?

Yana – No fundamental eu tinha um professor que só mandava a gente fazer desenhos e isso não adiantou, porque eu não sei nem fazer um coração. Sério... eu não sei. Hoje eu estava na faculdade e o professor falou que a gente tinha que desenhar o globo terrestre pra mostrar o núcleo. Eu falei:

- Me recuso a fazer essa questão, não sei desenhar. Ele disse:

- Não, faz uma bolinha. Eu respondi:

- Se eu fizer uma bolinha, sendo que não é aquilo, você vai me dar o ponto certo?

Só sei que eu dei um nó na cabeça do professor e ele pediu para alguém fazer o desenho da terra com o núcleo para mim. Aí minha coleguinha fez para mim, senão eu não ia fazer aquela atividade e ele não podia tirar o meu ponto daquela atividade por causa disso. Ele tem que pensar na questão que ele está colocando ali na turma.

Eu – Então no fundamental você praticamente não teve Artes e no médio o que te chamou atenção foi no terceiro ano.

Yana – Sim, sim.

Eu – Mas por quê?

Yana – Porque eu, na época, gostei tanto da Wilza quando eu entrei. A minha questão com a Wilza começou no Nazira, quando eu estudava com ela. Ela tinha feito uma atividade que me marcou muito e eu amei. Foi uma atividade que a gente tinha que pegar, fazer um vídeo sobre uma região do Brasil e contar um pouco daquela região, montar, colocar num CD e entregar a ela. Na época para mim foi um sucesso. Eu peguei a região de Minas Gerais, porque eu sou mineira e queria levar... só que [...] logo assim que eu apresentei para ela eu fui morar no Rio. Eu terminei o fundamental num CIEP no Rio e voltei para Angra. E quando eu cheguei e reencontrei ela eu fiquei muito feliz. No primeiro ano eu não tinha aula com ela, então eu ia para a sala da minha amiga assistir aula dela.

Eu – Era outro professor? Mas por que você não queria assistir aula do outro professor?

Yana – Não, eu assistia a aula do outro professor, senão eu iria repetir, entendeu? Mas no meu tempo vago era aula dela e eu ia lá na aula dela.

Eu – Mas esse outro professor dava aula de quê?

Yana – Eu lembro... ah... era uma coisa muito chata, nem parecia artes, parecia uma coisa didática qualquer. Sério. Era um temazinho que a gente tinha que falar... não lembro, não foi nada marcante. E na aula da Wilza a minha amiga ia fazer uma apresentação... tinha que ter movimentos corporais. Muita gente levou a boneca de lata. Eu participei em partes da apresentação da minha amiga, porque ela não tinha ficado em grupo aí eu montei com ela. A gente fez a encenação de uma música que tinha a boneca que virava humana. Não sei de onde eu tirei isso. Eu era bastante criativa.

Eu – E no terceiro ano você teve aula com ela... você lembra o que vocês trabalharam?

Yana – A gente passou o ano todo fazendo um portfólio. Era um diário onde você escrevia tudo o que você queria falar. As vezes tinha que ter um relatório da aula, mas era mais para você contar as suas experiencias. Isso foi durante o ano inteiro. Eu lembro que nesse meu diário eu só conseguia falar de ocupação e manifestação.

### **Marlon**

→ Eu – E aqui em Angra tem essa prática de teatro? Você acha que existe essa prática? Você já teve contato com teatro em Angra? Na sua escola de Ensino Médio teve artes?

Marlon – Só no segundo ano.

Eu – E o que trabalhava?

Marlon – Não... eu tive aula só para o final do ano quando você entrou em 2015. [...] Acho que estava no finalzinho do ano. Antes eu não tinha professor de artes. A gente teve praticamente duas semanas de aulas, então deu para fazer poucas atividades.

Eu – Você lembra quais eram?

Marlon – Não, não lembro... eu lembro do pandeiro, que todo mundo batia palma. Cara, por exemplo, foi muito engraçado, porque a gente não tinha aula de artes, aí chegou professora de artes e a gente combinou: “vamos avacalhar e vamos embora.”. Só que todo mundo participou.

Eu – Foi teatro que eu trabalhei?

Marlon – Teatro.

→ Antes só no fundamental, que era tipo: fazer uma linha, dois centímetros torta era menos meio ponto... aquela coisa muito estática. Toda aula um trabalho para você fazer e entregar. Se você não estivesse de canetinha lá pintava com lápis... era esse o contato.

Eu – Mas é isso que eu me pergunto. Vocês estavam ocupando as escolas, no Ensino Médio vocês mal têm contato com artes, você só teve duas aulas de artes no segundo ano... Mas quando vocês ocuparam o que me chamou atenção foi que muitas das atividades estavam voltadas para artes.

Por que quando a escola está funcionando normalmente há pouca atenção para essa disciplina e quando ocupa a escola tem várias atividades ligada às artes?

Marlon – Acho que é uma coisa de sentir falta. Por exemplo, música... é como eu falei, no CELAMM tinham as meninas do teatro: Ariadna, o pessoal. Os meninos da roda de rap. Eu, por exemplo, amo baile funk e gosto de fotografia. Então, cada uma dessas pessoas que sentia necessidade queria propor. O legal foi isso: todo mundo podia propor atividade: “você gosta de fazer sarau de poema? Vou propor o sarau e vou chamaram quem eu sei que gosta.”. As pessoas participavam e acabavam tendo contato. Todo mundo tinha proposta e como a cultura é muito forte, acho que move. Cultura move. Tem nada para fazer sexta à noite? Vamos para a praça pegar o violão e tocar uma música. Então, assim, estou em casa sem nada para fazer, então vou escrever.

Eu – Então já está em você independente da escola?

Marlon – Sim, já está. Eu acho que o que a escola geralmente faz é podar. Aquela arte... história da arte é muito importante, mas vai ficar só naquilo, sabe? Só naquilo? É importante saber do movimento barroco, é a história da humanidade. Mas falaram:

- Vocês precisam ocupar para fazer atividade cultural? O colégio sempre esteve aberto!

É... estava aberto, mas você dizia que queria fazer uma atividade no dia tal e diziam:

- Ah, esse dia não pode porque não tem ninguém para ficar olhando vocês, porque não tem funcionário para supervisionar, porque...

- Vamos fazer na quadra, então!

- Ah, mas não pode.

- Na sala vazia.

- Não pode, não pode...

Tipo assim, você pode fazer, desde que tenha algum adulto iluminado olhando, nesse quadrado, tal dia, de tal hora a tal hora. Eu sei que é importante, é o espaço da escola, mas assim... era tanto empecilho, que as pessoas não faziam, deixavam para fazer fora.

→ Por exemplo, a questão do espaço e da abertura... pode mudar, mas ainda é diferente, porque você fazer uma atividade na rua, na praça, você não tem barreira. Você pode falar do assunto que você quiser. Por exemplo: “ah, eu quero fazer um ato político com o rap!”. Você está puto, você vai falar palavrão, você vai xingar. Na porta da escola eu não faço, porque não posso me comportar de certa forma. Então, assim... por mais que você possa fazer, não vai ser plenamente, de fato. Você pode exercitar isso para além dos muros. Mas é isso, por que existem os muros da escola? Por que tem essa barreira? É um espaço de educação e tal, beleza, mas precisa de tantas barreiras? Não tem por que ter uma atividade no colégio e a comunidade ficar receosa de participar. Tem alguma coisa errada... tem alguma coisa errada. Por que que quando a gente faz na praça geral vai? É um espaço público, espaço de acolhimento? Tem muito disso também.

### **Matheus**

→ Eu – E você teve aula de teatro com a Dani na escola?

Matheus – Tive no segundo ano só. Só no segundo ano mesmo.

Eu – E antes de ter aula com ela no segundo ano você teve aula de artes?

Matheus – Não, que eu lembre só no Fundamental.

Eu – E era teatro também?

Matheus – Não, não... era arte na sala de aula mesmo. Botavam a gente para pintar alguns desenhos... isso e aquilo, nada demais. Não que não fosse importante, mas não era como foi no segundo ano que era uma coisa bem mais prática, a gente ia para o auditório com a Dani, fazia um monte de coisa legal... fazia exercícios.

→ Eu – Você, que teve aula com a Dani dentro e fora das ocupações, acha que há uma diferença entre a relação que se tem com a arte quando a escola está funcionando normalmente e quando a escola está ocupada?

Matheus – Então, eu acho que a questão nem é a escola estar ocupada, ou funcionando normalmente, eu acho que a questão é a grade curricular, eu acho que é o que eles querem que os alunos aprendam dentro da sala. A maioria dos professores acabam reproduzindo o que passam...

têm que seguir aquele currículo, eles acabam desanimando. “Essa coisa que eu tenho que passar os alunos não vão curtir.”. Não é igual a essa aula que você, que eu acredito que seja uma excelente professora como a Dani, desenvolve, uma aula que envolve mais os alunos que junta mais os alunos, sabe? [...] Eu acho que os problemas não são os professores é a grade que passam para os professores. Acaba sendo uma aula muito robotizada, uma coisa mecânica. Vamos só cumprir isso aí e acabou. Não é assim. Acho que essa é a diferença, porque na ocupação a coisa é mais livre, mais espontânea, professor se sente feliz ensinando e os alunos mais ainda aprendendo, querendo aprender mais. Agora, na sala de aula não. Era muito empurrada, muita forçada. O professor quer fazer uma coisa bacana só que não pode porque tem que ensinar aquilo que está ali. Acho que foi mais ou menos isso. Os alunos tinham mais vontade de aprender por causa dessa liberdade e os professores também, o professor era livre para passar o que ele considerava importante e não aquela parada forçada, empurrada.

### **Jhuly**

→ Eu – Você teve aula de Artes?

Jhuly – Tive. Com uma professora detestável.

Eu – Você lembra quais eram os conteúdos, o que era trabalhado?

Jhuly – Eu lembro pouca coisa... eu lembro de ter estudado Tarsila do Amaral e fazer coisas... assim, não parecia ter muito propósito a aula dela. A gente pensava: “poxa, arte é uma coisa que a gente quer catarsear, pensar em outras formas.”. E não, era uma coisa completamente opressora.

→ Eu sempre converso isso com a Nicolle e a gente levou muito isso para a Sala Cinza. A escola ocupada não é a escola desocupada. É um outro ar. É um ar de liberdade. Então, quando a gente tratava de arte dentro da ocupação era uma arte libertária, então a gente pintava a escola, a gente botava a escola mais bonita, a gente já ia para o concreto, sabe? Era esse o propósito: “vamos nos libertar!”. Entender a arte como um fio condutor da liberdade, então é muito diferente. Oficina de estêncil, de teatro... era muito... porque a escola ocupada é completamente diferente do que a gente pode imaginar da escola, sabe? É uma outra atmosfera.

### Luna

→ Tive acho que só no segundo ano... no primeiro ou no segundo ano. Eu não tive todos os anos de aula de artes.

Eu – E você lembra o que era trabalhado dentro dessas aulas de artes?

Luna – Ah, o que eu mais me lembro, que foi mais marcante era quando professora falava de ditadura, dos movimentos artísticos que tinham nessa época, a repressão. Sobre alguns movimentos artísticos também ao longo da história, mas acho que foi no primeiro ano que eu tive. Muito ruim de lembrar porque parou ali. Você tem todo o entendimento sobre a coisa e é cortado, então a gente fica meio perdido sobre o que estava rolando.

Eu – Entendi. Mas no fundamental você lembra de ter artes também?

Luna – No fundamental lembro, mas era coisa tipo assim, pintar, fazer mural essas coisas assim... desenhar.

→ A gente sempre teve na escola a noção de que arte era só aquilo ali. Se você sabe desenhar você vai se dar bem nas aulas de artes, se você sabe pintar, se você sabe fazer alguma coisa... não que a arte poderia ser mais abrangente, sabe? Têm outras coisas... a arte está presente na nossa vida em vários aspectos, não é só ali no papel, fazer um mural, cortar papel. Tem o teatro, tem a música, tem a dança e isso não é muito ensinado, é mais aquela coisa ali de professor, quadro, carteira, a gente sentado ouvindo. Não levanta, não se movimenta, não tem outras coisas além daquilo. E eu acho que na ocupação a gente começou a fazer várias coisas sem nem se dar conta de que a gente estava fazendo arte, de que a gente estava aprendendo a arte e os professores que deram essa clareada: “vocês estão fazendo arte, vamos chamar uma professora para ajudar vocês nisso.”. Foi aí que a gente foi percebendo, pelo menos eu, porque pode ter gente que nem percebeu tanto essa questão, da gente estar envolvido com a arte.

Eu – Mas se você tivesse que dizer qual é o papel da arte dentro das ocupações, daquele momento que vocês viveram, para que, por que ela estava ali?

Luna – Eu acho que era uma maneira da gente se expressar, de conseguir chamar atenção tanto dos alunos, quanto da sociedade, quanto dos pais, era uma maneira mais bonita, vamos dizer assim, para a gente levantar as nossas pautas e mostrar o que a gente estava reivindicando.

→ Acho que jogral é uma forma de arte. Tinha o pessoal que ficava recitando poesia e a gente ficava no jogral repetindo para transmitir aquilo. Os próprios cartazes também. Tinha gente que fazia performance nas manifestações, acho que isso é uma maneira de estar demonstrando arte. Música, as próprias músicas, os cantos que a gente fica gritando nas manifestações. Então eu acho que basicamente tudo ali nas manifestações tem arte.

#### 6. O movimento desocupa e suas consequências

##### **Ingret**

→ Chegou uma época que a gente foi tão caluniado, que a gente tinha que acordar de madrugada para ficar vigiando a escola, então chegou no final, bem no finalzinho, a gente não dormia direito, porque só duas pessoas acordadas de madrugada vigiando o colégio não estava dando mais conta. Se dormiam três numa noite inteira de sono era muito. No finalzinho foi bem cansativo.

→ Me dava um alívio, porque já estava cansativo, e saber que no momento que a gente desocupou a gente estava já quase conseguindo aquilo que a gente pediu, tinha esse alívio, mas também um aperto no coração de saudade, de saber que aquilo não ia voltar, porque a gente tinha uma estrutura, foi uma família por três meses ali. Ao mesmo tempo que dava um alívio de estar conseguindo, poder ir para casa e ter um sono completo, ao mesmo tempo pensava: “não quero ir, quero ficar aqui!”. Eu chorei muito quando eu saí, porque eu não sabia se eu estava chorando de alívio ou de desespero por não querer ir.

→ Nossa, assim que eu terminei, assim que terminou a ocupação e eu fiquei só no curso. Eu tinha que pegar o ônibus, descia, passava em frente ao colégio, ficava passando aquela música na cabeça, aquele filme... toda vez que eu passava ali eu lembrava.

### **Yana**

→ A diretora. Ela falou que eu não iria estudar mais ali. O argumento é que ela iria levar o meu nome para a Secretaria de Educação, porque o meu comportamento não era o comportamento de uma normalista, uma futura professora. Sim, esses foram os argumentos utilizados. E que eu estava manipulando os estudantes. Porque o que aconteceu: como o CEAV tinha uma adesão de professores em greve muito grande, ficaram só a direção e os professores pelegos e contra eles a minha turma e algumas pessoas que entendiam mais ou menos a causa. Só que eu, estudante, falar com outro estudante, é legal... se ele entender meu lado, ele vai concordar comigo, mas um professor, por conta dessa hierarquia doida, vai falar o contrário de mim, os meninos vão acreditar no professor. Foi isso que aconteceu: colocaram teoricamente o colégio inteiro contra a minha turma. E eu como era muito representativa, era representante de turma... caiu muita coisa nas minhas costas. Ainda bem que eu tinha a minha turma, tinha mais ou menos 25 pessoas, que me apoiaram muito. Porque tivemos que envolver até advogado. Não queriam deixar eu entrar. Isso foi uma coisa muito ruim tanto na escola, quanto na minha família, porque eu tive uma briga muito feia com a minha mãe, os meus tios se envolveram e eu não falo com eles até hoje. Faz dois anos que eu não falo com os meus tios por causa disso, tudo porque a diretora armou um circo. Pegou vídeos, áudios meus falando na época das manifestações que era de ocupação [...]. Eu fui ameaçada por um policial militar dentro da minha escola em uma reunião que teve duas diretoras e um policial. Eu falei que só iria conversar na direção se tivesse acompanhada de algum professor da minha confiança.

→ Quem participou da ocupação e falar que anda tranquilo pela rua está mentindo. Está mentindo... teve épocas, ainda mais quando a gente ia para as greves gerais lá no Rio que a gente andava assim... muito assustado pela rua, qualquer barulhinho a gente estava...

→ Eu já tinha aceitado um pouco esse processo, mas quando os professores voltaram, eu e minha turma os intimidamos:

- Vocês vão voltar, mas vão defender a gente, porque a gente segurou as pontas aqui sem vocês. É agora que a gente precisa...

A gente precisava ser abraçado, a minha turma sentiu isso, entendeu? E eles fizeram por onde. O meu colégio foi dividido ao meio: os que eram contra e a favor, e virou uma batalha. Professores brigando mesmo, brigando muito sério e a gente: “e agora?”. A gente falava tudo o que estava rolando e isso causou indignação. Na época que acabou a greve geral professores chegaram revoltados:

- Porque o governo faz isso e aquilo.

Na minha aula de psicologia minha professora muito exaltada, eu achei aquilo a coisa mais linda do universo. Uma professora tão zen estava lá revoltadíssima. Professores brigando... os pelegos falavam mal de professor, só que era o seguinte: eles falavam mal no primeiro, no segundo ano, chegavam no terceiro ano eles tinham que ver as palavras que eles iam utilizar e quando vinham falar mal de um dos meus professores lindos e maravilhosos, a gente falava:

- Porque é muito antiético, porque aqui no curso normal a gente aprende um monte de coisa sobre ética, que não devemos falar mal de outros profissionais, mas olha o que está acontecendo, né, professora? Você falando mal do seu coleguinha de trabalho, só porque a gente tem pensamento diferente.

A gente falava muito, eles falavam... a gente não estava nem aí. Eu simplesmente lavei as minhas mãos. Quer me levar para a direção? Quer me dar ocorrência? Quer me dar suspensão? Não estava mais me importando. Então o que eu tinha que falar eu falava mesmo e não era mais problema dele.

### **Marlon**

→ Eu não conseguia participar muito das atividades porque eu sempre estava morto. Às vezes eu me sentava assim e pensava: “nada pode dar errado, nada pode dar errado...”. Eu ficava tenso

vinte e quatro horas por dia. Nada podia dar errado. O meu telefone o tempo todo tocando com gente me ligando, ameaçando. Teve um dia... foi o dia que eu me sentei em posição fetal lá no CELAMM... Deitei pra dormir e me ligaram:

- Vai rodar, vai rodar.

Nas primeiras vezes eu fiquei com medo, depois eu não ligava mais... ia dormir. Só que mandaram mensagem:

- Vai rodar!

Aí eu fui dormir, tirei um cochilo... eu lembro que foi muito rápido tipo uns 15 minutos e estourou uma bomba. Boomm... Isso era no CELAMM, a atividade no CIEP estava rolando ainda. Estourou.

Eu – E aí? Você estava sozinho?

Marlon – Soltaram cabeção de nego na parte da direção. Estava eu, o kinha e mais um menino. Três. O pessoal tinha ido em casa pegar roupa e só ficou a gente lá. Eu acordei e alguém falou:

- Fica aí que eu vou ver quem é.

Um brutamonte foi lá. Cara, eu fiquei trancado e comecei a tremer, tremer... pensando: “e agora?”. Descobrimos quem foi... ele viu correndo. Eu pensei: “beleza!”. Mas depois daquele dia, depois disso tudo eu me sentei e fiquei olhando para a parede. Não dormi. Pilhadaço. Ele dizia:

- Dorme, dorme, dorme...

- Eu não estou conseguindo dormir.

- Para de graça.

- Não, cara, eu não estou conseguindo.

Depois desse dia eu comecei a piorar mesmo. Ficar muito nervoso. Eu já fumava. Naquela época foi o pico. Comer não tinha como porque tinha que manter uma regra ali para todo mundo comer, então fumava desesperadamente. Cigarro o dia inteiro. Eu tinha guardado dinheiro, tinha recebido, porque eu tinha sido mandado embora, né? Estava com 400 reais, praticamente gastei só com o cigarro.

Eu – E não conseguia participar das atividades?

Marlon – Não conseguia. Eu fazia um esforço e tal, chegava, animava o pessoal [...], mas ficava pensando: “nada pode dar errado, nada pode dar errado.”. Tanto é que quando começou a ficar grave mesmo, quando cortaram a luz lá do CIEP, tacaram fogo, que começaram a fazer pressão lá no CELAMM [...] estava ficando doente. Não dormia, não conseguia comer, estava nervoso, estava quase em crise, mas mesmo assim estava indo lá. Mas no final, quando chegou quase desocupando o CELAMM eu cheguei pra Luna e falei:

- Luna, não aguento mais!

→ Eles botaram a ocupação na capa do jornal. Botaram fitinha preta no olho. Nossa, cara... aquilo foi horrível. Na primeira semana de ocupação a redatora me mandou mensagem no Facebook... nunca vi fazer entrevista por Facebook.

- Ah, queria saber um pouco e tal... estava escrevendo uma nota sobre a ocupação.

Eu já fiquei...

- O que você quer saber? E ela:

- Não... é só uma nota para saber o que aconteceu e tudo e o que vocês estão precisando aí. Eu disse:

- Alimento não perecível e material de limpeza.

Só que na outra semana veio uma página inteira detonando a gente, chamando a gente de petista, que estávamos com o prefeito. E a gente era alvo muito fácil... ia no centro resolver conta no banco, passava no ponto de ônibus e todo mundo olhando fixo para a nossa cara.

→ Olha... foi bem ruim. Porque eu chegava, via tudo voltando do mesmo jeito que era antes. Uma coisa que foi emblemática: a gente cortou retalho e botou nas portas todas. A gente entregou a chave e disse: “na segunda feira estamos aí!”. Chegou na segunda tudo arrancado, tudo azul de novo. Cara, aquilo foi emblemático... tipo assim: voltou tudo de novo, sabe? Por isso que eu falo com o pessoal novo. Eu participei e não vi os frutos. Estou vendo os frutos de fora. Quem está lá que está vendo mudança, quem está lá reconhece que teve mudanças claras.

→ Não há quem diga que a história é cíclica? Então é isso... se tiver que voltar a gente volta.

### **Matheus**

→ Foi muito agressivo o modo como eles quiseram desocupar as escolas, sabe? Os pais queriam bater em alunos, me ameaçavam, minha família ficou louca, porque estavam me ameaçando de morte. Não sei por quê. Uma coisa bem louca mesmo. Não chegaram a fazer nada comigo, mas a forma como eles atacaram a escola foi muito absurda, tacaram bombas na madrugada, os vizinhos já estavam descansando. Muita gente ficava assustada, tinha gente que passava mal. Chegaram a invadir a escola uma vez. Invadiram mesmo, arrombaram o portão e levaram uma TV enorme que tinha lá. Uma coisa bem... ver aquele lado dos pais... e dos alunos... tinham pais indo lá bater boca, ameaçar. Eu não lembro se teve agressões, eu não lembro bem, mas a coisa foi bem feia, bem desagradável, porque a maioria das pessoas que estava lá no desocupa foi gente que participou da ocupação. Por algum motivo virou a casaca e queria desocupar, porque queria estudar entre aspas, estava meio insatisfeito com a ocupação. Mas a gente lutou muito para manter a agenda cheia de atividade, sabe? Para que os alunos... como se fosse a escola mesmo, para que os alunos estivessem lá com a gente, mas eles perderam o interesse e quiseram voltar lá para aquela coisa, aquela educação mecanizada, aí foi nessa que surgiu o desocupa e a coisa ficou bem feia.

→ Quando chegou em 2016 eu estava fazendo curso e acabei parando de estudar, mas eu ainda conheci muita gente na escola e tinha uma relação legal com a galera. Agora, os demais alunos que continuaram estudando eles tiveram um pouco de dificuldade para se adaptar sim por causa do desocupa, né? A galera estava ainda na escola e rolou aquela divisão, a escola ficou meio dívida entre quem participou da ocupação e quem não queria a ocupação.

→ Perdi o interesse naquele ano, porque estavam acontecendo muitas coisas e tal, mas não tinha a ver com a ocupação, como eu falei no início eu fiquei doente por estar dormindo no chão,

acabei ficando doente, quase peguei uma pneumonia, aí perdi meu avô também e fiquei muito abalado naquela época, sabe? Depois eu estava estudando, fazendo curso, acabei abandonando a escola. Me arrependo, mas estou de volta.

Eu – E como é estar de volta agora? Entrar nessa escola que há quatro anos você estava ocupando, entrando na cozinha, limpando tudo, fazendo atividade cultural...

Matheus – Eu gosto, estou gostando da escola, porque a direção que entrou depois da diretora que estava lá... porque na época das ocupações a gente conseguiu uma vitória, que era a eleição para diretoria. Entrou uma diretora nova lá, que era uma professora muito gente boa lá da escola, grevista, e para mim está sendo muito bom, porque eu consigo fazer amizades rápido e eu tenho, eu tenho uma amizade muito forte com os professores do Balthazar, os professores que foram grevistas, e isso é muito legal. Isso que não deixou com que eu ficasse isolado, essa amizade que eu tenho com a maioria dos professores, até os professores que não apoiaram a manifestação.

### **Jhuly**

→ Quando a escola desocupou eu tive um problema sério com ansiedade, depressão, então quando eu entrava na escola era completamente estranho, eu não conseguia ficar dentro da sala de aula. Isso perdurou até eu terminar a escola. E até hoje na faculdade eu tenho esse problema. Ficar muito tempo sentada, eu não aguento, eu quero andar, beber água, levantar, vou sentar de novo e levanto toda hora e só assim que eu consigo. Porque mexeu muito o mental da gente, mexe completamente quando você está numa atmosfera completamente diferente e vai para outra totalmente oposta e você acaba com aquela, aquele sentimento. Sabe quando você vai para a escola? A primeira vez que você vai para a escola e você sente falta da mãe e dá vontade de chorar? Você fica com esse sentimento completamente. Você quer estar lá enquanto você não está nessa atmosfera, em outra você não quer estar naquele lugar. É um lugar completamente ruim...

→ Eu tive uma relação muito difícil na ocupação, porque você morava com pessoas que você nem tinha amizade na época. O Cristian era um cara pacificador, eu já tinha uma tensão, muito estressada, porque eu vivia aquela pressão o dia inteiro e vivia sendo ameaçada também. Na

época eu tinha um black e falavam assim: “ah, a garota de black, vou pegar a garota de black.”. Não podia sair na rua sozinha, tinham que ir dois garotos comigo.

→ O grêmio continuou muito forte, porque a gente tinha indicado a direção e a gente tinha um diálogo muito bom, muito saudável e a gente produziu fóruns, debates, tinha cine debate, a gente tinha uma outra... uma liberdade melhor na escola desocupada. Mesmo com todos os limites. A gente tinha um diálogo mais profundo com as professoras. Eu e Cristian a gente participava do Conselho de Classe para levar demandas dos estudantes, fazendo esse intermédio com os professores, então não parou. Foi o tempo que deu para sustentar.

→ Eu pensei em escrever um livro de memórias, porque eu acho que é importante fechar o ciclo, sabe? Já fiz um pouco com o Sala Cinza, mas eu acho que preciso de um registro escrito para falar sobre. Porque tem muita coisa que quase ninguém sabe, sobre o que a gente viveu ali dentro, sobre uma pressão que eu não imaginava na minha vida. Então, é bem doido.

→ Eu fui muito linchada na internet pelo desocupa, no Facebook... foi muito violento. Então, tudo o que a gente vê de Bolsonaro agora, as publicações completamente ridículas a gente já vivia aquilo com o desocupa. A gente não sabe ao certo quem estava por trás até hoje. Podiam ter estudantes por trás? Podiam, mas até hoje a gente não sabe quem mais. Até pela questão das bombas também. Tipo, é periferia, ninguém tem dinheiro para sustentar bomba todo dia, então tinha algo maior por trás das bombas, das ameaças, então a gente não sabia que estava vivendo o futuro naquela época, a gente não imaginava que ia virar um inferno o Brasil de hoje, a gente não imaginava, a gente não tinha noção.

### **Luna**

→ Foi muito estranho, muito diferente. Eu lembro até hoje o primeiro dia que a gente foi para a escola e a escola estava desocupada. A relação que a gente tem com a escola, com aquele ambiente, com a educação muda completamente, sabe? Porque durante muito tempo aquele

espaço foi nossa casa, né? E quando a gente voltou o cuidado, o carinho, a preocupação com aquele ambiente e o que estava se passando ali foi muito maior, a relação mudou demais com a escola, com o físico mesmo. Rabiscar uma carteira para mim não fazia mais sentido nenhum quando a gente voltou. Também a estranheza de você voltar para aquela rotina e pensar que a gente conseguiu muita coisa, mas tudo o que a gente estava fazendo antes, as oficinas, a gente determinar o que a gente quer aprender fora daquele currículo e a gente perder essa liberdade foi muito estranho viver essa relação. A escola mudou muito. Até hoje a minha relação com o espaço da escola, com a educação é muito diferente.

→ Eu cheguei a ir ao Mendes de Moraes que foi uma escola onde mais esteve presente o desocupa, né? E era um cenário de caos aquilo ali, foi muito marcante... agressão, sabe? As pessoas tacavam pedra, pessoal machucado, barricada pela escola inteira, foi punk essa questão do desocupa, era uma sensação de medo. E mesmo não acontecendo tanta coisa aqui em Angra a gente também estava com aquela sensação de medo, de dentro da escola. E o pior é saber que a maioria desses ataques não vinham nem dos estudantes, mas sim de pessoas aleatórias de fora, pais. Lá no Mendes os traficantes iam lá botar uma moral, a direção, grupos instigados pela direção... foi mesmo difícil essa questão do desocupa.

→ Acabou que com o passar do tempo foi murchando, mas assim que acabou a ocupação a gente continuava se reunindo, continuamos indo em uma manifestações que tinham no centro do Rio, continuamos as rodas culturais que aconteciam pela cidade, a se reunir, discutir, debater e tal, mas acabou que, por exemplo, eu me formei, cada um foi seguindo sua vida e infelizmente acabou murchando, a gente não conseguiu manter por tanto tempo.

## 7. Depois da experiência

**Ingret**

→ A gente vê a força de vontade das pessoas de querer mudança. Tem uma música do Charlie Brown Jr. que fala que os jovens nesse Brasil nunca são levados à sério. Essa música é exatamente o que aconteceu com a gente na ocupação. As pessoas não levavam a gente tão à sério, a gente levava tão à sério e conseguia convencer quem conversava com a gente.

→ Eu acho que amadureci muito lá dentro. É saber respeitar a opinião das pessoas. Não que eu não sabia antes, mas é que eu estava respeitando para não causar intriga e não respeitando de verdade, saber sua posição. Só o fato de não ter a sua opinião não queria dizer que eu não tinha entendido de verdade, sabe? Eu aprendi também a lidar com isso, porque as vezes o seu problema não tem a mesma intensidade que o meu e não reagimos da mesma maneira ao mesmo problema. Então a gente aprendeu a lidar com isso muito bem. Tinham mães, tinham pessoas que realmente passavam problemas sérios em casa, de pai bater em mãe, e procurar conforto na ocupação. A gente foi um pouquinho de pai e mãe dessas pessoas. Eu amadureci muito lá dentro. [...] O negativo passa, sabe? Porque o negativo não eram coisas reais, eram coisas emocionais, da gente já estar cansado, de ter picuinha por coisa boba, porque quando a gente está cansado... exemplo, quando eu estou com fome eu fico mal humorada, eu fico brava, por estar mal humorada a pessoa podia achar que era com ela e não era, era coisa minha. Mas isso não valia muito a pena, não tenho do que reclamar da ocupação.

→ Porque a gente descobre que uma pessoa só pode ser professor e aluno. Antes a gente pensava: “ah, professor é mais velho, tem uma certa idade, tem mais experiência para passar pra gente!”. A gente quebra muito isso quando a gente vê que a mesma pessoa que é seu professor também pode ser aluno e não de conteúdo de português, matemática, mas da vida. Tem gente que passou por coisas lá na ocupação que eu nunca achei que ia passar na minha vida e até hoje não passei, mas se eu vier a passar eu já sei como lidar, porque eu observei, eu vivi com alguém que estava lá na ocupação, entendeu?

**Yana**

→ Não sei se você ficou sabendo que agora no curso normal todo terceiro ano tem uma grande apresentação no teatro municipal.

Carol – Sim... começou agora, né?!

Yana – Começou na minha época. A gente que inaugurou.

Eu – Que legal... de onde surgiu a ideia?

Yana – Os professores do curso normal... o Edward, a Marlene, a Cristina... era um trio ali, né? Na verdade, era um quarteto parada dura e chamaram alguns outros professores. Claro que foram... eram amigos deles. E foi um grande espetáculo envolvendo toda a escola e os pais dos estudantes. Foram duas sessões e o teatro lotado.

Eu – E vocês apresentaram algum trabalho que vocês desenvolveram na escola?

Yana – A gente tinha que contar a nossa vida no curso normal. Era um musical. Só que sempre tem aquela competição de terceiro ano. Aí as inimigas – era como eu as chamava, um problema meu com elas - as inimigas da 3001 fizeram um musical onde apresentavam só as danças que elas dançaram no curso normal todo. Sem graça! Não nasci para isso. Juntou eu, Maria Beatriz... a galerinha... e falamos: “temos que fazer uma coisa diferente!”. A gente montou a nossa vida toda do curso normal ali, a professora tinha dado os pontos que ela queria que colocássemos e fizemos todas um roteiro. Carol, foi a coisa mais maravilhosa do mundo. Teve a participação da Wilza que ajudou muito a gente. E a gente falou dos professores, homenageamos nossos professores, porque tinha que ter isso... das ocupações... tinha que ter alguma coisinha marcante, né?

Eu – Já não bastavam vocês.

Yana – Tinha que ter alguma coisa ali. Era alguma encenação da gente... grito, assim... eu não lembro. Tinha uma parte que falava dos professores, a gente imitou alguns professores. Eu imitei justamente a professora que tinha discutido. Sim, como forma de castigo para a turma um dia ela quis dar uma prova oral. Tudo bem, não vejo problema, porém ela quis sacanear a turma, porque ela mandou a gente estudar um texto e, geralmente, quando você estuda um texto você vai falar o que você entendeu daquele texto, certo? Ela queria que a gente falasse do texto como estava na visão do autor. Eu falei assim:

- Mas não tem nexo, a gente está falando, porque o autor estava falando aquilo, porém a gente está adaptando à nossa fala.

E ela queria as palavras mínimas.

- Então tá bom!

Só que tinha que ter um ponto fraco: os primeiros grupos a apresentarem foram levando tudo zero, valendo 3,0. Só que uma coisa que, eu nada burra, percebi, era que ela estava seguindo a ordem do texto e o meu grupo era o último a apresentar. Eu li a última partezinha e sabia que só sobraria aquela, peguei as três palavras importantes, escrevi na mão e fui. Ela:

- Conforme o texto, ele quis dizer o que sobre os três tipos de negócio?

Aí eu juntei p meu grupinho:

- Gente, aqui ó!

Era aquilo que eu tinha anotado na mão. Eu peguei e falei, a gente respondeu. E ela

- Nossa, pelo menos um grupo tirou nota boa. Aí eu falei:

- Não, mas isso para mim não era suficiente.

Ela terminou a aula e lançou tudo no diário direito. Eu conversei com meu grupo e fomos até a professora:

- Professora, sua didática foi tão de merda que você fez isso para sacanear a gente, você fez isso para a gente tirar nota ruim para depois ficar igual louca desesperada atrás de você. É desse jeito que você acha que é uma boa profissional?

Carol, eu falava mesmo, não estava nem aí e a minha turma estava toda revoltada. Porém, era uma disciplina que a maioria da turma já tinha tudo média azul.

- Você acha certo? Sabe o que você faz? Pode dar zero. Pode me dar zero, porque não é ético o que eu fiz, eu coleí. Eu coleí para você ver que a sua didática não é boa, porque eu estou me dando zero, não é você.

- Você colou? Você sabe muito bem que não pode, vou te dar zero.

- Então faça isso!

No dia do teatro eu imitei:

- Gente, eu quero que vocês leiam o texto que a prova vai ser oral.

Só que a gente fez um rebuliço tão grande disso, que o curso normal inteiro sabia o que ela tinha feito.

Eu – Quando vocês apresentaram, ela estava na plateia?

Yana – Estava. Estava! Cada um imitou um professor e eu fiz questão de imitar ela. Ela ficou olhando assim... todo mundo riu. Porque uma coisa que eu descobri é que eu tenho talento.

→ Aqui na faculdade, eu continuo fazendo licenciatura. Quando tiver alguma atividade eu posso levar as experiências que eu aprendi na ocupação, porque eu tenho essa experiência, essa bagagem... meu único arrependimento de tudo foi não ter ocupado o CEAV. É uma coisa que eu ainda não me conformei, porque as vezes eu penso que é impossível passar por tudo que eu passei, porque é surreal, é muito surreal. A gente estava em 2016 e eu estava sendo perseguida, mas já tinham me avisado que a opressão do CEAV é uma coisa histórica, de tempos, só que eu achei que era impossível fazer aquilo nos dias atuais. Eu estava conversando com o Cigano e ele falou que sofreu uma perseguição no CEAV e eu disse que achava impossível ser perseguida nos dias de hoje, mas foi possível fazer e fizeram de tudo, de tudo mesmo. O dia que eu nunca vou esquecer na minha vida foi aquele dia quando, após essa reunião que eu tive com o policial, a professora Katiúscia veio também com a Laís e elas falaram que se continuasse do jeito que estava eu teria que sair realmente do CEAV. Elas falaram:

- A gente está tentando, mas não está vendo mais solução. Talvez você consiga transferir a matrícula para o CEMBRA, porque não está seguro para você aqui dentro, os policiais estão andando armados dentro da escola.

O cenário não era de uma escola, era de um presídio em que eles estavam vigiando a gente. Eles estavam vigiando a gente. Esse foi o único dia..., mas não foi dentro do CEAV, que eu não dei esse gostinho... foi o único dia em que eu chorei, eu acho que eu explodi e caí no choro, porque até então eu queria mostrar uma postura de forte. Nas ocupações a gente falava:

- A gente tem que ser forte, a gente tem que lutar. A gente quer chorar, desabafar? Aqui entre nós. Vamos mostrar as nossas fraquezas entre nós. Sabemos que tem gente de fora que não quer a

gente aqui, mas a gente está lutando por uma causa que é o bem de todos. Alguém tem que ir lá e fazer, tem que marcar a história, porque se ninguém for lá e fizer não vai ter nada para contar.

Se nós não tivéssemos ido lá, ocupado, mantido a ocupação durante o tempo que durou hoje você não estaria aqui falando comigo. Foi uma experiência única e eu descobri que tenho muito potencial para a coisa.

### **Marlon**

→ No caso do CELAMM, a diferença foi visível porque era um colégio de fato abandonado. Não tinha aspecto de escola. Hoje ele tem. Mas o que eu vejo no CIEP, a cultura dos estudantes mudou. É outra relação. Por exemplo, agora quando eu vou no CELAMM a atitude é completamente diferente de quem permaneceu no colégio. Você se sente pertencente ao colégio, sabe? Se sente pertencente. A relação de como lidar com os problemas, como lidar com tudo mudou. Até quem não participou. Até a estrutura escola mudou. O diálogo... as pessoas aprenderam a conversar. [...] Antes não tinha conversa. Com a ocupação e depois dela tudo teve que ser na base da conversa. [...] Teve que fazer esse exercício. Talvez, como eu já saí, consiga perceber isso melhor. Eu falo isso com eles e alguns falam que não. Eu falo: “cara, você fala mal do colégio não porque você não gosta do colégio, mas sim da estrutura do colégio, como a estrutura funciona... tudo isso.” [...] nos colégios ocupados mudou, mudou de fato. A galera fala: “eu escolhi esse diretor, ele disse que teria um diálogo com a gente, então ele vai ter que ter esse diálogo”, entendeu?

→ Cara, o processo de ocupação me formou como pessoa. Sempre fui uma pessoa muito ansiosa, preocupada com tudo, sempre foi pressão lá em cima direto. Lá na universidade eu falo com o pessoal: “gente, se eu sobrevivi àquilo não vai ser aqui que eu vou sucumbir, entendeu?”. A forma de ver tudo, de como lidar com as pessoas. Por exemplo, no movimento social tem aquele encastelamento da dita vanguarda, a vanguarda intelectual. A gente fez o que fez, um bando de adolescente. Falou: “vamos fazer? Vamos fazer!”. Então me formou como pessoa. Como conversar, antes eu conseguia, mas não com tanta facilidade. As pessoas vinham falar e eu já

virava as costas e saía andando. Hoje não... a pessoa consegue sentar-se ao meu lado, falar... eu estou zero concordando, mas eu consigo respirar. É isso... lance de perspectiva de vida. Por exemplo, quando eu estava no processo da marinha, falei: “vou entrar para as forças armadas!”. Perguntaram por quê. Eu disse que precisava fazer alguma coisa da minha vida, porque eu não ia passar no ENEM: “Eu não vou passar no ENEM, eu não estudei!”. Eu não tinha perspectiva de passar na faculdade. Eu sabia que tinha a UFF ali, mas eu só fui lá conhecer com a ocupação. Foi a ocupação que me levou lá na UFF. Eu não tinha ideia: “olha esse espaço, essas pessoas!”. Eu não me via naquele espaço [...]eu pensava: “me formei no Ensino Médio, ocupação tal me formou...”. A primeira coisa que falaram para mim foi:

- Você não vai conseguir arrumar emprego nessa cidade.

Falaram para mim, falaram para a Yana:

- Você não vai conseguir!

Eu pensei: “tudo bem... vou lá fazer o ENEM.”. No dia da prova, no dia anterior eu não dormi. Olho lá na nuca. Fiz o ENEM, pensei: “vou tocar minha vida... quer continuar? Vou continuar...”. [...] Eu descobri que tinha passado quando estava na bienal da UNE em Fortaleza. O pessoal comentando... um monte de secundarista junto falando: “saiu, saiu, saiu a nota!”. Eu pensei: “depois eu vejo.”. Estava andando, peguei, olhei e comecei a chorar. Sorriso aqui e chorando. [...] Então, assim... eu não tinha perspectiva real. Pensava em trabalhar, tocar minha vida, se eu pudesse pagar a privada eu pagaria. Para quem que é a Federal? Federal não é para mim. Eu achava que a Federal não era para mim. Por exemplo, estudar o dia inteiro. Tem dia que eu chego na faculdade duas horas da tarde e saio dez da noite. Na época que eu trabalhava saía do colégio e trabalhava até três da manhã direto e final de semana de seis às seis. Falava: “eu vou continuar nessa vida! Estou me ferrando aqui, mas vou ter dinheiro no bolso, não vou precisar pedir dinheiro para minha mãe para comprar uma roupa.”. O pessoal começou a falar assim:

- Você consegue, faz, é importante!

Então, assim, depois que eu entrei para a universidade, eu parei e olhei e vi que mudou minha perspectiva real... me jogou lá dentro da bolha da educação. Querendo ou não eu tinha que debater isso, por isso eu escolhi pedagogia. Tem que pensar educação. Por exemplo, se eu tenho

esse reconhecimento, que foi durante a ocupação e foi a educação que me botou lá dentro, então dali eu vou retornar alguma coisa, vou dar esse retorno. Tenho isso muito claro para mim.

→ O pessoal do Ensino Médio do primeiro, segundo ano que estava na ocupação estava discutindo o que o pessoal da UFF está quebrando a cabeça para tentar entender há muito tempo. Só que o que a gente fez? A gente primeiro botou a cara para depois pensar no que foi feito. Acho que foi muito disso. A rebeldia inconsequente. Faz lá e depois a gente vê o que fazer. Acho que foi muito disso, sabe? O pessoal... a cidade precisava disso, sabe? Por exemplo, a situação que a cidade está agora, nesse caos... a ocupação aconteceu. Angra é uma cidade que tem um histórico de movimento social. Estava lendo o texto do Rafael da Sapê. Ele conta que desde a época da ditadura o Brasil sangrava em Angra. Então, assim... Angra dos Reis já colocou movimento social com trator para derrubar muro de condomínio... a cidade respira isso, ela não esquece isso. Trazer isso de volta foi uma forma de fazer a cidade acordar, pensar que tem alguma coisa errada. E acho que isso ficou... isso ficou. Agora com a rede social, todo mundo tem opinião e você vê a galera fazendo esforço para tentar entender o que está acontecendo em volta dela... acho que isso já valeu. Os estudantes pensam cultura, educação... isso já valeu!

### **Matheus**

→ Eu aprendi muito. Fiz muitas amizades que eu carregou até hoje, fiz inimizades, mas faz parte. Eu aprendi muito, aprendi muito. Vi o potencial de muita gente, muita gente que se achava burro e tal, inclusive eu. Eu não acreditava que eu era capaz de ajudar a organizar uma coisa tão legal, né? Participar de um movimento tão bacana.

→ Após estudar muito eu quero ser professor, eu quero entrar numa faculdade ano que vem. Por mais difícil que seja, né? Eu gosto muito. Quero estar em sala de aula podendo de alguma forma ajudar alguém a ser uma pessoa melhor. Não impor meu ponto de vista, mas ensinando a pessoa a pensar como fizeram comigo e eu sou muito grato até hoje. Porque os meus pais, por motivos

maiores não puderam ter a educação que eu pude ter, não tiveram a oportunidade de conhecer as pessoas que eu conheci

### **Jhuly**

→ Cara, a Isabel Penoni é muito incrível, porque ela disse:

- Tem que ser coração, então vamos mexer nas suas memórias.

Foi um processo difícil, porque você mexe nas suas memórias e mexe com as dores também. Então, a Isabel quis mexer em tudo. “Como era a sua vida amorosa? Vamos mexer na sua vida amorosa! Como era com os seus pais?”. Então ela mexeu em tudo:

- Vamos criar!

Eu guardei algumas coisas aqui em casa... eu guardo tudo, né? Eu levei lá, levei os cartazes que a gente tinha, eu guardei tudo. Quando eu saí do grêmio eu saí com um sacolão cheio de coisas: “não, isso aqui eu vou levar, isso daqui eu não vou jogar fora não.”. Levei, trouxe para casa, tenho algumas coisas aqui. Levei panfleto da época e tal... a gente trabalhou muito.

→ É muito doido... porque eu acho que fiquei um tempo sem me reconhecer. Eu não sabia se eu era revolucionária explosiva, ou se eu era uma pessoa completamente sensível que não estava sabendo lidar com as coisas, ou se eu era maluca. Descobri que eu sou isso tudo, então, na faculdade eu procurei um pouco me distanciar da ocupação. Quando eu entrei no IFCS tinham pessoas que me conheciam da ocupação e já vieram:

- Ah, a menina da ocupação, a menina da ocupação.

E eu querendo fugir um pouco disso por um tempo. Eu podia ter motivos muito nobres para fazer uma pesquisa sobre ocupação, mas por enquanto é um caminho que eu quero fugir um pouco para não ser só isso a minha vida, entende? Para eu fazer outras coisas.

→ A ocupação é isso: “olha, isso daqui pode ser muito legal, vocês não têm noção da potência que é isso aqui!”. Ela vem com esse papel, sabe? E é uma coisa que atravessa o tempo, é muito doido, é uma coisa que transcende.

### **Luna**

→ O fato de eu ter passado para Políticas Públicas na UFF teve muito a ver com a ocupação. Porque se for parar para pensar, o meu terceiro ano eu fiquei cinco meses sem ter aula mesmo, por causa da greve junto com a ocupação e durante o resto dos meus anos eu mal tive muitas matérias e essa questão da ocupação de precisar saber me articular para defender a causa, para defender a ocupação, para explicar para as pessoas por que a gente estava ali, gerou em mim uma coisa muito diferente de conseguir falar em público, de conseguir me expressar melhor, de ter que estudar mais, me forçar a estudar mais porque tinha essa cobrança das pessoas, então eu acho que mudou muito meu jeito de pensar, de ver a escola, de ver a educação. O saber que a gente pode mudar, que a gente pode fazer as coisas. Não é simplesmente as coisas estão do jeito que estão e a gente esperar alguém fazer por nós. A gente pode correr atrás e fazer, exigir, bater de frente, conquistar. Então foi uma experiência que marcou minha vida, mudou completamente, eu acho antes da ocupação e depois da ocupação são Lunas completamente diferentes.

→ É... é... a gente conseguiu, a gente conquistou, a gente sofreu, a gente chorou. Eu lembro de várias vezes meus pais falando:

- Luna, vem pra casa agora!

E eu chegava em casa chorando, cansada mentalmente. Mas tudo valeu a pena, cada segundo valeu a pena, cada choro, cada angústia... faria de novo.

8 . E se fosse possível mudar o que foi feito?

### **Yana**

→ Para dizer a verdade eu acho que, depois que acabou, era pra gente ter continuado mais articulações, era para ter continuado a união dos estudantes com os professores para articular mais coisas. Porque era um momento em que a gente tinha que ter continuado, porque talvez se a

gente tivesse feito mais atividades, mais coisas, envolvendo mais estudantes, a gente estaria em uma situação um pouco melhor aqui em Angra. E acabou tudo, acabou a greve geral, acabou tudo.

### **Marlon**

→ Tem muita gente que eu podia ter ganhado que eu perdi, por não saber como lidar. Teve um momento que a pessoa chegava com uma dúvida e já tinham vindo cinquenta pessoas falar a mesma coisa me atacando e quando a pessoa chegava com dúvida eu respondia da mesma forma, então eu perdia muita gente. Eu descobri isso esse ano. Eu estava falando com uma menina e ela disse:

- Eu estava super a favor, mas como você me tratou no dia que eu fui lá... eu sei que você estava nervoso, mas para mim não deu.

Então, assim, pedi desculpa, mas acho que eu mudaria isso. E acho que como eu lidei comigo também, sabe? Fui ao embalo com tudo, mas quando eu parei para pensar no que estava acontecendo, eu não sabia como lidar. Eu não hesito de forma alguma. É isso... são momentos.

### **Matheus**

→ Então, hoje, se eu fizesse de novo, faria algumas coisas diferentes, mas naquele momento eu fiz o meu melhor, sabe? Algumas coisas não saíram como eu esperava, mas eu aprendi muito depois, sabe? [...] Eu acho que eu abriria mais o meu olho para gente com segundas intenções, sabe? Que só quer estender bandeira e vem atrapalhar os movimentos, gente oportunista.

### **Jhuly**

→ Não sei, cara, porque assim... eu assisti recentemente à esse documentário da Marielle, né? Mexeu muito comigo por nossas histórias estarem super interligadas, sabe? Por nós sermos mulheres negras no front. Eu passei por coisas muito pesadas, muito pesadas, que mexeu e mexe até hoje com a minha saúde mental. Então, talvez eu não estaria no front, porque eu poderia ter morrido realmente. [...] A perseguição é uma coisa horrorosa. Eu jamais quero isso de volta na

minha vida. Eu acho que a experiência da ocupação foi grandiosa na minha vida. Se eu estou onde estou foi graças à essa experiência, mas eu não voltaria. Eu acho que jamais. Até para eu ir para o movimento social hoje é difícil por conta dessas vivências. [...] Eu acho que quando a Marielle morreu foi que caiu mesmo a minha ficha. Porque assim... não tinha sentido eu pensar essas coisas, tipo: “po, cara, quase morri!”. [...] E quando você vê um exemplo de uma pessoa que lutou e morreu numa democracia e brutalmente como foi... aí sim caiu a ficha. Pensei: “mano, não tem como eu voltar.”.

## 9. Afeto

### **Ingret**

→ Eles tinham um carinho enorme comigo na cozinha, porque eu não como carne e eles falavam: “o que você vai comer?”. Gente, tirando a carne o que tiver eu como, eu tomo leite, o que vocês fizerem, eu como. Vai fazer purê, eu como.”. Pelo fato de não comer carne eles me davam o maior prato... virei peão?

→ Era tão gostoso ver que a outra pessoa fazia as coisas porque queria fazer, porque estava ali fazendo. Não era assim: “aí, fulano, limpa isso... combinaram pra você limpar, né?”. Tipo, aquela implicância, não era assim. Você via a pessoa fazendo, por mais que ela não quisesse fazer, ela fazia, porque sabia que teriam pessoas que iriam usufruir daquilo, sabe? Muito legal. Você via o apoio das pessoas. O que aconteceu: uma mãe fez a filha sair... essa filha morava com a mãe e ela começou a participar muito da ocupação, mas essa mãe fez a filha morar com a avó lá no Rio só para ela não participar da ocupação. Foi um chororô, porque todo mundo a queria lá, ela apoiava muito. A gente tem um carinho muito forte. A gente pode não ter muita convivência hoje em dia, mas o carinho que a gente tem um pelo outro é enorme. A gente se vê na rua, a gente tem que se abraçar. Não tem esse negócio de “oi”, a gente tem que se abraçar. [...] Apesar de não conviver muito, porque já não moro mais em Angra, a correria do dia a dia fez a gente se afastar, mas quando a gente se vê a gente tem que se abraçar, tem que beijar, tem que perguntar como está.

### Yana

→ Eu cheguei aqui... eu conheço bastante gente. Está todo mundo aqui. Até uma galerinha que não gosta de mim da época do movimento está aqui. [...] Estão, Marlon, Luna... na época da festa que teve aqui a Luna falou coisas muito maravilhosas:

- Você precisava estar aqui, você tem que estar aqui, a UFF necessita de você aqui. Nós temos que trazer todo mundo. Nós somos um diamante aqui dentro. A gente precisa estar aqui para fazer jus à tudo aquilo que a gente passou.

E ela falou chorando no meio da festa. A Luna é muito maravilhosa.

- Tudo que eu puder te ajudar, eu vou te ajudar.

Eu senti que na hora que ela estava falando isso, tudo bem que era duas horas da manhã, mas foi uma coisa que eu senti como se fosse na época da ocupação. A gente era muito carinhoso. A gente tinha um vínculo tão grande que... era um carinho que às vezes eu não tive dos meus irmãos e eu tive na época da ocupação. Por exemplo, o Allan, ele fala:

- Você é minha irmã. E eu falo:

- Você é meu irmão.

Vou ser a madrinha do filho dele. E foi uma coisa que começou lá na ocupação. Olha que coisa maravilhosa? O Marlon... gente, eu e o Marlon a gente se conheceu nas manifestações, né? Ele estava organizando as coisas do lado de cá e eu estava ali pelo lado do CEAV e a gente não deu certo, porque eu pensei que ele estava querendo comandar tudo. Não estava entendendo aquilo, entendeu? Eu que estava me desgastando, falando com todo mundo ali no centro..., mas depois a gente viu que a gente tinha que se juntar.

### Marlon

→ O que eu vejo é que toda vez que a gente se vê o olho brilha e o sorriso vai lá... Teve uma roda de rima na UFF e estava todo mundo lá, a gente ficou rindo à toa. Tipo... a gente olhava para o outro e ria: “cara, você está aqui, você está aqui!”. Então, assim... foi muito legal me reencontrar.

Eu às vezes fico vendo... não mudou nada. A gente fica um tempo sem se ver e quando junta é a mesma coisa, mesmas brincadeiras.

→ Se a gente observar quem ficou ao lado da ocupação, geralmente, era os que chamavam de problemáticos. Eram os tidos como problemáticos, porque a estrutura do colégio para o tido como problemático sempre pega mais. Aquela pessoa que entra na escola, olha pro quadro, junta as coisas e vai embora, ela não vai sentir isso, mas aquela pessoa que quer propor atividades, quer brincar, quer conversar, quer usar a estrutura do colégio, quer jogar na quadra, quer cantar, ouvir música no telefone, essas pessoas... pega mais nelas. É totalmente diferente. Todo esse processo mostrou que essa galera topou ficar lá. É uma responsabilidade que nem todo mundo topa e a galera topou.

### **Luna**

→ É porque a gente precisava estar junto o tempo todo. A Yana, por exemplo, ela foi muito retaliada tanto pela direção da escola, quanto pelos pais e era um apoiando o outro. Tinham pessoas que infelizmente estavam prejudicadas por circunstâncias de vida, pela própria família, pelo colégio, pela direção e tal, então era aquela coisa bem família mesmo, até porque a gente estava convivendo todo dia, vivendo a mesma angústia, então formou um grupo bem família mesmo.

### **Depoimento da estudante Beatriz**

O ano de 2016, o ano do " Ocupa tudo". Movimento que eu nem imaginaria participar.

Nas manifestações do Rio tivemos contato com secundaristas que estavam nas primeiras escolas ocupadas do Rio. Aquela força e aquela garra durante as rodas de conversa motivaram muito a gente, porque ali vimos que éramos capazes de aderir ao movimento. Em Angra fizemos uma reunião com os estudantes (CEAV, CELAMM, Nazira e CIEP 302) para pensar na possibilidade de aderir ao movimento, mas tínhamos muito medo e incertezas ainda. E nada foi

resolvido ali! Dois dias depois estávamos ocupando o CIEP 302, foi tudo no impulso, pois os estudantes dali não aguentavam mais tanto descaso com tal escola. Tinham muitos problemas lá dentro e só quem convive sabia.

No CEAV, escola que eu fazia formação de professores, eu e mais algumas amigas recebíamos retaliações por parte da direção e de um movimento chamado "não ocupa". Fomos muito criticadas, porque éramos futuras professoras e tínhamos que dar exemplo, mas convivendo dia a dia dentro da ocupação fui percebendo que meu lugar era ali dentro da ocupação.

A união e organização dos estudantes era demais, todos que visitavam ali e eram a favor do movimento elogiavam. Fazíamos oficinas de teatro, aulas de pré-vestibular pra ajudar o Enem. Os professores ajudavam muito a gente nisto, mas quem organizava tudo, fazia o cronograma da semana eram os secundaristas. Nós mesmos convidamos professores e voluntários para dar aulas e palestras. Ah... outra coisa que não me esqueço era a limpeza e comida que também eram feitas pelos estudantes e talentos foram descobertos ali, pois não tinha machismo: os meninos cozinhavam, lavavam banheiro e louça e as meninas ficavam na parte da segurança, pois ali dentro todos eram capazes !

Nas redes sociais muitos professores que eram contra o movimento diziam que os estudantes que participavam eram desinteressados e nem ligavam para estudar, mas eu não via nada disso. Ali todos participavam de aulas, estudavam e ajudavam a escolher temas das aulas. Tinha muito interesse até porque ali ficava quem queria por vontade própria e não por obrigação... era um prazer.

Hoje como futura pedagoga levo esta experiência para minha vida toda, principalmente minha vida profissional e tenho que concordar com Paulo Freire: "Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.". A educação é a prática do nosso cotidiano, se o currículo não se associar a realidade do estudante, a aprendizagem nunca será significativa.

**ANEXO II – Entrevista com a professora Daniela Abreu – dezembro 2019**

Carol – Você sabe que estou estudando as ocupações estudantis, né? A pesquisa é: como os estudantes desenvolveram o teatro dentro das ocupações das escolas do Estado em 2016. Quando eu fui chamada para a ocupação eu me perguntei o que faria e percebi que dentro das escolas ocupadas, o teatro, dança, qualquer arte eram muito mais próximas deles do que quando estudavam na rotina habitual da escola. Pensei que como professora do Estado tinha dificuldade de chegar neles trabalhando com arte e quando a escola ocupou eles queriam arte o tempo todo. Então isso foi o que me moveu a entrar no mestrado. Durante a pesquisa me perguntei o que as outras professoras que tiveram essa experiência dentro das ocupações pensaram. Conversei com a Nicolle, que é de São Gonçalo, e agora você, que é de Magé. São experiências em locais completamente diferentes.

Daniela – Na ocupação do Balthazar eu participei desde o início. Fui uma professora que eles chamaram para apoiá-los assim que ocuparam. Nas duas primeiras horas de ocupação eles já entraram em contato com alguns professores com medo da coordenadoria e pediram para a gente ir pra lá. Eu já estava dando aula de teatro e a ocupação começou com mais de 100 alunos, então ela começou muito forte.

Carol – Balthazar é a escola que você dá aula hoje?

Daniela – É.

Carol – Foi a única escola ocupada aqui em Magé?

Daniela – A única escola ocupada aqui em Magé. Vieram muitos alunos de outras escolas, inclusive de uma escola chamada Alda. Alda e Veríssimo. Os alunos da Alda vieram para fortalecer e falavam para eles que seria interessante eles tentarem buscar ocupação em outros lugares. Eles diziam: “não, só dá pra fazer no Balthazar, porque o Balthazar é vanguarda”. Eles tinham um olhar sobre o Balthazar até meio ilusório, porque eles não tinham noção do quanto a gente batalhava dentro do Balthazar para o Balthazar ter um posicionamento mais político diante das questões. Não era uma coisa natural. A ocupação foi resultado do processo do apoio dos alunos à greve: os alunos começam a apoiar a greve dos professores, fazem duas passeatas bem gigantes e vão até a porta do Alda, inclusive. Nisso já tinham começado a pipocar algumas

ocupações e acho que na troca deles com outros alunos eles descobriram que tinha outra forma maior de apoio a essa greve que não era só passeata. Eles fizeram essa ocupação e a gente foi informada sobre ela no mesmo dia. Tanto que quando a coordenadoria chegou, a gente já estava lá. Assim que ocuparam eles queriam oficinas de todas as coisas, principalmente dentro do campo das artes. Eu me propus e estar com eles, estava de prontidão para ajudar na questão do teatro e não só isso. A gente chegou a organizar aulas que eles queriam e eles queriam aulas sobre movimento estudantil, sobre as revoluções. Teve uma professora que veio do Rio que deu aula sobre o Manifesto Comunista. Eles foram lendo e foi bem legal. No teatro a gente começou fazendo várias oficinas.

Carol – Mais para essa área era a AERJ, né?

Daniela – Nem era... se tornou.

Carol – Porque acho que a galera da Região dos Lagos... eu via muito AERJ na Região dos Lagos. Eu não via na região de Angra, por exemplo.

Daniela – Eu acho que tinha AERJ em Caxias e não aqui em Magé. Com a construção do movimento em Magé eles ganhavam um ou outro aluno, mas não tinha um movimento estudantil. Tanto que o que tinha de movimento estudantil partia do Balthazar, que era independente. Muitos me acusavam por eu ser filiada ao PSOL. Até teve um grêmio em que parte dos alunos era filiada ao PSOL e é importante falar que eu não era filiada naquela época. Eles conheceram o pessoal do PSOL na passeata, se filiaram e me cobraram: “como eu que trazia tanta discussão política e não era filiada?”. Eu me filiei e o Gilberto também, que é professor de história. A gente se filiou pela pressão dos alunos. Isso foi engraçado. Isso foi em 2011, que foi o ápice desse grêmio. Um grêmio de muita luta na escola, que boicotou SAERJ, que chegou a descer pro dia 08 de março com 6 ônibus... quase levou a escola inteira! Eles faziam muita passeata em Piabetá. Eles fizeram a reforma da quadra e conquistaram bebedouro pra escola. Eles foram um grêmio de luta que até hoje marca. Eles são de 2011. Nesse grêmio, um dos meninos que depois entrou pra AERJ estava no Veríssimo. Ele mesmo chegou trazendo essa história desse grêmio para o pessoal. A AERJ tinha uma fixação muito grande na história do estudante Edson Luís, e a gente começou a montar uma peça a partir das oficinas. Eu trabalho sempre com teatro colaborativo e usando técnicas do

Boal, Brecht... é muito a minha praia dentro da escola já há muitos anos e as coisas acabam tomando o formato do que eles trazem através dos exercícios desenvolvidos. Às vezes eu tento estimular trazendo algumas notícias de jornal, peço pra eles trazerem músicas e a gente faz o debate sobre os temas que eles acham pertinentes sobre opressões e quais delas a gente identifica que tem a cara do coletivo de alunos. Uma menina traz problemas de casa com o padrasto e mais tantas meninas trazem esse tipo de problema depois, e a gente detecta que isso é uma questão que está naquela comunidade e precisa ser trabalhada. Então foi a partir desses exercícios e do que a galera também trouxe. Essa galera queria falar do Edson Luiz. A gente tentou misturar também um pouco desse contexto geral que eles estavam vivendo, visto que eles sofreram logo de início uma repressão. Isso foi antes mesmo da organização do desocupa – o desocupa lá teve terreno fértil por isso. Antes do desocupa existir você já tinha mobilização da direção da escola, da própria coordenadoria e algumas figuras que são do universo dessa diretora fazendo reuniões para ganhar pais, para reclamar que queriam a escola de volta e também havia alguns professores específicos que estavam entrando na escola para tentar conseguir acabar com a ocupação. Então acabou que os principais temas que eles apontavam eram dois: um era essa questão do ataque que o movimento estudantil já sofria de cara, dessa tentativa dessa retomada da escola, e para isso surgiram vários boatos, histórias... chegaram até a invadir de noite a escola e roubaram um televisor pra assustar as crianças e eles tiveram que ir à delegacia. Somado a isso tem a percepção – eu acho que esse foi o grande ganho das ocupações no Rio – foi a percepção para a sociedade que a escola pública estava morta. Ela definhava tanto em estrutura física, quanto em pensamento pedagógico. Não que os profissionais não trouxessem coisas, mas era sempre uma rigidez para conseguir desenvolver um processo pedagógico legal. Um trabalho de arte era sempre muito boicotado... uma parada meio bizarra e era o momento agora de tornar a escola viva. Fiz então essa oficina, que resultou nessa peça que contava um pouco dessa repressão e contou no meio, como uma coluna dorsal, a história do Edson Luiz.

Carol – Então deixa eu entender: você já dava aula para os alunos e, quando eles ocuparam, eles pediram teu apoio não só para fazer teatro, mas para outras coisas. Você chegou com uma

proposta de trabalhar jogos e eles queriam falar do Edson Luiz. Quantos dias de encontro? No final você montou espetáculo... durou quanto tempo a montagem? Quantas pessoas participaram? Daniela – Foram umas duas ou três semanas no máximo, porque logo em seguida eles começam a sofrer o ataque do desocupa e esses ataques começaram a fragilizar a escola. Foram ataques de bombas noturnas e aí parte significativa dos alunos da escola começou a não querer dormir lá. Se você tinha 100 no início, ficaram uns 15 da escola e uns 15 de fora. Ou seja, uns 30, 40 alunos e um ou outro professor contribuindo – isso a partir da segunda semana. Nas duas primeiras semanas a gente fez uns dois dias por semana de oficinas ainda sem pretensão de montar nada. Quando começam a vir esses ataques, começa, inclusive, a surgir um medo. Todo dia você tinha um problema pra manter as oficinas. Era até uma luta para manter alguma oficina e pelo menos a pessoa que chegou pudesse continuar a oficina. Porque veio muita gente de fora para dar oficina. Oficina de turbante... várias oficinas legais. Eu era uma professora muito solicitada pra isso: precisando de alguém que leve pra delegacia, a gente ia pra delegacia. Tinha assembleia do SEPE, precisavam que alguém fosse com eles pra passarem a sacolinha e denunciar, e eu me propunha a ir. Então eu não tinha como fazer mais que uma oficina duas vezes na semana. Quando chegou perto da terceira semana, que a ocupação era muito intensa – ela não chegou a ser um Mendes... a gente até chegou a levá-los no Mendes, passamos um dia lá no Mendes dando uma força, mas a ocupação daqui também viveu muitos dias de tensão. Até o pessoal da AERJ queria correr um pouco, porque eles estavam muito inseguros. Na terceira semana a gente fez uns três, quatro ensaios e montamos a peça. Abrimos esse dia para os pais virem, porque começamos a pensar em atividades que envolvessem os pais. Então a gente pensou em um dia bacana, que a gente fez a peça, que teve também a participação de alguns professores que tocaram violão na peça. Os professores deram oficina de violão e tocaram na peça. A gente juntou música com teatro e abrimos pra comunidade escolar.

Carol – Foi bem rápida a montagem, né? Mas eles também tinham acesso ao teatro antes da escola ser ocupada... Eles já tinham contato com essa arte.

Dani – Isso. Nós não fizemos nada assim muito... né? Mas a gente montou tipo uma colagem com textos e cenas do Edson Luiz. Tinha uma coisa paralela: era a luta por uma escola democrática e a

vida do Edson Luiz. Aquela é uma escola que tem uma história de muita perseguição ao grêmio, então eles colocaram isso um pouco ali também como tema, porque eles sonhavam em terminar a ocupação e construir um grêmio na escola, mas a entrada veemente do desocupa acabou desarticulando muita coisa, né?

Carol – E quando foi apresentar para os pais, foram muitas pessoas?

Daniela – A escola ficou bem cheia. A gente teve uns três ou quatro momentos com os pais. Foi bem legal. Esse da apresentação, que vieram outros professores de outras escolas, veio professor até de Guapimirim, porque era “a ocupação” de Magé. Inclusive os professores das outras escolas se ofereciam para dormir com eles, até porque começaram as bombas e aí veio professor da Roosevelt. Enfim, a gente sempre se revezava para dar conta, né? Então teve essa vez que foi a primeira que a gente abriu para os pais. Foi bonito, foi emocionante. Teve um almoço que eles fizeram para os pais também. E teve um dia que foi muito importante, foi quando o desocupa anunciou que recuperaria a escola mesmo que precisasse de violência. Foi o dia que teve um confronto, mas a gente conseguiu ajudá-los a se organizar de uma forma que esse confronto não fosse por via da violência física, até porque parte do desocupa eram nossos alunos, então a nossa ideia nesse dia foi muito boa: que viessem os pais e quase todos os professores que apoiavam a ocupação... No final do dia a gente apresentou teatro e tiveram algumas outras cenas. Tinha uma galera, um núcleo LGBT, que foi um núcleo bem atuante na ocupação que quando a ocupação acabou e as aulas voltaram no ano seguinte... quase todos os meninos da ocupação ficaram reprovados e no ano seguinte eles foram meus. Eles ficaram reprovados. Eles foram os mais atuantes das aulas de teatro. Eles fizeram da aula de teatro uma continuidade dos debates que eles trouxeram dali. Inclusive a percepção de que a escola era muito homofóbica, que ali era uma escola com um caráter muito evangélico e o desocupa foi formado muito por essa busca. Os pastores evangélicos chegaram em alguns cultos convocando pais e alunos a se incorporarem ao desocupa com o discurso de que os ocupantes impediam as aulas, impediam que a escola funcionasse, tentando inverter todo o papel.

Carol – Mas nas aulas que esse grupinho do ocupa estava, também estavam os do desocupa?

Daniela – Estavam.

Carol – E como era isso?

Daniela – Por isso que eu lembrei que foi no ano seguinte, porque logo em seguida da desocupação a escola sofreu muitas brigas. Brigas até físicas que as pessoas tinham que entrar. Quem ainda estava como diretora lá estimulava. A diretoria chegou a ir à escola algumas vezes com o discurso de que era uma grande assembleia para ter negociações de convívio, mas às vezes acirrava mais... ou então essa proposta de convívio era que o pessoal da ocupação se anulasse, ficasse calada e acabaram conseguindo. Eles não tiveram pernas de organizar o grêmio, foi uma coisa meio difícil, porque eles eram muito bombardeados e já no ano seguinte eu e alguns professores começamos tentando fortalecê-los pensando qual é o legado que a ocupação traz. A ocupação veio trazer vários debates dessa escola viva, dessa escola que tem que ser mais democrática, dessa escola que tem que caber o gay a lésbica... uma das propostas deles era o banheiro LGBT, que não conquistaram, mas era uma luta legal. E um respeito, porque era uma escola homofóbica que ela vem aumentando seu caráter cristão e um cristão quase fundamentalista. Isso levava às vezes quem era gay ou lésbica não se assumir, mas dessa vez eles chegaram no protagonismo, inclusive na minha aula. Quase todas as turmas... mesmo quem não estava na ocupação em si. Mesmo até quem estava no desocupa acabou entrando nesse debate na questão da homofobia, que foi um dos pontos mais fortes. A homofobia e o machismo. Embora seja uma escola onde a gente desenvolve há muitos anos o debate sobre racismo, periferia, desigualdades... a ocupação traz muito esses outros debates. E os meninos, principalmente, assumiram isso. Alguns faziam dança lá fora e trouxeram isso para o teatro. A gente fez umas apresentações... a gente teve uma cena fortíssima com toda a galerinha da ocupação. E o bacana é que essa técnica que eu trabalhei com eles, que virou quase um trabalho de colagem, funcionou muito... eles viram como uma linguagem pra eles poderem falar o que eles queriam. E eles montaram trabalhos incríveis no ano seguinte da ocupação na aula de teatro para apresentar na própria escola para outras turmas. Muito bonito.

Carol – Você tem mais ou menos ideia de como você planejou esses encontros com os ocupantes durante a ocupação?

Daniela – Como eu tenho os meus planejamentos de aula, eu acabei não formulando... formulei mais especificamente quando houve uma demanda deles sobre o Edson Luiz. Dei uma pesquisada legal para ver como a gente ia trabalhar isso, mas quando eu comecei, comecei dando oficina de teatro um pouco já na linguagem que eu trabalho dentro da sala de aula. Era como se fosse uma extensão. Claro que rendeu mais, porque a oficina tem o dado que você está trabalhando com o grupo de interesse e na sala de aula você não trabalha com o grupo de interesse. Então isso fazia com que em uma turma você ficasse dois meses pra montar alguma coisa e com um grupo de interesse você conseguia em poucas aulas já montar alguma coisa. Eles queriam. Tem outra relação.

Carol – E há quantos anos você dá aula de teatro nessa escola?

Dani – Nessa escola eu entrei em 2007.

Carol – São poucos os professores de teatro dentro da rede estadual em Magé, né?

Dani – Sim, por muitos anos em Magé eu fui a única. Teve uma menina, mas ela largou o Estado. Ela ficou dois ou três anos, então eu acho que eu continuo sendo a única aqui.

Carol – Então hoje no Estado você é a única referência de professora de teatro na região? Como se desenvolveu o seu olhar sobre isso? Você disse que montar um espetáculo dentro da sala funcionando na desocupação dura dois meses em média e na ocupação, que é interesse do estudante, demora muito menos... Mas o que mais você viu de diferença e similaridade entre o espaço ocupado e desocupado?

Daniela – A aula já é um ato político, mas a ocupação é um ato político assumidamente político. A aula é um ato político que muitos tentam dizer que não, que tem que ser neutro e tal. Então quando você tem uma escolha de trabalhar Boal, Brecht, que fazem um corte de um teatro político, um teatro social, um teatro do oprimido... você está escolhendo falar das questões sociais e às vezes você tem barreiras para trabalhar com isso. Não é uma coisa simples. Além de ter umas questões sociais que são importantes para alguns, mas para outros nem tanto. Por exemplo, falar das questões da homofobia, da lgbtfobia, muito dizem: “não tem nada a ver, professora. Que saco... agora vai ficar impondo que todo mundo seja gay? Doutrinação gayzista, né?”. Na época não tinha esse termo, mas é isso. Quando você já está em uma ocupação quem se propõe a

permanecer nessa ocupação, a estar nessa aula de teatro nessa ocupação, já espera que esse teatro seja político. Então já traz qualquer tema que debate as questões da sociedade de opressão, os debates serão muito ricos, porque normalmente quando eu entro nos processos de debate sobre opressão é um encantamento, porque é revelador. Aquelas pessoas mais tímidas, aquelas que aparecem menos são aquelas que surgem, mas elas não surgem de imediato. Elas vão surgir depois de algum estopim, de alguém que teve coragem de falar alguma coisa e aí acontece. Aliás, acontece uma coisa muito comum, infelizmente: se alguma menina conta de algum abuso sofrido por um padrasto ou um avô – o que tem de mais comum – é possível que na próxima aula, se a dinâmica continuar, venham mais duas ou três contar. E isso, embora seja uma tragédia, por outro lado, tem meninas que falaram que a vida delas mudou depois dessa aula. Elas passaram a ter coragem. Foi muito importante uma aluna falar o que ela passou. Inclusive, ela tinha consciência de que nunca mais alguém faria com ela o que já fizeram. Então, esse é o grandioso da sala de aula. Em uma turma dentro de uma ocupação, onde é grupo de interesse, esse grupo de interesse atua pela transformação da escola e muitos até por uma transformação da sociedade. Porque na ocupação você tem esses dois viés: quem está ali para mudar a escola e quem está ali porque acredita na mudança da sociedade. Você vai fazer um trabalho de teatro com essa galera e eles vão trazer 300 elementos de transformação. Eles já chegam querendo mais ainda. Eles não querem que a aula acabe, inclusive. Eu dava duas horas de aula, porque uma hora de aula normal é menor né... mas eu dava duas, duas horas e meia e até três horas e rolava, porque na hora de fazer o grupo para alguém contar uma história de opressão, enquanto na sala de aula um ou dois contam no primeiro dia se não é um, ali todos querem e a aula termina sem dar tempo de todo mundo contar. Então, é muito rico por esse lado. Já existe uma atitude política e é isso que caracteriza aquele espaço. Mesmo aquele que é mais tímido só por ele estar numa ocupação ele se cobra mais também que ele se posicione. Acho que por isso que o processo deu para ser mais rápido. É diferente. Eles quiseram também produzir algo para apresentar na rua, teve esse momento. Sobretudo depois que viram a apresentação da Martins Pena. Eles quiseram fazer alguma coisa, mas não conseguiram montar nada, porque ficaram com vergonha. Mas chegaram a se maquiar, a fazer caras meio performáticas. Eu dou aula de performance também na escola.

Cheguei a propor a eles uma performance também, que a gente chegou até a pensar, a começar a elaborar, mas acabou não apresentando, porque foi atropelado pela conjuntura... pelos problemas da ocupação. Não só da ocupação específico, mas a ocupação como um todo.

Carol – Uma coisa que me deu muita angústia foi pensar em pessoas diferentes, de lugares diferentes, de turmas diferentes, fazendo um teatro dentro de uma ocupação e eu sem conhecer essas pessoas. O que eu levo pra essas pessoas? Qual é o material que eu vou trabalhar com essa galera, que seja importante para a luta deles e não seja uma coisa qualquer? O que eu faço? É performance? É Teatro do Oprimido? São só alguns jogos espalhados sem uma linha específica? O que você acha? Existe alguma fórmula específica para trabalhar no momento de ocupação? Porque a ocupação é isso: tem toda a dinâmica do espaço, é uma coisa rápida que a gente não sabe quanto tempo a ocupação vai durar. Então, te pergunto se existe algum método que chegue no aluno mais rápido, ou que seja mais efetivo para aquele momento?

Daniela – Acho que tem duas coisas aí: uma é a minha própria dissertação, que eu tento defender um pouco que existe uma estética de teatro que é pra classe trabalhadora e ela vai ser diferente de um teatro pra classe dominante, por isso que eu vou trabalhar com aqueles que já debatem isso, né? Boal, Brecht... não estou inventando a pólvora, pelo contrário, estou bebendo em coisas que já existem. Mas eu tento trabalhar uma mistura disso tudo trazendo muito Paulo Freire também e a compreensão que cada espaço tem suas especificidades, tem suas demandas, suas características. Então, também pra saber uma coisa que já existe é o teatro colaborativo, promovendo trabalhos que todos aprendam a trabalhar a escuta para que esse coletivo de verdade se forme enquanto coletivo. Eu acho que é um caminho fundamental tanto para a ocupação quanto para a sala de aula que é periferia. Porque eu acho mesmo que tem que ser diferente, por exemplo, da escola particular... é diferente para mim. O teatro para a classe trabalhadora para mim é uma arma desde já. Eu não quero armar a burguesia.... quero que a burguesia tome consciência dos seus erros, eu quero desarmá-la. E na ocupação se fosse hoje eu faria algumas coisas diferentes. É porque eu acho que a ocupação tem vários melindres que são: eu fui muito solicitada no início pela minha característica de ser uma militante política, ter sido diretora do sindicato – na época não era mais, mas toda cidade sabia que eu já havia sido; e por ser conhecida

como a professora de artes que dá aula de teatro na escola. Até mesmo quem veio de fora do primeiro dia já falava “vamos montar um teatro com a gente...”. Falavam nem de aula, mas falavam “montar um teatro com a gente”. E o tempo todo tinha uma delicadeza para não parecer que a gente queria impor alguma coisa. A gente eu digo os professores de uma forma geral. E aí eu tentei propor o mínimo possível, mas hoje eu acho que isso foi um erro... um erro para a ocupação como um todo. Acho que os professores tinham que ter proposto mais. Era um apelo deles no momento de ocupar que se tornasse uma escola viva, que se tomasse uma liberdade maior de atuação e tem que ser a atuação da comunidade escolar e não só dos estudantes. Só que muitos professores, com medo de serem acusados até pelos próprios alunos, preferiram ficar mais pra servir às necessidades deles, mas hoje eu acho, por exemplo, que a performance seria uma atividade legal. A gente até chegou a fazer um dia, mas acabou ficando menos performance e mais panfletagem. A ocupação começou a ganhar famas ruins para a cidade e era necessário acabar com ela. Diziam que aquilo ali era um antro de drogas, um antro de sexo, eram alunos que vieram de outros lugares, professores. Enfim, tentaram de todas as formas fortalecer a sociedade de Magé contra a ocupação. E aí a gente começou a ter ideia de ir pra rua. Eu fui uma das que mais falava, inclusive: “vamos fazer uma escola na praça”. Existia um medo de uma parte dos alunos nisso. desde esvaziar a escola e uma parte desocupar, a outros porquê. Então, isso foi um problema que foi interno, mas eu hoje teria buscado muito a performance. Porque eu acho que a performance é rápida, ela dialoga rapidamente sem abandonar o caráter político. Performance é super política e tem técnicas do próprio Teatro do Oprimido, né? Você pode fazer uma performance usando o teatro invisível, você pode fazer uma performance usando o teatro jornal, você pode fazer um teatro-fórum, que já é aquela coisa mais teatro, mas dá também pra você brincar com essa coisa do público decide e fazer uma atividade rápida e passageira pra rua. Teria colocado mais o teatro numa relação com a cidade.

Carol – Como se fosse uma forma de facilitar o diálogo entre quem ocupa e quem está fora.

Daniela – Exatamente. Eu comecei a pensar nisso do meio para o final e a coisa já estava muito tensa. A gente acabava indo e virava mais panfletagem, as pessoas que tinham vergonha ficavam com mais vergonha ainda. Parece que as pessoas passavam julgando eles, né? Eu ainda saí no

jornal da cidade quase pelada. Tentaram falar que eu estava fazendo sexo na ocupação com o meu marido. Eu estava de vestido e meu marido dormiu sem camisa e de calça na ocupação, algum aluno entrou – já que eles faziam segurança no início da manhã – e bateu uma foto minha. Não sei como essa foto foi parar nos jornais locais e então a coordenadoria chamou a gente, porque abriram um processo contra mim. Eu respondi um processo pós-ocupação, processo administrativo, eu e Gilberto, meu marido. Um inquérito, na verdade. Abriram um inquérito para investigar alguns professores, alguns dos que apoiaram, os que por algum motivo eles achavam que eram lideranças e estavam mais presentes, talvez. A gente ficou respondendo uns dois, três meses, sendo chamados para depor. Eu deixei claro: “eu tenho uma cama confortável em casa. Por favor! Absurdo isso!”. E a gente nem sabe como vazou a foto, porque vazou...

Carol – Como foi depois pra você que voltou pra escola, assim como os alunos, viver a escola de novo daquela forma tradicional?

Daniela – Não foi fácil pra direção enquadrar novamente não. É isso: teve um período de guerra mesmo entre o ocupa e o desocupa, entre os alunos e os professores também. Só que assim, o que aconteceu foi que a parte dos professores de terça e quinta que são os meus dias, dialogaram muito no período da greve. Então mesmo um ou outro que era contra... estava ok. A turma que estava nos outros dias era a turma dos que a direção conseguiu cooptar mais. Então a gente acabava convivendo com aqueles que de alguma forma estavam meio de acordo. Mas logo em seguida também teve a eleição para direção, que foi outra crise, né? Eu confesso que eu me abstive do processo de eleição de diretor, porque eu achei que o processo estava muito agressivo de todos os lados. Eu deixava claro: se fosse pra apoiar eu apoiaria aquele grupo que se intitulava dos grevistas, sendo que quem ganhou foi a vida inteira grevista, sempre foi uma pessoa que se posicionou razoavelmente na escola, por algum motivo que não sei qual ela saiu da greve antes. Uns diziam que ela passou a ficar do lado da direção e quando a ocupação acabou a adjunta saiu da escola, porque ela quase foi para as vias físicas com os alunos da ocupação. Eu sei que teve crise e ela era uma professora também querida por parte dos alunos, era boa na parte dos esportes. Ela começou a cooptar muitos alunos por vias do futebol e parte desses alunos, inclusive, formou o desocupa. Eram muitos meninos do esporte contra a galera da ocupação. Então, falam que ela

esteve liderando as reuniões... eles fizeram muita reunião do desocupa e a gente soube de alunos que foram. Contaram para gente sobre outras reuniões que tinham a presença dessa diretora adjunta e de uns coordenadores de turno contratados. Ficou muito inóspito para ela estar na escola, ela não teve condições. A grande realidade é que o ano pós ocupação.... a nossa ocupação quando acaba, os alunos já estavam muito abandonados lá.

Carol – Foi quanto tempo lá? Você lembra quanto tempo de ocupação?

Daniela – Foram uns três ou quatro meses. Eu abandonei a ocupação. Eu abandonei num momento em que parte dos nossos alunos saíram e a galera do desocupa passou a tentar negociar com a galera da ocupação, que foi para o final. A gente teve um momento muito importante que foi o confronto entre o desocupa com o ocupa. Nesse momento a gente ajudou muito. A gente puxou uma assembleia e o que a gente fez já com a experiência vivida lá no Mendes: a gente não abriu a porta da frente. Ajudamos a se organizarem e não abriram a porta da frente. Nesse dia tinham uns 20 professores e é uma escola de quase 78 professores. Tinham pais também e a gente foi para lá exatamente para sensibilizar... são todos alunos, não tinha por que ter qualquer tipo de confronto, todo mundo queria a mesma coisa, no fundo. Os que estão ali também queriam estudar... o mote era “queremos voltar a estudar” e tal. Então a gente organizou a Assembleia na garagem, com a única porta aberta e os próprios alunos montaram uma segurança deles. Era a garagem, por isso, não tinha acesso para o interior da escola, ou seja, todo mundo podia entrar. Só que a galera do desocupa ficou tentando entrar pela parte da frente e eles eram convidados para entrar pela parte dos fundos como todo mundo. Ficou esse confronto por um bom tempo. O desocupa ia embora e depois voltava gritando, xingando. Teve uma mãe, que também era funcionária da escola e contratada, que partiu pra cima da professora de português. Nesse dia eu estava, mas estava lá dentro e não fui lá fora. Não fui lá fora porque tinha problema na minha perna ainda e não conseguia nem andar direito. Eu dei as oficinas com muita precariedade corporal. E os professores falaram pra eu não ir lá fora, porque eu nem aguentava andar direito e eles iam resolver. Tiveram tensionamentos pesados, de xingamentos, só que com o portão aberto todo mundo podia entrar, mas um a um, sem empurrar e a Assembleia era para votar se ia ter ou não ocupação, então o desocupa podia ter entrado para fortalecer na votação. Enfim, eles não

entraram. Entrou um ou outro, fez carão e foi embora. Foi uma vitória. Estava o advogado do SEPE também para segurar a onda e quando terminou foi todo mundo para o auditório fazer a confraternização e as apresentações. Foi bem bonita a apresentação. Depois disso teve ainda o almoço pra família, só que começou a vir muita gente de fora. Por mil motivos: pra fortalecer, ou não. Inclusive o grupo da UJS veio, sendo que a UJS veio a partir daí. Sendo que a UJS também estava ajudando a organizar o desocupa, a UJS já tinha perdido a eleição pro grêmio dos meninos que se filiaram no PSOL e um dos meninos da UJS era um dos alunos profissionalizados do estado, porque ele já estava com 27 anos e não saía do segundo ano. Ele já tinha feito por quase seis anos o segundo ano e não abandonava e ele fez muita confusão na escola: tentou construir processo contra mim na escola algumas vezes, aliado inclusive da direção. Eu o peguei uma vez na escola dizendo que ele estava indo lá para conseguir tirar o grêmio ligado a um estudante de luta e à professora Daniela, mas ele não conhecia a minha cara, então eu entrei, ele me viu e continuou falando. Esse menino foi um dos líderes do desocupa. Ele que foi pra dentro da ocupação negociar o fim da ocupação. Nesse processo os professores resolveram se abster e todos saíram. Não tinha mais condição de ficar, porque começou a ficar incontrolável, a gente começou a ser acusado de mandar nos alunos. Desde o pequeno detalhe de pegar instrumento da banda marcial e a gente falar: “não é pra usar dessa forma”... Ah, alunos que nos acusavam disso não eram alunos da escola, tem esse detalhe. Os alunos da escola até tomavam nosso partido. Chegou um limite em que os últimos alunos da escola não queriam mais ficar na escola também, então a ocupação estava mesmo tomada pela AERJ e pela UJS. Estava confuso. Logo veio o negociar da saída e uma das coisas era eles conseguirem me tirar da escola. A galera da AERJ meio que topou. A negociação era: todos que não eram da escola terem direito à matrícula e em troca disso eles teriam que me tirar e o grêmio passar a ser em conjunto deles. Eles negociaram com a coordenadoria, com o Estado, que eles passariam a ser... não lembro o nome, mas eles usavam um crachá, tipo coordenadores dos alunos, um grêmio provisório sem eleição. Eles seriam diferenciados dos outros alunos, uma espécie de privilégios. E eles que teriam o poder de puxar assembleia e tal. Então tem uma negociação ali com a direção, mas que eu acho que a diretora adjunta não topou e, como ela não topou, ela acabou tendo uns embates. Foi um período muito

tumultuado. Eu me abstive muito desse processo, muito! Deixei eles fazerem o que queriam. A UJS e o desocupa foram uma virada no momento da ocupação. Foi uma retirada dos professores e naquele espaço acontecia o que eu não tenho como responder. Chegaram a fazer uma assembleia para puxar “fora Daniela!”. Eles chegaram a dizer que eu estimei o uso de drogas, que eu fui fazer sexo na ocupação. Pegavam coisas desse formato. Para a galera do desocupa, ali era um antro de drogas e ainda tinha a professora Daniela... quem podia me defender não estava defendendo porque estava negociando, mas os alunos que estiveram na ocupação entraram em minha defesa nesse momento. Eu sei que eles não conseguiram mais... eles fizeram uma urna para votar “fora Daniela”, mas não conseguiram mais que os votos deles, entendeu? E não só isso, como os alunos todos entrando em Facebook: “professora, a senhora tem que estar aqui para ver o que está acontecendo”. Eu tive uma licença médica nesse período também de uns 15 dias e eles falavam “professora, volta, querem tirar a senhora”. Eu falei “gente, só quem tira são os alunos, eu sou funcionária pública. Se os alunos quiserem que eu saia eu vou sair, não tem problema”. Assim, eu fui muito tranquila nesse processo, porque tinha muita tranquilidade da minha relação com os alunos, da minha relação com as escolas e... eu apareci muito nos jornais da cidade... como os jornais me procuraram para falar sobre as ocupações! Isso era uma coisa boa, você tentar pegar esses jornais. Eles chegam a tentar me acusar de trancá-los em cárcere privado. No jornal falava isso: estimulava drogas, sexo e colocava alunos em cárcere privado. Quando saiu isso no jornal um dos rapazes do jornal era um conhecido nosso por conta do SEPE. A gente saiu em três jornais: redator, jornal do mangue e o jornal que é feito por um ex-aluno da escola, que é um jornal melhorzinho, que é um jornal que levantou questões interessantes sobre a ocupação... veio falar mais do que é a ocupação, enfim... é o jornal do Renato Coelho. O do mangue veio nessa linha de queimar a ocupação como um todo e ele me procurou para que eu pudesse dar a minha versão dos fatos e eu não entrei nos pormenores, porque ele não dava o nome de quem estava falando que eu fiz aquilo outro, não tinha nome... mas ele colocou como se fossem alunos. Teve uma grande assembleia que eu também não participei disso entre o ocupa e o desocupa para negociar os termos da saída, e ele foi nesse dia e parece que alguns alunos falaram isso e eu falei com ele, quando ele veio, ele veio me instigar para que eu falasse mal da ocupação

e eu não falei. Falei que até desconfio de onde viria essa fala, isso me surpreendia, porque se eles ficaram em cárcere privado comigo eles podiam ter pedido socorro, chamar qualquer coisa, desde a coordenadoria, professores, até a polícia. Isso era grave, isso era sério. Depois eu soube que a direção tentou trazer alguns alunos para fazer essa denúncia no ministério público. É um sonho deles de muitos anos que eu saia da escola. Mas eu, pelo contrário, tentei lembrar exatamente desse primeiro momento em que a ocupação nada mais era do que mais um espaço de luta como tantos outros do Estado e fiz uma fala toda assim. E foi legal, porque a galera que veio da outra escola não me conhecia como professora e acabou ajudando nessa negociação do desocupa, mesmo sendo da AERJ eles vieram me agradecer porque acharam muito digno eu não falar mal deles nem combatê-los politicamente. Foi quando eu disse que politicamente nós éramos companheiros e eles eram alunos, não eram meus, mas eram alunos e a ocupação tinha um valor que estava acima do que quem estava querendo usar pra qualquer coisa, entendeu? Mas dei um toque: cuidado, vocês vão ser usados. Isso foi muito legal, porque no ano seguinte eles foram meus alunos e foram maravilhosos como alunos. São, inclusive, alunos amigos até hoje. Uma passou pra UFF e veio falar comigo. Hoje até faz movimento estudantil lá, entendeu? Então eu não fiquei nem magoada com eles. Essa história foi morrendo. Quem ficou me rechaçando mais na escola foi o desocupa que achava que eu apoiava o ocupa e tudo aquilo que foi construído, que era feito lá dentro. Mas também foi fácil, porque quem são os meninos do desocupa? São meninos, meninas da periferia, pobres, fodidos, negros, então... uma proponho uma aula que eles possam se perceber: “a escola está boa para eles?”. Eu trabalhei todas essas questões em sala de aula, então eu acho que é uma coisa que tem que aprender... isso a vida somada ao movimento político me deu, que é a paciência, né? Tem que ter uma paciência revolucionária. Tem que ganhar os corações e mentes e não rechaçar. Tem um processo de aula e a aula tem que ser um lugar que você instigue a leitura, que você instigue a pesquisa, porque eles vão descobrindo coisas também sem ser só a tua fala. Acho que o ruim é essa vibe que entrou depois, a vibe bolsonarista, né? Eu brinco na escola, mas tem um fundo de verdade: dentro da nossa escola os bolsominions são fruto do desocupa. A mesma linha que combate o gay, que é machista é a linha

que deu sequência, mas a gente teve um ano específico de uma tomada de consciência das meninas logo depois, que foi muito legal.

Carol – Você dá aula de teatro em escola há quanto tempo? Não necessariamente na rede estadual.

Daniela – Em escola só dei na rede estadual, porque eu já dei aula em centro cultural da periferia, dei aula em ONG, dei aula no presídio por dois anos, mas em escola... escola eu cheguei a dar aula em um projeto em 1997, 1998.... foi uma parada bizarra: foram montados estágios nas escolas do Estado e a UNIRIO se tornou parceira. Eu era estudante ainda e a nossa matéria “prática de ensino II” virou esse estágio que você se inscrevia e ele seria remunerado, então todo mundo se inscreveu, porque a gente fazia estágio, mas não era remunerado e aquele era. Só que, quando eu cheguei na escola, percebi que era pra tapar o buraco dos professores que não existiam, então eu assumi turma. Eu fiquei um ano dando aula. Na época eu achei bacana... ganhava um salário mínimo e era uma experiência, mas eu apanhei um pouco. Não foi simples. Foi em São Gonçalo. Vivi aquilo que hoje vocês devem viver mais. Eu vivo bem menos, né? Você fica mais velha e o povo aprende a te respeitar um pouco melhor. Você nova assim eles te tratam meio: “você que é professora, né?”, te olham meio assim. Foi uma experiência que eu guardei, mas assim... eu só voltei a dar aula em 2006 pro Estado já aqui em Magé. Dei aula acho que em 2003 de teatro pra uma escola na Ilha do Governador, mas eu fiquei seis meses, porque pagava muito pouco, a passagem era cara e eu acabei não querendo ficar.

Carol – O que te faz estar na escola pública hoje dando aula de teatro? O que faz você, Dani, como pessoa formada na UNIRIO que hoje faz mestrado, estar nesse espaço trabalhando especificamente com teatro?

Daniela – Primeiro assim: eu quero estar na escola pública e de preferência da periferia. Até pouco tempo eu estava dando aula em Laranjeiras. As crianças são incríveis e vivem uma desigualdade, uma outra relação que é relação de uma violência mais veemente, porque tinham alunos que vinham ali de Santa e tal... mas só o fato deles estarem territorialmente mais centrados, eles têm acesso a uma cultura que a periferia de uma Baixada não tem. Então é uma outra coisa. A gente até montou lá uma apresentação sobre a Marielle que eles que trouxeram

quase tudo e foi incrível. É até mais fácil. Se fosse para falar assim: “ah, na hora de fazer uma apresentação, provavelmente vai ser qualitativamente melhor, inclusive”. Mas o nó de você trabalhar exatamente no espaço mais perverso da desigualdade social e acreditar que esse pode ser um caminho de contribuição e não solução... é aquela frase batida do Paulo Freire: “educação não transforma o mundo, mas o mundo sem ela tampouco será transformado”. O teatro também não transforma o mundo, mas eu acho que o mundo sem ele também não será transformado. O teatro na educação é um espaço de diálogo muito interessante com os alunos. O aluno que está não só fatigado com a periferia, com a desigualdade, com a ausência, mas que também vai para a escola, porque é obrigatório, não vê estímulo na sala de aula... até falo isso na dissertação. Acho que a gente vive ainda nas escolas um resquício da ditadura militar e pra onde é periferia, acho que nos espaços periféricos, isso é mais forte. E eu entendo e sei que é delicado, porque eu sei que tenho muitos colegas bons e bons eu digo de qualidade, que dizem que esses alunos não respeitam a aula, esses alunos querem bagunça, querem colocar a cadeira aonde eles querem. Mas assim: eu, particularmente, não vejo qualquer problema da cadeira estar em qualquer lugar que não seja perfilado como ele serve. Perfilar, para mim, é uma forma de perfilar um corpo que para o teatro não serve. Mas a gente bebe ainda na ditadura militar. Ela está entranhada. Na minha escola não tem um centavo para as peças de teatro, se eu não der e alguma turma não tiver uma condição melhorzinha, até a peça é com a roupa da escola. Eu tive um aluno esse ano que eu fiquei muito mal, porque eu sabia que isso ia acontecer. Eu ia dar um sapato pra ele, até comprei, tenho até que entregar, porque ele só tinha um tênis, esse tênis foi furando, ele estava com um rombo, ele parou de ir à escola, porque ele estava com um rombo e ele não foi apresentar. Ele era um dos principais entusiastas da cena que a gente estava montando com a turma dele. Inclusive, fazia muito bem feito. Ficamos sem esse aluno, porque ele estava com o tênis furado. Ao mesmo tempo a escola investe na banda marcial, que tem uniformes maravilhosos, instrumentos de primeira, horários de ensaio, compromisso dos alunos, investimento da direção. Não faço nem uma ode contra a banda marcial, porque já compreendi que está entranhado na cultura local e trabalha a autoestima deles também, mas é um resquício da ditadura militar... perfilar todo mundo, aquela disciplina e tal. Esse é um investimento, isso é o que a gente tem de cultural para

apresentar da nossa escola. Não existe investimento para apresentar o nosso teatro. Nem para abrir para a comunidade. Esse ano propus da gente abrir para os pais e disseram que seria difícil, confuso, um problema. Não abrimos! Então, eu luto contra mim mesma, porque eu completo 14 anos de Estado esse mês de fevereiro e é uma luta constante da tua não desistência. Esse ano eu montei seis peças de teatro em cada turma. Montar seis peças de teatro a escola não dimensiona. Obvio que eu dei hora extra, se não, não ficaria pronto, mas todos os boicotes rolaram, até montar uma atividade paralela no horário da minha apresentação, além de não levar os pais e até os outros alunos foram privados, porque levaram brinquedos gigantes, inflados, no mesmo dia.

Carol – Por que você acha que rola esse boicote ao teatro?

Daniela – Eu acho que é porque ele incomoda. Duas coisas: uma é uma cultura de combate ao meu trabalho desde sempre por caracterizar que sou a Daniela que foi SEPE, que é politizada, que é contra a direção, que apoia os alunos... os principais problemas que eu tive foi quando a direção queria ficar o tempo todo dando advertência pra aluno e eu era uma das professoras que não dava. A direção queria proibir os alunos de beberem água e ir ao banheiro e eu nunca proibi. Não proíbo. Não vou proibir, porque eu tenho um acordo de convivência com eles feito no início do ano e não vou proibir. Tem também a insistência de usar o auditório. Para eles é um problema eu usar o auditório e tenho que dar aula em sala. Hoje eles já até liberam o auditório, mas o auditório é muito sem estrutura, está sempre imundo, nem sempre dá pra sentar-se no chão. Às vezes eu pego para limpar, ou as meninas quando vão limpar só varrem, porque nem tem produto de limpeza direito. Arrancaram a porta do auditório. O auditório já não tem acústica e ainda tem a porta arrancada, então eu sofro interferência a todo tempo. E eles.... a direção que arrancou a porta... uma funcionária falou assim: a diretora tirou a porta e pede para a gente sempre varrer perto da porta de onde você dá aula para ter certeza de que lá você fica fazendo a cabeça dos alunos contra a direção. Toda vez que tem a sua aula é de lá que sai essa coisa de grêmio, de lutar por bebedouro... Eu acho que tem esse incômodo, um medo colocado de que eu vou lutar contra os poderes. Ao mesmo tempo os alunos gostam muito e teve um sentimento assim: “por que os alunos gostam tanto da aula da Daniela? Ah, é porque é artes...”. Começaram a trazer professores de artes, porque teve uma época que eu era a única professora de artes da escola, cheia de hora

extra. Não... eles não gostam dos outros professores quanto a Daniela. “Por que? Ah, porque a Daniela faz passeio...”. Na época ninguém fazia... Só faziam para a Terra Encantada. Eu fazia mais ligados à questão das artes, então levava para o CCBB, pra UNIRIO. “Ah, porque Daniela inventa um monte de coisa maneirinha, então vamos vetar o ônibus dela e vamos dar o ônibus pros outros professores saírem com os alunos.”. Fizeram isso... fiquei um tempo sem conseguir ônibus, porque outro professor tinha usado e a verba tinha acabado. “Tentamos construir outros professores a serem adorados e os alunos continuam gostando da Daniela. Como pode?”. A primeira vez que teve alguma crítica mesmo, que eles não conseguiram tanto assim foi com o conflito da ocupação e o segundo momento foi o período agora com os bolsominions, que é uma forma de quê? Tentar colocar como se eu fosse contra os alunos que apoiam o Bolsonaro e isso é construído um pouco na escola. Mas também é desconstruído, porque se o aluno é favorável ao Bolsonaro, mas participa perfeitamente das minhas aulas, nada contra! Pelo contrário, tenho vários meninos que gritam “mito” e tiram 10. Agora, a minha aula vai pelo caminho dos debates, pelo caminho de desconstruir preconceitos, né? Aquele que se sente extremamente incomodado com essas questões não tem a ver com Bolsonaro em si, são questões maiores e podem querer nem estar na sala de aula. No início do ano teve gente que me perguntou “por que a senhora fala tanto de racismo, de negro, o que isso tem a ver com a aula de artes?”

Carol – Mas quando você vai trabalhar com eles, você pega o currículo mínimo ou não?

Daniela – Eu nunca vi o currículo mínimo. Nunca vi. Não sei como é. Por que eu não sei? Metade é transgressão e a outra é respeito com o próprio trabalho que eu desenvolvi. Quando eu entrei no estado não existia ementa pra artes. Eu procurei, pedi, falei com coordenador pedagógico, com direção, não tinha nada. Chegaram a fazer a crueldade de dizer que para eu dar aula para o Ensino Médio eu teria que dar aula de história da arte. Eu li aquele livro da Graça Proença do início ao fim, tanto que acho que nos próximos concursos eu gabaritava história da arte. Eu dei aula de história da arte e trabalhei no CCBB. Inclusive, eu faço uma dinâmica sobre arte conceitual, faço atividades sobre arte brasileira... mas, enfim, ninguém nunca me deu o currículo. Na época o Estado era do sexto ano ao Ensino Médio e professor que chegava pegava todas as turmas! Então eu tive que construir ementa para todas as séries. Fui construindo e acho

que chegou na pretensão de ser ementa quando eu estava já há três, quatro anos no Estado. Quando já estava estruturada começaram a tirar sexto ano, as séries de Ensino Fundamental II. Quando chegaram com o currículo mínimo me exigindo eu disse que não iam me exigir nada, que eu tinha o meu currículo. Tem o livro didático, que eu sou extremamente favorável, mas o de arte é difícil, porque ele é uma miscelânea de diversidades e eu o uso como suporte. Tem uns até que são legais, mas eu não os sigo... não tem como seguir, tem como usá-lo. Mas o currículo mínimo eu não entrei, porque eu percebi que ali tinha uma imposição de um currículo único e que eu não queria mesmo seguir. Eu fui contra, transgredi mesmo tudo que veio de uma estrutura meritocrática do governo Sergio Cabral, então nunca lancei nota. Lancei agora porque o SEPE tirou para lançar. 14 anos sem lançar nota, nunca apliquei prova do SAERJ, nunca olhei o currículo mínimo.

Carol – Mas aí pro segundo ano você considerou que o trabalho seria mais focado em quê?

Daniela – Boal e Brecht. No nono ano eu introduzia Boal, mas Brecht não, só Boal. Sexto e sétimo era Viola Spolin e Boal só com os jogos. O Boal trabalha um pouco de tudo, funciona em tudo. Agora Ensino Médio eu não trabalho nem a Viola Spolin. Eu já construí uma sequência pedagógica, que é claro que cada ano sofre modificação de acordo com o que o grupo me pede e me traz de demanda. Mas eles aprendem tudo: o que é teatro invisível, quarta parede e no final eles escolhem como utilizar também.

Carol – Como é isso? Você falou de Magé... os aparelhos culturais daqui existem? Como é a parte teatral aqui em Magé? Qual é a possibilidade desses alunos terem contato com teatro sem ser na tua aula?

Daniela – Quando eu comecei no estado tinham duas pessoas que davam aula de teatro em escola. Uma me pareceu ser uma pessoa legal, mas não sei se é professora do Estado ou contrato. Ela deu aula no Alda. Todo aluno que foi meu dizia: “gosto tanto de teatro, você não dá teatro, ou algum curso?”. Eu perguntava se já tinham feito algo e eles diziam que já tinham feito com essa outra professora, que desenvolvia teatro na igreja. As igrejas evangélicas, principalmente, elas trabalham muito teatro e tem um rapaz que é bem interessante, inclusive, ele é professor de libras, ele dá libras na minha escola, ele acompanha as aulas até a minha peça de teatro dos alunos ele

narrou em libras para os outros. Ele já fez teatro e diz que adora e já montou uma peça na escola mesmo, com surdos... foi muito bonita, bem bacana. As mãos são muito simbólicas, que é um outro contato deles. E de três anos pra cá tem um espaço em Pau Grande, ou Fragoso que começou a ter *stand up comedy*, que é o que galera tem como referência. São comediantes locais, até um ou outro que vem de fora e parece que dão oficinas lá. Inclusive, teve uma atividade agora no estadual de Magé e tem um cara que está meio promotor da cidade, está a fim de fomentar a cultura local e ele soube do meu trabalho, alguém comentou e ele veio perguntar se eu não queria ser responsável por dar aula de teatro em um evento chamado “apresentando a cultura local”. Mas eu fui a única professora de teatro. Tem assim... balé, dança de rua.... tem algumas coisas assim. Já teve sarau cultural, que até meus alunos do Balthazar organizaram uma época. Lá tinha tem hip-hop, batalha de rima. E o que está rolando agora na cidade? Tem um projeto da prefeitura chamado escola viva, que até quem organiza é uma amiga minha, que é professora de inglês e português do Estado também e da prefeitura e ela começou a montar contações de histórias infantis. Ela veio falar para ano que vem eu dar alguma oficina para ela. Porque é isso... tem pouca referência. Teve uma que se formou na UNIRIO. Quando ela se formou eu fiquei tão feliz... Falei para fazermos coisas juntas, mas ela não aguentou o Estado e hoje é 40 horas no município... largou o Estado. E tem uma coisa que era muito forte quando eu entrei no município que eram os animadores culturais. É isso, teve uma colega que era animadora cultural, então ela dava teatro para eles.

Carol – Eu estava vendo que a primeira formação dos animadores culturais foi com Boal, com o Licko Turle também. Lá em Angra tinha uma animadora cultural também e eles vieram com essa proposta: nas escolas trabalhar com o Teatro do Oprimido através de animadores culturais. Na primeira formação fizeram essa oficina. Ainda tem animador cultural, né?

Dani – Sim. Eu tenho uma amigona que ainda é animadora cultural e veio pelo Teatro do Oprimido também.

Carol – Eu me pergunto: lá no centro do Rio, naquela escola do Largo do Machado... lá os alunos têm acesso a um tipo específico de cultura, né? Não que aqui não haja cultura, mas lá eles têm mais acesso a mais coisas, né? E aí por que quando a escola é ocupada a parte cultural é uma

demanda importante para eles em qualquer espaço? Tudo bem isso acontecer no centro, mas também aconteceu aqui, em Angra, em São Gonçalo... e a parte cultural vira uma comissão. Por quê? O que você acha?

Daniela – Eu acho que as escolas em geral não dão esse espaço para as aulas de artes como deveriam. Então você tem ali o Amaro Cavalcante e a Éden aqui... Na Éden os alunos ficam amigos, se encontram nos lugares, um tem aula de teatro, de banda musical, de... eu acho que a arte é algo muito fundamental em qualquer sociedade e você, quando jovem, quando criança, a maior parte da sua vida é dentro da escola, então tem que ser um espaço com muita arte. A tua formação tem que ter isso. É necessário para o ser humano. Queria que a gente vivesse uma vida perfeita e a arte não teria nenhuma função importante de transformação, só continuar construindo essa sociedade perfeita... mesmo assim a arte seria fundamental, porque ela expressa não só de forma verborrágica, é a possibilidade das emoções, dos sentimentos, dos pensamentos, de tudo, se quiser. Ela instiga a tua criatividade, amplia as tuas possibilidades enquanto indivíduo, ser humano. Então é necessária na formação do indivíduo independente de qualquer coisa. Porém, em nenhuma escola do Estado, por mais que ela esteja mais bem localizada, mais bem assistida, esse jovem vê um investimento real dessas questões. O professor de artes não tem espaço pra dar aula muitas vezes. Tanto que quando dizem que tem uma sala eu digo “que inveja!”. Isso é algo... o sucateamento do Estado é muito pesado e dentro desse sucateamento a arte não tem a menor importância. Você é obrigado a passar, quiçá dar uma palheta de cores e está bom. Aí tem um corte de classe: não é necessário para a classe trabalhadora não saber de nada além de português e matemática. Por isso, eles são seis tempos. Eles bebem na formação dos Estados Unidos dos anos 70, que diferencia o que é aula para o rico e aula para o pobre. O rico vai ter balé, teatro, banda, piano... o que encanta um pai que vai assistir um filho na apresentação? Vai parecer um teatro de verdade... encanta. E o filho do pobre? Não... ele tem que se formar e terminar o segundo grau. Tem que ter diploma. Então, “o que vocês têm que fazer é não tentar reprovar, dar qualquer trabalhinho para ter ponto e não perder tempo com outras coisas!”. A arte é vista como isso: como alguma coisa desnecessária. Está ali só porque teve uma luta em 1996 que transformou ela como obrigatória da LDB, porque tentaram arrancar a obrigatoriedade da arte naquele ano. A LDB do

Fernando Henrique Cardoso, que depois ele intitulou o Darcy Ribeiro de forma injusta, porque virou uma LDB bem neoliberal e o Darcy era comprometido com a educação... teve uma luta veemente. Eu participei dessa luta liderada pela Ana Mae Barbosa. A UNIRIO foi bem atuante nessa luta. A gente desmaiava todos os dias na escola para mostrar a morte do educador. A gente desmaiava pelo corredor, em qualquer lugar, 4:47, todos os dias, aonde estivéssemos, a gente desmaiava. Tinham os artistas que morriam, tinham as viúvas... as viúvas tinham lenços dentro da bolsa e liam o manifesto: “queremos resistir como educadores.”. E os músicos da UNIRIO, onde estivessem, começavam a tocar seus violinos. Fizemos isso no CCBB... outras coisas também. A gente chamava de PalhaçATA. Todos de nariz de palhaço.... palhaços em passeata. O único em cárcere privado que eu já coloquei foi o reitor da UNIRIO, que fizemos um trancasso e pedimos para ele liberar um monte de fax todos os dias para todos os deputados, exigindo espaço para o arte educador. A gente ia pra Cinelândia todos os dias com um abaixo-assinado. Teve também um grande ato que a Ana Mae organizou na UERJ. Até a Angel Vianna entrou nessa luta. Mas a arte, ela não é vista como prioridade da classe trabalhadora. Ela parece ser um luxo de uma parcela da sociedade. Nunca vai ter prioridade em uma escola pública.

Carol – É quase fazer o impossível, né?

Dani – Garantir uma boa aula de artes já é um problema que você causa pra escola. Pra você garantir, você deveria ter material, estrutura.

Carol – Parece que não condiz com o espaço da escola pública. É o que o Boal fala, que o teatro é uma arma.

Daniela – Até quando eu dei aula particular aqui em Magé isso era uma questão para eles. Aqui eles não têm acesso. Aqui têm ricos, mas nunca viram uma peça de teatro. Muitas vezes quando eu comecei a dar uma peça de teatro, hoje menos porque a internet ajuda muito nisso, ela popularizou, de uns 6 anos pra cá você tem uma mudança nisso, mas no início a maioria achava que teatro era novela, então se eu comesse a dar jogos teatrais eles perguntavam se eu não ia dar teatro. Eu dizia: “estou dando teatro!”. Respondiam: “mas eu queria fazer teatro mesmo, não pode fazer no palco?”. Eu dizia que podia, e então virava uma parada surreal: aluno batia em outro. Até para começar a fazer cena era difícil. Hoje está um pouco melhor, está tudo melhor,

mas era isso. Teve um que tivemos que segurar a menina surtando. Eles trazem coisas da vida real. E por isso Brecht: um teatro que não tem vergonha de ser teatro. Pode ser na escola pública, pode aparecer, pode não ter acústica, cortina, iluminação... que tem toda uma linha que fala assim... até o Boal falava isso, como se o teatro do oprimido fosse um avanço: “por que trabalhar Brecht se o Boal já é uma busca da desconstrução de Brecht enquanto teatro burguês?”. Porque eu acho que enquanto linguagem o Boal não dá conta de tudo. Estou falando algo que é polemico, difícil de falar, mas não dá. Porque o Brecht ele traz coisas valiosas. O aluno quer estar no palco. Eu desconstruo muito, quero levar pra rua, faço às vezes no pátio, mas o aluno quer estar no palco. Para ele é o mesmo sentimento, tipo assim: a gente vai fazer uma atividade na câmara que poderia ser o uso do espaço. A gente prefere entregar uma medalha no espaço premium que é o nosso espaço aí o pessoal fala: “a gente não vai receber na câmara?”. Tem um sentimento de “passei a pertencer a esse espaço também”. A ida ao CCBB tinha isso. Vinha a galera de longe e chegava naquele espaço, que parecia ser um castelo e pensava: “eu posso estar aqui!”. Isso era grandioso para eles, porque vem da ocupação das estruturas dos espaços. Então o palco também tem que ser para o aluno da escola pública, para o aluno pobre. Você pode subir no palco! Ele tem que ter, mas ele pode não ter luzes e será teatro mesmo assim e mesmo assim você vai ocupar esse espaço, mesmo assim você vai falar. Isso eu busco muito com eles. O Boal já diz para explodir a caixa toda, o que é legal também.

Carol – O Boal tem muito a coisa do processo, da formação. Mas estar em cena são coisas diferentes. Nunca tinha parado para pensar nesse lugar.

Daniela – Brecht também trabalha essa coisa do olhar e de chamar o público pra cena mesmo que se incomode. Claro que Boal também avança, faz o teatro-fórum que o público também é ator, mas a peça do Boal pode acontecer um tempão sem você olhar para o público. O Brecht propõe uma outra linguagem, você vai trabalhar sempre sem a existência dessa quarta parede. Então eu acho que são relações complementares. Mais do que uma excluir a outra, entende?

Carol – Na minha qualificação a primeira coisa que eu perguntei era se não seria muito óbvio eu trabalhar Boal, mas o Paulo Merisio falou: “se essa foi a sua experiência, você tem que perguntar por que então você foi beber dessa fonte?”. Você falando isso me faz pensar sobre a importância

de fazer um teatro pensado para/pela classe trabalhadora e ele também pode se relacionar com a performance. Obrigada, Dani!

**ANEXO III** – Entrevista com a licencianda Nicolle Longobardi – novembro 2019

Nicolle – Em 2014 um amigo meu, que era do mesmo grupo de teatro que eu faço parte, deu aula pelo SESC em uma escola em São Gonçalo. Era um projeto do SESC que contemplava escolas públicas, escolas estaduais. Ele deu aula dentro do Colégio Pandiá, que é o colégio de Ensino Fundamental II, Ensino Médio e formação de professor, em Alcântara. Ele deu aula lá pelo menos por uns sete, seis meses com muitos alunos. Em paralelo ele dava aula para teatro com idosos no SESC, só que, quando concluiu o ano e houve as inscrições no teatro do SESC, depois disso começaram a cortar o projeto na escola. Era uma desculpinha, porque havia uma direção autoritária, já que os alunos começaram a questionar a escola e mexeram na ferida. Esses adolescentes continuaram atrás desse meu amigo querendo aula e ele falou que precisava muito de grana e ele disse que não tinha como dar aula para eles de graça e eles também não tinham como pagar, o SESC não tinha como segurar... no máximo seria ceder um espaço e ele disse que não sabia o que fazer com aqueles adolescentes. Ao mesmo tempo, eu já estava dividindo com ele uma angústia: eu quase sempre dei aula de teatro, porque comecei com teatro muito nova. Ele foi meu professor, eu fiz teatro com ele e aí com uns dezessete anos eu já era monitora das aulas dele, com dezoito eu estava dando aula e com dezenove eu entrei na UNIRIO. Então toda a minha vivência aqui na UNIRIO foi paralela ao dar aula. Estava na licenciatura e fazia sentido sair de São Gonçalo e vir pra cá. Mas depois eu fiquei um tempo, 2014 inteiro, sem dar aula, tanto que eu estava angustiadíssima. Tinha acabado de acontecer aquele boom de 2013. Eu tinha acabado de entrar na UNIRIO. Entrei em 2013 e em 2014 foi quando baixou a empolgação de ter entrado na faculdade. Eu não estava dando aula, não tinha como me bancar... comecei a ficar frustrada. Não era o que eu esperava. A expectativa era outra. Concluí que eu precisava dar aula e meu amigo perguntou se eu queria pegar essa galera... perguntei como e onde e procurei um espaço. Era um espaço cultural que tinha aula de balé e fiz um esquema com a dona do espaço: daria aula lá e, como eles não tinham como pagar, no máximo uma contribuição consciente, eu veria quanto eles podiam dar e dava uma porcentagem pra ela. Foi assim que a gente fez. Então, em 2015 começamos com 15 alunos, só que na segunda semana o SESC lançou um curso de graça, sendo que estávamos tentando dialogar com o SESC de poder fazer isso. Porém, eles

contrataram um professor de Teresópolis. Alguns alunos ficaram sabendo e foram pra lá, até porque só tínhamos uma semana de aula e eles nem sabiam quem eu era praticamente. Ficaram oito alunos ao longo do período que a gente teve aula, que foi o ano inteiro de 2015. A escola era muito presente nas aulas, porque a maioria dos alunos que iam eram estudantes do Pandiá. Tinha um ou outro que não era, mas eram circulantes. Aquele grupo fixo que era muito forte e dominante era do Pandiá. Das experiências em cena, surgiu a vontade de criar um grêmio estudantil, visto que eles tinham uma coisa em comum: o colégio. Eram de séries diferentes, alguns estavam no primeiro ano, outros no segundo, um no sétimo ano, mas eles tinham angústias em comum, principalmente a direção ser autoritária, o fato de a escola ser imensa, ter diversos recursos, mas a biblioteca, por exemplo, viver fechada... enfim. Então eles fizeram a chapa do grêmio e conseguiram ser eleitos no final do ano. O grêmio funcionou um pouquinho no final do ano, mas começou mesmo em 2016. Em 2015, uma das alunas de teatro havia estudado há pouco tempo em São Paulo, que é a Jhuly. Ela vem de São Paulo com uma experiência muito rica de movimento estudantil. Ela começou na minha aula com 14 anos e ela ficou meio perdida... “o que é isso? Como posso agir assim na minha escola?”. Ela foi uma liderança junto com o Cristian do movimento estudantil. Grêmio eleito em 2015, em março de 2016 começa a greve estadual da educação e em abril começam a ocupar. Em Abril o Mendes ocupa na Ilha e foram surgindo mais de 16 escolas ocupadas. Em São Gonçalo ocupou o Clelia Nanci e o Pandiá. As duas escolas de formação de professores de São Gonçalo. O Nilo Peçanha não é, mas também foi ocupado. Dias antes de ocuparem o Pandiá, havia momentos de tensão muito grande dentro da escola, de professores grevistas com não grevistas. Eu até falo isso no meu Trabalho de Conclusão de Curso: havia uma violência muito forte por parte dos professores com os alunos. Um dia antes de ocupar, o Cristian apresentou um jornal na escola na disciplina de sociologia em que ele fala sobre a violência que a Jhuly estava sofrendo por parte de alguns professores e funcionários. Ela foi apelidada por alguns funcionários de “Lulinha”. Por mais que ela não se sentisse ofendida com isso, ela se sentia incomodada com o fato de ser apelidada pejorativamente. Alguns alunos do grêmio eram apelidados e ameaçados via whatsapp... uma situação meio punk. Havia professor aliciando alunos a agredirem verbal e fisicamente os alunos que estavam militando.

Então, no meio dessa tensão, no dia 3 de abril eles ocupam. Enquanto isso eu estava na UNIRIO, começando o fazer a disciplina Teatro em Comunidades e quase trancando, porque eu estava sem vontade de estar aqui. Eu entrei no Teatro em Comunidades e comecei a me inserir no lance das ocupações, porque em 2016 eu não dava mais aulas pra eles, mas eu mantive o vínculo, principalmente com Jhuly e com Cristian, que eram lideranças das ocupações. Não tinha liderança específica, mas eles eram colocados ali na frente. E isso ficou muito forte... deles dialogarem com coordenadoria, fazerem conciliação. A Jhuly foi muito prejudicada emocionalmente até... ela estava muito no front de batalha e tiveram várias situações, como por exemplo, ela ser ameaçada por poderes paralelos. Ligaram e falaram: “olha no portão”. Ela olhou pela fresta e viu um carro preto. “Tá vendo esse carro? Se você não desocupar essa escola a gente vai te quebrar todinha”. Ela também descobriu junto com os advogados da OAB que a diretora da escola expediu um mandado para que não houvesse qualquer intervenção no colégio, então qualquer situação ruim que acontecesse eles não tinham a quem recorrer. Rolou também um movimento chamado desocupa que atacava eles. Eles eram atacados pelo Estado, pelos poderes paralelos, pelo desocupa e o desocupa tentou fazer a cabeça de outros poderes paralelos que havia no local... eles também foram ameaçados por eles. À noite recebiam pedradas. Tinham meninos que não eram da escola, mas eram do movimento estudantil independente da região que se identificaram e ficaram ali pra proteger eles. Eles tinham um pedaço de pau chamado Xana Lúcia, que era um taco de basebol todo pintado de rosa. Tinha um menino lindo... não vou lembrar o nome dele. Ele era inclusive filho de santo e dizia: “para passar por aqui tem que passar pelo meu Exu primeiro”. Ele ficava com aquele olhão verde, alto, todo se achando segurando a Xana Lúcia. A Jhuly conta muito sobre o fato do dia que eles ocuparam: eles pegaram a chave e a diretora falou: “devolve”. Ela disse que não ia devolver e disse que a diretora já sabia naquele dia que eles pretendiam ocupar. Foi naquele dia, inclusive – a gente até fala isso na peça que a gente criou, a Sala Preta, naquele dia que foi servido o melhor almoço, um almoço que nunca foi servido antes: frango assado. Frango assado mesmo. Sabe frango de padaria? Isso foi para tentar calar a boca, até porque uma das questões que os estudantes tinham era sobre a merenda. Tem uma cena sobre isso na peça, sendo que na peça quem é assada é a diretora e não o frango. A

Jhuly pegou a chave, disse que não devolveria e a diretora disse que eles não sabiam com quem eles estavam mexendo, que ela era uma ratazana arisca. Eles permaneceram na escola, a greve dos professores continuou forte, os estudantes sofreram muitos ataques e a Jhuly sempre se revezando com o Cristian para estar no front de batalha. Por isso, eles não conseguiam viver muito a ocupação. A Jhuly tinha participado de uns encontros de simulação da ONU, onde eles simulavam que eram da ONU e eles treinavam na simulação como conversar com lideranças: secretários, regionais etc., para tentarem se resguardar de quando isso rolasse. Enfim, tiveram reuniões bizarras... papo da gente ouvir gritos enquanto estavam rolando oficinas, sabe? Dentro de reunião, havia a direção e a coordenadoria querendo bater na mesa. Era basicamente assim, sabe? E os estudantes que estavam de frente não conseguiam estar vivendo a ocupação, as oficinas, as rodas de conversa, a parte cultural da ocupação. Quem estava no front de batalha não conseguia e quem estava na segurança também não conseguia. Consequia quem estava mais na cozinha, quem estava dividido em outros setores. O grupo que eu faço parte entrou nas ocupações participando dos debates, das rodas de conversa, dando oficina de teatro. O meu grupo de teatro é o Coletivo Mumbé.

Carol – Então o grupo que você formou com os alunos rolou em 2015 e depois se dispersaram. Em 2016 rolou a ocupação...

Nicolle – Em 2016 dispersou, porque o espaço acabou e alguns saíram da escola e deram uma dispersada, mas alguns participaram da ocupação. Quem fechou mesmo o diálogo depois daquilo foi eu, a Jhuly e o Cristian e eram eles que estavam liderando no Pandiá.

Carol – Mas como foi? Eles ocuparam e te chamaram, ou foi você que sentiu interesse para ir lá ver como era?

Nicolle – Foi tudo muito... Como dizer? Eu estive muito próximo deles por conta do grêmio, que surgiu a partir das aulas de teatro. Eu sempre acompanhei cada passo do grêmio. Eles sempre perguntavam o que eu achava, sabe? E a gente já estava tentando fazer com que eu conseguisse dar aula de teatro dentro da escola em 2016, mas a mesma direção ainda se mantinha resistente, só que era uma pauta do grêmio ter um teatro. Tentaram fazer uma rádio dentro da escola também, mas não vingou por conta da direção, e depois tentaram colocar o teatro. Eles estavam

tentando, inclusive, levar uma apresentação e nem isso eles estavam conseguindo. Então, a partir do momento que ocupa é: “bora!”. Então eu fiz a oficina “corpo e território”. A gente apresentou também...

Carol – Mas a Jhuly chegou pra você e pediu pra você fazer oficina e você teve a ideia de chamar o teu grupo? Ou já chamou o grupo antes?

Nicolle – A gente já estava esperando por isso: “se ocupar, bora fazer teatro?”. É isso. “Ocupou, bora fazer teatro!”. A gente já estava com essa vontade, já estava tentando e não conseguia, entende? Porque São Gonçalo não tem aparelho cultural que seja cuidado. Tem o Teatro Carequinha, que várias igrejas conseguem pauta para fazer tudo no teatro; têm os que foram sucateados; tem o SESC que é quase a secretaria de cultura de São Gonçalo, mas que também estava em um período de transição no Rio. Enfim, não tinha o que acessar. Têm lonas culturais na cidade, mas em pontos muito específicos, longe dali de onde a gente queria fazer, mas tinha a escola pública, que é o espaço que a gente devia poder ocupar tranquilamente e não estava podendo. Então a partir do momento em que ocupa, a gente fala “bora!”. A apresentação não foi só no Pandiá, mas também no Nilo Peçanha com a peça do Coletivo Mumbé.

Carol – E qual era o tema do espetáculo?

Nicolle – Tinha a ver com a cidade de São Gonçalo. A gente estudava o nosso corpo como território de luta e a cidade como corpo também. Um corpo vivo, ativo. A gente apresentou lá e a ocupação foi se mantendo, enquanto isso eu estava fazendo a matéria Teatro em Comunidades na UNIRIO, sempre falando para os outros: “galera, vamos!”. A galera sabia que eu estava lidando com isso. Na matéria tinha que fazer um trabalho final e eu resolvi fazer um trabalho sobre as ocupações. Só que no dia que eu fui apresentar era o dia que estavam desocupando a escola com muito enfrentamento e o Cristian veio. Viriam os dois, a Jhuly e o Cristian, mas um dia antes a gente viu que não daria. Sei exatamente o dia: foi 09 de junho. O Cristian veio e a gente apresentou o trabalho aqui. Ele falou muito bem... um moleque de 15 anos arrasando, enquanto isso a gente olhava o celular e dizia para os alunos da UNIRIO o que estava acontecendo nas ocupações. Lembro que nesse dia não desocupou totalmente, porque a gente ainda foi lá pra escola tarde da noite, eles fizeram uma reunião e decidiram desocupar no dia seguinte. Aquele dia

foi o dia da decisão. Eu sei que foi esse dia, porque nesse dia, meio dia, a minha avó morreu e eu não sabia. O Cristian não me contou, mas ele sabia. Vim pra UNIRIO apresentar trabalho, ele ficou sabendo e decidiu não contar para mim. A gente apresentou e foi massa. A Marina falou que poderia me orientar com essa pesquisa. A gente saiu feliz, chegou lá, mas já sabíamos que ali era um fim. Quando eu estava voltando pra casa me contaram. Basicamente isso. Têm vários pequenos relatos de coisas... Depois da ocupação, isso é até uma coisa que eu falo bastante no TCC, porque depois das ocupações a galera ficou com a mente muito fodida, principalmente a Jhuly. Ela teve realmente uma questão psicológica pós-traumática, quase um pós-guerra, sabe? E ela até hoje está se curando da depressão, ansiedade, ela tem picos. Hoje ela faz história na UFRJ e o Cristian está tentando o Enem agora, porque está nessa de trabalhar. Ela ficou com esse estresse pós-traumático e agora que está conseguindo se levantar. A gente começou a construir a nossa peça de teatro no ano passado, a “Sala Cinza”. Se antes a gente pensava o teatro dentro da escola ocupada, como pensar a escola ocupada dentro do teatro? A gente criou isso sob a direção da Isabel Penoni dentro de um projeto do SESC que tinha como proposta pegar orientações de fora.

Carol – Eu fiz pela Zona Norte do Rio ano passado com meu Coletivo.

Nicolle – Eu fiz também no mesmo projeto. Mostra SESC Regional de Artes Cênicas. A gente apresentou ali.

Carol – Como foi esse processo de montagem? Logo após a ocupação vocês continuaram fazendo teatro?

Nicolle – Não... todo mundo ficou com a cabeça fodida.

Carol – E como vocês montaram uma peça?

Nicolle – A Jhuly ainda faria o terceiro ano, um terceiro que ela foi muito perseguida depois das ocupações, foi taxada pelos professores e foi nesse momento que começou a dar pane no sistema. O Cristian tinha acabado de se formar e então ficou todo mundo naquele limbo, naquela frustração. Porque por mais que a ocupação tenha sido uma experiência foda, o contexto político de país foi horrível depois. E foi ladeira abaixo... muito ladeira abaixo tendo em vista o que estamos vivendo hoje em dia. Então foi uma série de piora muito grande e ninguém conseguia se

encontrar pra nada, sabe? Lugar nenhum... não só eu com eles, mas tudo na vida não andava muito. A coisa acelerou muito, o funil apertou demais e a gente não conseguia se encontrar pra criar nada. Em 2017 a gente tentou, porque eu queria ainda encontrar com os estudantes e trabalhar sobre as ocupações e quando eu estava com a Marina, ela perguntou “vamos fazer isso mesmo?”. Eu disse pra Marina que antes do ano acabar eu faria uma peça, ela disse que não daria tempo, pra eu ter calma e só escrever sobre isso, mas eu decidi que teria que criar. Depois rolou o lance do SESC que chamou a gente, mas não tinha a coisa pronta, só a ideia. Falei com a Jhuly: “bora?”, Ela disse: “Bora!”. Eu disse: “Cristian, bora?”. Ele disse: “Estou trabalhando, não consigo estar presente, mas consigo pensar teoricamente o trabalho”. Então o Fernando, que fazia parte do grupo, é estudante da UNIRIO e foi nas oficinas com a gente durante a ocupação decidiu entrar no projeto também. Em cena tinha eu, mas precisava de um rapaz para ter um pouco da Jhuly e do Cristian. Eu coringuei personagens como a diretora e a professora. Às vezes a gente fazia as nossas vivências escolares e a Jhuly basicamente estava fazendo autobiografia, uma autobiografia não... uma auto ficção, né? E o Fernando fazia o papel desse cara que estava sempre ali com ela, mas não necessariamente se colocava como Cristian. O Fernando era o Fernando, a Nicolle era a Nicolle e a Jhuly era a Jhuly em cena. Na peça a gente simulava o diálogo com a regional. Havia momentos da ocupação e também inserimos reflexões sobre a escola em si. A gente apresentou nos SESC's e voltamos de novo para o limbo, porque resgatar essas memórias não foi muito bacana pra Jhuly. Na peça ela foi maravilhosa, porque deu vida pra ela estar em cena... é o que ela gosta e precisa fazer, mas ao mesmo tempo existe a contradição dela lidando com as memórias que ela. Então fui fazer terapia e lá foi ela fazer terapia para lidar com essas memórias, que são de luta, que são de afeto, mas também de dor. Eu vi que não era possível a gente continuar em cena naquele momento, porque ela não estava conseguindo e era uma peça sobre ela praticamente. É uma peça sobre as ocupações? Sim. Sobre a escola pública? Sim. Mas também sobre a Jhuly que é uma menina de 18 anos de São Gonçalo, preta, pobre, que está dentro da universidade pública. Então é uma peça sobre ela e se ela não está bem não tem como.

Carol – Era como se vocês estivessem revivendo o que vocês consideraram mais importante passar para cena, né? Quando ela foi revivendo isso, em algum momento ela pensou: “nossa, não era pra eu ter feito dessa forma, era pra eu ter feito de outra.”?

Nicolle – Totalmente. Eles morriam de rir das coisas. Falavam: “nossa, que ridículo!”, não se reconheciam mais. Diziam: “eu não sou mais aquela pessoa, porque eu tinha muita coragem, hoje eu tenho medo”. Existe um momento da nossa vida em que realmente a gente não tem medo e a gente vai descobrindo o medo muito em doses homeopáticas. A galera que ocupou – e isso não é só da Jhuly, porque depois que eu fui conversar com o pessoal da coletiva ocupação, que é a galera de SP, eu percebi que isso é geral, que é o lance de descobrir o medo de uma vez só, em uma porrada. Descobrir o medo com o portão quebrado com o pé, com a polícia dando porrada e puxando a menina pelo cabelo, como aconteceu em São Paulo quando uma das meninas foi arrastada pelo cabelo. E é muito doido... ela diz que depois disso ela viu que toda a parte do cabelo dela alisado tinha ido embora. Ela estava em transição capilar. Isso é bizarro! Eles contam sobre essa experiência do medo que fica, que é uma forma de punir por eles terem feito o que fizeram. Como punem? Pelo medo. E a gente não conseguiu se encontrar depois disso. A gente fez a peça e então eu fui pesquisar. Conheci a galera de São Paulo e fiz oficina com eles. Eles vieram dar oficina aqui e naquele dia a Jhuly não conseguiu estar. Ela estava muito ansiosa e não chegou a ver a peça também. Aquele dia foi muito bom de maneira e ao mesmo tempo “bad”, porque eu estava ali, eles estavam sobre falando sobre as experiências deles e naquele momento que eles abaixam, quando eles dialogam com a plateia, eles falam muito sobre o medo. Eles dizem, quando se juntam e contam para o público, como foram atacados e como viveram essa experiência da desocupação. Isso foi o ápice do medo pra eles. Saber que a Jhuly não estava ali por reflexo daquilo foi difícil, punk. E o Cristian dentro do sub emprego, porque precisa trabalhar. Agora que está tentando entrar na universidade e agora que a gente está conseguindo retomar o trabalho. Estamos em diálogo com o Marcelo, que é o menino que participou das ocupações em São Paulo e é produtor. Hoje é um fotógrafo superativo em São Paulo conhece um galerão. Ele disse que quer entrar em cena e produzir. Então vai ter essa ponte entre Rio de Janeiro e São Paulo e a gente vai expandir o tema da peça, mas ainda focando na ocupação do

Pandiá. Isso permanece, entende? Vão ser quatro pessoas em cena. A direção vai ser da Lorena, que é uma atriz de São Gonçalo atriz. A orientação é da Isabel Penoni... conversei com ela hoje sobre a orientação se manter. Basicamente isso, mas tem alguns depoimentos que posso pegar pra você depois e como você tem até março, você pode sentar pra conversar com eles, porque vai ser super legal. Porque eu não estava o dia inteiro como eles ficavam, sabe? No front. E tem material de vídeo no youtube, vou te mandar o link.

Carol – Ótimo. Mas você falou do seu desestímulo no início e não continuou. O que rolou? Entrou no Teatro em Comunidades, viu a ocupação e pensou o quê?

Nicolle – O que rolou foi que estar ali com eles meio que deu um backup nas minhas motivações. A escola é um território de luta. A faculdade também é. Não é fácil para eles estar ali dentro e não é fácil para mim estar aqui. Eu estou aqui porque eu quero poder... será super-romântico o que vou dizer, mas eu quero poder fazer desse espaço da escola um lugar diferente. Então, por que eu estou aqui? Por que eu venho para cá? Eu venho pra cá por isso, porque eu quero poder, como professora de teatro, formanda de licenciatura, fazer na escola, o teatro algo diferente. Se a partir do teatro a gente conseguiu essa montanha de coisa que a gente não imaginava que ia dar nisso, é porque faz sentido eu ter vindo para cá. Então eu preciso continuar aqui, entende? Em nenhum momento eu pensei em desistir do curso, mas sim desistir de estar aqui. O ambiente da universidade não me motivava a estar aqui, a sair de São Gonçalo e a ocupação preencheu de sentido a minha vivência na universidade. Depois o Teatro em Comunidades também preencheu de sentido a minha vivência na universidade, porque eu entrei na extensão. Foi nesse período que eu não conseguia encontrar com os estudantes para criar nada, então a extensão me manteve tranquila, ela me manteve com vontade, ela ressignificou o meu lugar aqui. Concluir a universidade trazendo as ocupações como memória pra mim é foda... faz absoluto sentido. Acho que se eu estivesse escrevendo sobre outra coisa eu estaria sem sal. Escrever sobre isso é difícil pra mim, porque cai muito no campo da memória e é muito difícil pegar o referencial e colocar dentro disso, porque eu estou descrevendo, né? É a descrição de um caso. Estou analisando um caso e descrevendo sobre ele. E como analisar, dialogando isso com outros autores? Eu li a Bell Holks. Alguns artigos falam sobre ocupação... peguei o livro das Escolas de Luta, peguei um

texto sobre as manifestações de 2013. É impossível falar das ocupações sem falar do contexto político da década que estamos vivendo.

Carol – Ainda mais em 2013. Toda vez que eu vou falar com alguém sobre as ocupações, as pessoas citam sempre esse ano.

Nicolle – Você viu Espero tua Revolta? Vamos marcar uma sessão cinema. O filme começa falando de 2013. Muitos que estiveram nas ocupações eram muito jovens a ponto de ter só admirado 2013 e não conseguiram ir pra rua. Então, quando vêm as ocupações, vem aquele ímpeto de luta: “agora é o meu momento”.

Carol – E sabe o que eu fiquei pensando? Eu trabalho na prefeitura do Rio hoje e os professores da prefeitura falam muito da greve que fizeram em 2013. E quem eram os estudantes que estudavam na prefeitura do rio em 2013? Alguns que estavam, pelo menos da cidade do Rio, ocupando em 2016 as escolas do Estado. Até lembrei que em 2013, quando eu estava dando aula na extensão pelo Programa Teatro em Comunidades, os estudantes levaram temas sobre a escola e foi a primeira vez que a gente montou uma peça sobre a escola. Era isso: período de greve nas escolas, eles estavam com essas questões e traziam para a cena. Então, tudo volta para 2013.

Nicolle – Por isso eu começo o meu TCC aí. Pra gente entender essa história aqui a gente precisa voltar para 2013, quando o gigante acordou. Esse é o caminho que o filme faz.

Carol – Então, o que você fez foram oficinas de teatro nas ocupações... A sua experiência dentro da escola é apenas com a ocupação?

Nicolle – Na escola pública eu já dei aula no projeto Mais Educação, que era no contraturno, em escola estadual.

Carol – E você está se formando agora... você tem vontade de estar na escola pública dando aula?

Nicolle – Sim!

Carol – Mas você acha que a experiência dentro da sala de aula vai ser parecida com a experiência que você teve dentro da ocupação?

Nicolle – Não, porque uma coisa é o corpo na escola ocupada, outra coisa completamente diferente é o corpo na escola desocupada. Claro... as minhas vivências nas ocupações podem me alimentar para fazer da escola um outro lugar, mas existe algo muito acima de mim que é a

instituição, que é a mão do Estado, que é a escola que não é feita ainda pelo estudante. Então, eu acredito que por mais que eu tente, ainda vai ser a escola desocupada. Mas o que fica na escola que desocupou da escola ocupada, né? Quais são os resquícios? É essa possibilidade de fazer da escola momentos de outro lugar. Eu acho que no teatro mais que nas outras disciplinas isso é possível pelo fato de a gente pode criar um outro universo ali dentro. Sair dali estando ali dentro. E nesse sentido eu digo pra você que sim... pensando por ai vai ser parecida.

Carol – Você foi falando e isso acabou me remetendo a várias memórias. Eu chego a me emocionar, porque esse assunto de ocupação emociona muito a gente. Eles viveram uma parada diferente e a gente que acompanhou também sentiu uma coisa estranha, uma coisa difícil, eu também vivenciei o medo. Minha experiência foi na cidade de Angra e quando você diz que em São Gonçalo não tem aparelhos culturais eu lembro que tinha a mesma questão que eu vivi em Angra, sabe? A mesma vivência que você teve com a desocupação eles também tiveram lá. Lá não teve milícia, mas foi o tráfico diretamente. A gente também teve esse problema e queriam tirar os meninos em cinco dias. E aí você fica naquela tensão: como você, que está contribuindo pra luta, pode agir? Você também fica com medo, né? Ainda mais morando em um lugar que é interior, porque eu tenho a sensação de que todas as experiências foram muito válidas, mas existe uma diferença de quem viveu a experiência aqui na Zona Sul da cidade do Rio em relação às experiências artísticas e também de violência em outros espaços.

Nicolle – As escolas da Zona Sul tiveram Marisa Monte. Isso é bom, maravilhoso, mas é outra realidade em Angra e em São Gonçalo.

Carol – Pois é... muitas coisas que você fala aqui me remete à Angra. Eu pensei então em entrar com essa pesquisa no mestrado, vi a Marina muito interessada, mas chegou um momento em que eu não conseguia mais falar sobre isso. Por que eu não queria falar sobre isso, se esse tema me interessava tanto?

Nicolle – Eu também passei por isso. Tive um tempo no limbo.

Carol – A Marina sugere falar da experiência, mas eu tenho dificuldade, porque tinha tanta coisa acontecendo ao mesmo tempo... não era só fazer teatro... era tudo. Quando eu pergunto pra você como foi, você me diz sobre a experiência do desocupa, da demanda da organização, que a Jhuly

ficou na parte de organizar e não viveu essa coisa de oficinas, rodas de conversa. A gente que estava junto pensava no teatro, mas também pensava em como eles estavam, decidíamos se dormiria com eles, se não dormiria, se estavam protegidos, se alguém estava atirando, jogando pedra, tacando fogo... Então não é falar sobre teatro dentro da ocupação é falar da ocupação, de toda aquela vivência e que o teatro esteve ali, porque combinou com aquele espaço, né? Mas também fez mal. Fez mal pra gente também.

Nicolle – A Jhuly odeia explosão. Ela paralisa. Ela estava fazendo macarrão dentro da ocupação e soltaram uma bomba do lado do gás e ela não sabe como não explodiu. Explodiu a bomba, mas não o gás, mas ela sentiu aquele impacto, sabe? Ela ficou em choque. E como que conta isso? É muita coisa ao mesmo tempo. Você está dando oficina e explode uma bomba. É essa experiência simultânea que a escola tem na sua máxima potência, porque a escola já tem essa coisa simultânea: você dá aula aqui e jogam o lápis no olho de ciclano na outra sala, chega a coordenadora contando... máxima potência. E nas ocupações isso também era muito forte.

Carol – Talvez de outra forma, né? Porque dentro da instituição escola tem isso tudo, mas tem uma hierarquia. Quando a escola está ocupada eles dizem: “agora somos nós”, e é isso mesmo. Eu saía de lá e ia pra minha casa e eu não morava na favela. A maioria sim. Então eles tinham que lidar com o tráfico. O mesmo tráfico que os ameaçou na porta. Ficaram com medo de sair da escola e ir pra casa. Isso também me afetou psicologicamente. Então, é isso... a gente viveu uma experiência tão forte, tão diferente que isso afeta a gente até hoje. Eu estava conversando com a Thais Paiva e ela disse que faz muito tempo que as ocupações aconteceram e ela acha que não vai lembrar tudo, mas aí é que está... o que ficou na nossa memória? Por que hoje a gente fala disso e isso ainda reverbera com uma carga estranha, né? Muito positiva e muita negativa também. Eu acho que são coisas pra se pensar. Outro ponto é que a principal questão da minha pesquisa hoje é assim: quando eu fui chamada pra dar a oficina para eles em Angra e em Bangu eu não sabia com o que eu trabalharia, o que eu devia propor? Eu queria saber de você o que você pensou em levar pra eles.

Nicolle – Como a gente estava com uma pesquisa de pensar a cidade como um corpo e o corpo como um território, a gente foi pra escola pensar a escola como território de luta e o corpo dentro

da escola. Está no meu terceiro capítulo isso: o corpo na escola ocupada e desocupada. Qual é a diferença do corpo deles ali? Como eles se sentiam ali? Como era na pele deles estar ali? Ao mesmo tempo em que se sentiam mais livres ficavam ariscos pelo medo da bomba, da pedra, da possibilidade de desocupar. Então, eram essas contradições e essa nuance no corpo deles ali. A gente foi para ocupação com essa oficina chamada “Corpo Território” para pensar o corpo do estudante.

Carol – Foram vários dias ou um encontro?

Nicolle – Foi um encontrão e a apresentação no outro dia. A gente fez depois mais um encontro pra quem não conseguiu participar, porque tinham que ficar revezando. Só a Jhuly e o Cristian que não podiam revezar com ninguém porque ficavam muito à frente e ninguém mais queria bancar. A gente foi pro Nilo Peçanha fazer também a oficina.

Carol – Você tem mais ou menos o planejamento?

Nicolle – Tenho o planejamento. Vou te mandar.

Carol – Quantas pessoas mais ou menos participaram?

Nicolle – Umas 12.

Carol – E como era a oficina?

Nicolle – Eram jogos teatrais e também palco/plateia. Eu não lembro exatamente...

Carol – Entendi... mas é isso: a partir do espetáculo pensavam a oficina.

Nicolle – É... no espetáculo a gente pensava o corpo e no território, mas a gente mudou a temática da cidade para a escola, entendeu?

Carol – Se ocupa de novo e você é chamada para dar uma oficina de teatro nas ocupações... o que você faria? Qual seria a proposta pra entrar em uma ocupação?

Nicolle – Talvez usasse essa como ponto de partida para entrar em outra coisa depois. Mas eu já teria a experiencia de ter passado por uma ocupação, então eu pensaria em PERMANENCIA, sabe?

Carol – Mais tempo, né? Uma oficina lá dentro.

Nicolle – Sim! Que se mantenha ali dentro, mas também que pense a permanência daquela experiencia que eles estão vivendo ali dentro: como isso permanece quando isso acabar? Eu acho

que faltou pensar isso radicalmente com eles: “isso aqui vai acabar... a outra escola vai voltar ou aqui vai ser um espaço outro a partir dessa vivência?” Enfim, pensaria nisso basicamente.

Carol – Também tem outro tipo de permanência. Eu até falei sobre isso na qualificação. Eu fui para três escolas e dei uma oficina em um dia em cada lugar. Se eu tivesse ficado em uma e trabalhado com esse grupo, ainda que tenha aquela dinâmica da ocupação, talvez eu entendesse melhor o que é uma proposta de oficina dentro de uma ocupação.

Nicolle – É porque a gente se adequou ao esquema de organização que eles estavam fazendo, que era uma coisa pontual e esporádica. A questão é que a gente se adequou. A gente estava tentando naquele momento – sendo boazinha comigo e com você – porque a gente não queria dizer a eles o que fazer e sim aderir ao que eles estavam propondo. E esse é o ponto que faz a gente ter ido uma vez só.

Carol – É isso... a permanência. A gente estava também entendendo o que estava acontecendo.

Nicolle – Eu estava conversando com uma amiga que faz história e é amiga da Jhuly até. Ela falou isso antes de decidir de fato que esse seria o meu tema. Eu falei: “o que você acha? Estou com vontade de pesquisar isso, mas isso foi em 2016. Você não acha que é algo que já passou? Que já foi? Que está longe?”. Ela disse: “longe é a história de Jesus, que é de 2000 aos atrás. A ocupação foi há dois minutos em termos de história”.

Carol – E vejo que cada hora eu mudo de opinião sobre o que foi feito. Só que é isso: têm coisas que ficam latentes para melhorar em uma próxima. A falta de permanência é uma. A primeira coisa que eu pensei e acho que você fez isso também foi: “o que eu tenho na mão?”. Você também tinha na mão naquela época o seu trabalho com o seu grupo sobre corpo. Eu tinha na mão o Boal. Só que eu me perguntei: “será que não estou indo no óbvio? Será que é o Boal? O que trabalhar do Boal?” O que se leva é o que se tem naquele momento de urgência e o que eu tenho no momento de urgência é a minha experiência enquanto artista e professora. Agora, o que é importante ter? Sobretudo e primeiramente a permanência. Não importa quem você está levando. Claro, tem que dialogar com aquele espaço e com aquela luta, mas o mais fundamental é como você vai trabalhar isso dentro daquele espaço, partindo da escuta das demandas deles. Talvez essa seja uma resposta. Mas, enfim... o que eu faço? Eu pensei nisso... o que eu levo?

Oficina de três horas, estudantes de várias idades, várias experiências diferentes, ainda que eu conhecesse alguns, como eu ia trabalhar isso? E onde eu acertaria?

Nicolle – Como você recortou isso no mestrado?

Carol – Estou nessa questão. A Marina sugeriu falar da minha experiência e seguir nela. Meu caminho foi o Boal e a partir disso eu posso apontar coisas que sejam interessantes para se um dia houver outra ocupação talvez já tenha mais claro um caminho. Mas eu já sei que esse não é o único método a ser trabalhado e isso é importante apontar na pesquisa: existem vários caminhos, mas o que é importante saber um professor quando chega em uma ocupação que é tão específica em cada espaço? Ele tem que saber que é o caos, que ele vai estar no meio do caos, mas que tem coisas que são importantes de pensar, como a permanência e a escuta. Como no meio do caos estar presente mais de uma vez?

Nicolle – Você viu o manual do Mal Educado?

Carol – Sim. Durante a ocupação eu peguei o manual, porque a galera de Angra também conversou com a galera de São Paulo. Inclusive, a galera de São Paulo ajudou muita gente aqui do Rio, né?

Nicolle – O Marcelo é um dos meninos que viajou o Brasil com as ocupações.

Carol – Muito legal! Você conhece alguma oficina dentro das ocupações que tenha trabalhado de maneira diferente? Alguém que tenha trabalhado outra coisa?

Nicolle – Não. Eu conheci a galera da Coletiva Ocupação pela Marta, eu acho que ela – isso eu estou falando do que eu acho, a Marta deu oficina na casa do povo em São Paulo enquanto a ocupação estava rolando. Era uma oficina fora da escola e virou regular.

Carol – Pelo que eu vi, ela também apresentou uma peça nas escolas. Primeiro ela e depois ela se juntou com o pessoal da Coletiva.

Nicolle – O pessoal da Coletiva também criou uma performance com ela.

Carol – Eu esqueci também... Mas, enfim. Acho que é isso basicamente, né?

Nicolle – Vamos fazer uma sessão cinema!

Carol – Vamos.